

0.16/x-118

Alterosa

ANO VII — Nº 57
JANEIRO DE 1945

BELO HORIZONTE CR\$ 2,00
OUTRAS CIDADES CR\$ 2,50



Experimente
o mais falado

make-up dos
últimos tempos

JANET BLAIR
estrela Columbia

Pan-Cake Make-Up

...o segredo das estrelas
da tela que embeleza
instantaneamente.

Para os milhões de mulheres,
em todo o mundo, que zelam
pela sua aparência... o Pan-
Cake tornou-se uma *necessidade*
de make-up. Uma vez que V. o
experimente, dirá que ele é tão
indispensável quanto o seu Pó,
o seu Rouge e Baton.



Ele cria uma linda pele em menos
de um minuto.



Ele dá-lhe uma beleza que durará
muitas horas.



Max Factor
HOLLYWOOD

À VENDA NAS CASAS DO RAMO

Diretor-redator-chefe:

MÁRIO MATOS

Diretor-gerente:

MIRANDA E CASTRO



Toda correspondência, quer seja para assuntos de redação ou de administração, assim como todos os cheques, vales postais ou ordens de pagamento, devem ser dirigidos sempre à Sociedade Editora Alterosa Ltda., e nunca em nome de qualquer diretor.

Administração:

Rua Tupinambás, 643 - Sobreloja 5 -
Fone 2-0652 -- Caixa Postal, 279 --
End. Telegr.: ALTEROSA -- BELO
HORIZONTE -- Est. de Minas Gerais



VENDA AVULSA

Belo Horizonte Cr\$2,00
No resto do país Cr\$2,50
Em Maio, Agosto, Novembro e Dezembro são editados números especiais, que circulam ao preço de Cr\$3,00 em todo o país.



ASSINATURAS NA CAPITAL

(Sob registro)

Semestre (6 números) . . . Cr\$13,00
Ano (12 números) . . . Cr\$25,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$45,00

ASSINATURAS NO INTERIOR DO
ESTADO E NO PAÍS

(Sob registro)

Semestre (6 números) . . . Cr\$15,00
1 ano (12 números) . . . Cr\$30,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$55,00



SUCURSAL NO RIO

Diretor:

NELSON DE CASTRO

Rua Visconde de Santa Isabel, 515
Fone 38-5684



PUBLICIDADE NO RIO E S. PAULO

Empresa Editora Publicidade Ltda.
Rio: Av. Presidente Wilson 298 - 7.º
and - Apt. 704 - Telefone 42-9264.
São Paulo: Rua Líbero Badaró, 488
- 7.º andar. Direção de Nelson
da Cunha Melo.



SUCURSAL DO ESTADO DO RIO

Diretor:

JORGE AZEVEDO

Soledade de Rodeio - Estado do Rio



SECRETÁRIO FUNDADOR: Teóculo
Perelra.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Alfredo Nora, A. Guimarães Filho, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, Bahia de Vasconcelos, Clemente Luz, Claudio de Souza, Djalma Andrade, Evagrio Rodrigues, Fernando Sabino, Francisco Armond, Huberto Rohden, Jorge Azevedo, Luiz de Bessa, Malba Tahan, Mário Casassanta, Murilo Araujo, Murilo Rubião, Nilo Aparecida Pinto, Nóbrega de Siqueira, Oliveira e Silva, Oscar Mendes, Olga Obry, Pedro Ribeiro da Franca, Raul de Azevedo e Vanderlei Vilela.

FOTOGRAFIA — Amavel Costa, Antônio Freitas e Studio Constantino.

IMPRESSÃO — Gráfica Quelroz Breiner Ltda.

CLICHERIE — Fotogravura Minas Gerais Limitada e Gravador Araujo.

DESENHOS — Augusto Rezende, Antônio Rocha, Fábio Borges, Osvaldo Navarro, Moura e Rodolfo.



A redação não devolve, em hipótese alguma, fotografias ou originais, ainda que não tenham sido publicados.

★ NESTE NUMERO ★

CAPA

ESTA revista tem a grata oportunidade de homenagear a sociedade do visinho Estado de Goiás, ilustrando a capa da presente edição com uma fotografia da Exma. Sra. D. Gercina Borges Teixeira, esposa do Interventor Pedro Ludovico Teixeira, e cujas peregrinas virtudes de espírito e coração tornaram seu nome um símbolo de bondade em todos os recantos da grande e generosa terra goiana. O trabalho em tricromia é de autoria do competente gravador Gervásio Pinto de Araujo.

Contos

A PEROLAZINHA DE CARAPICO — Alberto Renart — Premiado . . .	2
INDECISÃO — José Maria de Senna	8
ESCURIDÃO — Lourdes G. Silva	10
OS TRÊS HOMENS IGUAIS — Malba Tahan	14
LUCIANA, MINHA NOIVA — Alphonsus de Guimaraens Filho	18
O CRÍTICO EULÁLIO POTIGUAR — Silva Junior	22
AMORES DE JANJÃO — Wanderlei Vilela	26
UMA BOA DESCULPA — Trad. de Francisco Armond	30
O BARBEIRO DE VASSIL — Joe Abrams	34

Literatura

NOVO ANO, VELHA ILUSÃO — Alberto Olavo	39
FLOR DE RAINEIRA — Antonieta Torres de Almeida Assunção	41
VITRINE LITERÁRIA — Cristiano Linhares	42
UM HERÓI DE CARLYLE — Théó Filho	49
AS IRMÃS BRONTE — Oscar Mendes	60

Humorismo

PAISAGENS LOCAIS — Fábio Borges	46
DE MÊS A MÊS — Guilherme Tell	56
OUTRA COMÉDIA DA VIDA — Osvaldo Navarro	68

DIVULGAÇÃO

UMA MONJA NO MÉXICO DOS VICE-REIS — Olga Obry	58
REHABILITAÇÃO DA CIGARRA — Huberto Rohden	86

Cine e Rádio

CONCEPÇÃO DE BELEZA	62
NOTAS E FOTOGRAFIAS DE RÁDIO — A partir da página	110

REPORTAGENS

A VOZ DAS RUAS DA CIDADE — Miguel Chalup	54
"TEMOS DIANTE DOS OLHOS O BRASIL DE AMANHÃ" — Redação	74

MODA e BELEZA

TENDENCIAS DA MODA	40
SUGESTÕES PARA A SUA BELEZA — Ivete Marion	70
MODA FEMININA — A partir da página	87

DIVERSOS

AGUAS PASSADAS — Djalma Andrade	48
SEDAS E PLUMAS — Redação	52
ARTE CULINÁRIA — Redação	70
ESPARSOS — Poesias	72
HINTERLANDIA POÉTICA — Poesias	78
CAIXA DE SEGREDOS — Consuelo San Martin	82
GRAFOLOGIA — Fébo	114
PÁGINA DAS MÃES — Redação	120

NO MUNDO DOS ENIGMAS — Por motivo de doença de Polidoro, cujo estado de saúde vem felizmente melhorando de modo satisfatório, deixamos de inserir neste número a seção "No mundo dos Enigmas" que voltará a aparecer, entretanto, a partir da edição de Fevereiro.



A PE'ROLAZINHA DE CARAPICO'

CONTO DE ALBERTO RENART
DESENHO DE ANTONIO ROCHA

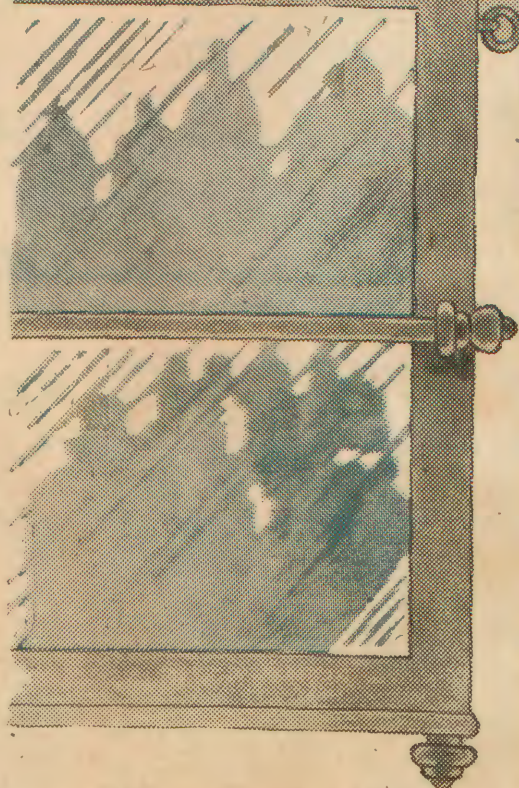
PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE

NAQUELA noite a casa estava mais iluminada que de costume. Ou — para ser exáto — estava iluminada. Porque, nas outras noites, estivesse escuro como breu, só ficava acêsa a lâmpada da sala de jantar, de vinte e cinco velas. E isto até às nove horas. Então Don Prudêncio sorvia com ruído o último gole de mate, levantava-se, e dizia simplesmente, mesmo quanto estava sozinho na sala:

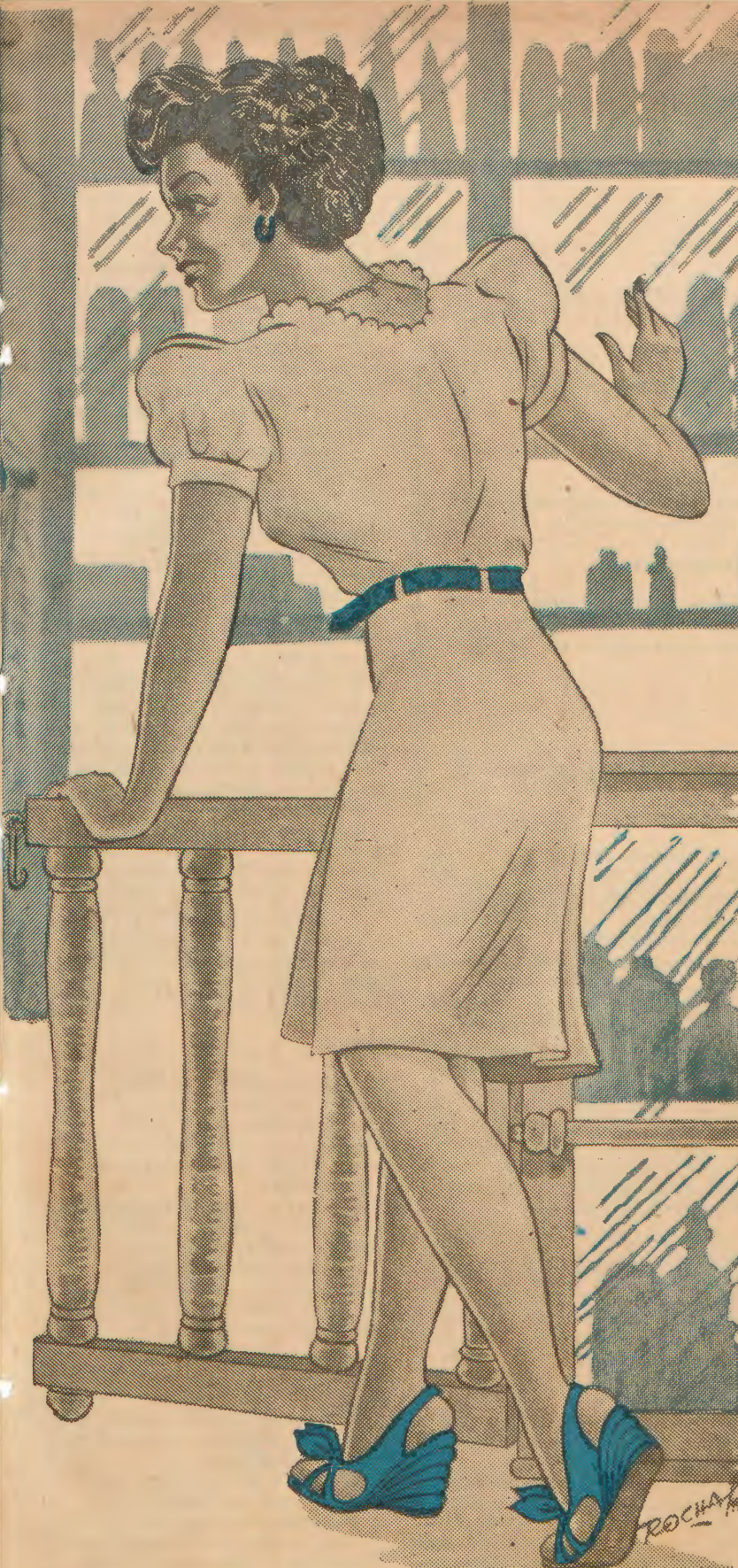
— Buenas noches!

Era a hora de apagar a luz. Quem quisesse lêr ou costurar até mais tarde, que comprasse uma vela. A conta da luz elétrica não podia passar do mínimo. Mas Don Prudêncio sabia o que estava fazendo, — não fôsse êle Prudêncio.

Algo de anormal acontecêra, não havia dúvida. Gastar tanta luz sem ter ganho no bicho nem na loteria, era cousa que assombrava os visinhos. Paolino, o alfaiate da esquina, deixou sôbre a cadeira um par de calças a que estava dando os últimos retoques; e foi andando, com jeito de quem não quer



nada, até o portão da casa de Don Prudêncio. A viuva do chalet fronteiro entreabriu um pouco mais a janela. Dona



Os fatos e personagens desta história foram imaginados. Será, pois, méra coincidência qualquer relação com acontecimentos reais, passados ou futuros, ou qualquer semelhança com pessoas vivas ou falecidas.

Zenaide, a vizinha da esquerda, alongou o pescoço de girafa acima dos gradis de ferro.

Um automóvel de aluguel, entrando na rua, tornou mais obscuro o mistério. E assim que o carro parou em frente à casa de Don Prudêncio formaram-se, nos portões das outras casas, grupinhos de comadres que desejavam consultar-se sobre se devia ser isto ou se devia ser aquilo.

Infelizmente para as más línguas, não era isto nem aquilo. O farmacêutico Ermelindo, sócio da firma Elcudo & Filho (Ermelindo era o Filho) estava bem intencionado. Já escrevera uma carta a Don Prudêncio, e ia naquela noite fazer o pedido formal. Estava, pois, plenamente justificado o desperdício de luz elétrica.

Fara Consuelo, foi a segunda

**Prefira, para as suas
transações comerciais o**

BANCO BELO-HORIZONTE S. A.

- Faz tôdas as operações bancárias
- Cobra as menores taxas
- Paga os melhores juros
- Mantém a maior e mais perfeita secção de compra e venda de apólices, a dinheiro e a prazo
- Empréstimo sob câmbio de apólices
- Paga coupons das apólices do Empréstimo Mineiro de Consolidação, séries A, B e C, das Paulistas, Bergaminas, Pernambucanas e da Prefeitura de Porto Alegre.



RUA GOIAZ, 26 - BELO HORIZONTE

grande emoção da sua vida. A primeira fôra quando lhe haviam colocado na cabeça, no palco do Beija-Flôr, a corôa de rainha das normalistas. A corôa era de lata pintada, mas nem por isso deixava de ser um símbolo.

Don Prudêncio mandára buscar uma garrafa de Clarête. Mas Ermelindo, com um gesto vivo, recusou o copo.

— Nada de alcool, Don Prudêncio!

Dona Concha apertou os lábios sanguíneos, num muchôcho de aprovação.

— Senhor Prudêncio... — começou Ermelindo, após um leve pigarro.

Don Prudêncio mexeu-se na cadeira de palhinha, D. Concha aproximou o peito amplo, Consuelo fez-se menor no seu canto.

Ermelindo falou. Disse da sua grande admiração pelas maneiras de Consuelo, pela sua modéstia, pela sua docilidade, pela sua educação esmerada...

Seria só por isso? Era preciso vê-la, agora que, para tornar-se ainda menor, cruzára as pernas nuas.

— E tenho a honra, Sr. Prudêncio, de pedir a mão de sua filha...

O discurso agradára a D. Concha. Mas Don Prudêncio, sem cerimônia, quiz saber quanto representavam em cruzeiros aquelas belas palavras.

Consuelo, ruborizada, arriscou um: — Que é isso, papai...

Ermelindo não se ofendêra. Com uma ponta de bazófia, explicou que o estabelecimento de Bicudo & Filho (o Filho era êle) atravessava uma fase aurea. A guerra na Europa servira de pretexto para o aumento dos preços das drogas, muito embora o estoque armazenado na botica datasse da época em que Hitler era pintor de paredes.

Don Prudêncio era prudente. Admirou o tino comercial do pretendente à mão de sua filha, mas quiz saber se o estabelecimento estava em dia com os impostos.

Nada o apavorava mais que um executivo fiscal. E contou a Ermelindo que, em Espanha, perdera a padaria e um monte de pesetas, só por ter deixado de pagar, num ano de apertura, os "derechos de consumo".

Dêsde que montára a fábrica de móveis em Carapicó, Don Prudêncio era o contribuinte número um de todo o Estado. No dia primeiro de janeiro de cada ano,

logo de manhã cedinho, ia bater à janela da casa do coletor. Queria pagar "los derechos".

O coletor, estremunhado, explicava-lhe que a arrecadação só teria início três meses mais tarde, e que, portanto, não havia pressa. Mas Don Prudêncio plantava-se diante da janela, e de lá não saía sem o conhecimento dos "derechos" anuais.

Ermelindo tranquilizou-o. O estabelecimento de Bicudo & Filho era o mais conceituado da Capital. Recolhia todos os impostos dentro do prazo, religiosamente. Mesmo porque, do contrário, perderia os abatimentos legais, — o que não era interessante para a firma.

Depois dos abraços de estifo, Consuelo e D. Concha foram preparar um cafezinho. A sós com D. Prudêncio, Ermelindo revelou-lhe que, no dia seguinte, iria estudar as possibilidades de abrir uma filial em Carapicó. Já estava cansado daquela vida trepidante da Capital. Pretendia, depois de casado, fixar-se definitivamente no interior.

— Que acha, Sr. Prudêncio?

Don Prudêncio aprovou. E ofereceu-se para procurar o seu patrício Don Paco Baêta, que era proprietário de uma ótima casa na rua da Palha, própria para negócio e residência.

Consuelo trouxe um cafezinho fumegante. Don Prudêncio não tomava café à noite. Dona Concha não tardaria com o mate.

— Tome, Lindo, que esfria...

Ermelindo levou vagarosamente a chicara aos lábios, erguendo para a noivinha um olhar faiscante de gratidão e de amor.

II

Naquela manhã havia um certo reboliço na casa de D. Adelaide. Ermelindo tinha passado um telegrama, anunciando que chegaria no trem das onze, com a futura esposa.

Jessica e Desdêmona davam ordens na cozinha. A pobre Benedita andava numa roda viva.

— Faça um lombinho assado, Benedita... — dizia Desdêmona. Mas com bastantes rodellinhas de limão...

— E não se esqueça de fazer a salada Carnaval, que eu inventei... — recomendava Jessica.

Desdêmona queria também um arroz de Braga — por que seu Bicudo era louco.

— E não deixe de fazer o prato predileto do Ermelindo...

Benedita estava tonta. Se fôsse dar ouvidos às duas patrões, precisaria armar, uma trempo no

quintal; o fogão não tinha bôcas para tantas panelas.

D. Adelaide desencantara os álbuns de retratos, e os colocara bem à mão, sôbre o aparador. Pressurosa, andava agora de um lado para outro da sala de jantar, espanando cadeiras, ajeitando as flores nos vasos, desenruchando as cortinas.

— Será que ela vai gostar da gente, Bicudo?

Seu Bicudo estava escarrapachado na cadeira de balanço, lendo o jornal. Respondeu, sem erguer o olhar:

— Não se aflija tanto, criatura! Parece até que você vai receber a madame Chiang-kai-shek...

✱

Logo à entrada, Consuelo encantou as Bicudos. Sem a conhecer senão de nome, atirou-se ao pescoço de D. Adelaide, exclamando, num guincho:

— O' mãezinha, que saudade!

Ermelindo, parado a dois passos, tinha os olhos úmidos de emoção. Tirou o lenço, e estendeu-o a D. Adelaide, que enxugou discretamente a ponta do nariz.

Consuelo arremessou-se às duas futuras cunhadas, e tentou envolvê-las num só abraço.

— Benzinho! Benzinho!

Jessica e Desdêmona também ficaram comovidas, embora Ermelindo já lhes houvesse dito e redito dezenas de vezes que sua noiva era um anjo, não puderam deixar de exclamar, emocionadas, cada uma a seu turno:

— Mas que amor, Ermelindo!

Só o velho Bicudo não se impressionou. Depois de dar duas palmadinhas carinhosas nas costas de Consuelo, perguntou a Ermelindo como ia a filha de Carapicó.

A filha ia sôbre rodízios — explicou Ermelindo. Em menos de um mês, os lucros já cobriam todas as despesas feitas com a instalação. Isto graças a uma epidemia que estava dizimando o gado.

O velho Bicudo prometeu que, na segunda-feira, seguiria com o filho, para conhecer as instalações e examinar a escrita.

Durante o almoço, Consuelo manteve a família Bicudo emaranhada na sua teia de encantos. Achou o lombinho uma cousa louca. E a salada Carnaval, então, só podia ser definida com estalinhos da língua.

— Mas, Jessiquinha, como é que você pôde inventar essa gostosura?

Arranjava diminutivos e apeli-

dos carinhosos para lódas as pessoas da casa.

— Mãezinha Lalaide, prove um pouquinho do arroz de paizinho... Está um assombro!

Até Benedita mereceu as suas atenções.

Ditinha, minha nega, onde foi que você descobriu êsse tempêro? Pátee até feitiço, de tão gostoso...

E para o noivo, que se achava a seu lado:

— Lindo, bem, você quase não provou o tûtú. Você não me disse que era o seu prato predileto? Olhe que eu não gosto de noivinho ventoinha...

Ermelindo se derretia todo, e entrava no tûtú.

Foi um domingo adorável — até às sete da noite. D. Eulália e o marido chegaram às sete e um minuto.

D. Eulália entrou sem bater. Era íntima.

Atrás dela, pisando de leve, entrou o marido.

D. Eulália Pontes, mais conhecida por Eulália Jabiraca, morava na casa em frente à dos Bicudo. Era moça ainda, e bonita, mas uma ruga na fronte da-

va-lhe à fisionomia uma expressão dura, que atemorizava à primeira vista. Apesar da velha amizade, a família Bicudo tratava-a com luvas de pelica.

D. Eulália, que surpresa agradável! — exclamou Jessica, abraçando a visitante e dando-lhe dois beijos estalados, um em cada face.

— Vim conhecer a sua terceira filha, Adelaide... — disse D. Eulália, estendendo a mão esguerdá a D. Adelaide, que se aproximara.

Consuelo adiantou-se, com um sorriso angelico nos lábios sem pintura.

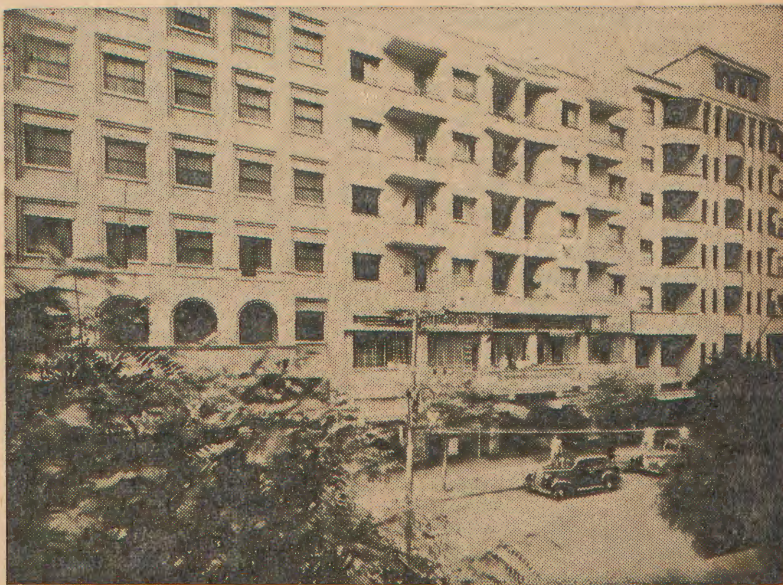
O guarda-livros Sizenando Pontes esgueirou-se por trás da esposa, e foi cumprimentar seu Bicudo e Ermelindo.

Ermelindo levantou-se e ofereceu a sua cadeira. Mas D. Eulália, que se alojara diante da mesa, fez um gesto breve.

— Aqui, Sizenando...

Sizenando Pontes lançou um olhar de vítima ao dono da casa, e foi sentar-se ao lado da esposa.

D. Adelaide e as duas filhas sentaram-se ao redor da mesa.



SANTA TEREZA HOTEL

CONFORTO
E DISTINÇÃO

RUA TUPINAMBÁS, 643 — TELEFONE, 2-4540 — BELO-HORIZONTE



PARA FRIEIRAS, TRANSPIRAÇÃO
E OUTROS INCÔMODOS DOS PÉS

LYSOFORM

ANTISSÉPTICO USADO HÁ 45 ANOS
EM TODO O MUNDO!



PANAM

Consuelo ficou de pé atrás da cadeira de Ermelindo; com o dedo indicador pôs-se a acariciar a orelha direita do noivo.

D. Adelaide deu início à conversação. Queixou-se do racionamento de açúcar, da luta que estava tendo para arranjar uma arrumadeira, do alto preço dos gêneros de primeira necessidade.

D. Eulália escutava-a com impaciência. Tamborilando com dois dedos sobre a toalha, esperava que a amiga fizesse uma pausa.

Afinal, D. Adelaide exclamou:

— E a este ponto chegamos, minha filha!

Era a deixa. D. Eulália apurou o busto, e descarregou as baterias.

Falou durante uma hora. Em sessenta minutos — uma por minuto — falou mal de todas as suas amigas, — à exceção, é claro, das Bícudo.

— Sabe, a Clotilde?... Já está empurrando troféu outra vez. E o filho dela menor só tem três meses... Veja que coisa!

Sizenando Pontes, mudo e humilde, continuava de cabeça baixa. Seu Bícudo e Ermelindo, a meia-voz, discutiam planos para o desenvolvimento da filial de Carapicó.

D. Eulália interrompeu-se para tomar fôlego. D. Adelaide, que já estava farta de ouvir falar da vida alheia, aproveitou a oportunidade, e perguntou, de modo sibilino:

— Então, Eulália, conseguiu aquilo?...

Sizenando Pontes encolheu-se na cadeira. D. Eulália dirigiu ao marido um olhar feroz, e respondeu, com voz trêmula:

— Perdi o meu latim, Adelai-

de! E tudo por causa d'êste tonto!

Dona Adelaide, aflita, tentou mudar de assunto.

— Sabe, Eulália?... O Ermelindo pretende casar em setembro...

Era tarde, porém. Estava lançado o dardo.

amiga. Aqui...

— Imagine você que eu tenho o trabalho de ir procurar o doutor Prates — continuou D. Eulália, com ódio crescente —, expor a ele a nossa situação, chegar até a me rebaixar — a me rebaixar, ouviu, Adelaide?... —, para, depois de tudo conseguido, êste bestalhão ir dizer que está muito bem no emprego, que não tenciona deixar a firma... Veja que coisa!

Sizenando Pontes, sem erguer a cabeça, procurou defender-se:

— Mas, Lalá, o doutor Prates me disse que eu teria que trabalhar no interior... E você, por certo, não queria mudar-se da Capital...

A desculpa era antiga. D. Eulália já a havia rejeitado em casa.

— Olhe o estúpido, Adelaide! E' claro que eu não me mudava para o interior! Mas êle bem podia ir sozinho e vir todos os sábados. Douradinho é ali mesmo!

Recostou-se na cadeira, e concluiu, com os dentes cerrados:

— Que coisa! Perder um emprego dêesses!

Sizenando ia replicar. Ia dizer, por exemplo, que quando comunicara à esposa, meses atrás, que a firma ia abrir uma agência em Bica de Pedra — que também era ali mesmo —, e lhe oferecera o lugar de gerente, Eulália cortara rispidamente a conversa, com cinco palavras:

— Você não me sai daqui!

Ia dizer outras coisas, também. Mas notando a aflição de D. Adelaide e embaraço de Jessica e Desdêmona, curvou ainda mais a cabeça, fêz-se menor na

cadeira, quase desapareceu atrás da mesa.

Seu Bícudo abriu o jornal e fingia ler. Consuelo, por trás da cadeira, continuava a esfregar cariciosamente a orelha direita de Ermelindo.

III

O casamento se realizou em Carapicó.

Consuelo, de véu e grinalda, estava tão emocionada como na noite em que, no palco do Beija-Flor, lhe haviam colocado na cabeça, a corôa de lata de rainha das normalistas.

A família Bícudo viera da Capital e se hospedara no hotel de Don Paco Baêta.

Ermelindo mal cabia dentro da roupa — tão inchado estava de felicidade.

Depois da cerimônia, houve um beberete em casa de Don Prudêncio. Consuelo, ainda de véu e grinalda, fêz questão de servir a sogra e as cunhadas.

— Mãezinha, prove êstes sequilhos... Estão desmanchando na boca...

E para as cunhadas:

— Jessiquinha, Dêê, — êstes suspirinhos devem estar uma loucura!

O apartamento do casal, nos fundos da farmácia, parecia um ninho. Todas as almofadas tinham sido bordadas à mão por Jessica e Desdêmona. No quarto, sobre o criado-mudo, um Cupido de porcelana — presente de dona Adelaide — assestava a sua flecha de prata para o amplo leito de pau-cetim, fabricado por Don Prudêncio.

— Consuelo, queridinha... e se nós passássemos a lua-de-mel aqui mesmo, no nosso ninho?

Consuelo ruborizou-se, como convinha, e cêfiou:

— Você é que sabe, bem...

Seu Bícudo comentou, voltando-se para a esposa:

— Ermelindo comprou um bi-
hete premiado.

HOMENS ou Mulheres, moços ou velhos, terão boa saúde usando **OLEO VIDA**.

No dia seguinte, mal acabara de chegar de Carapicó, D. Adelaide foi chamada, com urgência, à casa de D. Eulália.

Encontrou-a no banheiro, diante do espelho, esfregando nervosamente as faces.

— Veja que coisa, Adelaide! — exclamou, voltando-se para a amiga. Aqui...

D. Adelaide aproximou o rosto.

— Não vejo nada. O que é?

— Aqui, criatura! E' aqui! Não vê uma sombra azulada?... — insistiu dona Eulália, indicando as faces e o mento.

Só então dona Adelaide percebeu. Intrigada, passou a mão no queixo da amiga.

— Eulália! — exclamou, recuando. Você raspou o rosto com gilete!...

Dona Eulália Pontes baixou a cabeça. A ruga da sua fronte tornou-se mais profunda.

— Primeiro eu arraquei os pêlos com a pinça... — explicou, com voz sumida. Mas depois foram saindo tantos e tão espessos, que não tive outro jeito senão passar a gilete... Hoje é o quinto dia que faço a barba!

D. Adelaide não riu. Estava sinceramente preocupada.

— Mas como foi que aconteceu isso Eulália? Você passou alguma porcaria no rosto?

D. Eulália contou, com amargura. Quinze dias antes aparecera-lhe uma pequena espinha no queixo. No dia seguinte a Clotilde viera visitá-la, e, vendo a espinha, fizera um estardalhaço. Dissera que se tratava de uma erupção maligna, que, se não fosse tratada imediatamente, se alastraria por todo o rosto. Depois, para tranquilizá-la, prometera mandar-lhe na mesma tarde uma pomada que tinha em casa, que era "tiro-e-queda".

— E ela mandou a pomada e você passou!... — concluiu D. Adelaide, que adivinhara a vingancinha da Clotilde.

D. Eulália fez que sim com a cabeça. Depois, estendendo o braço, tirou do armário do banheiro um pequeno pote em que estava aderida apenas a metade do rótulo; a outra metade, que por certo continha as instruções sobre o modo de usar, havia sido arrancada.

D. Adelaide olhou o nome da droga, impresso em maiúsculas na parte superior do rótulo, e exclamou, horrorizada:

— Mas, Eulália, que loucura! Esse creme é para fortalecer a barba!

D. Eulália andava com os nervos em frangalhos. Agora era obrigada a fazer a barba um dia sim, um dia não, e raramente saía de casa.

Clotilde, que continuava empurrando trole (o que não era da conta de ninguém) não cabia em si de contente. Quando avistava uma das Bicudo, perguntava de longe, para ser ouvida por todos: — Tem visto a Eulália Barba-da?

Quem pagava era o guarda-livros Sizenando Pontes. Ultimamente fazia pena ver o pobre homem. Mais curvado que antes, mais humilde, caminhava na rua como uma sombra. Seu Bicudo, ao vê-lo entrar em casa uma tarde, prognosticara:

— O Sizenando não chega aos quarenta.

Nem aos trinta e nove chegou, o infeliz. Mas a enfermidade não o liquidou tão depressa como se esperava. Fê-lo gemer na cama durante três meses intermináveis.

Antes de morrer, mandou chamar o velho Bicudo. Queria despedir-se do amigo.

— Então, meu caro, como vai a saudinha?

Sizenando Pontes ergueu os olhos embaçados. Com um só-pró de voz, gemeu:

— Mal, Bicudo... Muito mal...

Seu Bicudo sentou-se à borda do leito, e, para distrair o moribundo, pôs-se a falar da última carta que recebera de Carapicó, duas semanas atrás.

Os negócios lá corriam à maravilha. Ermelindo, felizmente, herdara as suas qualidades de administrador, o seu tino comercial inato — o seu talento.

Vagueou o olhar pelo quarto, certificou-se de que D. Eulália continuava ausente, e observou:

— E' verdade que meu filho goza de absoluto sossêgo espiritual. Minha nora, Sizenando, é o que se pode chamar uma péróla! Sizenando Pontes cerrou as pálpebras, e suspirou, num fio de voz:

— O Ermelindo, sim, teve sorte...

IV

— Idiota! — explodiu Consuelo, amarrando o telegrama e atirando-o sobre o tapete. Você pensa que me passa pelo fundo da agulha, como seu pai fazia com sua mãe?...

Ermelindo, aflito, esfregava as mãos, uma contra a outra.

— Mas, queridinha, papai não ia inventar uma coisa dessas... Apanhou o telegrama, desdobrou-o, e procurou o trecho fático. Seu pai estaria caducando?

O tópico estava redigido com

ORQUIDEAS

OFERTA ESPECIAL COMPOSTA UNICAMENTE DE FLORES ENORMES E VISTOSAS.

LOTE "CATLEYA" — contendo 3 plantas. Preço Cr\$ 70,00, conteúdo: "Labista Warneri" — Flores de sepalas e pétalas rosa-carregado, labelo carmesim, fauce amarela. "Schilleriana" — Flores de sepalas e pétalas rosa-bronzeado com manchas castanho-labelo marginado de rosa com veias purpureas. "Velutina" — Flores amarelas com máculas purpureas-labelos esbranquiçados com veias purpureas.

LOTE "LAELIA" — contendo 3 plantas. Preço Cr\$ 50,00, conteúdo: "Tenebrosa" — Flores brozeadas com labelo roxo-purpureo. "Perrinit" — Flores rosa-brilhante, labelo roxo escuro, fauce branca. "Pumila" — Flores rosa-escuro, labelo purpureo.

OFERTA "EXTRA"

3 plantas "Laelia Purpurata" — flores brancas com labelo purpureo. Preço Cr- 40,00)

3 plantas "Catleyas Harrisoniae" — flores roxo claro, médio ou escuro, parte inteira do labelo amarelo claro. Preço: Cr\$25,00.

NOTA — Os lotes acima mencionados, compostos de plantas escolhidas, são enviados pelo Correio registrados, para todo o Brasil, otimamente acondicionados em caixetas de madeira, sem acrescimo de preço.

Cheque ou vale postal a:

JOSÉ R. AMARAL JUNIOR

Caixa postal 154 - CAMPINAS (E. S. PAULO)

absoluta clareza. Nem havia ali a conclusão usual nas mensagens telegráficas. Ermelindo, em silêncio, releu o telegrama pela décima vez:

"Sizenando foi-se. Nosso pobre amigo faleceu no momento em que D. Eulália estava no banheiro fazendo a barba. Venha para o enterro."

Em verdade, tudo não passava de mera coincidência. Na noite do dia anterior, enquanto preparava o chá, Ermelindo relatara à esposa algumas façanhas de seu pai, nos primeiros meses de casamento, — inocentes façanhas, que sua mãe costumava contar aos filhos, com o único intuito de fazer graça.

Uma dessas façanhas consistia no seguinte:

Uma vez por mês, seu Bicudo recebia um telegrama urgente do Rio de Janeiro, em que um amigo ou parente lhe dava notícia de qualquer fato grave, que exigisse a sua ida imediata à capital do País. E, para evitar um

— Continúa na página 28 —

PRÉSENTE DE GOSTO

Ofereça à sua amiga um presente que revelará o seu bom gosto e a fará lembrada durante todo o ano: uma assinatura de ALTEROSA.

CR\$ 30,00 POR UM ANO, COM PORTE REGISTRADO.

BOM, indispensavel e barato é
O OLEO VIDA.

INDECISÃO

UM CONTO DE JOSE' MARIA DE SERRA

PARA "ALTEROSA" • DESENHO DE RODOLFO

— Minha querida senhora: amo o seu marido, que também me ama! Não poderia a senhora desaparecer de nossa vida?

Assim refletia Ana Vieira, enquanto arrumava a casa. Era pequena a casa. Residia nela há muitos anos. Comprara-a o chefe de secção, de quem era viuva. Orfã de pais, mandou vir uma tia já idosa e solteirona para a sua companhia, logo após falecido o marido. O marido pouco lhe deixara: a casa, modica pensão e algumas apolices federais. Houve lutar pelo pão de cada dia. Recorreu aos amigos do esposo. Esperançosos de recompensa futura, os amigos lhe obtiveram um emprego público. Certa tarde, encontrou-se com Gastão Pereira. Achou-o simpático na apresentação, deliciosamente atrevido nos encontros seguintes. Vieram os encontros propositados. Maiores ousadias e quando percebeu que brincar com fogo é perigoso, já se queimara na brincadeira. Agiram ambos com discrição. Havia evitar os maldizentes visinhos. Gastão Pereira era casado, mas não se dava com a esposa. Dava-se com a amante, com quem passava as noites. E

lá iam conjugando o verbo amar, quando Ana Vieira cismou que a esposa era demais. Daí o pequeno discurso, repetido pela centésima vez:

— Minha querida senhora: amo o seu marido, que também me ama. Não poderia a senhora desaparecer de nossa vida?

Ana Vieira ageitou a almofada na poltrona e disse, resolutiva: Isto é que lhe vou dizer!

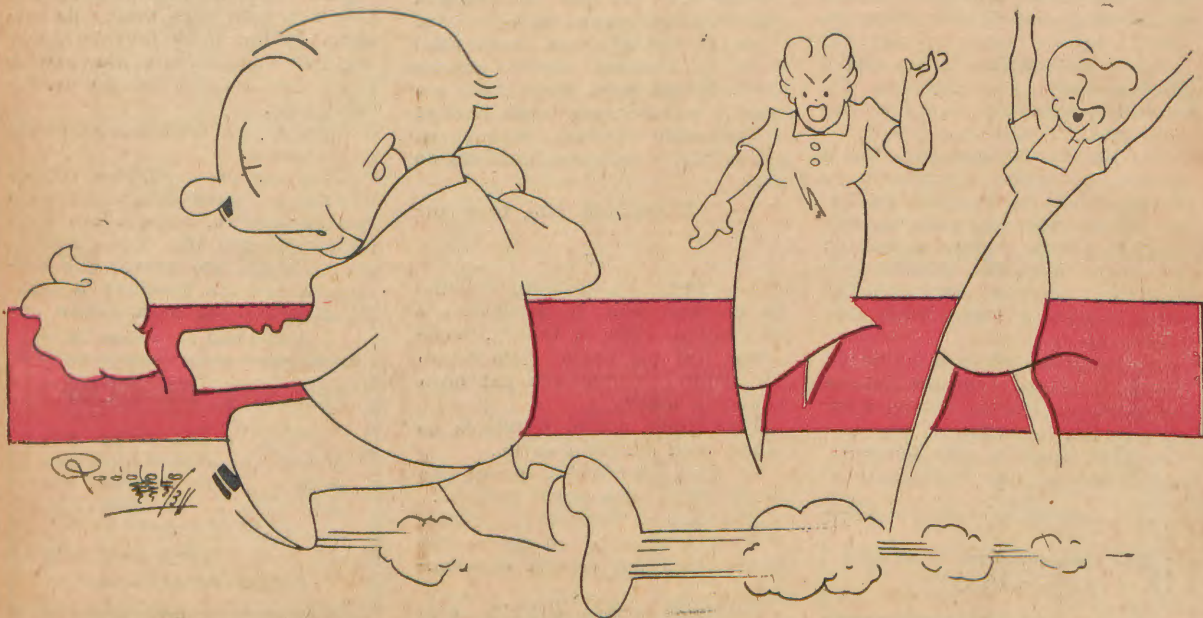
Correu ao quarto, enfiou o vestido e sentou-se em frente à penteadeira. Era bonita, sabia. Mais que a esposa, talvez, a dar crédito o que lhe sussurrava Gastão. E Gastão era tido como homem de bom gosto. Agora, o elogio poderia ser mentiroso. Gentilíssimo esse Gastão, um verdadeiro diabinho!

Retocou os cabelos, namorou-se no espelho. E logo absorveu-se nos seus pensamentos: assustava-a o passo que meditava dar. Com que direito iria exigir da esposa que lhe entregasse o marido? E por que iria? E' que o seu Gastão queixava-se tanto da esposa. Dizia-lhe que vivia o casal sob o mesmo teto como pessoas estranhas. Curiosa, Ana Vieira indagava-lhe pormenores da vida

conjugal. Gastão mudava de assunto, invariavelmente, cousa que a aborrecia. Apenas obteve d'ele que se casára por amor. Alguns meses durou a lua de mel. Levandade de Gastão despertou ciumes na esposa. Foi-se-lhes a vida tornando insuportável. Certa noite romperam em definitivo. Orgulho de parte a parte impediu houvesse entendimento que reconciliaria o casal.

Ana Vieira desejou apurar se êle sofrera. Sim, sofrera. Fentira mesmo desinteresse pela vida, pelo trabalho. Acabara por habituar-se. Só o respeito a conveniências sociais impedia a definitiva separação. Quando havia acompanhar a esposa a reuniões, teatros, fazia-o: representavam ambos a comédia do casal unido. Mal se desembaraçava da esposa, corria Gastão aos braços de Ana. Certo nessas ocasiões não era o mesmo. Ana percebia que êle a acarinhava distante. Indagou a causa. Irritou-se Gastão. E Ana indagou a si mesma: seria para o seu amante um derivativo?

A dúvida verrumou-lhe o cérebro. Nada deixava perceber enquanto Gastão estava presente. Logo que só, deitava-se a chorar. Não raro pensava em acabar com isso. A sensação de vacuo fazia-a recuar. Retribuía os beijos de Gastão com fingido ardor. Pensava: beija-me ou beija em mim a outra. Refletia: a permanência da outra no coração de Gastão estava em razão direta da indiferença por ela manifesta. Logo, Gastão amava na esposa a resistência. Esses homens são uns tolos orgulhosos! Se a esposa pro-



curasse a reconciliação, Gastão veria claro nos seus sentimentos. Compreenderia que amava a ela Ana e não a outra, a sombra que beijava ao beijar Ana. Assim por que não tentaria o golpe meditado? Se dissesse à outra que o marido não a amava e devia, consequentemente, afastar-se da vida d'ele, provavelmente a outra faria as pazes com o marido e Gastão enxergaria a verdade.

Ana Vieira sentiu um frio percorrer-lhe a espinha: e se a verdade fosse o contrário da suposta? E se Gastão de fato amasse a esposa?

Ana ergueu-se nervosamente. Sacou o vestido. Enfiou um quimono. O dia todo andou daqui para ali, deu ordens à empregada, palestrou com as vizinhas, sorriu a um e a outro, enquanto a interrogação insistia escarni-nha:

— E se Gastão amasse a esposa?

Na noite do mesmo dia, sondou Gastão a respeito. A resposta d'ele foi um beijo. Ela insistiu: não amará em mim a sombra da sua esposa?

Gastão achou graça e disse que preferia as lindas criaturas de carne morena, que isso de fantasmas era lá com os imaginativos, gente doentia e impressionável.

As carnes de Ana eram morenas. Ana gostou do dito mas não ficou convencida. Já Gastão submetia à sua apreciação um caso de advocacia. Apreciava os seus pareceres e dizia sempre: vocês mulheres julgam pelo coração.

Observação justa. Não desejava resolver o seu problema e não o resolvia. Por que? Porque o coração tomava parte nos debates, sufocava aos gritos a voz da razão.

A razão dizia-lhe que a outra era a esposa e a esposa dispõe de todos os triunfos. De Ana o jogo era nenhum: blefava. Se a outra recuasse, embora de posse de todos os trunfos, ganharia a partida. Caso contrário, perderia. E se Gastão amasse a ela e não a outra? Ainda que admitida essa hipótese, a verdade era esta: Gastão não poderia descartar-se da outra assim como assim. O casamento no Brasil é cousa séria. Mesmo que a outra concordasse em afastar-se, seria sempre a esposa, a senhora. E Gastão jamais olvidaria a senhora e mentalmente estabeleceria comparações entre ela e a outra, entre a senhora e a amante. Enquanto a senhora estivesse entre ambos, a amante seria o fruto proibido. Afastada a esposa, passaria a

amante a ser a companheira de toda hora, e a esposa o fruto proibido. E já o não era? Não. Gastão tinha o direito marital e se não o utilizava era tão só por questão de orgulho. O direito marital desapareceria uma vez verificada a separação. Logo a esposa seria mais desejada; não a amante.

Ana Vieira, indecisa, refletia e refletia. Na rua, no serviço, nas conversas e mesmo nos braços de Gastão repetia mentalmente o pequeno discurso:

— Minha querida senhora: amo o seu marido, que também me ama. Não poderia a senhora desaparecer de nossa vida?

Mas como fazê-la desaparecer? E com que direito? E se afastada, ela avultasse mais na estima de Gastão?

Só se a matasse?

Ana Vieira teve um estremecimento. Se a gente pudesse matar sem que a Justiça nos pedisse contas, vá! Mas qual!...

Abatimento incrível apossou-se-lhe do ser. Melhor será deixar as cousas como estão! Não quero pensar mais, não quero!

Apertou a cabeça entre as mãos, cravou os olhos no chão. Pequena aranha aproximava-se rápida de uma mosca. Ia agarrá-la. Ana Vieira interessou-se pelo espetáculo. A aranha fez ligeiro rodela e saltou sobre a mosca, que tentou escapar-se-lhe. Era tarde: a aranha tinha-a bem segura.

Inconsciente, Ana Vieira pensou: se eu agisse tão rapidamente como essa aranha!...

MARIA! SAE DA LATA



MARIA

AZEITE DE OLIVA E ÓLEO DE AMENDOIM

“OLEO MARIA” é um esmerado produto das “INDUSTRIAS J. B. DUARTE” de São Paulo

REPRESENTANTE E INSPETOR: — M. AGUIAR

RUA TREMEDAL, 156 — FONE 2-1898 — BELO HORIZONTE

MAURA abriu os olhos, alerta-da. De princípio viu somente a escuridão imensa, que a sufocava, abismo infundo, onde se perdiam os seus olhos arregalados, tontos, apavorados, sem um ponto de apoio, despencando-se no negrume, como devorados pela bocarra aberta da noite; vagavam incertos, sem saber por onde, escancarados e vãos, cegos pelo peso do escuro. Depois, como se um indeciso sopro de vida animasse o aposento, formas surgiram do abismo negro, e foram se definindo, ante o olhar impaciente da moça. Adivinhou, além, o guarda-roupa, imenso e impressionante, na sua negra sombra, sem contornos certos; acolá, o espelho grande da penteadeira teve um reflexo súbito, como se um vagalume errasse pelo quarto; era a luz de um automóvel, que passou no asfalto, lá fora, produzindo um rangido macio e agradável aos ouvidos de Maura, que o recolheu como um sinal de vida, naquele caos de onde fugia, aos poucos.

Não demorou muito, e foi o vento, que lhe fez companhia. No silêncio completo da casa, ele zunia e cantava, vindo a sua voz dos quintais arborizados, onde obrigava as folhas a segui-lo no côro estravagante, assobiando nas frestas das janelas e das portas. Os pios dos morcegos, que moravam nos velhos troncos açotados pela fúria do vento, causaram arrepios na pele fina de Maura. Ela podia, mesmo, adivinhar os galhos retorcidos, na luta desigual e feia, enquanto as folhinhas, trêmulas e medrosas, eram atiradas ao léu, num repelão raivoso da ventania. Podia ver a cortina de pó, que se levantara e seguia ao encontro dos retardatários desprevenidos, manchando-lhes a roupa, cegando-os, tentando derubá-los.

O relógio grande, que descansava o seu corpo roliço já exausto pelos anos de serviço contínuo sobre o móvel elegante da saleta, anunciou, na

ESCURIDÃO

sua voz monotona, maquinal e indiferente, a meia-noite.

Maura contou os regougos do velho escravo mecânico, baixinho, com medo da própria voz.

— Uma, duas... sete... onze, doze.

Meia noite! Num terror infantil, puchou a coberta até os olhos, como se o frágil linho pudesse salvá-la do perigo, desconhecido mas terrível, que a procurava na escuridão. Sentiu-se pequenina, miserável, terrivelmente infeliz e incapaz. Apertou, com força, os seios arquejantes, medrosa de que o barulho ensurdecedor do seu coração descompassado pudesse traí-la ao inimigo, que a espreitava, nas trévas.

— Meu Deus, tende piedade de mim!

Sentiu o deslizar lento e gelado de uma lágrima, que foi beijar-lhe a orelhinha rosada, e mordeu os lábios para não gritar.

— Meu Deus! Meu Deus!

Não ousou pronunciar a prece, que gemia na sua garganta obstinada por um estranho peso.

As sombras incertas dos móveis pareciam-lhe fantasmas horrendo, que caminhavam para ela, e quiz gritar, mesmo sem voz. Sentiu saudade da escuridão comtasmias nem demônios, via nada, nem fanpleta. Ao menos não

como agora, que lhe parecia divizar, no canto mais escuro do quarto, dois olhinhos de fogo, que espreitavam zombeteiros e cruéis.

O vento espiou pela vidraça, e soltou um tremendo gemido, que veio pelas frestas acabar nos ouvidos de Maura... Ela estremeceu, e mordeu o lençol, sufocando os próprios soluços, que queriam responder à voz do vento, enquanto as lágrimas desciam, pondo-lhe na boca um gosto salgado e rúm.

Súbito, Maura se inteirou. Os nervos já excitados, pareceram

Conto de LOURDES G. SILVA

Ilustração de RODOLFO

MENSÃO HONROSA NO CONCURSO PERMANENTE

contorcer-se no desespero, e a pé-
le se arrepiou toda. Ela ouvira
um barulho... Era como se ar-
ranhassem a porta do quarto, do
lado de fóra. Passaram pela ca-
becinha de quinze anos, as his-
tórias horripilantes, que ouvira,
nos serões do doutor Inácio, que
adorava contar fatos dessa espé-
cie, e ver os rostos contorcidos de
pavôr, dos seus ouvintes. Maura
gostava de ouvi-lo, também, em-
bóra soubésse que depois não dor-

míria, e durante a narração lan-
gasse olhares desconfiados, à sua
volta, mas bem protegida pelo
braço forte do pai.

— Era um negro colossal, dis-
forme, horrendo... e o doutor
Inácio apresentava, na mão ma-
gra e engelhada, um pedaço de
queijo de Minas, fresquinho, que
haviám servido. Maura lembra-
va-se bem, e, agora...

O barulho, outra vez... Viu-se
sepultada num lago de sangue, o

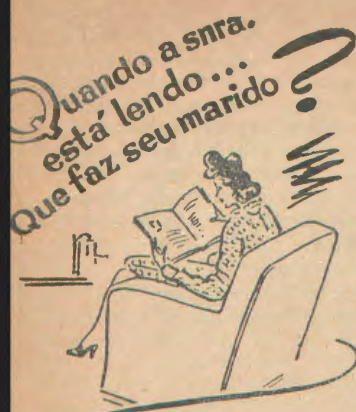
corpinho claro e escultural, que
era motivo para seu grande oígu-
lho, aquele mesmo corpinho que
causava vertigens na rapaziada
do clube, ser esfaçalhado, e ma-
se reconhecia na pilha de fatias
transparentes de carne, tão bran-
cas como o queijo de Minas.

— Meus Deus! Salvai-me!

Se, ao menos, pudesse gritar...
chamar papai!

O barulho continuava, e o su-
empapava a camisa de seda ros-





Seu marido não deve bocejar, não deve arrebatá-lhe a revista e principalmente não deve ir para a rua... quando a sra. está lendo. Seu marido deve ler, como a sra. Deve ler a Revista PUBLICIDADE, uma publicação para o homem de negócios.

Lembre-se: sempre que pedir uma revista feminina para a sra., peça também o último número da Revista PUBLICIDADE para seu marido, seu noivo ou seu namorado.



A ASSINATURA ANUAL CR\$ 50,00

Revista PUBLICIDADE Caixa Postal, 3748 — RIO

Peço enviar ao sr. _____

à rua _____

Cidade _____

Estado _____

uma assinatura anual da Revista PUBLICIDADE.

Ele pagará depois de receber o primeiro exemplar (se ficar satisfeito)

*

que a arte de mamãe enfeitara com mimosas flores de lis, e rendas finíssimas.

Maura sentiu, mesmo, uma goitinha mais atrevida descer-lhe entre os seios, fazendo-lhe cócegas. E o medo cada vez pior.

Sentia-se como uma condenada à morte, e como condenada à morte lembrou alguns pequeninos fatos de sua vida curta mas algo movimentada.

"A prima Julia chorara, por sua causa, muitas vezes, na véspera mesmo, isso acontecera. Zombara do vestido mal feito, da outra, e provocara-lhe aquele dilúvio, que alarmara toda a fami-

lia. Tudo porque havia entre elas aquela rivalidade. Maura estava firmemente empenhada em conquistar o hercúleo Roberto, terror dos namorados zelosos, e ídolo das pequenas sapéas. Roberto era de Julia, mas Maura estava decidida a tomá-lo. Era questão de oportunidade, dissêra a si própria. E a oportunidade seria o baile do dia seguinte. Haveria de enlouquecê-lo, com o seu vestido vapposo, que, muito propositadamente, deixava-o adivinhar, através a transparência e o providencial decote, a belesa do corpo moço e perfeito, que era uma promessa alucinante.

Beijá-la-ia, certamente, e...

Oh! Novamente, o barulho esquisito!... O medo, que ia fugir àquela lembrança acalentadora do rapaz, voltou ao coraçãozinho volúvel de Maura. Reviu o negro monstruoso, que espedaçava mo-

A porta do quarto estalou, e na iminência do perigo, sentindo o desespero invadi-la, e a língua mais presa que nunca, incapaz do menor grito de socorro, apegou-se, mentalmente, ao Cristo bondoso, que lhe sorria do quadro, submerso na escuridão.

— Cristo poderoso! Salvei-me!

*

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brow Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima dando-lhes nova vida e vigor.

PANSEXOL, existe numa fórmula para cada sexo, Masculino e Feminino. Encontra-se a venda em todas as drogarias e farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo

Produtos Panvital - Rua da Estrela, 6 RIO DE JANEIRO

Pansexol

"M" e "F"

"EM DRAGEAS"

Não deixéis que esse monstro me mate, e eu... prometo... não tomar o namorado da minha prima, não fazê-la mais chorar... o Roberto, sabe? Aquele "colosso" bronzado... Prometo!

A frase íntima foi interrompida, porque passadas leves de alguém fizeram Maura prender a respiração. A porta foi aberta, e à claridade da lâmpada, subitamente despertada, Maura atirou-se aos braços amigos da prima, que entrava.

— Por que demoraste tanto?

— Fomos ao teatro, e depois Sérgio veio trazer-me até aqui.

Sérgio era irmão de Julia, primo enjoado, que Maura não suportava.

Enquanto Júlia se despiá, e contava detalhes do passeio, Maura entrefechou os olhos, contemplando, pela abertura fina, o Cristo sorridente.

— O senhor compreende, não é? Não falei de verdade... sabe? Como podia desistir do Roberto? Nem mesmo com cinquenta negros-monstros me assaltando eu desistiria dele... compreende?

Todo seu medo desaparecera. A escuridão fora esmagada pelo jato de luz, e com ela o seu pavôr.

O badalar solitário da meia hora não lhe produziu a menor impressão. Esquécêra, mesmo, que se sentira tão pequena, no escuro, e que chegara a se achar insignificante, até. Ela, que era a "número um" das festas, a irresistível, a invejada, sentir-se tão miserável! Ridículo!

Virando-se para o canto, socogada, enfim, ajeitou as dobras da camisa, úmida pelo suor.

— Roberto estava lá... perguntou por ti... ouves?

Com um sorriso superior, o seu natural sorriso de orgulho e egoísmo, que voltara, Maura suspirou, confiante, feliz, liberta dos horrores da escuridão. Ficou a imaginar o que seria o beijo doce de Roberto, até que o sono, em lugar do atleta moreno, beijou-lhe as pálpebras cansadas.

Lá fora, esquecido e já sem significação no silêncio da noite, o vento continuou, raivosamente, a espancar as árvores, no seu sadismo incontrolável, gargalhando lugubrememente ante o desfalecer das folhas, e os espasmos agônicos dos ramos nus, que vencida...

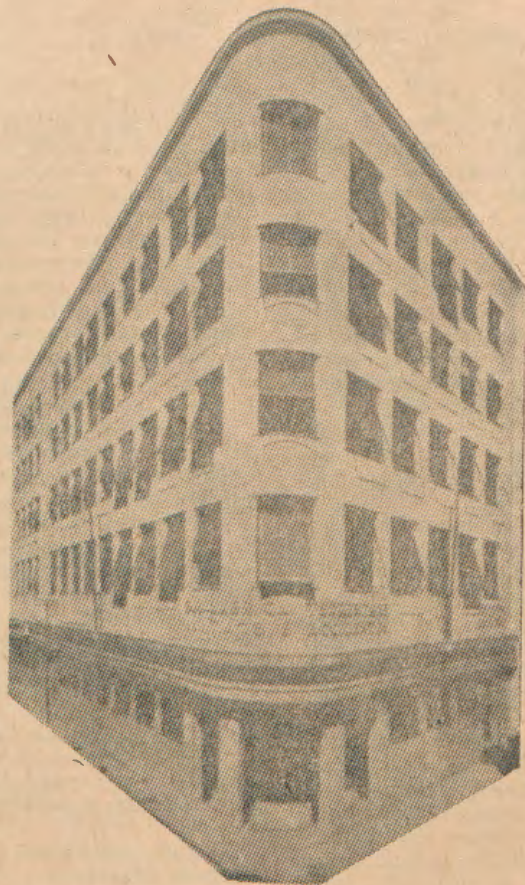
*

VENENO

— Como sabe você que a senhora do Soares não tem amigas?

— Porque nunca escutei-a falar mal delas.

SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES



SÉDE SOCIAL: RUA BUENOS AIRES, 29/27 — RIO DE JANEIRO

A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES DA AMERICA DO SUL

RESUMO DO 30.º EXERCÍCIO — ANO 1943

Receita Geral do Exercício	Cr\$	81.874.959,60
Reservas Técnicas	Cr\$	27.156.641,80
Capital e Reservas Subsidiárias	Cr\$	14.577.950,30
Indenizações pagas até 31 de Dez. de 1943	Cr\$	209.098.698,80

SOLIDEZ E GARANTIA

ORGANIZAÇÃO NO ESTADO:

Sucursal de BELO HORIZONTE
Avenida Amazonas, esquina da rua São Paulo, Edifício Lutetia — 1.º andar — Caixa Postal,
124 — Telefones: 2-0785 e 2-6812
UBERLANDIA — Praça Benedito Valadares, 20
ITAJUBA' — Rua Francisco Pereira, 311 — 1.º andar
JUIZ DE FORA — Rua Halfeld, 704 - sala 107

OS TRÊS HOMENS IGUAIS

Conto de Malba Tahan

Desenho de Rocha

JA velha cidade de El-Katif que fica, cercado de um verdejante oásis, para além do famoso deserto de Roba-el-Khali, apareceu, certa vez, um misterioso estrangeiro, mago persa de grande enome. Segundo andava na boca do povo, o al mago fazia-se acompanhar de três homens ossuidores da propriedade extraordinária e pro-igiosa de serem rigorosamente iguais. Não era possível — dizem as crônicas do tempo — aos spiritos mais meticulosos e observadores, desco-rrir um traço fisionômico, um tique ou uma par-ticularidade, qualquer que permitisse distinguir m dos tais homens dos outros dois sósias.

Contaram o caso ao poderoso Abdallah Faad rei chiíta de El-Katif, senhor do império dos armatas, mas o bom soberano não quis acre-itar em tamanha singularidade.

— Seria possível, refletia o monarca — que ouvesse no mundo, assim como diziam, três ho-mens perfeitamente iguais? Por certo que não!

E como o picasse a curiosidade — a que em mesmo os grandes monarcas orientais po-em fugir — declarou o rei Fahad, que queria er os três homens iguais, pois que somente as-im é que êle poderia convencer-se da existência eal do estranho fenomeno.

Uma ordem dada ao grão-vizir foi transmiti-a aos oficiais encarregados de zelar a segurança a pessoa do Sultão. Preparou-se um grande e riquíssimo cortejo e o rei, em luxuoso palanquim, acompanhado de brilhante comitiva, dirigiu-se à grande tenda que o mago mandára erguer, para além das últimas tamareiras de El-Katif, entre dois rochedos, junto do mar.

Ao avistar o inesperado cortejo diante da sua enda, o feiticeiro encaminhou-se ao encontro do ultão chiíta, e inclinando-se humilde diante dos nobres visitantes, exclamou:

— Allah conserve e prolongue por muitos nos felizes a vida preciosa de nosso amo e se-hor!

O rei Abdallah Fahad desceu com cauteloso agar de seu palanquim e, dirigindo-se ao velho ocultista, declarou que queria ver imediatamente os três homens iguais.

— Escuto e obedeço — respondeu o mago com ademanos cerimoniaes.

A tenda do simples feiticeiro era ampla e confortavel.

O rei e os nobres que o acompanhavam mos-raram-se surpreendidos com o luxo e a estranha arte com que tudo ali era arranjado.

Ao fundo, erguido sobre um tablado, via-se uma espécie de palco fechado na frente por um grande pano de veludo amarelo. Cobriam o chão enormes tapetes de cores vivas, cheios de arabescos exóticos.

O rei sentou-se de pernas cruzadas, numa pi-ha de almofadas de seda indiana.

Fez-se um grande silêncio.

Sentia-se, esparsa no ambiente, nas pessoas, nas próprias cousas, o sopro de um misterio.

O mago bateu palmas três vezes e pronun-ciou umas palavras que ninguem entendeu.

Ergueu-se lentamente o pano e viram todos, de pé no meio do palco, um homem magro, mo-reno, vestido luxuosamente à maneira dos mer-cadores persas. Ostentava um turbante riquissi-mo de seda branca e, à cintura, trazia um punhal alongado, cujo punho se marchetava de pedras preciosas. Esse homem misterioso cruzou vaga-rosamente os braços sobre o peito, sorriu e in-clinou-se respeitoso diante da nobre assistência.

— Eis aí, ó Rei Magnanimo! proclamou o mago — o primeiro dos três homens iguais!

A um sinal do velho ocultista o homem do turbante branco retirou-se lentamente, desapare-cendo atrás de um grande e pesado reposteiro escuro que cobria o fundo do palco.

O mago bateu novamente palmas.

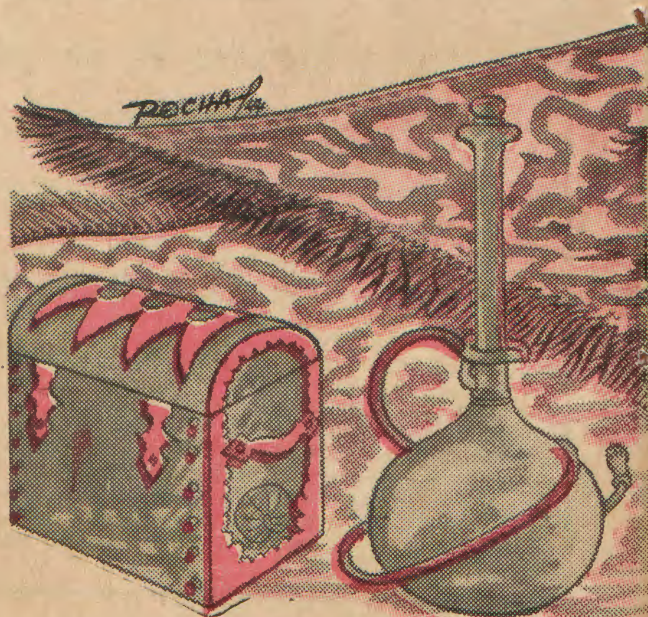
Apareceu, então, vindo de trás do mesmo re-posteiro escuro um homem perfeitamente igual ao primeiro e vestido rigorosamente com os mes-mos trajes. Dir-se-ia a mesma pessoa. O turban-te parecia ser o mesmo e o punhal tinha até o mesmo brilho. Igual era a expressão fisionô-mica e idêntica a maneira de olhar e de sorrir.

— Eis aí, ó Rei Magnanimo! declarou o ma-go — o segundo dos três homens iguais!

Os vizires e cortezaes, na quasi certeza de que estavam sendo vítimas das artimanhas de um intrusão audacioso, entreolhavam-se descon-fiados.

A um novo sinal do ocultista persa o segundo homem afastou-se e desapareceu, como o outro atrás do mesmo reposteiro.

Em seguida o mago com imperturbavel calma e serenidade, bateu palmas pela terceira vez.



Surgiu imediatamente no palco, saindo por de trás do tal reposteiro, um terceiro homem perfeitamente igual aos outros dois. Não era possível notar-se, quer na fisionomia impassível do desconhecido, quer no seu trajar bem posto, a mais pequena dissemelhança, com os outros dois que o haviam precedido.

— Eis aí, ó Rei dos Reis! — tornou o mago, com pausada firmeza — o terceiro dos três homens iguais!

O grão-vizir, que se achava de pé junto ao monarca, ao atentar nos olhares equivocados e nos sorrisos, mal reprimidos dos cortejãos, disse ao rei, em voz baixa:

— Quero crer, ó Emir dos Crentes! que esse mago é um cinico, um intrujão! Quer divertir-se à nossa custa! E' evidente que foi o mesmo homem que apareceu três vezes diante de Vossa Majestade!

O rei Fahad, que vinha desconfiando do caso, ao ouvir a insinuação do grão-vizir, ergueu-se colérico da almofada e gritou com os lábios brancos, o olhar desorientado:

— Não creio nesta farça ridícula, ó velho intrujão! Julgas, então, não ter eu percebido que foi o mesmo homem quem apareceu diante de mim três vezes! Queres fazer pilhéria ou ridicularizar o rei dos Carmathas, senhor de um oasis que tem um milhão de palmeiras? Vais já para a forca, ó cão filho de cão!

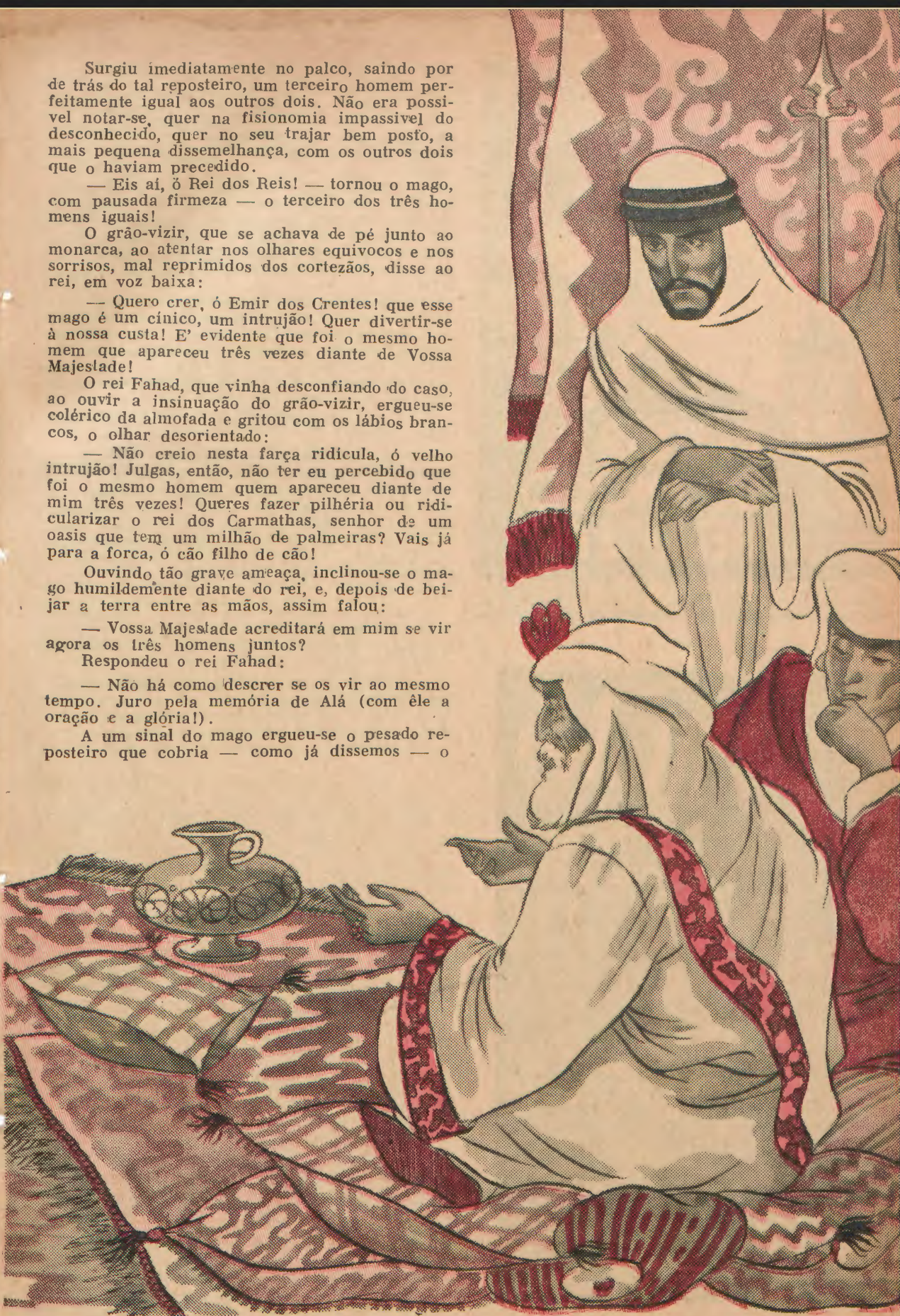
Ouvindo tão grave ameaça, inclinou-se o mago humildemente diante do rei, e, depois de beijar a terra entre as mãos, assim falou:

— Vossa Majestade acreditará em mim se vir agora os três homens juntos?

Respondeu o rei Fahad:

— Não há como descrever se os vir ao mesmo tempo. Juro pela memória de Alá (com êle a oração e a glória!).

A um sinal do mago ergueu-se o pesado reposteiro que cobria — como já dissemos — o



ONTEM
TOSSINDO

HOJE
SORRINDO



EM
24 HORAS
DEIXEI
DE FLUXO
E JÁ
MANIFESTAÇÃO.

**PEITORAL
DE ANGICO
PELOTENSE**

EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES

* * *

Talco Malva

**IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ**

**FINISSIMO E
PERFUMADO**

FÓRMULA DO
PROF. ANTONIO ALEIXO
DA FACULDADE DE
MEDICINA UNIVERSIDADE
DE MINAS GERAIS

PERFUMARIA MARCOLLA
LITO HORIZONTE



fundo do palco. E com grande assombro, viram todos — rei, vizires e altos dignatários da corte — três homens perfeitamente iguais, de pé, imóveis, no meio do tablado. Estavam os três na mesma atitude; não era, realmente, possível, distinguir-se entre qualquer deles a menor diferença!

— Agora sim — afirmou cheio de convicção, o senhor do grande oásis. — Agora sim, acredito! Os três homens são realmente iguais!

Ao ouvir tais palavras, adiantou-se o velho mago — que era um grande sábio — e dirigindo-se ao rei da famosa província árabe, falou desta sorte:

— Perdõe, Vossa Majestade a minha ousadia; mas não deve agora acreditar no que vê!

— Porque agora — esclareceu o grande oculista — sobre o tablado está um homem só! As outras duas figuras que aparecem, são simples imagens obtidas com auxílio de dois espelhos habilmente combinados!

E, diante da decepção de todos os presentes, disse o sábio:

— A princípio era verdade. Fiz aparecer os três homens sendo um de cada vez. Mas como as aparências eram contra mim ninguém me deu crédito! Da segunda vez apresentei um homem só dando a ilusão, com o auxílio de uma combinação de espelhos, que se tratava de três homens iguais. Embora não fosse verdade, todos acreditavam em mim, porque as aparências eram a meu favor!

E, depois de fazer com que os três homens iguais passassem juntos diante do rei, afim de evitar que qualquer dúvida lhe pairasse ainda no espírito, concluiu o sábio persa:

— E' assim também, na vida! Iludidos pelas aparências enganadoras das coisas, deixamos, muitas vezes, de acreditar na Verdade para acolher em nosso coração o Erro e a Mentira!

Uassalam!

*

TENHA SEMPRE EM MENTE

A MULHER é sempre a que primeiro sobe a um veículo, porém desce sempre depois do cavalheiro. No bonde, onibus e automovel, deverá sempre ficar à direita do rapaz.

*

Quem entabola longas palestras na rua, se esquece muitas vezes que incomoda os que transitam pela mesma e dificulta-lhes a passagem. Portanto os cumprimentos nesta circunstância deverão limitar-se ao menor tempo possível.

*

A iniciativa de dar a mão deverá partir da mulher. Por isso um cavalheiro não deverá estender sua mão a uma dama, se não tem plena certeza de ser correspondido.

*

CIGARROS "PONTIAC"

Por gentileza da Cia. Cigarros Castelões, recebeu esta revista uma remessa de 400 cigarros de sua nova marca "Pontiac", cuja apresentação e excelente qualidade estão sendo recebidas com geral agrado pelo público fumante da Capital.

O ESPIRITO DE OUTR'ORA

MOREAU, o cirurgião do Hospital de Paris, foi chamado um dia por causa de um ferimento que Luiz XV tinha no pé.

— Ah! disse-lhe o Rei. Espero que me trate de maneira diferente daquela por que trata os seus paisanos.

— Sire, lamento ter de dizer a Vossa Majestade que me é impossível tratá-lo de outra maneira.

— E por que?

— Porque trato os paisanos no hospital como verdadeiros reis...



CABOTINO

OUTRORA os comediantes de feira, que iam dar "tiros", nas províncias, tinham um patrão batizado, um tal Cabotin, célebre charlatão, que assim como todos os de sua profissão era também empresário, e tanto vendia drogas como representava.

Chamavam-se primeiramente Cabotinos a todos os que faziam parte da "troupe" de Cabotin; depois foi dado o nome a todos que representam farças em público, e que eram sem dúvida pessimos atores. Daí em diante foi empregado a todo aquele que se julga talento.



COMO SIMPLIFICAR UMA REFEIÇÃO

PREPARAR dois pratos fartos ao em vez de três.

Preparar sempre que possível verduras cruas e frutas nas saladas.

Servir frios com legumes crus.

Preparar refeições abundantes e guardá-las na geladeira para outra refeição.



CONSERVAÇÃO DOS TOMATES

TOMAR os tomates bem maduros e frescos, enxugá-los e po-los em um frasco de boca larga.

Derramar por cima uma salmoura composta de 8 partes de agua, 1 de sal e 1 de vinagre; cobrir com uma camada de azeite doce de cerca de 1 centimetro de espessura.

Fecha-se depois o frasco e coloca-se em lugar fresco.

Este processo conserva os tomates de um ano para outro.

ALTEROSA * JANEIRO DE 1945



Sedução...

...eis a mulher que se veste com a Lingerie Valisère. Feita de tecido sedoso, talhada anatomicamente, Valisère é a lingerie que envolve as formas femininas em suave contacto de carícia, acentuando-lhe o encanto do seu "it" adorável.



Lingerie Valisère,
tecido indesmaltável e
corte individual rigoroso.

LINGERIE
Valisère
contacto que é uma carícia



PANAM

Luciana, minha noiva

CONTO DE ALPHONSUS DE GUIMARÃENS FILHO

● DESENHOS DE RODOLFO ●

A NOITE era o que se poderia chamar uma noite delicada, na falta de um adjetivo que melhor definisse a sensação imprecisa que nascia do luar, afagando o mundo. Pelo menos o meu mundo. Eu contemplava meu companheiro, já agora interessado, insistindo numa análise tão meticulosa que a princípio me parecera ridícula. Mas nem sempre o ridículo está onde nós o vemos, como a felicidade do poeta. Graças a Deus este pensamento não me ocorreu naquele momento, porque fatalmente me conduziria a uma das minhas risadas impiedosas. Estávamos sós na rua deserta e até hoje o homem não descobriu nada que o aproxime tanto de si mesmo como o silêncio. Volta-me a convicção, nunca desmentida, de que nossa alma só se ouve no silêncio. Há sempre gritos em nossa tempestade, esperando o momento da revelação. Suplicando o silêncio.

Refreemos o lirismo. Meu companheiro era pálido, romanticamente pálido. Tinha até olheiras, a esta altura do mundo, e, sob o paletó escuro e mal talhado, mirrava-se, escondia-se, como se tivesse frio. Percebia-se sem dificuldade que eu e meu amigo nos mantínhamos dignamen-

te ausentes da realidade. Se é que havia outra realidade, ali, na cidade calada.

Mas era belo demais, meu Deus, contemplar a noite daquela rua abandonada! Na sua serenidade de face morta, a noite projetava sobre a nossa amargura, quase inconsciente, a certeza da grande presença. Nenhum mistério haveria mais daí a pouco — era o que parecia me dizer a noite — porque tudo se entregaria num milagre súbito.

Foi quando me surpreendi a indagar de mim mesmo o motivo do meu interesse por aquele rapazola anêmico ali ao lado, inapelavelmente silencioso. Quem vive na província, em lugares de vida invariável e entediada, bem conhece o prestígio de semelhantes descobertas. Até há pouco, aquele rapaz franzino, de olhos acovardados, fôra tão somente, para mim, o que se usa chamar de um conhecido. Logo êle, tão distante e inacessível, um conhecido! Seria insincero, porém, se não dissesse que aquele rapaz já de muito participava da minha vida. Interressei-me por êle desde que Luciana ficou noiva. Muito menina, ainda no grupo escolar, encontrei Luciana. Ela se conservava distante, fidalga, de atitudes

firμες. Bem me lembro do seu olhar fulminante de orgulho, lançado de uma distância que me humilhava. Tantas vezes sonhei com Luciana! E' gostoso repetir: tantas vezes sonhei com Luciana! Mas os anos insistem em passar e transformaram Luciana. Luciana, a pálida, todas, de acôrdo com o testemunho do poeta. Não transformaram o seu olhar, que permaneceu frio, implacável. Talvez atravessasse êsse período sombrio de luta com o mistério. Porque o mistério sempre viveu com a morena Luciana, nunca deixou o seu corpo frágil, corpo de ave... já que a imagem me acudiu, aí fique: corpo de ave. Luciana me trouxe a febre do amor e, noite alta, em frente ao casarão onde dormia o seu sono perturbado pelos demônios imperceptíveis, me vi sonhando, desesperadamente. Ah! Luciana era tão distante! Aquelas tranças não teriam nascido para eu acariciar. Aquela voz não diria nunca as palavras suspiradas. Perdoem-me a evasão lírica, até mesmo o romantismo livresco de que não me salvava.

Quanto a Luciana, permanecia num mundo inatingível, e eu me sentava, desolado, na escada do casarão batido de luar. Cães latiam ao longe e a noite me causava um arrepio de emoções remotas e perdidas. Adormecer a cabeça no colo de Luciana, sonhar... Cães latiam ao longe.

Quando saí para a Capital, a estudar direito, Luciana já era menina-e-moça, perturbadora menina-e-moça. Entreaberto botão, entrefechada rosa, diria o velho Machado. Eu digo apenas que seu olhar conservava o mesmo brilho polido e sêco, olhar sem doçura. Que encanto secreto encontrava

eu naqueles olhos ásperos? Que música me vinha daquelas tranças negras, daquele corpo indeciso, dos seus passos indolentes? Luciana me seguiu durante toda a viagem. Luciana era os caminhos, era a noite nos campos. Minha integração na noite se fazia por meio dela e as estrêlas pareciam sonhar, desvairadas. O trem fugia, as conversas se distanciavam, eu não me percebia. Luciana era a luz acesa na montanha distante.

Pois, meus amigos, ali estava eu, com um companheiro quase desconhecido. Porque Frederico — tal era o seu nome — se fazia ainda mais incompreensível e esquivo. Certo lhe ouvira as confidências, mas quem diria que Luciana não podia ser também minha noiva? Não poderiam ser minhas aquelas palavras? Jamais acreditara ouvi-las de um homem que arrogantemente se dizia um prático. Entretanto, a confissão descobrira um pouco, mas só um pouco, daquela escuridão espessa, daquela cidade sem caminhos, esquecida na névoa.

Frederico enfiava os pés na areia, com fôrça, enraivecido. Talvez a cólera do traido, do vencido... De um homem sem Deus na noite imemorialmente silenciosa.

E a história era simples. A notícia do noivado me chegou ainda na Capital. Parecia impossível, já que vinha de muito longe. Só pensar em Luciana noiva me fez devanear, açulado em meu romantismo, num bar suburbano, em companhia de um pobre bêbedo que jámais vi, que jamais verei, que sei eu! A bebida entrava como elemento propulsor de lirismos latentes. O bêbedo ria, eu ria, e a cidade era um incêndio de casas aflitas mergu-





NO sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS, premiando com a importância de Cr\$ 100,00 o melhor trabalho que recebe durante cada mês, nesse gênero, além de inseri-lo em suas páginas com ilustrações a cores.

Concorra também a esse interessante concurso que vem revelando ao público contistas de valor até então ignorados, obedecendo às seguintes bases:

- 1.º) O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 8 laudas em formato ofício e o mínimo de 3 laudas.
- 2.º) Motivo e ambiente nacionais.
- 3.º) Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.
- 4.º) Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e dos dramas de fundo moral sadio e honesto.

Além do prêmio ao melhor trabalho do mês, serão publicados os que forem julgados dignos de Menção Honrosa. Todos os contos aproveitados, premiados ou não, terão os respectivos direitos autorais reservados por ALTEROSA.

Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos com os autores.

*

lhadas na sombra. Eu mataria, incendiaria, fugiria. Luciana ria...

Outros sonhos me levaram, momentaneamente, esse sonho tão acalentado. Veio Matilde, de riso natural, de uma graça de animal saudável e sem pecado. Era diabólica e sabia ter um olhar de indecifráveis intuitos.

Com fúria me afeiçoei a seu riso e a seu corpo. Veiu depois Eloá, a de nome musical. Eloá vivia numa permanentemente descoberta, como se a cada momento o mundo fôsse outro. Foi para ela que escrevi — passageiro, efêmero pecado — alguns versos capengas, odiosamente capengas. Li-os bem junto dela, fixando-lhe os olhos mansos e ondulantes. Não tardei a ficar enfasiado. Luciana repousava no fundo da lembrança, perturbadora menina-e-moça...

Quando Luciana foi enterada, não sei se fiquei perplexo. Porque tentar definir a minha emoção? Era uma tarde fria e o caixão ia levado pelas moças, ladeira acima. Caixão branco, virgens de branco... Como tudo me deu uma sensação física de pureza! A encomendação foi na capelinha do morro e lá estava o velho padre Orlando, com seu jeito canhestro, seus óculos, seu andar de artrítico. O bom do homem olhou para o cadáver como se fixasse a própria morte. Ficou pálido e a mão lhe tremeu ao esparzir a água-benta sobre o corpo adormecido. Talvez pensasse em lágrimas, porque levou a mão, instintivamente, aos olhos vermelhos. O cemitério ficava pouco acima e as catacumbas lá se viam, mudas e crueis. Lá deixaram Luciana, enquanto os sinos diziam qualquer coisa distan-

te. A estrela da tarde já surgia sobre o espanto dos homens.

E só naquela noite Frederico se confessara... O encontro fôra casual, na porta do bar de "seu" Diogo. Pegou-me do braço com intimidade e exigiu de mim:

— Vamos conversar.

A voz era imperativa e eu estranhei. Mas não reagí. Fomos andando lentamente. As luzes mortíferas e apáticas tinham convites.

— Vamos conversar, repetiu, talvez, para se convencer da necessidade, que tinha, de conversar.

E de repente, como quem resolve formidável dúvida:

— Como é que eu posso esquecer? Sávio, me diga: como posso esquecer? Já viajei, corri mundo. Corri mundo, ouviu? Você bem sabe. Mas ela não desapareceu. (Evidentemente, tinha medo de dizer o nome de Luciana). Ela está sempre comigo. Não esqueço o seu riso.

Iamos seguindo devagar e já ouviamos o batido surdo da música vinda do alto, do Clube dos Crisântemos. E' verdade: era sábado e dançavam no Clube dos Crisântemos. Tive vontade de dizer, num impulso quase incontroleável: Frederico, danse! Danse, Frederico!! E' a única solução... Como diz o poeta: "Entre o bonde e a árvore, dansai, meus irmãos!" Mas não havia bonde nem árvore, e apenas sua mão quente me comprimia o braço:

— Como é que eu posso esquecer?

Passavam pela minha cabeça, atizada pelos diabinhos que trazemos em nós, várias receitas para o esquecimento. Tal como nos anúncios: "Esqueça fazendo isso as-

EMULSÃO DE SCOTT

Fortifica, nutre e revigora. A maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau

sim-assim". Ou assim- asado. Mas no fundo me comovia com Frederico, tão diferente, tão outro, na noite sossegada... Iamos subindo com lentidão, a medo, como se uma terrível certeza nos esperasse no alto da rua. E se Frederico me levasse ao cemitério? Quis desviar a idéia, pensando nos estudantes de antigamente, que faziam passeatas brincalhonas até às sepulturas. Mas, ao mesmo tempo que me veio um calafrio, sentí o hálito ardente de Frederico me roçando a orelha, cheirando a álcool.

— Como é que eu posso esquecer? Já viajei muito, sabe? Corrí mundo. (Repetia os pensamentos, enervantemente). Viajei muito. E nunca pude esquecer. Ela esteve sempre comigo. Se eu via um cabelo, era o cabelo dela. Se eu via uns olhos, eram os olhos dela. Cada mulher tinha uma parte dela. Você compreende o meu tormento, compreende?

Apertou meu braço com mais força, num gesto de estrangulamento. Eu poderia dizer-lhe, por exemplo, que também aquela tinha sido a angústia de Don João... Apesar da dor aguda, permaneci sem reação. A pressão cedeu e os olhos injetados brilharam na semi-escuridão. A voz era sufocada:

— Você compreende?

Percebi que êle ia chorar e não tive mais jeito: me comovi. Tudo estava a exigir uma resposta, mas talvez a certeza da sua inutilidade fez com que ficássemos parados um perto do outro, calados. E se eu lhe dissesse que Luciana também era minha noiva? Em mim, porém, que mundo de pensamentos descontrolados! Luciana se perdera na tempestade e gritava. A música era agora mais forte, vinha de pouca distância, de um quarteirão apenas, lá no alto, entre as luzes mortíferas. Luciana gritava na tempestade. Para acabar o conto e liquidar minha angústia, apertei-lhe o braço, num desabafo repentino, olhando as estrelas muito acesas, vivendo Deus:

— O consolo vem lá de cima, sabe?

Sua cabeça voltou-se lentamente. Vi-lhe a face cheia de angulos, marcada de rugas, fundos sulcos. Vi-lhe a barba negra e negligente.

Os olhos custaram a aparecer. Surgiram mais injetados e me pareceram molhados. A voz chegou arrastada como se vencesse poderosas resistências subterrâneas:

— Sim, vem lá de cima. Estão dansando no Clube dos Crisântemos.

VOCÊ SABIA?

Presentear as crianças com livros afim de ir enriquecendo a sua biblioteca, é prova de carinho e interesse pelo seu futuro.

*

O vinagre adulterado pelo ácido sulfúrico se conhece com o auxílio de um papel turnesol, porque este muda de cor.

*

A polca, dança que fez furor no tempo de nossos avós, é de origem Boêmia.

*

Os vestidos com cintura muito baixa não convêm às pessoas de pouca estatura, principalmente se levam franjas sobre as cadeiras.

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

DEPOIS de ler com a máxima atenção e guardar com todo o zelo a carta de Perdigão Moreira, Eulálio Potyguar tomou do embrulho e o abriu. Que surpresa! Dentro, não um "livresco", como modestamente afirmara o colega e amigo escritor, mas um volumoso e rico exemplar, capa com desenhos dourados e ilustrações coloridas. Em seguida, sem ler uma única palavra, correu os dedos nas páginas do começo ao fim... Que beleza! Sim, se se encantara com a capa, maior ainda foi a sua admiração ao ver o papel da impressão. E não foi sem motivo que lhe ocorreu este pensamento: "Com esse papel!... parece até obra de prêmio Nobel...". Depois, pondo o "Sonhos Desfeitos" num compartimento da escrivaninha tomou do lápis e escreveu as seguintes linhas:

"Meu Perdigão Moreira. — Recebi tua carta datada de 25 bem como o nosso "Sonhos Desfeitos"; e aqui algumas impressões. Para ser franco, ainda não li uma só palavra dê-lo. O luxo do volume, porém, as decorações, o papel da impressão, o tipo e a disposição das letras, — graúdo, espaçada, — tudo isso dá idéia da obra de arte que é o teu livro. Outra cousa que não me faz descer dêste conceito é a editora em que o fizeste publicar, pois como sabes a "Z" é uma das maiores da América... Basta o livro trazer a sua etiqueta para que eu assine de olhos fechados a superioridade dê-lo — Só poderei lê-lo na próxima semana; tenho outros na frente. — Teu Eulálio Potyguar."

Depois de reler essa carta duas ou três vezes, o conhecido crítico literário dobrou-a com carinho, meteu-a num rico envelope e a mandou depositar no correio. E como já fôsse noite alta e não se sentisse bem, deixou o gabinete de trabalho e foi se deitar.

*

Embora houvesse dito na carta a Perdigão

Moreira que só leria o livro na outra semana, ao levantar-se na manhã seguinte Eulálio Potyguar não resistiu à curiosidade e desejo de o fazer. E, encaminhando-se para a sala de leitura antes mesmo de haver tomado café, tomou de "Sonhos Desfeitos e começou a examiná-lo.

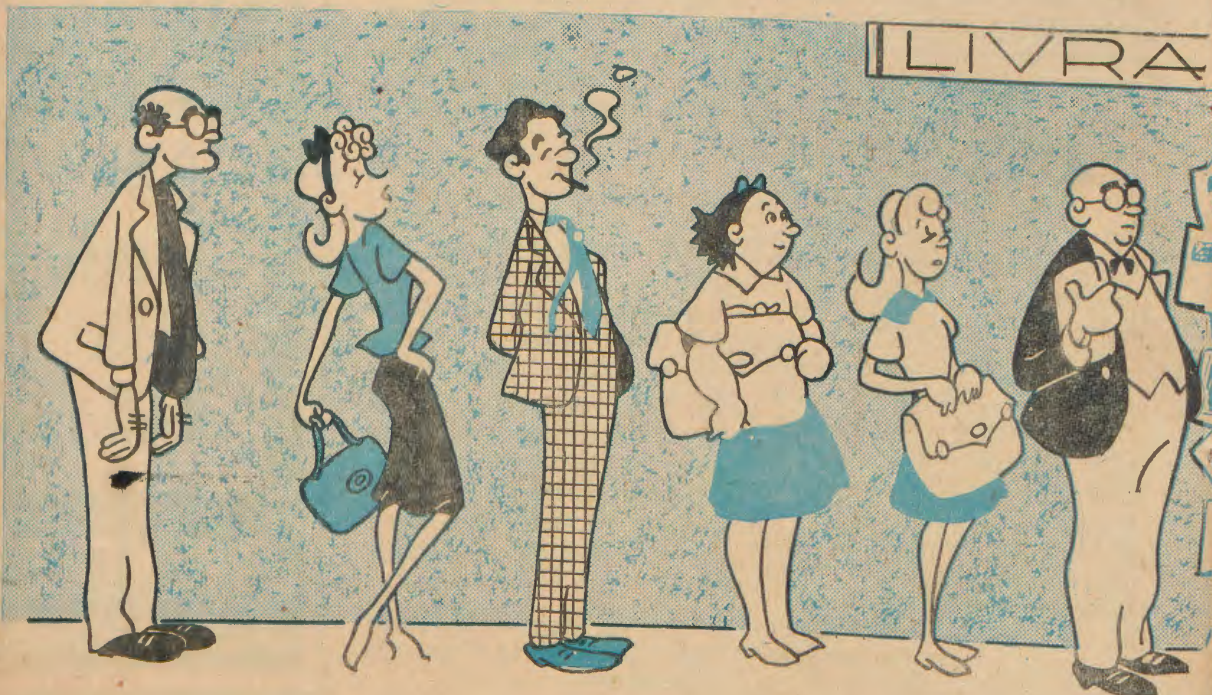
Céus! Ainda não havia chegado à página cinco e uma onda de enfado sobreveu-lhe, não lhe permitindo continuar. Magiu de verdade contra essa "esquesitice", empregando toda a atenção possível. Debalde, porém. Contra a vontade depositou o livro sobre a escrivaninha, ficando a matutar por alguns instantes. Em seguida levantou-se, foi até à janela, acendeu um cigarro, começou a chupá-lo, esquecendo-se completamente da obra do amigo. Alguns minutos, porém, e voltou a lembrar-se dela. E, de súbito, teve estas reflexões: Por quê não podera prosseguir? Fraqueza do livro? Não. O Perdigão era um escritor conhecido, um grande escritor, jamais faria uma cousa daquela. Era sua cabeça... Ontem lera o dia todo e ainda trabalhara até tarde da noite...

Procurando escapar á êsses pensamentos encaminhou-se para a sala de jantar e falou em voz alta, porém amável:

— Julinha, o café está pronto?

*

Findo o café entrou no firme propósito de continuar a leitura. Como não se lembrasse mais do que lera nas três ou quatro páginas, pegou novamente da primeira. Mas, que diabo! Agora não conseguiu atingir nem a metade do lugar a que chegara há pouco: o mesmo enfado, a mesma indisposição fazia-lhe parar a todo instante, e as palavras e orações chegavam-lhe aos pedaços, confusas, tal qual naquela noite em que chegara bêbedo em casa e se metera a ler o ZARATUSTRA. Mas ainda aqui não quis crimi- nar a obra do amigo, preferindo justificar tudo novamente com o excesso de trabalho do dia an-



terior. E assim pensando resolveu descansar até o almoço.

E o fez.

*

Ao iniciár a leitura depois do meio-dia já não se lembrava de novo do que lera. Não voltou atrás, entretanto, como pela manhã. Ao contrário: saltou dez páginas, partindo da quinze.

*

Quando chegou à fôlha trinta não duvidava mais da imperfeição e nenhum valor de "Sonhos Desfeitos". Nada mesmo que se aproveitasse: técnica, estilo, fundo. E isto com especialidade. Períodos enchendo tôda uma página, cheios de adjetivos, sem encerrarem nada dêste mundo. E o verbalismo? Ah, êste era de todo intolerável. Não podia acreditar como "uma cultura" chegasse a escrever tais ingenuidades. Mas, deixar de ler o livro do seu melhor amigo? Nunca. Têria que o fazer, desse não que desse.

E cochilando aqui, dormindo acolá, ora retrocedendo, ora saltando capítulos inteiros, Eulálio Potyguar prosseguiu na leitura.

*

Terminou, afinal.

Em todo o romance — era um romance — encontrara apenas oito ou dez frases dignas de relêvo, que sublinhou à tinta encarnada. O mais era um amontoado de "palavras sem ambiente", para transcrever o seu próprio julgamento. E, por isto, ficou horas e horas, caneta em punho, sem saber como "fazer alguma cousa" pelo amigo. Dizer que se tratava de uma grande obra, seria não ser sincero e, principalmente, arriscar o seu nome, a sua posição de crítico lido e respeitado. Afirmar também que o livro era "frágil", nunca. Preferia deixar de escrever a "tingir" a vida literária do Perdigão. Que faria então? Ah, — pensou, — não diria nada, Mas logo isto, também, pareceu-lhe inconveniente.

"Pois calar não era o mesmo que não apreciar?"

Com essas e outras divagações levou até a espôsa vir adverti-lo de que eram horas de recolher-se.

*

No outro dia acordou mais tarde, e por isso apressou-se a ir o quanto antes para o gabinete de leitura e trabalho. Ao chegar ali pensou em dar começo logo ao artigo de interpretação e análise da obra de Perdigão Moreira. Mas na verdade não sabia como iniciá-lo. Em meio a essa indecisão deu, num dado momento, com a mão no exemplar de "Sonhos Desfeitos" e, sem juízo formado, começou a passar a vista pelas partes sublinhadas, ao todo, como já dissemos, oito ou dez. Ao findar êsse trabalho teve um suspiro de alívio e, ao mesmo tempo, de satisfação. Achara, finalmente, matéria para o quanto desejasse escrever: uma das partes marcadas, embora inadequáveis ao livro e ao momento, continha fundo social. Tomando, pois, da pena — uma pena banhada em ouro e presente dos colegas "pelos grandes serviços prestados ao nosso patrimônio literário" — Eulálio Potyguar escreveu um dos maiores trabalhos de sua vida, trabalho em que provava, com idéias mais do que claras e lógicas interpretações, ser "Sonhos Desfeitos" o mais bem pensado e escrito livro de fundo social jamais concebido por outro brasileiro. E concluía: "E não quero terminar estas minhas afirmativas, sem fazer uma documentação, transcrevendo, às cegas, um trecho do "Quincas Borba" do ano..."

E Eulálio Potyguar trasladou para o seu artigo a única frase de caráter humano que, incabivelmente, o livro trazia, desculpando-se por não fazer mais citações por falta de espaço (principalmente de espaço) e de tempo.

*

Escreito e dactilografado o artigo, Eulálio Potyguar teve graves pressentimentos. E se descobrissem tudo? Por quê escrever cousas que não fôsssem verdade nua e crua? Pois não via ele que o livro era péssimo, inqualificável. Mas não. Não haveria de acontecer nada. Já uma vez fizera o mesmo com o "Amor, doce amor", do primo Berilo, e não houvera a menor cousa dêste mundo. E comparava: "O cão, pelo seu dono, atira-se ao fogo, à água... morre! Assim também é o público em relação ao crítico literário: faz tudo que êste manda." Mas a corrente inte-



O CRÍTICO EULÁLIO POTYGUAR

★

Conto de Silva Junior
Desenho de Fábio

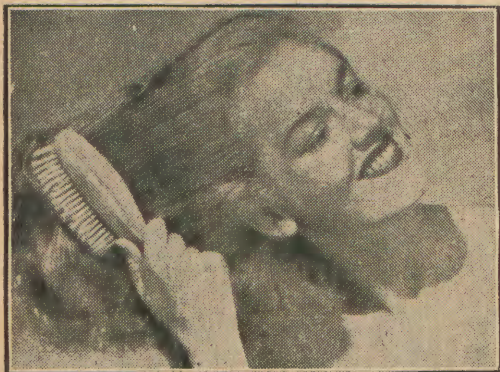


AGUA DARJAN, aplicada
após a barba, evita **IRRITAÇÕES E INFECÇÕES**.
Simples ou Mentolada
RUA CACHOEIRA, 1793 - SÃO PAULO

A VENDA AVULSA DE "ALTEROSA" NO RIO E SÃO PAULO

Esta revista é encontrada à venda no Rio de Janeiro, a partir do dia 1.º de cada mês, nos seguintes pontos: Galeria Cruzeiro (em ambas as bancas), Loja 13 da Estação D. Pedro II, Livraria Freitas Bastos e bancas adjacentes.

Em São Paulo, na Agência Siciliano.



Maria com que desvelos
Consegua dar aos cabelos
O brilho que ao sol se irmana ?
— É bem simples o sigilo,
Podev também consegui-lo
Usando a "LOÇÃO CUBANA"

CABELLOS BRANCOS? CASPA? CALVICIE?
LOÇÃO CUBANA
É INFALÍVEL!

LABORATORIO: Praça Sta. Teresa — Belo Horizonte

lectual? — pensava. Sim, isto era grave. Porque, afinal de contas, um jornalista é um jornalista. Mas, — criava ânimo, — geralmente é um povo que não tem tempo para nada, nem para ler, girando o seu comentário em torno do primeiro artigo de fundo.

Foi ao sabor e calor dêsses engenhos que Eulálio Potyguar telefonou para a "Folha dos Imortais", dizendo "podiam mandar buscar".

*

Santo Deus! No outro dia Eulálio Potyguar quase não teve tempo para atender aos telefonemas de congratulações dos colegas. E à tarde, exatamente como assegurara, não houve um só jornal que não trouxesse uma página de fundo sobre "o imortal", "o incomparável" livro de Perdigão Moreira, do qual o conciso Eulálio Potyguar dissera... (e faziam citações).

FORA DE FORMA

Três dias depois da publicação do artigo de Eulálio Potyguar sobre o livro de Perdigão Moreira. — Um criado entra no gabinete dêste e informa que alguém deseja falar-lhe... E' o gerente da editora "q" que vem avisar achar-se completamente esgotado "Sonhos Desfeitos" e contratar nova edição.

*

VOCÊ SABE COMPRAR?

É de grande utilidade conhecer as fazendas afim de adquiri-las sempre da melhor qualidade.

Apesar da variedade de tecidos, pode-se, com certa facilidade, conhecer o artigo, por meio do tato e outros métodos simples. Alguns meios de se conhecer um tecido podem ser postos em prática, no próprio estabelecimento, e outros somente em casa. É importante e essencial não se confiar somente na aparência da fazenda.

As regras gerais para se conhecer a qualidade de um tecido são as seguintes: se necessita de uma fazenda encorpada deverá olhá-la contra a luz; se nota alguma claridade é porque não o é; se conseguir abrir o tecido raspando-o com a unha, é porque a fazenda é fraca e se abrirá com facilidade nas costuras, depois de feito o vestido.

As lãs e as flanelas podem ser conhecidas pelo seu tecido fino e pela suavidade de seu contacto. As casemiras são suave e as angorás sedosas. O linho se encolhe ao lavar, e é preciso ter certeza que as côres são firmes e laváveis. O algodão tem duas classificações: os mercerizados e os naturais. O mercerizado é brilhante, e ao adquiri-lo, é preciso saber se é lavavel e não descora. As sedas são numerosas para serem detalhadas. Há duas classes: a natural e a raion. O cetim é uma mescla de seda e algodão. A seda natural branca fica amarela com o tempo. O raion é a fazenda de mais duração e resistencia.

Em casa pode-se usar ainda de outros processos para reconhecer a qualidade dos tecidos, empregando-se os seguintes conhecimentos:

A seda se queima lentamente e o raion (viscoso) rapidamente sem deixar vestígios. O algodão quasi não deixa cinza ao se queimar. A lã se consome exalando o odor característico do pelo de animal.

Um meio rápido de se distinguir o linho do algodão é colocá-los bruscamente dentro d'água. O linho absorve com avidez a água, ao passo que o algodão leva grande tempo para absorvê-la.

PAGAR



com Cheque

- E' MAIS PRÁTICO
- E' MAIS SEGURO
- E' MAIS HIGIENICO

PAGUE SEMPRE COM CHEQUE

QUANDO Janjão completou quatorze anos, manifestou a sua mãe — viúva que vivia de costuras e de espumar tachos — o desejo de ser padre. A viúva, depois de muita luta, de rogos e súplicas, conseguiu arranjar um lugar gratuito no seminário, para o filho. Antes de Janjão partir, sua mãe lhe dera muitos conselhos: não fumar, obedecer aos mestres e rezar muito. Chegou afinal o dia da partida. Sá Emêrênciana estava triste e, com lágrimas nos olhos, disse: — “Vai, meu filho, com Deus, não te esqueças de meus conselhos”. Mas, Janjão não revelava grandes emoções. No seminário progrediu nos estudos, apesar de seu péssimo procedimento. E o diretor do estabelecimento escreveu à mãe dele, queixando-se da rebeldia do aluno. Janjão não se corrigia dos hábitos que trouxera de casa: cortar a conversa dos maiores, cuspir no chão e molhar a cabeça depois das refeições. Além disso, usava sabão e ceroulas dos colegas, roubava quitanda dos baús de doce. À noite, no dormitório, ele punha “mutuca” nos menores e costumava também burlar a vigilância do regente para fazer assombrações, envolvendo-se no lençol de sua cama. Janjão não era mau, embora franzisse as sobrancelhas por dá cá aquela palha. Se se recusasse ao tempo, encontrar-se-ia êsse mesmo sestro em um de seus avós. Era caôlho, mas se os colegas o chamassem assim, enfurecia, agredindo os companheiros a canivete. Por diversas vezes recebeu castigos de ficar ajoelhado sobre bagos de milho. Não tinha legítima vocação sacerdotal. Não possuía paciência nem tolerância, virtudes indispensáveis àqueles que se entregam à vida religiosa. Ele via em outros demasiados defeitos e ocultava os seus. Aferrava-se porfiadamente aos hábitos pouco recomendáveis que trouxera de casa, apesar de ser por isso frequentemente repreendido. Já no terceiro ano de seminário, Janjão arranhou um canudo de bambú e no recreio soprava furiosamente aos ouvidos dos colegas desprevidos.

Um dia na aula de português, Janjão levou um canudo de bambú e escondeu-o na carteira. Em dado momento, quando os alunos ouviam atentos a preleção do

mestre, ele tomou o terrível berante e assoprou violentamente ao ouvido do Zezinho. Apanhado de surpresa, Zezinho deu um grito de susto e toda aula se transformou em louca desordem. O mestre, já com o paletó manchado de giz, perdeu a paciência e deu alguns pescocões ao Janjão, que esboçou um gesto de resistência. Isso ainda mais aumentou a confusão. O mestre agarrou Janjão pelas orelhas e atirou-o fóra da aula em espetacular exibição de músculos. Foi um tempo quente no seminário. Janjão correu para o recreio de canivete aberto, dizendo alto que ia suicidar-se. Subiu depois ao muro do colégio e soltou para a

horta do visinho. Um cachorro, que estava de vigilância, não gostou da história do pulo em seus domínios, e pôs-se a latir e a perseguir o estudante, que se esqueceu do suicídio e abriu a boca no mundo. Uma jaboticabeira foi a sua salvação. Mas, na fuga precipitada à procura da árvore, Janjão perdera seu velho canivete de sacarrôlha. E o canivete era o seu melhor defensor, quando o chamavam de caôlho. Estava agora desarmado por causa daquele maldito cachorro. Deu-se o grave incidente da aula de português em princípios de novembro, e, após as férias, Janjão não voltou mais ao seminário. Pôs fim



DE JANJÃO

★ Desenho de Rodolfo

à sua vocação de sacerdote. Dois anos em completa indolência esteve Janjão em sua pequena cidade.

Nas vésperas de completar dezenove anos, fôra para Belo Horizonte. Arranjou-se, para o antigo estudante de teologia, um lugar na Secretaria por intermédio de parentes prestígio. Mais uma vez Sá Emerenciana tinha dado prudentes conselhos a Janjão, que continuava a cuspir no assoalho e a moiar a cabeça depois das refeições...

*

Em Belo Horizonte, a vida de

Janjão corria normal: Assinava o ponto e ia de vez em quando ao cinema. Seu ideal não ultrapassava a esse pequeno horizonte cotidiano. Uma cousa, porém, começou a perturbar a paz de Janjão. Toda vez que ele passava pela vitrine de uma loja, parava fixando os olhos demoradamente em alguma cousa que o inquietava. E' que Janjão lentamente se apaixonava por um figurino loiro da vitrina. E foi crescendo a sua paixão exacerbada ainda mais por constantes recalques sexuais. A imagem de celuloide perseguia cruelmente o espírito de Janjão. E, no seu corpo de vinte anos, escrevia dolorosa ta-

tuagem de amor impossível. Porque não está na lógica da natureza um ser vivo amar na realidade um figurino de vitrina. A' noite, em seu leito, Janjão sonhava com a silenciosa personagem de celuloide. Em sonho, ele passeava com o querido figurino pelos parques e ruas de desconhecida cidade. Depois acordava banhado em suor, e a esperança daquele amor impossível apagava-se-lhe rapidamente do espírito. E assim o figurino e a solidão acumulavam uma porção de pedras de faces agudas na alma de Janjão. Tinha-se criado para a sua vida, dantes sem inquietação, verdadeira caixa de maribondos.

O apaixonado rapaz suspirava frequentemente. Alguma cousa séria havia entrado no cotidiano do taciturno amanuense. Quem seria a dona de seu coração? — indagava a si mesma a esperta e viva Ivete, filha da proprietária da pensão. Ivete tentou inutilmente laçar o coração do triste amanuense. Incrível, a eleita de Janjão era um figurino de vitrina. Quando, às cinco horas, terminado o expediente da Secretaria, ele descia do bonde, dirigia-se sempre para a cobigada vitrina. Tão violenta era a paixão, que o antigo estudante de teologia pensara mesmo em entrar para o serviço da loja, para estar mais perto do objeto amado.

Deante da vitrina, mirando avidamente para dentro, dizia consigo mesmo: "Este figurino de mulher ainda me põe louco, ainda pratico uma violência". E Janjão emagrecia a olhos vistos. Andava triste, pensativo, e, a miúdo, falava sozinho, fazendo gestos com os braços. E repetia o estribilho: "Eta vida danada, ainda faço uma violência". Uma tarde, tarde festiva de sol quente, Janjão penetrou na loja, onde vivia sem angustias seu amor imóvel, e, sem mais nem menos, avançou resolute para o figurino; cobriu-lhe as faces rosadas e os seios de beljos furiosos, a gemer de olhos revirados nas orbitas. As moças que trabalhavam na loja correram assustadas e foram dizer ao proprietário que um homem louco estava abraçado ao figurino loiro. Instantes depois, o guardacivil levava o alucinado Janjão, que se debatia ainda ao choque das ondas calcinantes de volúpia...



possível mal-entendido, o telegrama continha sempre uma palavra ou frase absurda entremeadas no texto. Mais ou menos isto:

“Banco nega crédito. Necessária sua presença para resolver. Periquito perdeu a fala. Venha urgente.”

E dona Adelaide, sempre de boa-fé, nunca percebera a malícia daquelas estranhas mensagens. Só tomara conhecimento da trama vinte anos mais tarde, quando seu Bicudo, já cidadão respeitável, resolvera aliviar a consciência de todos os deslizes da mocidade, e lhe revelara o significado dos telegramas.

Era tarde demais para uma cena. D. Adelaide limitou-se a perguntar se a tal Chininha era bonita, e se tudo estava acabado mesmo...

— Essa história de mulher fazendo a barba e de morte de amigo só podia ter saído da cabeça daquele velho gaitreiro! — continuou Consuelo, com voz aguda. Mas fique sabendo que, se você sair daqui, eu faço um escândalo na estação!

— Mas, querida, isso que você está insinuando é absurdo... — insistiu Ermelindo, desorientado. Papai é um homem direito...

— Pois então, se ele é direito — rematou Consuelo — que faça as farras sozinho e não convide o filho!

Deixou o quarto, batendo a porta com força.

Ermelindo ficou embatucado. Seu pai, certamente, não estava gracejando. A cousa era muito séria. Ou quem sabe se ele quizeria dizer que Sizenando tinha morrido quando fazia a barba, e, com a pressa trocára as bolas?

De qualquer maneira, seria agora inútil tentar convencer a esposa. O ultimo trem de Carapicó partiria dentro de dez minutos. A unica cousa que podia fazer era telegrafar à viúva.

Enfiou o telegrama no bolso do avental, e foi para a cozinha. Estava tão atarantado que não se lembrava se havia ou não temperado o arrôz antes de ir levar a notícia à esposa.

Porque desde que a empregada se despedira, Ermelindo era cozinheiro. Em Carapicó, achar uma cozinheira era cousa mais difícil do que comprar meio quilo de açúcar sem licença do prefeito. E Consuelo não tinha estudado tanto para isso. Vê lá!

— Você pensa que papai gastou dinheiro comigo na escola pra mim ser cozinheira?...

Ermelindo, naquele dia, achára graça.

— Mas, querida, isso há de ser só por pouco tempo... até a gente arranjar outra empregada.

— Nem por pouco nem por muito! — disséra Consuelo, ficando nervosinha. Eu não vou estragar as minhas mãos no fogão. Depois, eu não aprendi isso na Escola Normal...

— Eu sei. Você aprendeu francês, metodologia, psicologia... Mas ao menos um arrôz, queridinha, isso você deve saber fazer...

Consuelo, já agora impaciente, replicára:

— Não sei. Nem que soubesse, pronto!

Felizmente, um arrôz ele sabia fazer. E com dois ovos estrelados para iludir o estômago, foi resolvido o problema da alimentação durante a primeira semana.

O movimento da farmácia, como era de esperar, baixára um pouco. Ermelindo não tinha o dom da ubiquidade: não podia ao mesmo tempo cozinhar e trabalhar no laboratório. Tivera que admitir um auxiliar, que o furtava descaradamente.

Na segunda semana Consuelo estranhára o menu. Além de arrôz e ovos estrelados, Ermelindo trouxéra para a mesa um purê de ervilhas com costeletas de porco.

*

CURSO DE CORTE E CONFEÇÕES
POR
Correspondencia



Mande seu
NOME e ENDEREÇO
para que lhe seja
enviado um
FOLHETO
EXPLICATIVO

INSTITUTO DE CIENCIAS E LETRAS
AV. RIO BRANCO, 120 10º AND
CAIXA POSTAL 3364

RIO DE JANEIRO

— Como é que você aprendeu a fazer isso? — quiz saber Consuelo, que nesse dia estava de boa paz.

— E' segredo — disse Ermelindo, enchendo o prato.

Mas o segredo durára pouco. Durante o dia, depois de polir as unhas — trabalho que lhe tomava algumas horas — Consuelo fôra até a farmácia.

Ermelindo estava debruçado no balcão, lendo atentamente um grosso volume.

— Que romance é esse? — perguntou Consuelo, que era louca por novelas sentimentais.

Surpreendido em flagrante, Ermelindo fechára o livro vivamente. Mas Consuelo tivera tempo de ler o nome impresso na capa cartonada — sem dúvida o título da obra — :DONA BENTA.

Ermelindo tirou do fogão a panela de arrôz e deixou-a sobre a chapa. Dirigiu-se para a sala de jantar.

Consuelo estava enrodilhada na cadeira de balanço, como uma gata de luxo. Fingia dormir.

— Vou sair um pouco — disse Ermelindo, constrangido. Preciso passar um telegrama de pêsames a dona Eulália...

Consuelo não se moveu. Então Ermelindo, pé-ante-pé, aproximou-se dela, e beijou-a de leve nos olhos e no queixo.

— Quem era aquela serigaita que estava com você no laboratório?

Ermelindo avermelhou, e enguliu precipitadamente o bocado que começara a mastigar.

— Que pergunta! — exclamou, um tanto desconcertado. Era uma senhora que veio fazer injeção.

Consuelo estivera a espiar pelo buraco da fechadura. A porta do laboratório comunicava com a sala de jantar.

— E para dar injeção precisa ficar segurando no braço? — insistiu.

— E' perigoso espetar a agulha sem segurar no braço. Póde quebrar... — gaguejou Ermelindo, como se fôsse realmente culpado de algum delito.

— Nunca ouvi dizer isso... — fez Consuelo, duvidosa e cruzando os talheres. De qualquer maneira, eu acho bom você não andar fuchicando o braço das meças!

Levantou-se, e foi para o quarto. Ermelindo, embasbacado, ficou olhando estupidamente o pedaço de pastel de galinha espetado no garfo suspenso.

No dia seguinte a filial do estabelecimento de Bicudo e Filho perdeu de uma vez para sempre o conceito que desfrutava em Carapicó.

Lembrando-se das palavras ameaçadoras de Consuelo, Ermelindo tentou aplicar a injeção sem segurar o braço da cliente, e quebrou a agulha. Foi um escândalo. A mulher berrava como se a estivessem esfaqueando. Em meio minuto a metade da população de Carapicó tomou conhecimento do ocorrido. Cinco minutos depois as comadres já comentavam, horrorizadas, que seria preciso amputar o braço à altura do ombro. E, embora Ermelindo houvesse retirado, no mesmo instante, com uma pinça, a ponta da agulha, o estabelecimento e ele ficaram rigorosamente desmoralizados.

✱

As cousas iam de mal a pior. Mas Ermelindo, nas suas cartas ao pai, continuava a dizer que os negócios corriam à maravilha.

Enquanto pôde, ocultou à esposa a situação difícil em que se encontrava. Embora os lucros da filial lhe pertencessem integralmente, as suas retiradas mal estavam dando para manter a casa. Se o movimento da farmácia continuasse a decrescer, ver-se-ia forçado a fechar as portas. Mas que diria seu pai? Este simples pensamento causava-lhe arrepios.

Naquela manhã, porém, um acontecimento inesperado precipitou a solução do problema.

Consuelo, estendida na cadeira de balanço, estava mais emburrada que nos outros dias.

— Que cara é essa, queridinha? Você está doente?...

Consuelo, encorujada na cadeira de balanço, não respondeu. Ermelindo aproximou-se, e insistiu, com carinho:

— Você quer que eu vá preparar um remédio para a sua cabeceira?

— Não quero remédio nenhum! — gritou Consuelo, endireitando-se na cadeira. O que eu quero é sair desta roça!

Ermelindo, a princípio, não compreendeu.

— Sair desta roça?...

— Sim, sair desta roça! — repetiu Consuelo, elevando mais a

voz. Ou você pensa que eu vou ficar a vida inteira enterrada em Carapicó, como uma múmia?

Cruzou os braços sobre o peito, e acrescentou, como se Ermelindo tivesse culpa disso:

— As granfinas das suas irmãs bem que se divertem na Capital! Pois eu também quero ir a bailes e frequentar teatros!

Ermelindo não teve outro jeito senão contar. Os negócios corriam pessimamente. Depois do caso da agulha quebrada, a farmácia perdêra noventa por cento dos freguezes. Se quizesse vendê-la agora, não acharia quem lhe oferecesse ao menos o que ele havia pago pelas prateleiras.

— E papai ficaria tão decepcionado — concluiu Ermelindo, amargamente — que seria capaz até de retirar o meu nome da firma...

Consuelo olhou-o com os olhos esbugalhados. Depois, de repente, desatou num pranto convulso.

— E' mentira! — exclamou, entre soluços. Você está dizendo isso porque quer que eu fique aqui a vida toda! Pois vai ser bem feito se o meu filhinho morrer nas mãos de uma dessas parteiras daqui!...

O rosto de Ermelindo iluminou-se. Emocionado, foi ajoelhar-se diante da cadeira de balanço, aos pés da esposa.

— Mas por que você não me disse logo, queridinha?

Consuelo aninhou a cabeça no peito diante do marido, e continuou a soluçar, baixinho.

— Você não me perguntou...

Ermelindo acariciou-lhe os cabelos, e disse, em tom resolutivo:

— Amanhã mesmo eu vou tratar da venda da farmácia!

V

No trem, Ermelindo ia pensando na sua luta da última quinzena. Primeiro, procurar um comprador para a farmácia; depois, elaborar aquela comprida carta, em que explicara ao pai, com superabundância de adjetivos em "ível", a tragédia da agulha quebrada — incrível descuido do praticante —, os consequentes

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00.

✱

comentários na cidade — indescritível escândalo, que desmoralizara o estabelecimento — e, afinal, o estado de Consuelo, que exigia a sua remoção impreterível para a Capital.

A farmácia tinha sido vendida na bacia das almas. Seu Bieudo respondera com uma simples frase, ameaçadora no seu lachismo, rabisçada à pressa no verso do cartão do estabelecimento: "Você devia saber o que está fazendo". No anverso do cartão, onde estava impresso o nome da firma, a palavra Filho havia sido riscada a lapis vermelho.

Mas, enfim, bem ou mal, tudo fôra resolvido. A mobília devia estar à sua espera no armazém da estação, e Desdêmona já lhe havia comunicado, por telefone, que o apartamento estava garantido.

Consuelo não quisera acompanhá-lo. Só a idéia daquela confusão de mudança e arrumação de casa punha-lhe os nervos em pé.

— Eu fico na casa de mamãe, e vou amanhã no trem das oito.

— Mas você não pode viajar sozinha... — objetára Ermelindo, preocupado.

Consuelo se abespinhára.

— Por que é que não posso, cra essa? Será que tem algum bicho no trem?...

(Continua na página 32)

A PIRATININGA

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS
GERAIS E ACIDENTES DO TRABALHO

SÉDE EM SÃO PAULO — CAPITAL INTEIRAMENTE REALIZADO: Cr\$ 3.000.000,00

ACIDENTES DO TRABALHO — FOGO
ACIDENTES PESSOAIS — TRANSPORTES
MARITIMOS E TERRESTRES

Sucursal de Minas Gerais: Rua da Bahia, 887 — 3.º andar — Fones: 2 - 5755 e 2 - 5805

Belo Horizonte



ADIVINHA que surpresa eu te reservo para quando tiveres sete anos, Jaime.

Jaime fixou em sua mãe os belos olhos límpidos e irrequietos, esses olhos de conquistador que têm todos os meninos sadios e cheios da ansia de viver.

Hesitou ligeiramente e exclamou, vivamente entusiasmado:

— Um cavalo igual ao de papai!

— Não; não é um cavalo igual ao de papai... É uma coisa ainda melhor.

Ainda melhor. Jaime pareceu não acreditar nisso, e indagou com um gesto de dúvida:

— Será um objeto ou um animal?

— Nem um objeto nem um animal... mas será uma criatura...

Dar-te-ei um irmãozinho ou uma irmãzinha... Ainda não estou bem decidida a esse respeito... Que preferes tu?

— Eu prefiro continuar sozinho contigo e com papai... Não quero que outro menino venha

para nossa casa... nem tão pouco uma menina.

— Mas será uma menina muito pequena ou um menino pequenino, muito pequenino, que viverá todo agasalhado e deitado no berçinho, ao passo que tu serás o irmão taludo, o mais velho...

— Prefiro ser o único... — replicou firmemente Jaime, bem compenetrado do sentimento da considerável dignidade por ele gosada ali e da qual pretendiam despojá-lo.

Naquele momento, sua mãe não insistiu em convencê-lo. Mas essa conversa preambular foi seguida de muitas outras, por meio das quais Jaime se habituou pouco a pouco à idéia de trocar o seu privilégio de filho único pelo de irmão mais velho.

Além disso, as negociações fo-

ram facilitadas pela circunstância do ingresso de Jaime numa escola. Essa primeira mudança em sua vida o persuadiu a admitir outra... E quando ele soube que um tal Jorge, primeiro da classe e seu antagonista mais respeitável, tinha uma irmãzinha, tomou uma resolução brusca:

— Olha, mãe, já me decidi... Quero uma irmãzinha.

Sua mãe usou imediatamente e até se pode dizer que abusou da concessão. No dia seguinte à tarde, quando Jaime regressou da escola, anunciaram-lhe que tinha duas irmãzinhas.

Ele quis precipitar-se para o quarto e protestar:

— Oh, mãe! Por que duas? Seu pai o conteve, porém:

— Devagar... devagar... As gêmeas estão dormindo... Não faças barulho.

Teve que caminhar na ponta dos pés. Apenas lhe foi permitido beijar a sua mãe, muito pálida... E, profundamente despetado, sem ousar dizer coisa alguma, olhou para o berço onde se viam duas cabecinhas avermelhadas e calvas.

Ter sido durante tanto tempo o filho único e, agora, de repente, ter duas irmãzinhas, era terrivelmente forte, demasiadamente chocante... Certamente iam zombar dele na escola.

Jantou triste e inquieto, entre o pai e a mulher de avental e touca branca que cuidava não somente das gêmeas, mas, também, de sua pobre mãe, cuja enfermidade não parecia assombrar nem penalizar seu pai.

Quanto à mulher trajada de branco, comia e dava ordens como se estivesse na sua própria casa, com grande escândalo da cozinha, que no corredor, expandia todo o seu mau humor:

— Essas enfermeiras apoderam-se das casas!... E quando penso que a patroa não levantará antes de quinze dias!

Conto de Marguerite Comert

Tradução de Francisco Armond

BOA DESCULPA

“Duas irmãzinhas! E sua mãe, tão bem disposta até aquela manhã, acamada por quinze dias!”

Naquele ambiente de catástrofe, Jaime esqueceu completamente de estudar a lição do dia seguinte. Pois bem, quis a má sorte que fosse ele o primeiro da classe a ser interpelado, antes de ter tempo sequer de entreabrir o livro. O próprio excesso de angústia fê-lo falar com sinceridade.

— Senhor professor, senhor professor!... Prefiro confessar-lhe francamente que não sei a lição.

O professor, um bom homem sem o menor traço de bilis na redonda cara amavelmente rosada, nunca impunha um castigo sem pedir explicações.

— Ah, muito bem! E por que não sabes a lição?

Jaime persistiu na sinceridade, talvez porque estava na vela de coragem, talvez também por considerar que essa confissão pública lhe evitaria múltiplas e penosas confidências.

— E' que, senhor professor... ontem me trouxeram duas irmãzinhas.

— Duas irmãzinhas! Meus parabéns, Jaime!... Não há dúvida, essa feliz circunstância é profundamente atenuante. Estás desculpado, por hoje... mas procura recuperar o tempo perdido, amanhã.

— Oh, sim senhor!

Agora, Jaime já não tinha vergonha das irmãzinhas. Sentia-se quase vaidoso. Graças a elas não fôra castigado; por isso, ao regressar à casa, foi depor um beijo nas cabecinhas tépidas e calvas.

Transcorreram várias semanas. As irmãzinhas já não tinham os olhos embaciados. Começavam a esticar os dedinhos

para os brinquedos que lhes eram oferecidos. Uma ama sêca trajada de azul substituíra a enfermeira uniformizada de branco. A mamãe recuperára a saúde...

Mas mimava demasiadamente as gêmeas e descuidava-se um pouco de Jaime, que novamente esqueceu de estudar a lição. Mas quando chegou a sua vez de recitá-la não se preocupou com a desculpa.

— Senhor professor, trouxe-me uma nova irmãzinha.

O Sr. Gruier levantou vivamente o nariz redondo, cavalgado por óculos perspicazes.

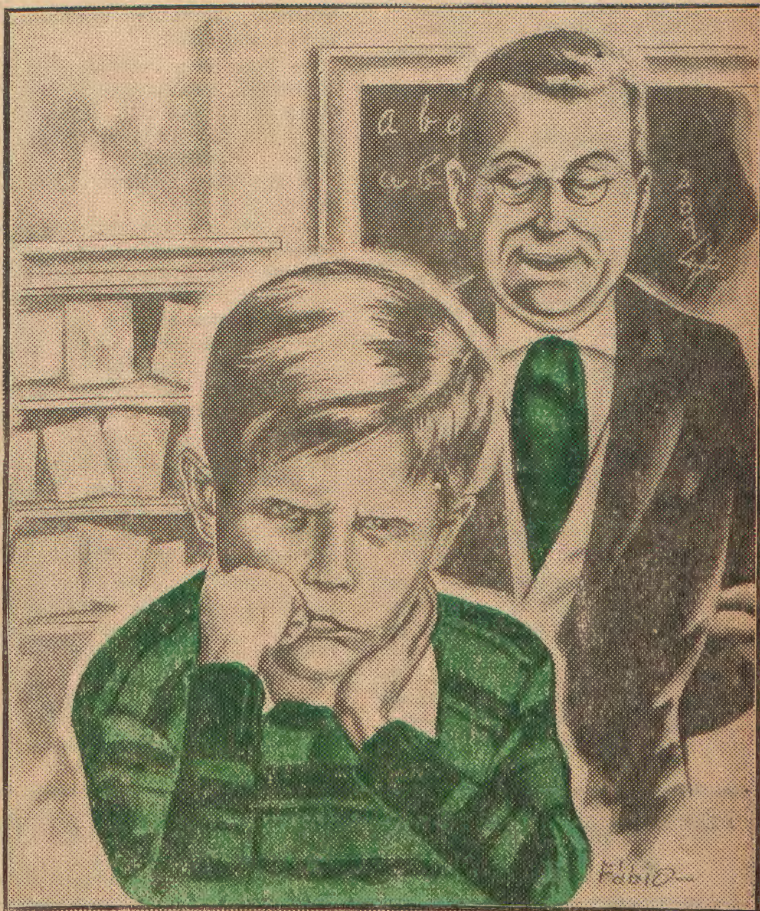
— Como! Como!... Que história, é essa? Há um mês tiveste

duas irmãzinhas e, agora, pretendes...

— Sim, senhor... Mas desta vez foi sómente uma!...

— Está bem, rapaz. Pois terás castigo dobrado... Na quinta-feira ficarás depois da hora para estudar a lição, e no domingo para aprender a me contar mentiras...

Partiram risadas de todos os bancos, enquanto Jaime baixava a cabeça, terrivelmente envergonhado e intrigado. Como o professor adivinhara a sua mentira? Duas irmãzinhas é algo chocante e que poderia ser posto em dúvida. Mas uma só é a coisa mais comum dêste mundo. Isso acontece diariamente. E então?...



Dôr de dente?

CÊRA

Dr. Lustosa

Inoffensiva aos dentes -
Não queima a bocca

*

A PEROLAZINHA DE CA- RAPICO' CONCLUSÃO

Ermelindo não insistira. A experiência já lhe havia ensinado que era melhor concordar.

*

Jessica e Desdêmona estavam na estação.

Mal pusera o pé na plataforma, Consuelo perguntou às cunhadas, que, de braços abertos, vinham ao seu encontro:

— Onde está Ermelindo?

As duas ficaram algum tempo sem saber que fazer com os braços, e, afinal, deixaram-nos cair ao longo do corpo.

Jessica, decepcionada, explicou que Ermelindo não pudera vir porque só conseguira retirar a mobília naquela manhã, e ficara arrumando a casa.

— Ele me paga! — disse Consuelo, com os dentes cerrados.

Durante o trajeto não deu uma palavra.

D. Adelaide esperava-as no portão.

— Minha filha, há quanto tempo! — exclamou, com emoção na voz, estendendo os braços para a nora.

Consuelo deixou-se abraçar, sem mover os braços e com expressão de tédio. Desdêmona, que a observava, mordeu o lábio inferior.

— Ela deve estar morrendo de fome, pobrezinha! — continuou D. Adelaide, no mesmo tom, impelindo-a suavemente para o interior da casa.

Desdêmona fez um sinal à irmã, e encaminhou-se para a cozinha.

— Vou dizer à Benedita para pôr a mesa.

— Não quero almoçar — disse Consuelo, com aspereza, desencilhando-se dos braços de D. Adelaide.

Deixou-se cair na cadeira de balanço, cruzou os braços sobre o peito, num gesto muito seu, e voltou o rosto para a parede.

D. Adelaide ficou preocupada.

— Você quer que eu mande fazer um chazinho, minha filha? — perguntou, solícita.

— Mas que inferno! — gritou Consuelo, sem voltar a cabeça. O que eu quero é que me deixem em paz!

Da cozinha, chegou até à sala a voz de Jessica:

— Mamãe!

D. Adelaide mandou servir o almoço na copa. Seu Bicudo, que já fora posto ao corrente da situação, atravessou a sala de jantar sem olhar para a nora. Consuelo não se moveu.

Ermelindo chegou às duas da tarde, esbafoado.

— Fez boa viagem, querida-nha?

Consuelo ainda estava na mesma posição. Respondeu, em tom de censura:

— Até agora ainda não almocei! Essa sua gente era capaz de me matar de fome!

Ermelindo olhou severamente para sua mãe. D. Adelaide avermelhou.

— Mas com efeito, Consuelo! Você sabe muito bem que não almocei porque não quiz...

Desdêmona perdeu a paciência.

— Ora, deixe de fita! — exclamou.

Consuelo pulou da cadeira, e avançou para a cunhada, de unhas em riste.

— Você se meta com a sua vida, ouviu, sua serigaita! Eu não almocei porque não como comida feita por uma preta imunda como a Benedita!

Ermelindo, aflito, colocou-se entre as duas.

Consuelo respirou forte, e acrescentou, com ar de desafio, por cima do ombro do marido:

— Encheu o bule — encheu?

Desdêmona tremia de ódio.

— Espanholinha duma figa

— Calma, querida-nha, calma...

— Suplicava Ermelindo, atarantado, abraçando a esposa.

Mas Consuelo perdêra o controle. Com unhas e dentes tentava desvencilhar-se dos braços de Ermelindo. Em dois minutos reduziu-lhe a camisa a tiras. D. Adelaide e as duas filhas, desoladas, assistiam à triste cena.

Afinal, Consuelo conseguiu livrar-se. Recuou alguns passos, olhou em volta, e aproximou-se da cadeira de balanço.

— Vou desmamar — disse, com voz rouca.

Cambaleou, apoiou-se a um dos

braços da cadeira, e caiu estendida no assoalho.

Ermelindo acudiu num pulo. Depressa, Jessica! Os saís! Na mala!

Seu Bicudo acorrêra.

Consuelo descerrou um olho congestionado, olhou em torno, viu o sogro, e perguntou ao marido, desconfiada:

— Será que eu caí muito feio?

*

Naquele domingo Ermelindo passara uma parte da tarde na farmácia, fazendo fachina. Ao entrar, encontrou Consuelo estirada na cama, com um livro aberto diante do rosto.

Como a esposa estava em trajes caseiros, Ermelindo tirou a gravata.

— Nós não vamos sair? — perguntou Consuelo, depondo o livro.

Ermelindo, que se sentara à borda do leito para tirar os sapatos, levantou-se.

— Podemos ir — disse.

Saiu do quarto, e encaminhou-se para a cozinha. Consuelo acompanhou-o.

— Se você não está com vontade de sair — disse —, eu posso ir um pouco na casa da Clotilde.

Ermelindo estava fatigado. Se a esposa não fazia questão, ele bem que preferia ficar em casa.

Consuelo voltou para o quarto. Ermelindo foi encontrá-la sentada na cama, de braços cruzados sobre o peito. Ia perguntar se ela havia mudado de idéia, mas Consuelo não o deixou falar.

— Eu acho que você tem medo de sair comigo! — exclamou, encarando-o.

Ermelindo ficou gelado.

— Já não é a primeira vez que você faz isso... pensa que eu não percebo?... — continuou Consuelo, com os olhos faiscantes. Você não sai comigo porque tem medo que a outra veja!

— Mas, querida... — começou Ermelindo, completamente desorientado. Não há outra nenhuma, você bem sabe... E, se você quiser, nós podemos sair agora mesmo...

Havia tanta maldade nos olhos da esposa, que Ermelindo recuou, amedrontado. Nunca imaginara que aquela creaturinha pudesse guardar tanto ódio no coração.

— Pois agora quem não quer

PARA AS SUAS COMPRAS DE FRUTAS, CONSERVAS NACIONAIS E EXTRANGEIRAS, DOCES E ARTIGOS PARA AS FESTAS DE ANO-NOVO, DÊM PREFERÊNCIA À CASA MAIS BARATEIRA DA CIDADE, O

CAFÉ SÃO JORGE -

DE EURICO RIBEIRO DE OLIVEIRA
RUA CARIJÓS, 535 — BELO HORIZONTE

sair sou eu! — gritou Consuelo, erguendo-se e avançando para o marido. E eu quero ficar sozinha, — ouviu!

Ermelindo foi recuando, até sair do quarto. Consuelo bateu violentamente a porta.

*

Ultimamente Consuelo andava com idéias exquísitas. Na tarde anterior manifestára o desejo absurdo de roubar laranjas na quintanda da esquina. Queria que o marido a acompanhasse de longe, para garantir a retirada. Fôra preciso mandar chamar D. Adelaide, que, depois de ouvir todos os desafios imagináveis, conseguira chamá-la à razão.

Agora, porém, não havia nada que a dissuadisse. Consuelo queria morder a orelha do padeiro. Queria, — e, se não a deixassem matar o desejo, ela não se responsabilizava pelo que acontecesse.

Ermelindo ficou horrorizado. Tudo — menos isso. Para salvar o filhinho seria capaz de cortar as duas orelhas e dá-las a Consuelo para comer com pão.

Era justamente a hora do padeiro chegar. Esperou-o na calçada, com o coração pulando. Quando o homem saltou da carrocinha e ofereceu a cesta, Ermelindo pensou que ia desmaiar. Ficou com a mão dentro da cesta, procurando as palavras, sem saber como justificar o incrível pedido. O padeiro olhava-o, intrigado.

Afinal, ocorreu a Ermelindo que o padeiro talvez já tivesse passado por situação idêntica. Com um suspiro de alívio, perguntou:

— Você é casado, Euzébio?

— E tenho oito bacoris lá em casa, todos com saúde, graças a Deus — respondeu o padeiro.

Então, Ermelindo, mais animado, revelou-lhe o estranho desejo de Consuelo, e fez o pedido.

Euzébio olhou-o longamente, com ar divertido. Depois, deu uma risadinha, e disse:

— Seu Ermelindo, o senhor está me cultivando...

Recolheu a cesta, saltou para a carrocinha, e brandiu o chicote:

— Eh, Penacha!

Ermelindo, com o braço estendido e um pão imprensado entre o indicador e o polegar, ficou olhando a carrocinha do padeiro, que seguia rua acima, saltando sobre os paralelepípedos mal ajustados, como uma velha diligência de fita de far-west.

Enfim, deu-se um jeito. À falta da orelha do padeiro, Consuelo contentou-se com a do marido. Durante uma semana, Er-

melindo usou um brinco de espadrapo na orelha direita.

*

Aproximava-se o dia. Consuelo estava mais nervosa que nunca e preocupada agora com a escolha do nome que daria à sua filhinha, — porque havia de ser menina.

— Dorotí — não. Gladís... Que é que você acha de Gladís?

Ermelindo, com jeitinho, discordou. Gladís era nome estrangeiro. Por que não dariam à menina o nome da avó — Adelaide?

— Pois vai chamar-se Gladís! — cortou Consuelo, batendo o pé.

Mas não se chamou Gladís nem Adelaide. Consuelo teve um parto infeliz, e morreram ambos — ela e o menino.

Os que conheciam Ermelindo e sabiam da sua paixão pela esposa não vacilaram em vaticinar a sua morte próxima.

— Não dou um mês, e êle também empacota — dizia o Rubinho, numa roda. O pobre rapaz anda com os olhos feito peróba.

Ermelindo estava desvairado. Ele — que sempre tivera horror a bebidas alcoólicas — vivia agora nos botequins, bebendo pinga. Tornara-se a vergonha da família.

Seu Bicudo, vendo que o filho não tomava jeito, vendeu a farmácia e comprou uma chácara em Agua do Picapau.

Ermelindo ficou. Já que não podia tê-la a seu lado, queria ao menos ficar perto do seu túmulo. Um dia talvez o encontrassem estendido sobre a lage branca, com um orifício no peito, sobre o coração.

— Talvez amanhã...

Os amigos não riram. A expressão de Ermelindo não era de fazer graça.

*

Naquela noite seu Bicudo chegaria da Capital, aonde fôra comprar um arado.

D. Adelaide e as duas filhas esperavam-no na varanda, ouvindo rádio.

Fazia seis meses que moravam na chácara. Mas só no mês anterior haviam começado a viver



**PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA**

Combate as: Feridas
Espinhas Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismos

PRESENTES?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS PARA
ESCRITORIO?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS DE
PAPELARIA?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTIMENTO E PREÇOS

*

AV. AFONSO PENA, 1050

FONE 2-1607 e 2-3016

BELO-HORIZONTE

em paz. Ermelindo escreverá uma carta a D. Adelaide, em que lhe comunicava que havia arranjado uma boa colocação no escritório de uma firma importante da Capital, e mudara completamente de vida.

Uma aranha parou em frente ao portão, e seu Bicudo subiu a escada como uma flecha. D. Adelaide levantou-se, aflita.

— Mas que é isso, homem de Deus?!

Seu Bicudo, com a fisionomia transtornada, atirou-se sobre uma cadeira de lona.

— Imagine você!

Jessica e Desdêmona correram. D. Adelaide insistiu, quase com desespero:

— Mas fale-duma vez, homem!

Seu Bicudo tirou o lenço, enxugou o suor do pescoço, e disse vagarosamente:

— O Ermelindo casou outra vez...

— Não diga! — exclamou D. Adelaide, maravilhada.

Seu Bicudo ergueu-se um pouco na cadeira, fixando na esposa dois olhos esbugalhados.

— E sabe com quem?... — perguntou, como em desafio.

— Não faço a mínima idéia.

Houve um silêncio. Depois, deixando-se cair outra vez no fundo da cadeira, seu Bicudo informou, desconsolado:

— Com a Eulália Jabiraca... E, num esforço, elevando a voz:

— Com a Barbada!...

O BARBEIRO DE VASSIL



Para o visitante menos observador, a aldeia de Vassil pouco apresentava de importante. Com seus mil habitantes em nada apressados, em sua calma invariável, Vassil distinguia-se entre tantas outras aldeias pela sua inquebrantável monotonia, pela sua ininterrupta quietude.

Isto somente quanto à aparência exterior. Se o visitante se detivesse mais um pouco em Vassil, se chegasse a inquirir qualquer dos seus habitantes haveria de descobrir, com surpresa, que o povo dessa aldeia era sobremodo orgulhoso.

— Por que são tão... convencidos?... — indagavam os viajantes mais curiosos.

— A água de Vassil é a melhor que existe — respondiam alguns.

— Não há sol mais brilhante do que o de Vassil — retrucavam outros.

— Os santos abençoaram Vassil — afirmavam ainda.

Fôsse qual fôsse a causa, o certo é que nessa aldeia quieta e silenciosa se encontravam duas barbas mais admiradas de toda a Rus-

sia. Sim, eram as barbas mais negras, mais abundantes e magníficas que se podem imaginar. Alguém chegou mesmo a afirmar que no mundo não havia outras semelhantes. E, se era difícil provar tal afirmativa mais difícil seria negá-la.

*

Grigori Pindowski e Konstantin Mishlenko, donos dessas incomparáveis barbas, eram pessoas honradas e veneradas por todos e gozavam de muita influência dentro da pequena comunidade em que viviam.

Era admirável vê-los caminhar pelas ensolaradas ruas de Vassil enquanto os raios de sol davam às suas barbas suaves fulgores; às vezes pareciam negras como azeviche, noutras, adquiriam um tom rico e profundo de azul.

Grigori e Konstantin eram felizes. Além de sócios, pois possuíam a única barbearia da aldeia, eram os melhores amigos do mundo. Em sua presença ninguém sequer pensaria em discutir qual a melhor das barbas.

— Em vez de discutirmos qual a melhor das duas — observavam os habitantes mui sensatamente — devemos dar graças a Deus de que haja em Vassil duas barbas como essas.

Por sua vez, Grigori e Konstantin eram tão amigos que jamais haviam tolerado qualquer sentimento de rivalidade a respeito de suas belas e preciosas barbas.

Se fossemos dados à filosofia seria agora o momento de perguntar: — por que o pezar sobre o utópico contentamento? Por que Grigori e Konstantin não continuariam sendo os possuidores das barbas mais belas da Rússia? Por que não continuariam amigos?

Digamos unicamente que as maquinações do destino estão além da nossa exigua capacidade de compreensão.

Aconteceu justamente o que ninguém esperara. Um dia, Grigori e Konstantin, companheiros inseparáveis, se tornaram de repente inimigos flegadais.

*

A coisa aconteceu assim: Konstantin contemplava sua barba no espelho da barbearia. Cheio de felicidade, admirava as ondas harmoniosas e macias que caíam do queixo até ao peito.

— Grigori! — falou, acariciando a guedelha sedosa — parece que preciso de uns pequenos reparos... podes chamuscar um pouquinho a minha barba?

Conto de Joe Abrams

Desenho de Augusto

— Fois não... — respondeu-lhe o sócio. — Senta-te que te atenderei prontamente.

Konstantin instalou-se na velha cadeira da barbearia e cerrou os olhos despreocupadamente, certo de que Grigori executaria o trabalho com perfeição.

Seu companheiro muniu-se do pente e da escova e, acendendo uma vela que tirara da gaveta, deu início ao serviço. Trabalhava com perícia. Suas mãos se moviam num ritmo fácil: passavam o pente pente pela barba e logo tocavam ligeiramente a chama na parte inferior do pente; em seguida sacudiam as cinzas e reiniciavam o mesmo movimento...

Foi então que aconteceu o desastre! Não se pode culpá-lo.

Os dois sócios sabiam que o estuque do tecto estava bastante frouxo. Ambos tinham se desleixado em chamar o pedreiro. Sobre a cabeça de Grigori, como a espada de Damiócles, pendia num fio, um pedaço de estuque.

O fio se partiu! E a massa caiu, golpeando fortemente a mão que segurava a vela fazendo com que esta se inclinasse indo atingir a negra e brilhante barba de Konstantin...

Era uma chama vermelha e viva...

Todo o mundo sabe o que acontece quando o fogo atinge o cabelo! Estende-se com rapidez. Antes que Grigori pudesse apagar a vela, o fogo havia destruído todo o lado direito da barba de Konstantin, destruindo completamente o equilíbrio daquela barba esplendorosa. A angústia de Grigori foi indescritível!

Konstantin levantou-se da cadeira com um rugido de furor.

— Que fizeste da minha barba! — gritou.

Correu ao espelho e viu o desastre causado. A barba estava arruinada. Nunca se viu tamanha cólera, tão súbita loucura como a que se apossou de Konstantin Mishlenko. Suas narinas tremiam, seus olhos dilataram e forte rubor lhe invadiu o rosto.

— Destruíste minha barba! E fizeste tudo deliberadamente, porque estavas com inveja, porque não podias suportar a idéia de que a minha fosse mais bonita do que a tua!

Enquanto falava, num desespero

ro imenso, agarrou numa navalha afiada e, ameaçadoramente, avançou para Grigori. A chama do crime brilhava em seus olhos.

O sócio começou a gritar pedindo socorro, agarrou no braço de Konstantin procurando contê-lo. Momento angustioso e trágico. Grigori poderia igualar em força a seu sócio, mas Konstantin adquirira a força sobrehumana dos loucos. Lenta, mas firmemente a navalha se aproximava da garganta de Grigori, enquanto Konstantin emitia gritos guturais.

Grigori lutou muito; sentia-se já sem forças e sabia que não podia escapar quando ouviu vozes que se aproximavam. O braço de Konstantin foi contido por outros braços fortes e poderosos. Os vizinhos haviam chegado a tempo de salvá-lo.

— Vejam o que êle me fez — gritava furioso Konstantin. Destruíu minha barba.

— Mas, Konstantin, não foi minha intenção... — suplicava e gemia Grigori. — Daria meu braço direito para devolver-te a barba. Foi o pedaço de estuque que derrubou a vela...

— Não, foi de propósito!... — gritava Konstantin. — Eu me vingarei... Verás... Eu me vingarei!

Um dos vizinhos interveiu:

— Por que complicas tanto as coisas, Mishlenko? O dano não é irreparável. Tua barba crescerá de novo e voltará a ser o que dantes era.

— Estúpido! — respondeu Konstantin com um olhar furibundo. Tu mal tens êsses fios ridículos e te atreves a dar-me conselhos sobre a minha barba?

— Mas, replete... E' bem possível que cresça como antes... continuava o vizinho.

— Talvez! E' possível! Por que és tão imbecil?

*

Passada que foi a grande crise de raiva e desespero, Konstantin procurou remediar. Cuidou carinhosamente da barba chamuscada até que ela começou a crescer. Infelizmente, para desapontamento e tristeza de Konstantin, o cabelo que nascia



SOFRE DO FÍGADO, ESTÔMAGO E INTESTINOS?

**TOME
ESTOMAFITINO
E COMA O QUE QUISER**

LAB. LINDACRUZ — Av. Amazonas, 298 — Belo Horizonte



já não era dêsse negro lustroso que tanto provocára a admiração das pessoas. Crescia-lhe a barba num tom esquisito, meio avermelhado.

Os habitantes de Vassil murmuravam tristemente:

— Que pena, Mishlenko perdeu sua barba maravilhosa. Foi uma grande tragédia. Talvez tenha ofendido os santos. Outros porém, procuravam algum consolo:

— Pelo menos, temos ainda a barba de Pindowski. E' a melhor do mundo.

Mas a existência da barba de Pindowski era o pior castigo para Konstanti. Não se havia conformado com a realidade. Caminhava pelas ruas de Vassil aborrido e cabisbaixo, com receio de que o apontassem como um aleijado...

Ah! o seu martírio aumentava cada vez que via a barba lustrosa e abundante de Grigorii. Vinha-lhe então um desejo terrível de vingança.

Um dia não suportou mais:

— Dá-me quinhentos rublos pela minha parte na barbearia. Resolvi deixar Vassil para sempre. Tirarei a barba e começarei vida nova.

Quinhentos rublos era uma quantia exorbitante! Mas Grigorii não protestou. Dofa-lhe a consciência quando pensava que sua mão, embora involuntariamente, arruinara a barba de seu amigo. Mas... não tinha os quinhentos rublos. Foi ao banco e hipotecou por essa quantia a casa onde morava e a barbearia. Konstantin recebeu o dinheiro sem nada dizer. Desapareceu de Vassil.

Assim terminou u'a amizade

perfeita. Se não fôsse o pedaço de estuque...



As infelicidades de Grigorii não findaram aí. Pelo contrário. Haviam apenas começado.

Na primavera seguinte, o Volga transbordou, prejudicando grandemente a colheita. Os habitantes de Vassil eram, na sua maioria, agricultores.

O dinheiro escasseou. Poucos eram os que se davam ao luxo de ir à barbearia. As reservas do banco diminuíram e o gerente resolveu cobrar Grigorii.

— Sei que me pagarás — disse-lhe o banqueiro — porque sempre foste honrado. Se não fôsse a crise não te falaria. Mas estamos apertados. Devo receber o dinheiro ou o que deste em garantia.

— Nada tenho — gemeu Grigorii. Nem sequer posso pagar os juros.

— Bem, em atenção à nossa amizade, dar-te-ei outro prazo. Mas, se nessa época não pudeses pagar, perdoa-me, Pindowski, se te tomar os bens. Não terei outra alternativa.

— Ah! se pudesse pagar ao menos a terça parte... — respondeu Grigorii agradecido pela consideração que o banqueiro lhe dispensava — sentir-me-ia quase feliz. O único bem que possuio é minha barba. Dizem ser a mais linda da Rússia. Nada disso adianta pois não encontro

AZEITE MARIA, o preferido em todas as mesas pelo seu excepcional paladar.

quem dê por ela ao menos um kopek...

Os meses decorriam e Grigorii nada arranjava. Dias e dias passavam sem que um só freguês aparecesse na barbearia. Grigorii já não encontrava nem o que comer. Era a miséria. O prazo, que lhe dera o banco, esgotárase.

— Sinto muito — disse o banqueiro — não poder esperar mais. Pindowski, amanhã tomarei teus bens.

— Não há outro remédio? — perguntou sem esperança, porque bem sabia que agora era tarde.

— Nada posso fazer, Pindowski. Sinto muito.

— Não, não te acabrunhes, consolou Grigorii. A culpa é minha. Dêsde que aquele pedaço de estuque caiu na barbearia que a má sorte me persegue. Esta manhã andei consertando o teto. Pensei: talvez a sorte mude... Nada; enganei-me.

— Ainda te resta a barba, Pindowski.

— E para que me serve essa barba? — perguntou amargamente Pindowski. Para que?

Quando o banqueiro deixou a barbearia, Grigorii olhou-se no espelho. Sim: era uma barba admirável, tão harmoniosa e ondulada como as ondas leves do mar... Mas, de que lhe servia? Era-lhe completamente inútil. Triste e inconsolável, o pobre homem encolheu os ombros.

— Tem na verdade uma barba magnífica!

Grigorii voltou-se surpreendido. Não percebera que um viajante entrara em sua barbearia e o olhava detidamente.

— Obrigado — respondeu o barbeiro — Infelizmente sem nenhuma vantagem prática.

— Sem vantagem prática? — perguntou o recém-chegado num tom incrédulo. Não, meu querido senhor, essa barba representa uma fortuna. Permita que me apresente: meu nome é Leandrovich. Sou enviado duma companhia de Moscou e aqui vim, especialmente, para ver sua barba...

— O senhor disse que veio de Moscou somente para olhar minha barba?... Já que a viu...

— Estou disposto a oferecer-lhe mil e quinhentos rublos, fóra os extraordinários pelo seu serviço.

— Mil e quinhentos rublos! Que... qual a sua companhia?

— Sou representante do "Tônico Imperial" para o cabelo. Estamos resolvidos a custear sua viagem até Moscou e dar-lhe mil e quinhentos rublos se o senhor

nos permitir usar seu retrato em nossa nova etiqueta.

— Tudo isto é um sonho. Quando despertar o senhor terá desaparecido.

— Se encara a vida como um sonho posso assegurar-lhe que vai realizar o sonho mais feliz de toda sua existência... — disse Leandrovich.

— Por favor, explique-me...

— Os fabricantes do "Tônico Imperial" ouviram falar em sua barba. Não deve estranhar que a rama de sua barba estendeu-se por toda a Rússia. Tem uma barba, meu querido senhor Pindowski, que até os deuses da Grécia invejariam. Bem, que me responde? Mil e quinhentos rublos...

— Aceito — respondeu Grigorii. Quando partimos?

— Ainda esta noite. Aviso-lhe, porém, uma coisa: tome cuidado com sua barba. Nada lhe poderá acontecer.

— Eu a protegerei com o risco de minha própria vida — retorquiu fervorosamente Grigorii.

Quando o viajante se foi, ele olhou o estuque que consertara pela manhã. — Bom augúrio — disse — minha sorte mudou.

✱

Poucos dias depois, Grigorii estava comodamente instalado no Hotel Nicolai, em Moscou.

— Quão eficientes são os diretores do "Tônico Imperial"! Seu pensamento foi interrompido. Era o porteiro que anunciava:

— Há uns senhores que desejam vê-lo. Estão na sala de espera.

Grigorii dirigiu-se até lá e encontrou vários senhores de aspecto distinto. Um deles era o próprio presidente da Companhia do "Tônico Imperial". Os outros eram membros do Conselho Diretor.

— Bemvindo seja a Moscou, disse um dos senhores. Vimos felicitá-lo pela beleza de sua barba, mas, agora que a contemplamos não encontramos palavras para expressar-lhe...

Os demais senhores atalharam num côro de exclamações entusiastas.

— Hoje, às duas horas deve estar preparado para se fotografar — disse o presidente. Naturalmente deve descansar um pouco.

— Dediquei os horas que me sobram à minha barba. Quero exibí-la em perfeitas condições. Vou acertá-la e escová-la.

— Muito bem — respondeu o presidente. Alegro-me em saber que o senhor é tão consciencioso. Às duas horas nos veremos. E

antes de sair, acrescentou: — Deve tratar de sua barba com precaução. Se ela sofrer qualquer dano nosso contrato terminará automaticamente.

— Compreendo muito bem, senhor. De acordo.

Os visitantes se despediram e Grigorii voltou aos seus aposentos. Apenas fechou a porta, notou que alguma coisa desaparecera do quarto. Sua maleta! Ele a colocara debaixo da cama. E não estava mais ali! Afligiu-se. Fora roubado! Que faria agora se na maleta estavam não só as suas roupas como todo o aparelhamento necessário ao trato da barba? Procurou em todo o quarto! Abriu armários, arrastou poltronas e remexeu até nas gavetas.

— Roubaram-me! — exclamou furioso. — Vou entender-me com o gerente do hotel.

Este, ao ouvir o sucedido, mostrou-se bastante pesaroso.

— Chamaremos a polícia — disse. Posso assegurar-lhe que sua maleta aparecerá.

— Mas, como cuidarei da barba?

— Se se trata dum caso de emergência temos uma excelente barbearia em frente ao hotel — aconselhou o gerente.

— Está bem — murmurou desconsoladamente o pobre barbeiro. — Irei até lá.

— Nadá recele, senhor. E' a melhor barbearia de Moscou. Que jeito senão seguir o conselho do gerente? Depois não era coisa complicada acertar e escovar uma barba tão formosa.

A barbearia era confortável e luxuosa. Grigorii entrou e dirigiu-se a uma cadeira vazia.

— Gostaria que me acertasse a barba — falou ao barbeiro.

— Com prazer, senhor. Permita-me felicitá-lo. Tem a barba mais linda que meus olhos já viram.

— Obrigado. Mas, por favor, tenha cuidado.

— Esteja descansado. Espere um momento. Vou buscar minha tesoura.

— Não tenho pressa. Quero uma coisa bem feita.

Grigorii cerrou os olhos e acomodou-se satisfeito na cadeira. Estava cansado da viagem e quase não pudera dormir na cama do hotel. Estirou as pernas pondo-se mais à vontade.

Uma voz o despertou violentamente. Abriu os olhos, assustado.

— O outro barbeiro não se senta bem e eu vim substituí-lo.

Essa voz lhe era familiar, mas não se recordava daquele rosto. Era uma face lúzida e gorda, sem barba e sem bigodes...

— Eu... eu... quero o outro barbeiro com quem falei...

— Então, não me reconheces, Grigorii Pindowski? Não te recordas do teu velho amigo?

Grigorii sentiu-se desfalecer... Konstantin murmurou:

— Não penses em fugir. Tenho a navalha bem afiada. Dessa vez não escaparás. Vou tirar-te a barba direitinho... Acabarás com esse orgulho.

Pindowski tentou falar mas as palavras ficavam presas na garganta. Os olhos de Konstantin brilhavam num ódio selvagem e frenético.

— Rezei muito para que chegasse esse dia. Sonhava noites e noites com o feliz momento em que te visse aqui sentado. Agora, sim, posso dar início à minha vingança... Ah! A navalha foi erguida num gesto ameaçador demonstrando um instante no ar antegozando o prazer tão desejado.

Mas, um pelotão da polícia invadiu, inesperadamente, a barbearia.

— Estás preso, Konstantin Mishlenko — gritou o chefe de polícia.

Konstantin mudou de assombro não se movia. Atrás daquele grupo de homens fardados via-se o barbeiro que atendera anteriormente Grigorii.

— Infame! Traidor! — gritou

✱ ✱ ✱



GRAVADOR ARAUJO

RUA GONCALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÊS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHERIE.

PHOTOGRAFIAS
ZINCOGRAPHIAS
TRICROMIAS
DUBLÊS, CLICHÊS
EM COBRE, E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO

Konstantin louco de raiva.

— Traí-te para salvar a barba mais linda de toda a Rússia — gemia o barbeiro. Destruí-la, seria cometer um crime anti-patriótico...

*

Eis o fim da história: acima do ódio e das paixões há o sentimento de amizade que não se destrói por uma barba. Apenas recebeu seus mil e quinhentos rublos, depois de haver-se deixado fotografar, Grigori Pindowski quiz expiar a passada culpa. Mandou que lhe raspassem a barba para ficar igual ao amigo, e

* * *

VOCE SABIA ?

É muito correto oferecer no chá das cinco, sucos de frutas e toda a sorte de refrescos.

*

O talco é excelente para tirar gordura em qualquer espécie de fazenda.

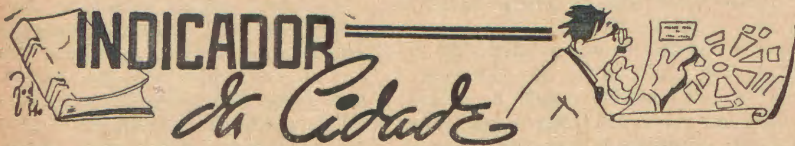
*

Os chapéus de palha sujos, limpam-se com um pano embebido em água morna com um pouquinho de amoníaco.

*

Os modernos gorros "pastillera" estão muito em moda e são confeccionados em "crochet" enfeitados de palha colorida harmonizando com o tom do vestido, de que serve como complemento.

* * *



INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

PROF. HILTON ROCHA
DR. PINHEIRO CHAGAS

Consultas diárias das 3 às 6
Edifício Cine Brasil — 7.º andar
— Salas 701 a 713 — Fone, 2-3171

ADVOGADOS

DRS. JONAS BARCELOS CORREIA, JOSE' DO VALE FERREIRA, RUBEM ROMERO PERET, MA- NOEL FRANÇA CAMPOS

Escritório: Rua Carijós, 166 —
Ed. do Banco de Minas Gerais
Salas 807-809 — 8.º andar — Fo-
ne: 2-2919

DR. OSCAR MATTOS

Moléstias internas — Tuberculose

Consultório: Av. Afonso Pena, 952,
Edifício Guimarães, 3.º andar, Sa-
la. 317 - Fone 2.1065 — Residência:
Rua Outono, 267 - Fone 2-5639

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnostico e tratamento das moléstias do estomago, intestinos, fígado, pancreas e vesícula biliar.
Consultório: Ed. Cruzeiro — Av. Afonso Pena, 774 — 5.º andar —
Salas 504-506 — De 1 às 3,30
Residência: Rua Guarani, 268 —
Fone: 2-6067.

A HOMEOPATIA

EM

BELO HORIZONTE

*

Consultorio e residencia: AV. AFONSO PENA, 398 — 5.º andar
ATENÇÃO: — Peça a sua HORA ANTECIPADA, pessoalmente ou pelo
telefone: 2-3212

DR. WILSON ATAB

Medico especialista — Cursos de
Medicina Alopatica e Medicina
Homeopatica, pela Universidade
do Rio de Janeiro — Do Serv.
Clin. do Prof. Galhardo, do Rio
— Membro do Inst. Hahnem
do Brasil.

CONHEÇA SEU BATON

HOUE tempo em que um baton era suficiente para a mulher. A escolha era feita dum sortimento não muito variado de matizes e dele se servia para todas as ocasiões. Em to variado de matizes e dele se servia para todas as ocasiões. Usava-o a qualquer hora do dia, sem levar em conta o modelo ou a cor de seu vestido.

Hoje em dia, porém, só algumas mulheres, bem poucas por certo, fazem que um único baton lhes sirva para todas as ocasiões. Em compensação, a mulher verdadeiramente elegante mantém uma variada coleção de tons. A iluminação diurna e a noturna produzem efeitos diferentes sobre a cor, sendo por isso que se deve escolher sempre o matiz mais conveniente, em cada caso. Da mesma forma, as atividades diárias mais usadas ou imprevisitas exigem uma cor mais natural, uma delineação menos acentuada dos lábios, ao passo que as sombras da noite oferecem oportunidades mais dramáticas, tanto na escolha da tonalidade como na forma em que se deve aplicar.

Naturalmente, as diversas cores da cutis exigem cores diferentes, certas cores apagadas. Do mesmo modo, a tonalidade perfeita para um vestido pode ser imprópria para outro quando há contraste entre o modelo e a cor.

Estes são fatos geralmente reconhecidos pelas damas elegantes, como também pelos criadores dos cosméticos Michel. A solução de todo problema ou exigência feminina em questões de baton oferece-a Michel num sortimento de 11 matizes maravilhosos: Amaranth, Cherry, Blonde, Scarlate, Amapola, Raspberry, Vivid, Cyclamen, Brunette, Capucine e Mariposa.

A moda desempenha importante papel, embora indiretamente, na escolha de seu baton. E' este o fator que inspirou a Michel a criação duma nova cor, absolutamente distinta para todas as damas, embelezadora como nenhuma outra, não importa qual seja a sua figura ou a cor de sua cutis. Este matiz é Mariposa, a rica e intensa cor da American Beauty Rose, com suas sombras azuladas. Mariposa é um complemento perfeito das cores azuis tão em moda hoje em dia para vestidos elegantes, sendo tão surpreendentemente versátil que realça a beleza tanto de louras como de morenas.

*

A DÔR

A dôr se vence com paciência.
SENECA

A dôr é um manancial sublime.
BYRON

O homem que não está educado para a dôr parece sempre um menino.

TOMMASEO

"VIDA" — E' a marca do primeiro e melhor OLEO DE AMENDOIM, para mesa e cozinha, possuindo propriedades essenciais á boa alimentação.

Novo Ano, Velha Ilusão

Alberto Clavo

PARECE coisa que 1944 começou ontem e sem que percebessemos já lá se foi embora, sumindo-se no silêncio eterno do tempo. Para os que atingiram ou ultrapassaram a idade dos quarenta anos, os dias voam, os meses correm, a vida vai tomando velocidade trágica, como que sentimos as coisas se escoarem à semelhança das águas dos rios. E nós nos vamos também com elas, arrastados na torrente contínua. Ai de nós se não fosse a ilusão, se não fosse a esperança!

Alexandre Kuprin, em uma das páginas do "Iama", observa a desagregação dos agrupamentos humanos, sob a lei misteriosa do acúmulo dos acontecimentos. A vida se renova por meio dessa estranha destruição. Não há ninguém que não seja um exemplo triste de tal verdade. As grandes famílias são atacadas de repente por inexplicáveis investidas da sorte, doenças, desastres, loucuras, dispersões, fatos imprevistos, os quais, assim como o vento faz com as folhas secas das árvores, espalham pelo mundo os seus componentes, dissolvendo de propósito aquela felicidade gosada em conjunto. E os que sobrevivem se sentem isolados, abandonados em um recanto, a relembrar a alegria passada.

E isto acontece com tudo, cidades, nações, continentes, tudo neste mundo, cuja lei é o desaparecimento. Este cerco da solidão cada um de nós percebe em torno de si. Se voltamos à cidade em que nascemos, depois de algum tempo de ausência, vemos-nos exilados na própria terra. Se passamos pelo bairro em que já moramos, não reconhecemos mais a casa de nossa antiga habitação. Em seu lugar, ergue-se agora novo prédio. Os vizinhos são outros, a fisionomia das ruas mudou. O que vale é que as transformações próximas, assistidas diariamente, são menos percebidas, menos visíveis, porque a nossa natureza é feita de tal modo, que o homem pode se dizer que é o assimilador de ruínas. E não as vê em si próprio. Nossa velhice nós a enxergamos no companheiro de colégio, o qual encontramos por acaso em um bonde, já cheio de rugas, já carregado de cabelos brancos. E exclamamos para nós mesmos: — "Como Roberto está velho!", mal sabendo que, a nosso respeito, igual espanto despertamos nele também.

E' assim a vida, que só nos presenteia com nozes vasias...

— Conclui na página 50 —



BANCO DO BRASIL S. A.

O MAIOR ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO DO PAÍS

Matriz no RIO DE JANEIRO

AGÊNCIAS EM TODAS AS CAPITAIS E CIDADES MAIS IMPORTANTES DO BRASIL E CORRESPONDENTES EM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

DEPOSITOS COM JUROS (sem limite) a. a. 2 %
Deposito inicial mínimo, Cr \$1.000,00. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores àquela quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.

DEPOSITOS POPULARES (Limite de
Cr \$10.000,00) a. a. 4 %

DEPOSITOS LIMITADOS (Limite de
Cr \$50.000,00) a. a. 3 %

DEPOSITOS A PRAZO FIXO:
Por 6 meses a. a. 4 %
Por 12 meses a. a. 5 %

DEPOSITO COM RETIRADA MENSAL DA RENDA, POR MEIO DE CHEQUES:
Por 6 meses a. a. 3½ %
Por 12 meses a. a. 4½ %

DEPOSITO DE AVISO PREVIO:
Para retiradas mediante aviso prévio:
De 30 dias a. a. 3½ %
De 60 dias a. a. 4 %
De 90 dias a. a. 4½ %
Deposito mínimo inicial — Cr. 1.000,00.

LETRAS A PREMIO:

Selo proporcional. Condições idênticas às do Depósito a Prazo Fixo.

O Banco do Brasil faz todas as operações bancárias. Desconta, às melhores taxas do mercado, duplicatas, letras de cambio e promissórias. Realiza empréstimos em conta corrente garantida. Efetua cobranças. Promove transferências de fundos, etc. e presta assistência financeira direta à agricultura, à pecuária e às indústrias, por intermédio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, com os seguintes fins:

- custeio de entre-safra; aquisição de adubos e sementes;
- aquisição de máquinas agrícolas e animais de serviço para trabalhos rurais;
- custeio de criação;
- aquisição de reprodutores e de gado destinado à criação e melhora de rebanho;
- aquisição de matérias primas;
- reforma ou aperfeiçoamento de maquinaria das indústrias de transformação;
- reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria para outras indústrias que possam ser consideradas genuinamente nacionais pela utilização de matérias primas do país e aproveitamento de seus recursos naturais, ou que interessam à defesa nacional.

Os interessados obterão na Agência de Belo Horizonte, com maior presteza, todos os informes de que possam carecer com referência a tais operações.

Agência em Belo Horizonte — RUA ESPIRITO SANTO

TENDENCIAS DA MODA



O "jumper" continua em voga, numa grande variedade de estilos e belas combinações de cores combinando com as blusas.

A moda desta temporada mostra-se plena de uma serena e singela beleza, predominando as cores vivas e alegres, muito adequadas ao seu tipo esbelto e juvenil.

Dando graça e leveza aos modelos vemos uma infinidade de enfeites, tais como: as aplicações, os bordados, as faixas, as rendas e as flores, dispostos com graça e elegância.

Os modelos para esporte, excursões, passeios e viagens, foram idealizados com esmero e nas mais variegadas cores e feitios.

Entre os conjuntos típicos para este verão encontram-se os modelos de duas peças e trajes realizados em fazendas lisas combinadas com estampados, algumas vezes ousados, porém sempre com um traço de elegância e distinção, devido a uma sábia escolha de cores.

Tendo em conta a variedade de estilos nestes modelos, torna-se fácil a tarefa da escolha de acordo com a bela silhueta e tipo de cada pessoa.

Esses deliciosos efeitos inspirados nas nossas avós, tais como as mangas três quartos, os babados, os drapeados, as cinturas baixas, as saias muito amplas e as cinturas justas, concorrem em grande parte para o encanto irresistível de muitos vestidos modernos, principalmente os idealizados para as jovens.

A ausência quasi total das mangas é um detalhe típico desta temporada de verão. E' sem dúvida muito prático e comodo para o calor. Esses modelos podem ser acompanhados por boleros, que estão muito em moda e podem ser usados ao entardecer. Além dos boleros, temos as capinhas curtas, última inovação da moda, que completam alguns destes vestidos sem mangas ou com mangueiras sumamente curtas.

A moda de manga curta, traz consigo o original uso de diversos acessórios, tais como: os reluzentes braceletes de todas as formas e estilos, que adornam inteiramente os braços nus; os colares coloridos ou, muitas vezes, da mesma fazenda do vestido, e que vão até a cintura.

E' também importante o papel desempenhado este ano pelos botões.

Os botões não servem apenas para abotoar mas também como adorno. Encontramos botões para todos os tipos de vestidos. Os artistas e artífices inspiram-se nas curvas de um candelabro antigo, nas conchas marinhas, nas cabeças de animais, nas frutas, nas flores.

Os botões com desenhos simples destinam-se aos "tailleurs", casaquinhos e "sweaters". Os de matéria plástica transparente e coloridos, com pedras incrustadas, são de efeito surpreendente nos vestidos escuros e trabalhos de lã. Os de madeira, pintados a mão, são indicados para os trajes esportivos.

Não se pode dizer hoje que existe roupa velha. Os vestidos usados se transformam em novos pelo simples efeito de um botão. Não é necessário ser uma profissional, para dar à roupa um toque de graça e encanto. Botões brilhantes, vistosos, sobre um vestido usado, realizam verdadeiros milagres.

A FLOR DE PAINEIRA

(Para lêr a sua filhinha)

ANTONIETA TORRES DE ALMEIDA ASSUNÇÃO



NAQUELE tempo o Sol era um sujeito muito gordo e vermelho.

Ele andava gostando de certa senhorinha chamada — Flor de Paineira.

Porém, acontece que o Vento Sul, moço violento, também cobijava a tal mocinha.

E como havia de ser?

Naturalmente, a faceira é quem decidiria.

Bem levianazinha era ela. Um dia gostava de um, outro dia gostava de outro.

Mas, vendo que se continuasse assim, logo ficaria solteirona, a Flor de Paineira resolveu decidir e casar-se.

— E' melhor casar com o senhor Sol. O Vento Sul é moço bravo, quando se zanga, não há quem possa com ele.

E assim, marcou-se o casamento do senhor Sol e a senhorita Flor de Paineira para uma bela tarde de Setembro.

O Vento Sul, quando soube da preferência da Flôr pelo seu rival, ficou zangadíssimo e jurou vingar-se.

Que fez então?

Na horinha do casamento, apareceu na casa da noiva, fazendo "forrobodó". Queria brigar com o Sol e roubar a encantadora prometida.

Nem é preciso dizer que ela estava deslumbrante no seu vestido côr de rosa. Naquele tempo, as noivas vestiam-se de rosa e não de branco, sabe?

Quando o Sol viu o furor do Vento Sul, pegou da mão de sua noiva e saíram correndo pela porta da cozinha.

O Vento Sul toca a perseguí-los. Sobem morro, descem morro e o Vento estava já pega ou não pega, quando uma nuvem vai em socorro dos fugitivos.

Os noivos galgam a nuvem e esta põe-se a galopar em direção ao Céu. Era lá que ficava a casa do Sol.

Estavam a chegar lá em cima e... oh, infelicidade! A pobrezinha da Flor de Paineira desprendeu-se da nuvem e vem caindo, caindo pelo espaço.

Ela vem cair desfalecida sobre uma grande árvore de galhos agigantados.

O seu amplo vestido côr de rosa abre-se inteiro e cobre todinha a árvore de galhos agigantados.

Ninguém a vê, e aí morre, sozinha, a graciosa Flor de Paineira.

Com o tempo, o vestido de noiva vai, aos pou-

PERFUMARIA HERÚ

apresenta...



- AGUA DE COLÔNIA - perfume moderno
- AGUA ANTISÉPTICA - finíssima loção para após barba
- LOÇÃO FIXADORA - "não empasta" - fixa e perfuma os cabelos
- QUINA PETROLEO - Finíssima QUINA verdadeira - "não mancha"
- PETROLEO - delicadíssima loção e "petrolatum" combinados

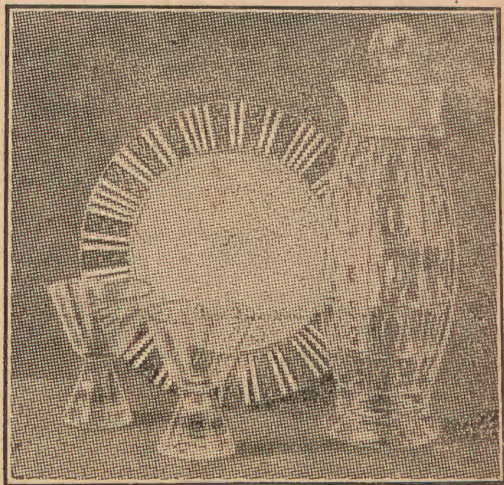
Envie-nos o seu endereço, e receba amostras, características e ilustrações dos nossos artigos. Perfumaria Herú - C. P. 3486 - Rio

BELO HORIZONTE — Helio Pimentel & Cia. Ltda. Caixa Postal 242

cos, se desfazendo, desfazendo, restando pedacinhos aqui e ali.

E de cada pedacinho surgiu, então, uma delicada flor côr de rosa.

As flores de paineira são, pois, os retalhos do vestido de noiva da namorada do Sol.



Presentes do fino gosto!

- Escolha-os no moderno sortimento do maior empório de louças, cristais e porcelanas da cidade.

CASA CRISTAL

Rua Espírito Santo, 629
ESQ. DA AV. AFONSO PENA

VITRINE



A MULHER que tem por encargo a administração de sua casa pouco tempo de sobra dispõe para se entregar à leitura. Se gosta de ler, este fato demonstra que não pode gastar o tempo exiguo com a leitura de um livro qualquer mas, ao contrário, precisa escolher boas obras. Entendem-se como tais as que são igualmente uteis e agradáveis, aptas a deleitar e instruir.

Lemos para três fins, o de crítica, o de emoção e o de estudo. A melhor leitura é a que emociona e prepara o espírito para a vida. Mas temos também, nesta hora de dificuldades econômicas, temos que atender ao preço dos livros, dia a dia cada vez mais exorbitante. Considerando todas estas circunstâncias, aconselhamos às mães de família uma obra excelente, intitulada "Educação dos Filhos", de Constâncio Vigil. Não tem mais de cem páginas e encerra ensinamentos muito uteis e práticos

Um livro para você

para a conduta que cumpre adotar com os filhos.

Os casais novos, principalmente os que têm um filho só, lucrarão com a sua leitura. Ali se exemplificam os casos diários do procedimento de pais e filhos que necessitam ser retificados. O autor põe as questões muito bem, dando sempre as razões e os motivos de nossos erros, os quais acarretam consequências desastrosas. Mostra como se trata o filho desde a mais tenra idade e indica quais as atitudes falsas adotadas pelos pais e pelas mães. As lições são dadas em forma de diálogo, em linguagem simples e com argumentos que convencem de modo pleno.

A jovem mãe que tem dedicação a seu primeiro filho não pode deixar de conhecer tais conselhos que, em verdade, lhe trarão sossego e paz de consciência e, com tudo isso, a verdadeira felicidade de seu pimpolho.

LIVROS NOVOS.

HUMILHADOS E OFENDIDOS — Obras completas e ilustradas de Dostoiévski — Livraria José Olímpio Editora.

MAIS um volume de Dostoiévski na monumental edição de suas obras completas, acaba de ser lançado pela Livraria José Olímpio Editora: "Humilhados e Ofendidos" é um romance de tipo George Sand e Octave Feuillet, mas feito por um homem de gênio. E isto diz tudo de seu mérito. A tradução é de Raquel de Queiroz, sendo o volume ilustrado por Oswaldo Goeldi, com prefácio de Oto Maria Carpeaux.

OLINDA — Gilberto Freire — Ilustrações de Luiz Jardim — Livraria José Olímpio Editora.

EM segunda edição, e com feitiço gráfico inteiramente novo, acaba de aparecer a obra de Gilberto Freire, ora incluída na coleção "Documentos Brasileiros", em que foi publicado, anteriormente, documento idêntico sobre Recife. As duas tradicionais urbes nordestinas

constituem uma espécie de domínio de Gilberto Freire. Ninguém as conhece melhor do que ele. Erudito, sempre escrupuloso e justo nos informes, o autor é, ao mesmo tempo, um artista, habituado a tratar poeticamente os assuntos, com uma poesia orgânica que não implica na deformação da realidade. Belos trabalhos de ilustração, em sépia, impressos a off-set, valorizam o volume.

DESOLAÇÃO — Romance — Dionélio Machado — Livraria José Olímpio Editora.

O ESCRITOR gaúcho Dionélio Machado passa hoje por ser uma das figuras mais destacadas do moderno ficcionismo brasileiro — título de mérito que o seu terceiro romance "Desolação" ora lançado, vem confirmar amplamente.

POESIAS — Cid Silveira — Livraria José Olímpio Editora.

CID SILVEIRA que hoje estreia com um livro de versos intitulado simplesmente

"Poesias", pertence a uma família de intelectuais em que figuram os nomes de Waldomiro Silveira, Diná Silveira de Queiroz e Miroel Silveira. Não há, em sua poesia, a preocupação metafísica e nem mesmo esse tom de misterio tão forçado em certos poetas modernos. Suas estrofes exprimem imagens e emoções que se comunicam facilmente com o leitor.

NOVAS POESIAS — Lucio Cardoso — Livraria Editora José Olímpio.

A OBRA de romancista de Lucio Cardoso, toda ela, revela um poeta que, em certos momentos, sente-se tentado a expandir livremente em verso, em canto, tudo que lhe vai malma. Assim, Lucio Cardoso vem de nos dar o seu segundo volume de poesias que revela a extraordinária personalidade artística do consagrado escritor.

— Continúa na página 44 —

POETAS E PROSADORES

NA COLEÇÃO "Joaquim Nabuco" sob a direção de Alvaro Lins, a editora AMERIC acaba de publicar o ensaio de Cristiano Martins a respeito de Camões. É um justo motivo para falarmos aqui desse poeta espiritual e prosador fino, tão avesso ao elogio e tão arredado dos grupos político-literários de Belo Horizonte. Em literatura como em tudo o mais, pouco vale o excesso de gestos, pouco vale o palavreado ou o barulho. Há o senso fulgador do público que lê, o qual não se engana, termina sempre por selecionar os valores verdadeiros. Cristiano é um deles. Vive no seu canto, com os seus livros e a sua erudição, estudando e meditando. Não faz o menor esforço para impôr a sua opinião quando por acaso se vê em grupos de artistas, parece mesmo que desdenha o elogio. No entanto, já se firmou o seu conceito de prosador correto, de analista exato e de estilista plácido.

Leva o desejo do silêncio a tal extremo, que publicou um excelente livro de poemas sob pseudônimo silencioso, estabelecendo dúvida até entre os seus amigos íntimos.

Agora, a sua obra sobre o poeta português vem pôr-lhe de manifesto dons de crítico e cultura selecionada.

Os seus conceitos sobre Camões são elevados, certos e originais, embora ditos de uma maneira sem nenhuma jactância, até ao contrário, ditos de modo brando, claro e insinuativo, resultando em um dos melhores estudos já publicados em língua portuguesa sobre o grande lírico.

Não há dúvida de que Cristiano Martins pertence à classe dos homens de letras que dão valor e importância à profissão, dignificando-a pelo talento, elevando-a pela cultura e enobrecendo-a pela seriedade do trabalho fecundo.

Tuinha sem aparato, sem os recursos de ator.



CRISTIANO MARTINS

* * *

EDUARDO FRIEIRO NA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

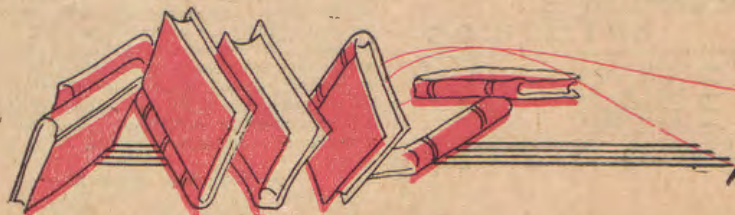
PARA preenchimento da vaga de Avelino Foscolo, a Academia Mineira de Letras acaba de eleger Eduardo Frieiro.

O autor de "Ilusão Literária", "O Brasileiro não é triste", "O Clube dos Grafomanos", "Os livros, nossos amigos", "O mameluco Boaventura", "O cabo das tormentas" e outros numerosos êxitos, é sem nenhum favor uma das personalidades mais vigorosas de nossas letras, crítico consagrado e ensaísta de valor, cuja escolha vem honrar a nossa Academia, emprestando-lhe ainda maior prestígio.

OS "BEST-SELLERS" DO MÊS

DAMOS aqui a estatística realizada para apurar quais os cinco livros mais vendidos nesta Capital durante o mês de Novembro ultimo, segundo as informações que nos foram enviadas pelas seguintes livrarias: Cultura Brasileira, Oliveira Costa, Rex, Queiroz Breiner, Pax, Belo Horizonte e Francisco Alves:

- 1.º) A CANÇÃO DE BERNADETTE — Franz Werfeld — Romance — Edições Pongetti.
- 2.º) HELENA WILFUER — Vicki Baum — Romance — Livraria José Olímpio Editora.
- 3.º) OS HUMILDES — Godofredo Rangel — Contos — Editora Universitária.
- 4.º) BRUMAS DO PASSADO — Rachel Field — Romance — Livraria José Olímpio Editora.
- 5.º) A ESTIRPE DO DRAGÃO — Pearl S Buck — Romance — Livraria José Olímpio Editora.



LIVRARIA INCONFIDENCIA S.A.

CAIXA POSTAL, 595

RUA DA BAHIA, 1022

BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS

Agradece a preferência dispensada em 1944 e deseja a seus amigos e freqüentes um PROSPERO ANO NOVO.

- Seção completa e especializada de livros católicos — Grande estoque de livros médicos, jurídicos, técnicos e científicos nacionais e estrangeiros.

SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL PARA QUALQUER PARTE DO BRASIL
ENVIAMOS CATA'LOGOS A QUEM NOS SOLICITAR

LIVROS NOVOS

— CONTINUAÇÃO —

AS MULHERES DE MANTILHA — Joaquim Manoel de Macedo — Edições Melhoramentos.

ROMANCE histórico magistralmente escrito, no qual são fixados os contornos da vida colonial do Brasil durante o vice reinado do Conde da Cunha, esse famoso livro do grande romancista aparece agora em excelente edição da Melhoramentos, com belos desenhos de Percy Lau.

PRETO NO BRANCO — M. Ilín — Editorial Vitoria.

M. ILIN pode ser considerado como um dos maiores vulgarizadores dos conhecimentos científicos e técnicos de nossa época, sendo autor de inúmeras obras cuja saída se conta pelos milhões. Daí o sucesso que se deve prever para o seu livro "Preto no Branco", uma história do livro e da iluminação, com excelentes ilustrações de N. Lapchin e capa de J. Moraes.

POESIAS ESCOLHIDAS — Nilo Aparecida Pinto — Imprensa Oficial de Belo Horizonte.

MAIS um punhado de belas poesias vêm de ser reunidos em volume pelo consagrado poeta mineiro Nilo Aparecida Pinto, cuja obra é já bem conhecida do nosso público, dispensando quaisquer adjetivos. "Poesias Escolhidas" é um livro destinado ao mais absoluto sucesso, como acontece sempre com as obras de Nilo Aparecida Pinto.

EDUCAÇÃO DOS FILHOS — Constanção G. Vigil — Edições Melhoramentos.

EM cuidadosa tradução de Eduardo Tourinho para as Edições Melhoramentos, vem de ser lançado esse interessante trabalho que representa uma excelente contribuição para facilitar a missão dos pais, fixando diretrizes para cada um dos principais problemas relacionados com a educação das crianças.

COMO O HOMEM SE FEZ GIGANTE — M. Ilín-E. Segal — Editorial Vitoria.

OS autores desse interessante trabalho sobre a evolução do homem e o progresso da civilização tiveram em sua obra uma justa compreensão da psicologia da mocidade, constituindo esse aspecto a característica principal do livro. A tradução é de Haydée Paraguassú e capa desenhada por J. Moraes.

MEU TESTAMENTO DE FUEHRER — Anselmo Paranaense — Distribuição da Editora Brasiliense Limitada.

OBRA de humorismo, no qual o autor, tomando a personalidade de Hitler, faz o seu testamento. Passagens curiosas, em que, ao lado da graça com que expõe o assunto, Anselmo Paranaense faz a crítica acerba de uma obra de terror e vandalismo que o ditador germânico realiza no mundo.

POEMAS — Camilo de Jesus Lima — Editora Combate.

PREMIO Raul de Leone, da Academia Carioca de Letras, o autor de "Poemas" é também conhecido dos

nossos leitores, através de sua colaboração nesta revista. Bom poeta, dotado de fina sensibilidade e facilidade de transmitir emoções, Camilo de Jesus Lima deve receber a confortadora consagração a que faz jus, com esse interessante volume de poesias em que reúne as suas melhores produções.

BEBÊ QUERIDO — Album da Criança — Edições Melhoramentos.

REALMENTE muito interessante esse magnífico album para a criança, que as Edições Melhoramentos vêm de entregar às mães brasileiras, para o registro das cenas mais encantadoras da vida de seus filhinhos. Fino trabalho de arte gráfica, magnificamente ilustrado por Maria Heloisa Penteado e magistralmente escrito por Adília Penteado, que deverá encontrar entusiástica acolhida.

BRITISH AUTHORS — Richard Church — Edição de Longmans Green & Co. para The British Council.

POR gentileza do representante do Conselho Britânico, de Londres, no Rio de Janeiro, sediado à Avenida Graça Aranha, 327, sala 1.209, recebemos um exemplar desse magnífico volume em que aparecem os modernos autores britânicos desde Oscar Wilde e Thomas Hardy até Virginia Woolf e Daphne du Maurier, numa interessante galeria organizada pelo distinguido poeta, novelista e crítico Mr. Richard Church, ilustrada com 58 fotografias e "portraits" dos maiores nomes da literatura inglesa, e respectivos esboços biográficos com resenhas de suas obras.

VOZ DE MINAS — Alceu de Amoroso Lima — Livraria AGIR Editora.

O LIVRO do grande pensador brasileiro que orienta a opinião católica do país apresenta-se como uma defesa da alma de Minas contra os perigos que a ameaçam de... deixar de ser mineira, mostrando a importância capital que o nosso Estado tem para o Brasil pela sua capacidade de ser a encruzilhada de todas as correntes psicológicas e ideológicas que se cruzam, a partir de todos os cantos de nossa terra, da qual, como centro geográfico e espiritual, pode vir a ser o denominador comum.

— Conclui na página 79 —

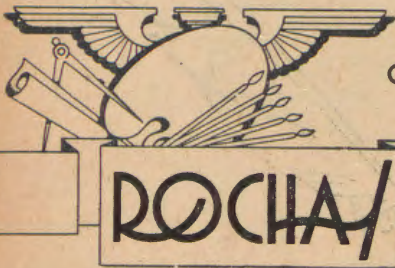
* * *

DESENHOS COMERCIAIS TÉCNICOS E ARTÍSTICOS

CARTAZES
GRÁFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS



RUA ESP. SANTO, 621-ESQ. AVENIDA ED. CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE



"Comer Bem" *

Um bom prato...
o melhor caminho
para o coração
do homem!



UM UTIL PRESENTE
PARA TODA DONA DE CASA!
VALE POR UMA BIBLIOTECA
DA ARTE CULINARIA!

*Nova
Edição*

INTEIRAMENTE REVISTA, acres-
cida de inúmeras receitas inéditas de salgados, bolos, doces, cocktails, sorvetes, etc., todas experimentadas por uma perita em arte culinária. Utilíssimos conselhos sobre arranjo de mesa, conservação de utensílios de copa e cozinha, tabelas de pesos e medidas e valor nutricional dos alimentos, etc.

A arte de preparar bons pratos é a melhor prenda para a mulher. As vezes mais seduz um prato bem preparado que a mais atraente toilette. Em COMER BEM a senhora encontrará os pratos típicos de todas as regiões, as novidades e excelências das cozinhas brasileira, francesa, italiana, americana, alemã, inglesa, russa, etc., em receitas fáceis e econômicas. Qualquer pessoa, mesmo a mais inexperiente, poderá executá-las com facilidade e sucesso.

COMPANHIA
EDITORA NACIONAL

Rua dos Girassóis, 639 - São Paulo

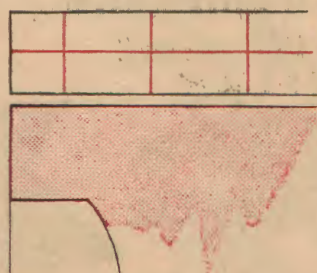
VOLUME COM
MAIS DE
500 PÁGINAS

Cr\$ 25,00

**PARA A CIDADE
E PARA O CAMPO**
Grande variedade de receitas para a cidade e para o campo. Para a cidade, os pratos finos e elaborados; para o campo, os de saber regional e de preparação simples.

PAISAGENS — LOC AÍS

*Nouveaux
Riches —*





MAU HALITO produzido pela fermentação

A fermentação das partículas de alimento, que ficam nos interstícios dos dentes, é a principal causa do mau hálito. Destrua esse mal com o uso de Odorans — o dentífrico medicinal, de alto poder germicida — que impede a fermentação e elimina o mau hálito. Faça bochechos e gargarejos com uma

solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições, para completa assepsia da boca.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

**2 HORAS
APÓS AS
REFEIÇÕES**



AGUAS PASSADAS ★

(NOTAS DO MEU DIÁRIO)
DJALMA ANDRADE

1913
AGOSTO

14

Foi o seguinte o programa de hoje do Parque Cinema: Lourinha, peça comica da "Film d'Art" de Paris; "Oração de um filho", drama; "Astucias de Bigodinho", comedia. No palco Loo Day, artista inglesa; Paqueta Montez, cantora espanhola e o duo

Gravina. Como se vê, um programa atraente e variado. Temos aqui uma "Liga pela moralidade" que não leva muito a serio a sua missão. Nenhum representante do gremio de puritanos resolveu ainda visitar o Parque Cinema, à rua Caetés. Essa casa de diversões não é familiar, diz um cartaz ao lado da bilheteria. Se não é familiar, porque consentem a entrada de menores nesse antro? Loo Day exhibiu-se hoje quasi nua entre aplausos de meninos. Nas mesas da platéia ocupadas por cantoras de cabaré, jovens de 17 anos se embriagavam com escandalo. Paqueta Montez que trabalha em Belo Horizonte ha mais de dois anos já se tornou popularissima. Não ha velhote assanhado que não a conheça. Fala-se mesmo de um conhecido medico que perdeu vergonha, clinica e a fortuna com essa espanholita explosiva e esperta.

O mineiro é conhecido lá fóra pela sua austeridade e pelo seu conhecimento do latim. A nossa fama de latinistas já deve andar muito arruinada com a peraltice da classe academica. Quanto à severidade dos costumes mineiros é isso que se vê. Qualquer artista estrangeira reduz a pó a virtude dos nossos Xenocrates...



1941
MAIO
3

O gosto por papeis velhos é um sintoma alarmante de decrepitude. Moço não tolera arquivos e museus. Apesar disso, não oculto a mania que tenho de revolver antigos documentos. Volta e meia tenho nas mãos coleções esquecidas de jornais da capital. Hoje folheei numeros do "Minas Gerais" de 1913. Como eram ingênuos os mineiros desse tempo! E a vida como era barata, santo Deus!

Na pagina de anúncios encontro os preços do cirurgião-dentista Pedro Muzzi, um dos mais afa-

mados de Belo Horizonte. Seu consultório estava instalado na rua Paraná. Mas a sua tabela de honorarios é que nos enche de saudades.

Lá está na edição de 6 de Setembro, 1913, do "Minas Gerais", quarta pagina, entre vinhetas, a lista de preços: Pivot 12\$000; corça de ouro 25\$000; obturação de ouro 5\$000. E, em seguida, numa nota explicativa, esclarece que ainda pode fazer abatimentos.

Logo depois um armazem publica o preço de generos de primeira necessidade: arroz, litro, duzentos reis; toicinho, quilo, mil e e oitocentos reis; manteiga, quilo, dois mil e cem reis.

Nesse mesmo número do orgão oficial, um senhor chamado Anísio Conrado clama contra a carestia da vida.

Como hoje nos parece ridículo esse protesto! Se esse sr. Anísio ainda fôr vivo como classificará a crise que atravessamos?...



1936
MARÇO
22

Encontrei hoje apontamentos interessantes sobre a medicina em nosso país. O primeiro medico que pisou em terras brasileiras foi Mestre Johanes, fisico de D. Manoel e que fez parte da frota de Cabral. Logo depois dele, vêm os jesuitas, principalmente Anchieta, que era habil na arte de curar.

Os fazendeiros tambem mostravam-se entendidos, sangravam e empregavam unguentos. Mas os benzilhões eram os maiores curandeiros. O proprio D. João VI reconheceu a ciencia desses espertalhões chamand-os para tratar dos soldados da guarda real.

Sobre o anel simbolico encontrei apenas a noticia de que ele começou a ser usado em 1838 pelo Dr. Thomaz Gomes dos Santos. Só muitos anos depois é que a esmeralda foi escolhida, pois os primeiros aneis simbólicos traziam, em relevo, o busto de Hipocrates.

O primeiro livro que tratou de medicina no Brasil é de autoria de Jorge Maregrave que era, ao mesmo tempo, medico, botanico, astrônomo e arquiteto. Só muito mais tarde, no seculo passado, os barbeiros exerceram a medicina, fazendo sangrias e aplicando bichas. Hoje, felizmente, não temos mais barbeiros medicos, mas ainda aqui e ali encontramos medicos barbeiros...

IRRRESISTÍVEL, quase doentio encanto, era o meu naquela época, de contemplar, extasiado, no museu dos Inválidos, o túmulo de Napoleão Bonaparte, a última encarnação do Deus-Sol, de Apolo, segundo Nietzsche. Eu o considerava, e ainda o considero, sem dúvida, o maior dos heróis de Carlyle. Toda a literatura publicada sobre a sua gloriosa existência e as suas campanhas, todos os volumes de Caulaincourt, de Frédéric Masson, de Bourrienne, de Montholon, de Houssaie, de Madame de Remusat, da duquesa de Abrantes, as **Memórias**, os **Diários**, os manuscritos inéditos, tudo eu devorava com capítosa sofreguidão de colegial.

Depois de percorrer, nos Inválidos, o pátio de Vauban, de transpor os quinze degraus que conduzem ao pórtico de colunas dóricas emoldurado pelas estátuas de São Luiz e de Carlos Magno, depois de examinar os jazigos do marechal Vauban e de Turenne, eu chegava, finalmente, à última abóbada, ao altar de mármore negro, caminho para a cripta onde contemplava, como uma maravilha para os meus olhos de bárbaro, o túmulo executado por Visconti.

O sarcófago aparecia, em baixo, cercado das doze colossais estátuas das Vétórisa esculpidas por Pradier, frente à capela das relíquias inacessíveis.

A Esplanada dos Inválidos, que diariamente eu atravessava, depois daqueles êxtases, é um dos mais empolgantes, um dos mais típicos recantos de Paris. Entre as ruas de Austerlitz e de Iena, o seu conjunto, depois deturpado pelas obras para a Exposição de 1937, era o lugar que mais intrigava as imaginações tocadas de napoleonismo. Fora ali que o Imperador, em 1804, mandara colocar o Leão de São Marcos, trazido de Venesa, mas que se espatifara quando retirado sob reclamação da Áustria. E ali, em 1840, trinta e duas estátuas e duzentos tripés fúnebres ornamentaram a avenida central por ocasião da passagem do cortejo das cinzas do herói de Austerlitz.

A sombra imensurável do Cesar mediterrâneo dali ainda se irradiava por todo Paris como a própria luz da França, cuja grandeza argamassara com a sua estranha personalidade. Que agradável sensação experimentava eu a flunar pelas ruas que Bonaparte percorrera em 1795, antes do Vindmiário, quando era ainda de uma magreza de vítima, "o sujeito de maior magreza que encontrei", segundo afirmava Stendhal!

A rua de Saint Honoré e a igreja de Saint Roch, palmilhadas pelos batalhões do golpe de Estado. A de Chantierne, depois rotulada de **la Victoire**, onde Josefina possuía a casa doada pelo amante Barras e onde, mais tarde, fora concebido o 18 Brumário. As Tulherias, centro de reunião do Conselho dos Anciãos O castelo de Saint Cloud, eixo da noite trágica da dissolução do Conselho dos Quinhentos. A rua Saint-Nicaise, onde explodira a máquina infernal sob a carruagem do Primeiro Cônsul (ia ouvir, na Ópera, a **Oratória**, de Haydn). As artérias, pontes e praças batizadas para consagração das vitórias de Lodi, Arcole, Rivoli, Marengo, Ulm, Austerlitz, Iena, Friedland...

Contemplando, com veneração, a obra-prima do burl de Visconti, eu aprazia-me em pensar no grande guerreiro romano, tão romano e tão universal que, nos seus primeiros titubelos da infância somente falava italiano e corso, e, nos seus últimos momentos de vida, também só se exprimia no dialeto da ilha natal. Entre a Itália, sua verdadeira pátria, e a Inglaterra, sua irreconciliável inimiga, sempre combatera, e incessantemente, pela França, cujas fronteiras dilatara ao limite concebível do sonho imperial de realizar os Estados Unidos da Europa. A França, a quem tudo pedia



UM HERÓI DE CARLYLE

THÉO FILHO
PARA "ALTEROSA"

Desenho de RODOLFO

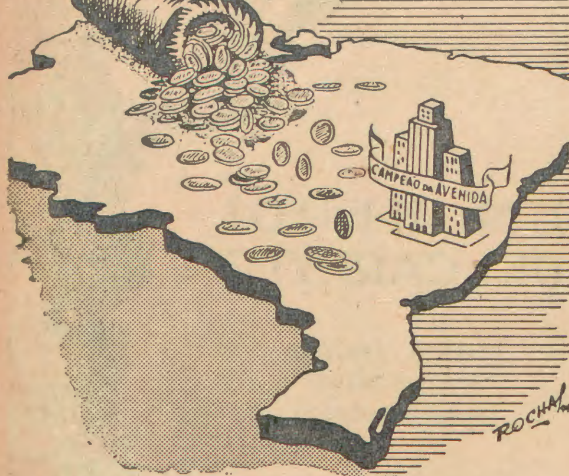
e que nada lhe negava, antes pátria amante que pátria-mãe, depressa esquecera que a Inglaterra, única nação que jamais batera dentro das próprias fronteiras, humilhara-o sem dignidade, quando ele, gigante derrubado, lhe pedira, num grave engano psicológico, asilo e hospitalidade. "Venho, como Temístocles, sentar-me ao lar do povo britânico. Ponho-me sob a proteção de suas leis, que reclamo de Vossa Majestade Real, como o mais poderoso, o mais constante e o mais generoso de meus inimigos" — escrevera ao dispor-se a subir para bordo do **Bellerophonte**, fundeado em Rochefort. Por quê motivo, no seu orgulho de herói da antiguidade, julgara os ingleses capazes de proceder com os persas? "Napoleão receberá na Inglaterra toda a consideração devida à sua pessoa. Em nosso país somos generosos e democratas" — respondia hipocritamente o comodoro inglês.

Enquanto todas as cabeças se descobriam no cais, ao divisar-se-lhe o perfil inconfundível no tombadilho do **Bellerophonte**, fundeado em Plymouth, o Governo Britânico deliberava decretar-lhe o cativeiro. O Xerxes moderno procedia horizontalmente...

Santa Helena, foi, sem dúvida, uma covardia, mas esta, premeditada friamente, com todos os requintes de crueldade burocrática, transformou Napoleão em um mártir. O seu carcereiro, mais algoz que soldado, levava a fereza ao cúmulo de privá-lo de todo o conforto doméstico. Morto, durante dezanove anos já Napoleão no rochedo miserável, ao pé de três salgueiros solitários, porquanto a Inglaterra se recusa a trasladar-lhe o corpo para a Europa.

Santa Helena, pequena ilha vulcânica descoberta pelos portugueses um ano depois da chegada de Cabral ao Brasil, é um rochedo tão hispido, que Byron, num dos seus poemas exaltados, o compa-

ENRIQUECENDO. todo o BRASIL!



EXTRAÇÕES em JANEIRO de 1945

LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

Dia	Premio maior	Preço
3	500.000,00	70,00
6	500.000,00	70,00
10	400.000,00	50,00
13	1.000.000,00	120,00
17	500.000,00	70,00
20	500.000,00	70,00
24	400.000,00	50,00
27	500.000,00	70,00
31	400.000,00	50,00

*

LOTERIA DO ESTADO DE MINAS

Dia	Premio maior	Preço
5	200.000,00	30,00
12	200.000,00	30,00
19	200.000,00	30,00
26	200.000,00	30,00

CAMPEÃO DA AVENIDA

O CAMPEÃO DAS SORTES GRANDES

AVENIDA. 612 E AVENIDA. 781
CX. POSTAL 225 - END. TEL. "CAMPEÃO"
BELO - HORIZONTE

NÃO MANDEM VALORES EM REGISTRADOS SIMPLES

rou a um esquite perdido na bruma, diante de cuja maldição a própria morte se sentiria arrepiada. Ali ninguém podia gozar saúde e ninguém jamais pudera alcançar a velhice. Napoleão, doente, desde o inverno da sua campanha da Rússia, sofrendo de um câncer no estômago — o squiro do piloro era hereditário na sua família — não poderia ter suportado aquêle destêrro duas mil léguas distante da Europa. Deram-lhe por companheiros escravos africanos e chineses bogais, ratos e ratazanas que infestavam o velho pardieiro onde habitara, uma antiga estribaria cujo soalho, apodrecido sobre o estêrco, afundou pouco tempo depois da sua chegada. "As ratazanas passelam por essa casa, relata um dos seus mais minuciosos biógrafos. Matam os frangos, mordem os cavalos, ferem o general Bertrand e escapam-se de dentro do tricórnio do Imperador, no momento em que esse vai pegar nêle". Os componentes do pequeno séquito do grande cabo de guerra pouco resistem a tanto desconforto e moléstias, sobretudo a disenteria; debandam pouco a pouco e no fim do seu cativeiro, próximo da morte, Napoleão verifica que somente dois ou três companheiros fiéis permanecem ao seu lado. Hudson Lowe, a hiena que se fêz carcereiro, tem requintes de malvez para tornar insuportáveis os últimos dias do guerreiro a cuja sombra conseguiu ter lugar na história.

*

Atravessando o Champ de Mars, buscando vagarosamente as pontes que ostentam nomes heróicos, muitas vezes, depois dessas minhas peregrinações aos Inválidos, uma pequena vendedora ambulante perseguia-me com afetada, amabilidade, oferecendo-me, por dois francos, um anel de ferro que era simile de uma maravilhosa aliança infeliz: a mesma que Maria Waleska dera de presente ao Imperador e que tinha gravadas estas palavras de extrema ternura:

"Se deixares de amar-me, não te esqueças de que eu te amo..."

*

NOVO ANO, VELHA ILUSÃO

— CONCLUSÃO —

Foi para atenuar este espetáculo que se inventou o calendário. Dividiu-se o tempo indivizível. Admitiram-se etapas, ficou estabelecido que todo ano a vida começa de novo. Com o Cristo renascido em cada Natal, a alma do homem vem novamente ao mundo. O fim do ano é um começo de caminho. Lutamos contra a dispersão, reunimos a família, os amigos, os companheiros. A alegria é trazida para dentro de casa pela festa da natureza, a sorrir na flor, na fruta, no vinho e nas oferendas. Erguem-se as taças aos deuses. A ilusão acalenta os corações, floresce a esperança nos espíritos. Esta união passageira parece estabilizar a existencia de todos. E o homem ama, canta, dança, se ilude. Mas, no outro dia, principia outra vez a desagregação fatal, a caminhada para o vácuo, para a separação inevitável. Ao cabo, todos se sentem sozinhos em meio da multidão, cujos passos cadenciados soam soturnos na estrada, rumo da morte eterna, única realidade da vida...

ALTEROSA * JANEIRO DE 1945

A Economia É UM HÁBITO



**QUE SE DEVE CUL-
TIVAR DESDE OS
PRIMEIROS ANOS**



**ABRA PARA SEUS
FILHOS UMA CA-
DERNETA NA**

As grandes virtudes do homem são de-
vidas, geralmente, à educação que
êle recebe no lar. E uma das maiores
virtudes, pelos benéficos que encerra
para o indivíduo e para a coletividade, é,
sem dúvida, o sentimento de economia,
que torna o homem prudente e o acober-
ta contra as incertezas da vida. Faça
seus filhos praticarem o hábito salutar
da economia, desde os mais tenros anos.

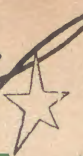
CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

RUA DA BAHIA, 1649
FONE 2-0151
BELO - HORIZONTE

**RETIRADAS POR MEIO
DE CHEQUES • ÓTIMOS
JUROS • GARANTIA DO
GOVÊRNO DO ESTADO**



Seitas e flumaf



A GENTE observa muita coisa interessante nas piscinas, dizia ilustre matrona numa roda de amigas. Acho mesmo, afirmava a austera senhora, que a diminuição dos casamentos têm a sua origem nos banhos públicos. O mistério, fonte do amor, deixou de existir. O "maillot" não é maior do que a folha de parra da cena bíblica. E, além disso, quanta exibição! Os jovens desejando parecer viris e robustos tomam banhos de pilogenio e se transformam em ursos. Dão urros como Tarzan quando mergulham na água clorada. As moças, por sua vez, procuram imitar Dorothy Lamour. Os casais reproduzem nas piscinas o que vêm nas telas. Já notei, também, pasmada, que moças e moços as vezes mergulham em pontos diferentes e surgem juntos no mesmo lugar. Que se passa debaixo d'água? Ninguém sabe. O verde do cloro esconde muita coisa... E madame arrematou feroz: — No meu tempo não havia disso. O rapaz que quizesse vêr o tornozelo de uma mulher tinha que passar pela igreja e pela pretoria. E assim mesmo não era fácil...



HÁ na capital, um jovem universitário que está fazendo um juízo temerário de certa garota sua vizinha de cadeira num dos cinemas elegantes da capital. O moço está julgando que a jovem é leviana porque a cada momento tocava no seu braço durante a exibição do filme. Eis aí um caso que precisa esclarecimentos. A jovem em questão é distintíssima. Os seus movimentos eram instintivos. Procurava uma pulga tremenda que ora lhe fisgava o joelho, ora um pouco mais acima, ora um pouco mais abaixo, mas sempre com voracidade tigrina. O moço universitário, não acreditando que um cinema elegante pudesse ser um ótimo clima para parasitas daquela natureza, deu uma interpretação falsa aos gestos da sua vizinha da esquerda. A pulga infernal, podemos asseverar, só foi morta na casa da distinta senhorita, depois de muita luta e muita acrobacia...

— Conclui na página 97 —

*Um Toque sutil
de elegância
e requinte—*

Mais concentradas,
dotadas de essência
suaves e delicadas,

as Aguas de Colonia de Coty
acrescentam um novo toque de
elegância à sua "toilette". Aplicadas
depois do banho, em fricções sobre

a pele, dão uma agradável sensação de refrigério e bem-estar. Algumas gotas no
lenço ou na "lingerie" contribuem também para essa aura de sonho e de poesia
que deve envolver todos os seus gestos.

As Aguas de Colonia de Coty
são indispensáveis no seu toucador.



J.W.T.

AGUAS DE COLONIA

Perfumadas COTY

A VOZ DAS RU

A FILOSOFIA DA VIDA NOS PRE NIDAS E NAS PRAÇAS — DO BILH MILHÃO — MALABARISMOS

A CIDADE tem um conjunto de vozes, nascido da alma das ruas. Harmonia indispensável à existência do borborinho cotidiano, essa característica essencialmente humana é produto de origens diferentes, instantâneo criado pela gente que vem dos mórros e dos bairros para alcançar as migalhas das bolsas fartas. Nestes últimos tempos, quando a Avenida perdeu o colorido das aparências e o poeta recuou para o canto do passeio, deixando caminho li-

vre aos zebuzeiros, comerciantes de imóveis e pedras preciosas, aquelas vozes se tornaram mais vivas, mais fortes, revestidas dessa tonalidade de esperança, tão comum na luta pela vida. Correrá pelos mórros a notícia de que o zebú vencêra e estava sendo disputado, na sua imponência, até por um milhão de cruzeiros. Da tempestade de lances cairia uma folha para o estomago pobre. Esta frase, distintivo dos lutadores vulgares, nasceu e ganhou vulto no cruzamento da avenida Afonso Pena com a rua Carijós, ali onde o elétrico da Gameleira vira os seus bancos para retornar ao bairro e o condutor engole um pastel enquanto se acende a luta para alcançar um lugar, pelos menos como pingente.

Um poeta modernista, quando a cidade estava deserta na madrugada fria, buscou inspiração naquele local e só lhe chegaram aos ouvidos as mesmas vozes que promovem ali a agitação normal dos dias de trabalho, como se pulsasse nelas o coração da cidade. Algumas se apagaram, tornando-se inescutíveis. Outras estão desaparecendo. Estas, são as vozes da mendicância, ora recolhidas a um abrigo de caridade. Já não podem contar histórias fantásticas, no realismo das grandes mentiras. O intelectual perdeu essa preciosidade. Havia um pobre em cada esquina e em cada pobre um capítulo de romance...

Às 17 horas, o instantâneo da Praça Sete se enche de vozes. Um expedicionário de Belo Horizonte escrevera para a família pedindo fotografias capazes de lhe encher a alma de recordações. Na resposta, seu irmão dizia que bastava a lembrança dos cambistas de loteria, dos pasteleiros e outras figuras populares, para que se tivesse Belo Horizonte na alma.

Vender bilhetes de loteria tornou-se uma profissão ao alcance de todos. É rendosa. Isto não quer dizer que o belo-horizontino seja apaixonado por essa modalidade fácil de se ficar milionário. Tudo depende da maneira de vender bilhetes. Um se limita apenas a gritar fortemente: jacaré, cobra, elefante! Outros têm uma técnica diferente: "É a última fração, olha o premiado!"

José Evangelista tem um barracão na Vila Santo André. Ganhou-o nas comissões de cambista. Sua maneira de agir é original. Procura saber o endereço de doutores na lista telefônica. Procura-os em seus consultórios ou escritórios. Ao chegar, trazendo sempre um terno elegante, o cambista muda de voz e de atitude e assim se expressa: "Doutor! Esta noite sonhei que passeávamos por uma estrada cheia de trigais aos lados. O senhor ia satisfeito, quando, de repente, fixou-se, no céu muito azul, este numero (diz um numero qualquer, desde que tenha o bilhete correspondente no bolso). Confio no seu espírito cavalheiro, trouxe-o para o senhor."

Muitos doutores têm acreditado na história e nas promessas de José Evangelista. Outros, porém, acham graça na história. Em qualquer dos casos, Evangelista vende seus bilhetes e, dessa maneira, vai aumentando suas economias. Para falar aos doutores decora trechos de Alencar e Coelho Neto,



AS DA CIDADE

GÕES DOS QUE LUTAM NAS AVE- ETE DE LOTERIA AO ZEBÚ DE UM EM BUSCA DO PÃO NOSSO...

auxiliado nessa tarefa pela esposa que lhe toma as lições.

A porta da Livraria Rex é encontrado sempre um cambista que a cidade inteira conhece. Sua dificuldade de falar está no seu próprio defeito físico, sendo-lhe quase impossível caminhar. "Véio", que morreu há alguns meses, era considerado um intruso e, muitas vezes, a polícia chamava-lhe a atenção pelos seus métodos de ganhar dinheiro. Momentos interessantes atravessam os cambistas, das 14 horas em diante, nos dias de extração da loteria. No famoso quarteirão da Rua Carijós os gritos se multiplicam:

— "Vai correr, é a última. E' a vaca, o veado, já está correndo. Não perca esta oportunidade, cavalheiro."

No tumulto, aparece uma velha alta, de voz fahnosa.

— "Compra este, meu filho. Garanto que está premiado. Se estiver branco "devolvo" o dinheiro".

Nêsse momento, os bondes Gameleira, Carlos Prates e Progresso tocam insistentemente as campainhas. O povo corre. Há barulho, enquanto outras vozes aparecem:

"Cânfora e naftalina. Olha a pomada para calos!"

— "Cinco lapis por dez tostões!"

— "Requeijão e doce de leite!"

— "Um brinquedo para o seu filho", diz o ambulante agitando um macaco prêso a uma fita.

— "Aqui está, senhores, a última novidade. Máquina para "cascar" batatas".

— "Olha a laranja gelada e descascada".

Grupinhos formados à espera do bonde conversam em voz alta:

— "Preciso alugar uma casa até 500 cruzeiros. Não me importa o bairro".

— "Vendi aquele zebú por 600 mil cruzeiros".

— "Não gostei do Errol Flyn em Fugitivos do Inferno".

— "Que marca é o seu gasogênio"? Vou trocar o meu carro".

— "Onde posso arranjar uma empregada por 150 cruzeiros mensais?"

— "Quem fez êsse terno? Foi barato, por 900 cruzeiros".

Defronte à Feira de Amostras, um homem enrola uma cobra no pescoço para garantir a propaganda do seu remédio "infalível para tirar manchas da roupa".

Um corretor de ações se aproxima à procura de fazendeiros.

— "Minha Companhia é boa. Está em organização. Vai dar progresso ao Brasil".

O fazendeiro procura livrar-se do sujeito e desaparece.

Na rua São Paulo com Caetés, o condutor grita: "Vai correr".

E o Hórto segue o seu destino, abarrotado.

O telefone do estacionamento de automóveis tilintou. O telefonista grita o número do carro chamado. O motorista que não gosta de obedecer tabelas, quer saber qual é o serviço...



Para ALTEROSA

Agora, a barulhenta sirene da Loteria de Minas convida o belorizontino a empenhar o relógio e comprar um "bilhete premiado"...

Russo viajou, desapareceu das nossas ruas. Os granfinos costumavam achar absurda a sua coragem de sair gritando pelas ruas, até o dia em que o "Gato Felix" escreveu uma crônica dizendo que coragem maior era comprar ternos ele-



De Mês a Mês



texto e versos de
GUILHERME TELL
bonecos de **ROCHA**

Noticiam as folhas cariocas que, no Rio, na noite de Natal, para converter sua noiva Estér à religião cristã, um jovem rico pôs no sapato da moça uma cruz de brilhantes do mais alto preço.

*Estér, a bela judia,
Alma irrequieta e louçã,
Jurei, ao meu Deus, que um dia
Eu a faria cristã.*

*No Natal de anjos galantes,
Fez-se o milagre, Jesus!
Dei-lhe uma cruz de brilhantes
E ela adorou essa cruz.*



Dizem as revistas que uma “estrêla” de Holiúde, por ter o nariz enorme, submeteu-se a uma operação. Aconteceu que o operador cortou demais. A infeliz atriz procurou os tribunais, mas os juizes não quiseram tomar conhecimento da queixa.

*O doutor, com engenho e arte,
(não o faria por maldade)
Reduziu-o à terça parte,
Quando bastava a metade.*

*A artista, com espalhafato,
Foi procurar o juiz,
Mas a justiça, no fato,
Não quiz meter o nariz...*



Noticiam os telegramas que a dansarina espanhola Carmen Blanca, mulher de rara beleza, fez seguro das suas pernas pela quantia de um milhão de cruzeiros.

*Pensando no seu futuro,
A dansarina do dia
Pôs as pernas no seguro
Por uma enorme quantia.*

*Quando o preço foi aberto,
Houve zum-zum, sensação!
Mas só Carmen sabe, ao certo,
Quanto essas pernas lhe dão...*



Noticiam os jornais que na moêla de uma galinha na cidade do Serro, em nosso Estado, encontrou-se um diamante no valor de 10.000 cruzeiros. Já é a terceira vez que ali se verifica esse fato.

*Pode haver engano ou erro,
Sorte grande ou fantasia:
Galinha que vem do Serro,
Bilhete de loteria.*

*Fica o dono na incerteza,
Sem um gesto claro e franco:
Não sabe se a põe na mesa,
Não sabe se a põe no banco.*



As folhas cariocas noticiam que o povo vaiou estrepitosamente uma viuva que se apresentou de grinalda na solenidade de seu segundo casamento.

*Contra a viuva exaltou-se
O povo, mas sem razão:
Se de grinalda casou-se
É fácil a explicação.*

*Ao novo esposo profundo
Amor vota e verdadeira:
Para agradecer ao segundo
Ela zombou do primeiro.*



UMA CARÍCIA PERFUMADA!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso, o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido

no Brasil, há mais de trinta anos. O pó de arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: branco, rosa, raquel, ocre-claro e ocre-escuro. Pó de arroz Lady — é o melhor e não é o mais caro.

Pó de ARROZ

Lady

À VENDA EM TODO O BRASIL



P. Ferraz

Uma monja no **MÉXICO** dos vice-reis

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY



DECORRERAM quase dois séculos e meio depois de sua morte. Quase dois séculos separaram a época em que ela escreveu do descobrimento da América. No ambiente confuso e tumultuoso do México dos vice-reis, sor Juana Inés de la Cruz procurou apaixonadamente, penosamente, adquirir toda a ciência do seu tempo. As dificuldades que se opunham a estes estudos não eram somente exteriores: estudava e lia com tanta avidez quanto tinha remorsos. A ciência naqueles tempos não era feita para as mulheres e menos ainda para uma monja.

Juana Inés nasceu no dia 12 de novembro de 1651 na aldeia de San Miguel de Nepantla, cravada entre os dois grandes vulcões mexicanos, Popocatepetl e Iztaccihuatl, à distância de uns sessenta quilômetros da capital. Seu pai, don Pedro Manuel de Asbaje y Vargas Machuca, marinheiro oriundo de uma pequena cidade basca, tinha chegado poucos anos antes ao México, onde se casara com uma linda crioula, dona Isabel Ramirez de Santillana. O tipo exótico da mãe refletia-se com eloquência nos olhos de brasas e nas sobrancelhas cerradas de Juana, enquanto que o nariz aquilino e a boca, de beijos finos, irônicos e voluntariosos acusavam a herança paterna.

Juana ainda não tinha completado três anos quando foi acompanhar sua irmã mais velha em casa de uma professora — uma destas mestras da infância que se costumava chamar “amigas” e que ensinavam a ler e escrever. A caçula achava-se assim bem fiscalizada, enquanto a mãe podia cuidar livremente da casa. Ninguém tinha pensado, naturalmente, que participasse também do ensino. Entretanto Juana pediu com tamanha insistência, que a professora, portando-se como verdadeira amiga, consentiu a lhe dar uma aula de leitura. Ela o fez de brincadeira, sem acreditar na afirmação da pequerrucha que tal era o desejo de sua genitora. No dia seguinte Juana sabia a lição de cor e a “amiga” teve que ceder às suas súplicas, continuando a ensiná-la, sempre às escondidas da mãe. Esta só descobriu o segredo quando a filha já sabia ler e escrever. Quem o conta é a própria Juana, na sua célebre *Respuesta a la muy illustre sor Filotea de la Cruz*, fonte principal para os seus biógrafos, verídica e exata, pois “Deus a havia dotado de um grande amor pela verdade.”

Com a idade de seis ou sete anos, Juana ouvira falar da Universidade e das Escolas do México, onde rapazes estudavam as ciências. Logo pôs-se a tormentar sua mãe para que esta a vestisse de menino e a mandasse em casa de parentes que

moravam na capital, onde pretendia seguir os cursos. “Ella no lo quiso hacer (y hizo muy bien!)” acrescenta sor Juana, contando este sonho da sua infância. Entretanto na biblioteca de seu avô, encontrava de que nutrir sua curiosidade e aliviar sua sede de saber, até o dia em que seus pais a conduziram à cidade do México. Ai, seus estudos continuaram desorganizados: devorava todos os livros que o acaso lhe fazia cair entre as mãos, sem a voz viva de um mestre para a ajudar. Com treze anos foi recebida na corte do vice-rei como dama de honra da vice-rainha. Pois a fama da sua beleza e da sua inteligência havia chegado até o palácio.

Durante algum tempo, a vida frívola e requintada deste meio novo a divertiu e encantou. Ela participa nos concursos de poesia, tendo composto seu primeiro poema com a idade de oito anos, por ocasião de uma festa religiosa numa aldeia vizinha à sua — e todo mundo fica maravilhado com os dons extraordinários e a graça da jovem. Achase rodeada por cortesãos que procuram conquistar seu coração altivo e dominar seu espírito crítico. Ter-se-ia deixado enternecer pelas palavras de um daqueles admiradores? Parece que sim: seus poemas de amor são muito sinceros para só serem imitações de um estilo em voga. Ao mesmo tempo sentimentais e cerebrais, levam uma curiosa mistura de amargura e doçura. Sob a pena inspirada da poetisa, a língua espanhola que sabe ser dura como o aço e límpida qual nascente de água pura, canta nos ritmos mais variados, aproveitando com destreza todas as formas da poesia barroca. Esta lucidez extraordinária, este domínio de si, este saber tão raro numa mulher, ademais jovem e bonita, serão dons do Céu ou do Inferno?

O prudente vice-rei manda examinar Juana por uma mesa de quarenta eruditos e doutores. Longe de se deixar intimidar por aquele interrogatório cheio de astúcias, a moça defendeu-se — segundo a testemunha do próprio vice-rei — “qual uma galera real no meio de um enxame de chalupas.”

Mas a vida da corte, fútil e vazia, cansou-a depressa. Juana aspirava a uma existência estudiosa e letrada. Gostaria de viver sozinha, tendo por companhia livros, instrumentos de música e de astronomia, e por único fim as letras e as pesquisas científicas. Como poderia, porém, uma mulher realizar uma ambição tão audaciosa naquele meio e naquela época?

Queriam que ela se casasse. Então, “sendo uma negação total para o matrimônio”, ela tomou a decisão de ingressar no convento, embora lhe re-

pugnasse a disciplina e a vida em comum, em que temia encontrar um obstáculo à sua liberdade, uma ameaça ao desenvolvimento da sua personalidade, um impedimento ao trabalho intelectual.

Com dezesseis anos ela entra como noviça no mosteiro carmelita de São José. A regra da ordem é dura demais para a sua saúde frágil, e no fim de três meses, Juana volta para o mundo. Mas não se sente mais à vontade, não tendo o menor gosto para os prazeres de outrora. E no dia 24 de fevereiro de 1669 toma o véu no convento de São Jerônimo.

Entre os muros do claustro, naquela época cheio de contradições, a vida era ainda assaz mundana. A freira Juana tinha uma biblioteca privada de quatro mil volumes, cuja escolha era bastante livre, possuía obras de arte, instrumentos científicos e até joias. Sua célula tornou-se o lugar de reunião de tudo que havia de mais intelectual na capital colonial. Diante de um público de escol, as religiosas representavam peças dramáticas e tocavam músicas sagradas e profanas.

Soror Juana Inês de la Cruz tem escrúpulos de ser demasiadamente procurada, adulada e adorada, mesmo atrás das paredes do convento. Desde pequena impunha-se disciplinas severas: proibia-se de comer queijo, sua guloseima preferida, “**porque oi decir que hacía rudos**”; meninota, cortava seus cabelos para penitenciar-se da lentidão dos seus progressos, porque, dizia, “uma cabeça ôca não é digna de tal ornamento”. Freira, privava-se do prazer de conversar com outras monjas que buscavam sua companhia, só rompendo êsse voto de vez em quando, para não parecer “**áspera, retirada e ingrata al no merecido cariño de mis carísimas hermanas.**”

Por várias vezes viu-se condenada a interromper seus estudos: uma vez foram os médicos que lhe interditarão a leitura, outra vez uma superiora demasiadamente escrupulosa. Mas isto não basta para parar o trabalho contínuo do seu pensamento: sem o concurso dos livros as engrenagens do seu cérebro movem-se mais depressa ainda, e isto lhe dá até “dor-de-cabeça”, de tanto refletir sem nada nem ninguém para ajudá-la. Tudo é para ela assunto de estudo e de reflexões. Não cessa um instante sequer de observar o mundo estreito que a rodeia e de tirar conclusões audaciosas, que são às vezes verdadeiras profecias científicas. Sem conhecê-las adivinha regras de geometria, perspectiva e química. Até na cozinha observa com curiosidade assombrada as reações dos diferentes elementos quando misturados ou submetidos ao efeito do calor: “**Peró, senora, que podemos saber las mujeres, sino filosofias de cocina?**” escreve com maliciosa modéstia à “**muy sapiente soror Filotea**”, pseudônimo sob o qual se disfarça o bispo de Puebla Manuel Fernandez de Santa Cruz. Este havia protestado contra uma crítica que a irmã Juana fizera em 1690 de um sermão do padre Antônio Vieira, cuja fama ressoava pelo mundo afora, e no ano seguinte a escritora endereçava sua famosa **Respuesta**, na qual se justificava, à “**sor Filotea de la Cruz**”. Em muitos de seus escritos, ela toma vigorosamente a defesa da causa feminina contra a presunção e a arrogância do homem, certo da sua superioridade:

“Hombres necios que acusais
a la mujer sin razon,
sin ver que sois la ocasion
de lo mismo que culpais...”

Com desenvoltura admirável Juana Inês de la Cruz evolui entre os louvores e as críticas que lhe afluem de todos os lados, tratando com o mesmo



**ADESIVO
PARA
DENTADURAS**

**Recomendado
pelos srs. dentistas
para manter firmes
e seguras as den-
taduras provisórias.**

Maximo conforto

**R. Cachoeira, 1793
São Paulo**

desdem — para citar Rudyard Kipling — êstes dois impostores: o triunfo e o desastre... Quem são os juizes terrestres, acerbos ou indulgentes, para que se faça caso das suas opiniões?

“**Todo el mundo es opiniones,
de pareceres tan varios,
que lo que el uno, que es negro,
el otro prueba que es blanco...**”

No entretanto de uma das suas comédias, **Los empenos de una casa**, ela põe no palco dois personagens grotescos para caçoarem do autor, lamentando que se represente tais tolices em vez de peças de valor. Assim será ela própria a crítica mais severa de sua obra.

Os últimos anos da vida de Soror Juana foram atormentados por acontecimentos trágicos, insurreição dos índios, cruéis represálias, epidemias e execuções em massa, que vitimaram muitos dos seus velhos amigos. De mais em mais exigente para consigo mesma, inflingiu-se a pena suprema de se desfazer dos seus queridos livros e instrumentos, vendendo tudo que possuía, para dar o dinheiro aos pobres. Em 1695, a peste imperando na cidade e no convento, ela trata com desvêlo as freiras doentes, até adoecer ela mesma e sucumbir ao terrível mal.

Vários retratos conservaram os traços graves e vivos da bela mexicana. Debaixo de um dêles, escreveu ela êste soneto que devia tornar-se célebre:

“**Este que ves, engano colorido,
que, del arte ostentando los primores,
con falsos silogismos de colores,
es cauteloso engano del sentido:**

**este en quien la lisonja ha pretendido
excusar de los anos los horrores
y venciendo del tiempo los rigores
triunfar de la vejez y del olvido:**

**es un vano artificio del cuidado;
es una flor al viento delicada;
es un resguardo inútil para el hado;**

**es una necia diligencia errada;
es un afan caduco; y, bien mirado,
es cadáver, es polvo, es sombra, es nada.**

AS IRMÃS BRONTË

OSCAR MENDES — PARA "ALTEROSA"

O FENÔMENO literário das irmãs Brontë é sem dúvida um dos mais curiosos e dos mais impressionantes da literatura universal. Uma verdadeira família de artistas que, apesar de todas as dificuldades, de todos os fatores susceptíveis de impedir uma carreira literária de êxito, especialmente numa época em que não se admitia de muito boacaram a mulher literata, consegue atrair a atenção para suas obras e, mais tarde, se torna definitivamente famosa no mundo inteiro, não é coisa contraditória todos os dias.

Por isso mesmo, volta-e-meia aparece um livro a respeito da vida das três irmãs inglesas, em que os seus autores procuram explicar e interpretar, à luz de teorias psicológicas e estéticas, o fenômeno estranho dessas três irmãs, confinadas numa cidadezinha obscura do Yorkshire, tendo tido poucos acontecimentos de monta em sua vida e raras saídas para um mundo mais vasto, e que, no entanto, escrevem obras de valor, especialmente uma delas, Emily Brontë, cujo único romance **Morro dos ventos uivantes** é considerado uma obra-prima da literatura universal, pelo que nêle existe de grande, de forte, de arrebatador, de genial.

O mais recente é o livrinho que o escritor Charles David Ley, inglês ou filho de inglês, publicou o ano passado em Portugal, intitulado **A vida trágica das Irmãs Brontë** (Editorial Inquerito — Lisboa — 1943).

E' mais um trabalho de vulgarização a respeito das Brontë, do que mesmo uma obra de análise crítica ou uma biografia. Mas está escrito com emoção e carinho, mostrando a admiração que o autor sente pelas três moças romancistas.

Fala-nos da infância triste das irmãs, naquela casa sombria, engravada dentro do cemitério, dos seus passeios com o irmão querido, pelos montes e planaltos desolados do Yorkshire, da morte a rondar continuamente aquêl lar, das amarguras cansadas pelos excessos de Branwell Brontë, o irmão artista, e dos sonhos literários das tres talentosas meninas. O autor mostra a vocação literária desabrochando naquelas imaginações infantis, como uma

reação contra a vida apagada, cinzenta, monótona, lúgubre mesmo que ali levavam.

"Os quatro Brontë refugiaram-se, como todas as crianças solitárias, nos mundos imaginários. E' possível, até, que quem não tenha tido uma infância solitária nunca venha a ser nada nas artes. Charlotte e Branwell inventaram o reinado de Angria, em África, onde se passavam coisas extraordinárias e bem documentadas. Emily e Anne inventaram o reinado de Gondal, no frio norte, onde ocorriam coisas meramente fantásticas. E não tardou que todos comessem a escrever histórias acêrcas destes reinados."

Efetivamente, as três meninas e o menino desataram a enegrecer folhas e folhas de papel, escrevendo romances sobre romances, com as aventuras mais miríficas. Era para êles um meio de evadirem-se daquela vida sem acontecimentos e sem grandes alegrias. E ao mesmo tempo, um meio de exercitarem-se na arte literária.

Fazem-se moças. A necessidade de estudar, de ganhar a vida, afastam-nas do lar paterno. Mas sempre temporariamente, porque de vez em quando regressam à casa sombria de Haworth. Emily, de modo especial, não suporta viver longe daqueles montes batidos pelos ventos, daquelas charnecas tristonhas e hostis, daquele cenário de morte, daquelas coisas familiares, móveis e animais, que formam o quadro dentro do qual se ia escoando sua vida de solteirona solitária, a viver num mundo mágico de imaginação desenfreada.

As poucas experiências de vida que tiveram saberão depois transformá-las em obras duradouras de arte. Seus sentimentos mais íntimos, suas paixões, suas emoções, exprimem-se em poemas, em romances. Tentam a carreira literária, sob pseudônimos masculinos, mas sem êxito. Os poemas dos Bell, pseudônimo que adotaram, passam quase que despercebidos. Mas não desanimam. Da poesia passam à prosa. E Charlotte escreve. Emily escreve. Anne escreve.

O êxito literário coube em primeiro lugar a Charlotte.

Seu romance JANE EYRE logra impressionar os meios literários londrinos. Dum dia para outro ei-la célebre. As outras irmãs vão-lhe nas pegadas. Publicam agora seus livros. Mas o êxito de Charlotte empana o brilho ascencional das outras.

O livro de Emily, **Morro dos ventos uivantes**, não recebe a mesma acolhida dos livros de Charlotte. O gosto literário do tempo não tolera aquêles amores sobreumanos, aquela violência shakespeariana de paixões. E a voz de Anne é demasiado fraca para fazer-se ouvir entre os louvores que saudavam os livros de Charlotte.

Com o correr dos tempos, porém, a situação se modificará. O romance de Emily tomará a dianteira e o fulgor de sua glória lançará em segundo plano a obra literária de Charlotte. **Morro dos ventos uivantes** passa a ser considerado pela crítica inglesa e de outros países como um livro de gênio e as atenções se voltam para aquela estranha moça, silenciosa e solitária, que vagava pelas charnecas e montes do Yorkshire, acompanhada apenas dum cão, enquanto ia dando forma na imaginação àquelas figuras desmedidas e trágicas de Heathcliff, e Catherine. Um livro só e a glória.

A morte que sempre viverá de tocala na casa dos Brontë, vai carregando um a um de seus moradores. Branwell, o irmão alcoólatra, depois aquela estranha Emily, que leva para a outra vida o mistério de seus dramas íntimos, e Anne, a frágil e delicada Anne e por fim a própria Charlotte, a única das três que se casara. Só ficou o velho Brontë, a zelar pela memória daquelas filhas que lhe imortalizaram o nome de obscuro pastor protestante numa aldeia inglesa.

E hoje a escura e fria casa paroquial de Haworth, onde viveram um velho e suas filhas solteironas, é um relicário em que o carinho e admiração dos ingleses conservam a recordação daquelas três moças imaginosas que nas noites longas, à luz dum candieiro, enquanto lá fora o vento uivava entre os ciprestes e as tumbas do cemitério, compunham os seus versos e os seus romances, em que a fantasia lhes proporcionava um mundo encantado que a vida não lhes dera, um mundo que iria encantar por sua vez outras imaginações e comover outros corações, pela sua beleza dolorosa e pelo dom mágico de sua arte.

Por que?

POR QUE EXAMINA com tanta atenção o tecido da meia? Porque sabe que a perna, bem calçada, é um encanto, uma sedução. Cupido é uma criança amorosa, tanto vale dizer que tem seus caprichos: gosta de ver-se envolvido em véus de malhas finas, de doces transparências de bruma, em malhas de amor e nuances de mistério... Véus, transparências, malhas e tons destas lindas meias.

Inteiramente de seda!



Meias

ÊXTASE • ILUSÃO • DÉsir • FRÉNÉSIE

GARANTIDAS PELO SÊLO



Produtos da Indústria Brasileira de Meias S.A.

PANAM — Casa de Amigos



A BELEZA está perdendo o prestígio. Em Hollywood, os grandes empresários preferem o "it" que é uma graça indefinida e dominadora. A beleza dura pouco, e esse "quê" perturbador acompanha a mulher até à casa dos cinquenta anos. Não são as "estrelas" mais belas, as mais fulgurantes e poderosas. O povo prefere as mais graciosas, ágeis e vivas. Já o severo e erudito padre Antônio Vieira dizia que a beleza não passa de uma caveira bem vestida.

Afinal não há mulher verdadeiramente feia. Casanova pensava assim e pensava muito bem. Afirmava o famoso galã que a beleza se encontra,

no mundo, repartida entre todas as mulheres. Umhas têm belos olhos, outras lindos braços, outras mãos encantadoras. Nunca esses dons se achavam reunidos na mesma pessoa. O homem, concluía Casanova, vive a procura de todas as mulheres com o fim de reunir a beleza esparsa. E com esse argumento justificava sua vida de aventuras galantes...

Campoamor, o notável lírico, conhecedor profundo da alma feminina, dizia:

"Numa mulher qualquer, nobre ou pastora, Há sempre qualquer coisa encantadora."



ESTHER WILLIAMS,
da Metro; ANN SUM-
MERS da R. K. O. Radio;
e CARA WILLIAMS, da
20th. Century-Fox.

* * *

A dificuldade está apenas em descobrir-se o encanto oculto. Há homens que logo encontram o dom fascinador. Outros, menos hábeis ou menos analistas, não descobrem o "it" e perdem, com isso, uma fortuna inapreciável. Há no nosso folclore uma trova gentil sobre esse assunto:

"Eu vejo por toda parte
Murmurar contra a mulher;
Sendo ela uma obra de arte,
Não a entende quem quer."

Júlio Dantas, num dos seus livros, conta o caso de uma mulher feia, em Portugal, que fez muitos homens de talento perderem a cabeça. O autor da "Cela dos Cordeais" procurou conhecê-la. Tratava-se de uma senhora magra, angulosa, cheia de sardas, cabelos lisos de cor indefinida. Mas que doçura de voz! Quem a ouvisse uma vez, guardava, para sempre, na memória, o timbre caricioso da sua voz. E foi também Júlio Dantas que pôs na chave de um soneto: — "O amor pela feia é o maior que existe."



O "it", a personalidade, a distinção, a graça, são predicados que tornam encantadoras as mulheres chamadas feias. Todas elas têm um encanto qualquer. Procurem os homens esse "quê" que as distingue. Se a pesquisa é agradável, maior ainda é o prazer de encontrar o dom oculto...

A História está cheia de mulheres que não foram tipos de beleza e que, no entanto, dominaram guerreiros e reis. Quantos homens dariam a vida por Greta Garbo, Bette Davis, Katherine Hepburn, Joan Crawford e muitas outras que são encantadoras sem serem belas!...

*

A VOZ DAS RUAS DA CIDADE

— CONCLUSÃO —

santes e não pagá-los. Sua voz, entretanto, ficou nas ruas da cidade como um símbolo vivo de amor ao trabalho honesto.

"Muxiba" é outro propagandista muito conhecido e gosta de fazer versos nas suas propagandas. Tem o hábito de rimar café com em pé, sapato com barato e restaurante com falante. Quando o transeunte passa com o sapato sujo, a turma de engraxates grita em cântico: "O' o lustro! Uma limpêsa só".

Nas "matinéas", os engraxadinhos pretendem fazer cartaz com as suas piadas. Passa o bando de jornaleiros: Estado", "Diário da Tarde", "Folha", "Diário". Muita gente quer comprar. Onde estará o troço?

O poeta modernista pode agora escrever os seus versos, ouvindo, de perto, as vozes da cidade. Em cada uma existe a inspiração de que tanto necessitava. Era a vida em todos os seus contrastes, na realidade fria das suas lutas. À noite, porém, os lares daquelas vozes estariam tranquilos. Não faltaria o jantar. Pensando no tempo que perdera em cogitações inúteis, o homem da rua se transforma. Dá ao filho lições de experiência e procura esquivar-se às perguntas do garoto sobre as questões formuladas no colégio.

Sua escola é a rua e nada mais. Ali, misturando-se às vozes que se elevam do borborinho, ele reclama do mundo o pão de cada dia, pão para a sua família, pão para o espírito de seu filho que ora penetra na incerteza do futuro...

E assim adormece o homem da rua, ouvindo a própria voz que se mistura às dezenas de vozes da cidade...

*

NOTAS DE ARTE

TEVE lugar no dia 10 de Dezembro último, no Conservatório Mineiro de Música, o recital de piano dos alunos da professora Henedina Zarattini, com apreciável assistência por parte do público apreciador da admirável arte de Chopin.

A turma apresentada pela professora Henedina Zarattini teve um desempenho acima das melhores expectativas, revelando não somente uma acentuada inclinação para a divina arte do teclado, como ainda um aproveitamento digno de nota. Eis a turma que executou a audição: Celeida Borgatti, Catarina Magaldi, Erna Boettcher, Edith Senser, Elvirinha Magaldi, Frank Svensson, Hilda Hermann, Ieda Campos Valadares, Ilza Thompson da Silva, Josefina Munayer, Ludmila de Albergaria Konovloff, Maria Antonieta Faria, Maria Aparecida Aleixo, Maria Luiza Thompson da Silva, Maria da Conceição Magaldi, Maria Helena Bretas, Norma Melucci, Ruth Senser e Sigrid Hermann.

CONSTANCIO C. VIGIL E O SENTIDO DE UMA OBRA

■ FRANCISCO MARINS

EM DOIS pontos essenciais se estriba a obra deste grande escritor uruguaio, radicado na Argentina: profunda compreensão humana e fé nos destinos do homem. Por isso toda ela ressurda bondade e amor, vindo a formar como que um sistema de humanismo prático, ou seja, a última forma do humanismo, como salientou Luís Villarronga, e cujo objetivo é tornar os homens sãos, melhores, mais ditosos. Essa surpreendente filosofia, a que já se chama Vigilismo, casada num estilo doce e confidencial, ressalta principalmente de um livro — "El Erial", já vertido para quase todas as línguas vivas e ao qual Amadeu Amaral chamou: "o poema da razão em busca de acôrdo e conciliação com a vida". Erial — escreve Constancio C. Vigil — é a terra são cultivada, que espera a dedicação do homem para entregar-lhe seus frutos. Cada homem nasce diante de um erial. Colherá o que semeie".

E assumindo, em sua vasta e humana obra, a posição de um semeador messiânico, vai difundindo o longo poema evangélico, pelo qual deve se pautar o homem de nossos dias. E, cremos, não há nele, a visão de um idealista desajustado, como a muitos poderia parecer, mas a afirmação segura de um pensador maduro e sereno, pregoeiro de ideais moços e sãos. Algumas de suas páginas evocam as de Tolstoi, no período da crise espiritual, quando apenas se consagrou a escrever pequenas histórias edificantes.

Acha êle que só hoverá um mundo feliz com a paz, que deve ser, também, a base da nossa civilização americana, e mostra-se um propugnador pelos ideais de solidariedade, cada vez maiores, entre os povos deste hemisfério, daí a afirmar: "no podemos sentirnos extranjeros dentro de la patria grande, nuestra América", "os homens de boa fé e de nobre coraçãõ hão de adiantar-se e lançar as bases de nossa harmonia internacional e continental".

Em "Reflexões Cristãs" e "Os Ensinaamentos de Jesus" Vigil estuda as lições de Cristo, salientando a grandeza e o alcance da sua doce doutrina redentora.

Mas a grande preocupação de Vigil é votada à educação das crianças. Para elas escreveu uma série fulgurante, com o objetivo de estimular em cada uma a compreensão do que é bom e do que é belo, pondo nêsse afã o mesmo zelo de um "jardineiro no cultivo das flores".

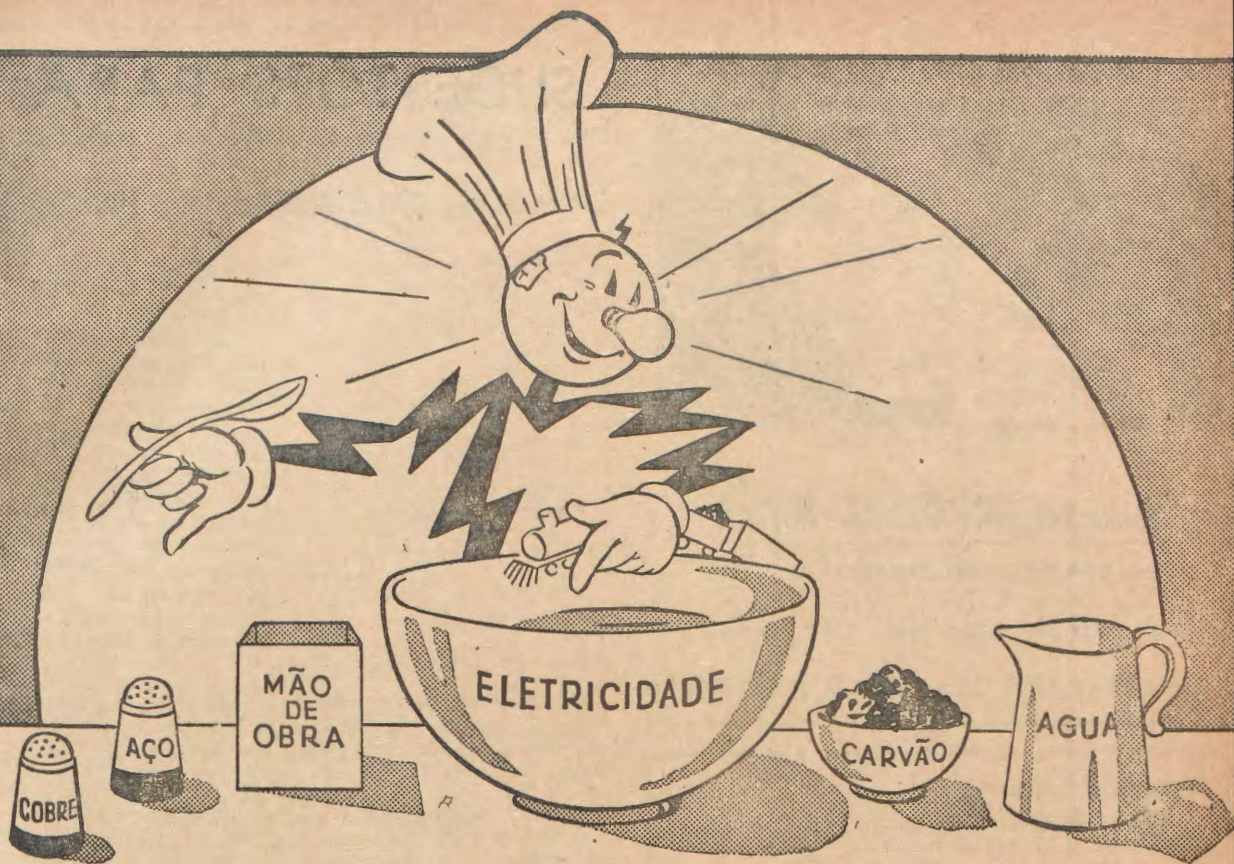
São salientes nesta orientação: "Marta e Jorge" e "Vida Espiritual". Este, pelo seu tom delicado e profundo alcance moral, mereceu o "Imprimatur" da Igreja.

Mas o escritor foi além, pois, desejoso de mostrar aos pais o profundo significado de sua missão educadora, abriu-lhes diante dos olhos: "Educação dos Filhos", breviário magnífico que deveria estar em todos os lares.

A importância desses livros didáticos e infantis se mede bem pelo fato de muitos terem sido aprovados pelo Conselho Nacional de Educação da Argentina adotados como leitura em vários países americanos.

O sentido de profunda solidariedade humana, de amor e bondade, fazem dessa obra u'a mensagem de fé e esperança, neste mundo conturbado dos nossos dias, e um verdadeiro oásis de reconfortante repouso espiritual. Isso levou, também, alguns países americanos a pleitear a candidatura do escritor ao Prêmio Nobel de Literatura.

Eis um pensador cujas obras merecem uma grande divulgação em nossa língua.



“CANJA” NÃO É, GARANTO!

— Pouca gente quando toca num comutador e se utiliza da eletricidade, pensa no emaranhado de problemas, na série de elementos materiais e humanos que a prestação de meus serviços envolve! Não é “canja”! Usar da eletricidade é fácil, produzi-la e distribuí-la é que são “elas”... Já teria o amigo meditado sobre isto? — pergunta “Seu” Kilowatt, o criado elétrico.



CIA. FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS

TEFONE 2-1200

AQUI ESTÁ
UM ÓTIMO

Presente



CAMISAS
KING E MAVER
De corte anatomico



FABRICANTE: CAMISARIA MAVER

DE VERISSIMO DE FREITAS CUNHA

20 anos de prática são a sua garantia

RUA ARAGUARÍ, 337 — BELO HORIZONTE

CACILDA T. SEABRA

Diretora da Escola de Arte Culinária da Companhia Du Gaz — Rio de Janeiro.

ARTE CULINARIA

O livro mais completo — mais verdadeiro — Receitas experimentadas — verdadeiras.
Não comporta reclame! As senhoras donas de casa compreem e verifiquem se há coisa igual
Mais de 500 páginas — cartonado Cr\$18,00
em todas as livrarias, e na

EDITORA GETULIO COSTA — CAIXA POSTAL,
1.829 — RIO

Fotogravura Minas Gerais Ltda.

Rua Tupinambás, 905
Belo Horizonte - Minas
TELEPHONE, 2-6525

**MÁXIMA PERFEIÇÃO
E PRESTEZA NA
EXECUÇÃO DE CLICHÊS**

TRICROMIAS E DOBLES
CLICHÊS EM ZINCO E
COBRE — APARELHAMENTO
MODERNO E COMPLETO

PINTO O ALFAIATE DA MODA

■ VARIEDADE E BELEZA DE PADRÕES
■ AVIAMENTOS DA MAIS ALTA QUALIDADE
■ CORTE ELEGANTE E MODERNO

RUA RIO DE JANEIRO, 374 — 1.º andar

SUGESTÕES PARA

IVETE

CABELOS, MOLDURA DO ROSTO



A BELEZA do penteado depende em grande parte do estado do cabelo. Se brilhante, suave e flexível, não será difícil transformá-lo numa encantadora moldura do rosto. Pequenos cuidados, mas frequentes serão suficientes para, em pouco tempo, dar-lhe essa sedosidade, esse brilho natural que é o desejo de toda mu-

lher ciosa de sua beleza.

Vejamos, resumidamente o que você deve fazer afim de tornar sua cabeleira a auréola irradiante do seu rosto, seja ela negra como azeviche ou loira como "os raios de sol e as moedas antigas..."

O couro cabeludo e a raiz do cabelo são organismos complicados e, por isso mesmo, estão a exigir sempre muito cuidado. O calcio, certas vitaminas aliados aos hormônios e às glândulas, desempenham papel importante na vida do cabelo. Desequilíbrios glandulares podem provocar a queda do cabelo e até sua perda total, tão graves são os males que poderão advir de seu funcionamento irregular.

O primeiro cuidado a se ter com o cabelo é o da limpeza. Se o couro cabeludo não está limpo, o cabelo dificilmente crescerá brilhante e sedoso. O escovamento diário dos cabelos é indispensável pois a transpiração e a gordura natural do couro cabeludo tornam-os um tanto pegajosos e isto é simplesmente condenável. Depois dumas cincoenta escovadelas diárias, com uma boa escova, a massagem rápida e enérgica feita com a ponta dos dedos na raiz dos cabelos será de ótimo proveito, além de ativar a circulação, tonificar e nutrir o couro cabeludo livrando-o das impurezas.

A lavagem da cabeça já não é a mesma coisa de antigamente quando a mulher usava um mesmo sabão para o banho e para a cabeça. Para cada tipo de cabelo recomendamos um **shampoo** especial. Se o seu cabelo for muito sêco deverá preferir um **shampoo** gorduroso, e vice-versa: uma cabeleira naturalmente oleada reclama um **shampoo** com propriedades adstringentes, à base de enxofre, por exemplo.

Se o seu cabelo depois da lavagem se tornar rebelde e difícil de dominar, nem por isso desanime. Uma pequena aplicação de brilhantina líquida resolverá satisfatoriamente o seu problema. Quando as pontas começarem a rachar, convém untá-las com azeite. Isso ajudará a conservar os bucles macios e bem armados.

Antes de pentear-se vaporize sempre os seus cabelos com uma boa brilhantina e, em seguida, com a loção do seu perfume preferido. E, não se esqueça, leitora amiga, que os homens são mui sensíveis a uma linda cabeleira...

ALTEROSA * JANEIRO DE 1945

A SUA BELEZA

MARION

BANHOS DE BELEZA

GERALMENTE

uma simples ducha d'água fria basta para refrescar o corpo e extinguir como por encanto o cansaço e a prostração nervosa de um dia de trabalho intenso. Nossa beleza, entretanto, reclama mais alguma coisa; e, pelo menos uma vez por semana, a ducha ou o banho devem ser substituídos por um banho especial de acordo com a nossa constituição e tipo de epiderme. Vejamos então quais os principais banhos medicamentosos e também aqueles que, mesmo não o sendo, favorecem extraordinariamente a beleza do corpo.

Se você, depois de um dia estafante de trabalho sente-se cansada ao voltar para casa, prepare o banho de Vichy, que além de ser refrescante lhe trará uma sensação profunda de alívio. E essa providência é muito fácil: basta juntar à água do banho 500 gramas de bicarbonato de sódio.

Para combater a flacidez da pele nada melhor do que o banho de gelatina. Põe-se para dissolver 300 gramas duma boa gelatina num litro d'água por espaço de uma hora. Em seguida leva-se ao banho-maria juntando-se depois à água da banheira, misturando bem.

Se sua pele é áspera, o banho de amido lhe trará essa invejável suavidade das pétalas de rosas... Coloque num recipiente 300 gramas de polvilho e vá juntando aos poucos 3 litros d'água fria. Logo em seguida despeja-se essa mistura na água do banho. Convém prolongar a imersão pelo espaço de um quarto de hora afim de que se obtenha melhores resultados.

A chamada ducha escocesa — os banhos alternados — tem a finalidade de ativar a circulação do sangue. Usa-se alternadamente água fria e quente, sendo que o espaço entre os banhos deve ser o maior possível. A última ducha deve ser fria. Esses banhos não são aconselháveis aos cardíacos.

Os banhos de leite são também proveitosos, e, nisso nos leva a palma a imperatriz Pompéia cuja alvura a todos deslumbrava. Apesar de caráter menos científico que os anteriores, o banho de leite proporciona à pele uma agradável sensação e uma maciez de veludo. Dissolvendo algumas colheradas de leite condensado n'água, obteremos um banho de leite especial. Além das qualidades já referidas ele é um poderoso tônico da pele.

A temperatura do banho — O banho diário deve ser rápido e com a temperatura de 35°. O banho quente (38 a 48°) tem ação analgésica e sua duração não deve exceder a um quarto de hora. O banho frio (15°) é um tônico por excelência. Apenas uma ligeira imersão aumentará consideravelmente a resistência orgânica. Os reumáticos, os cardíacos, os propensos a bronquite ou que já tiveram pleurisia, não devem tomá-lo. O banho sedativo (temperatura do corpo: 37°) deve durar de 30 a 40 minutos. É excelente à noite para combater a insônia.



CINELANDIA HOTEL

Instalado á Rua Rio de Janeiro 951,
esquina de Goitacazes - Fone 2-2005

MOBILIÁRIO NOVO E
MODERNO - COZINHA
DE 1.^a ORDEM
HIGIENE ABSOLUTA

Um ponto magnífico para os ilustres visitantes da cidade, não só pela eficiência da casa, como ainda pela sua excelente colocação, distinção e bom gosto

PROCUREM, POIS, O

CINELANDIA HOTEL

Faze sempre o bem que Deus te dará o prêmio.

* * *

um presente bonito

Fazendas para o verão das

Casas Pernambucanas
Sortimento colossal

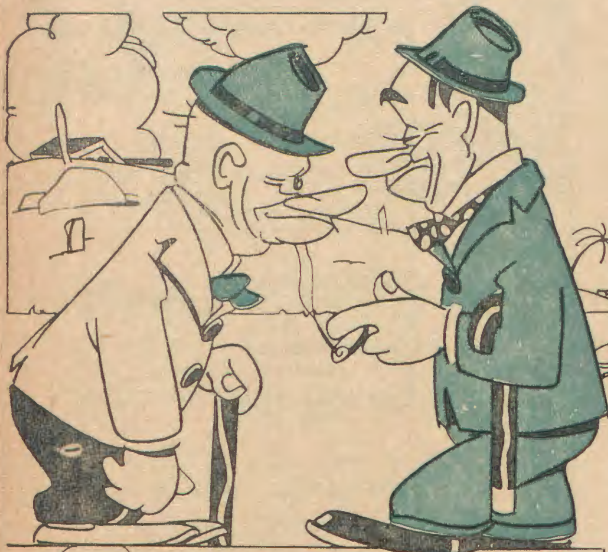
4 FILIAIS EM BELO-HORIZONTE
1 FILIAL EM NOVA LIMA

OUTRA COMÉDIA DA VIDA

TEXTO E BONECOS

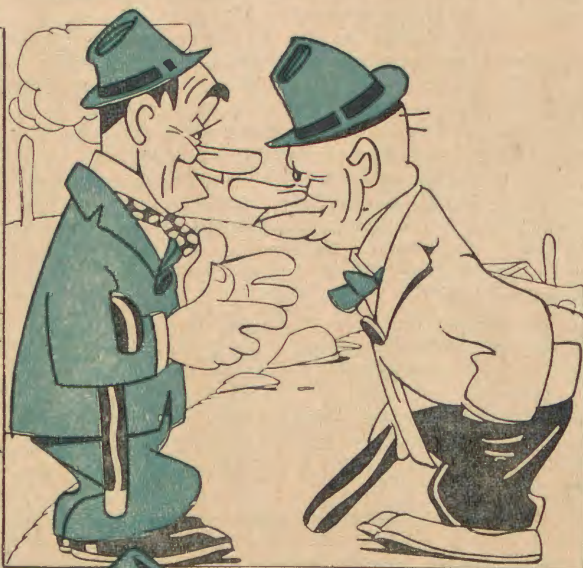
DE OSVALDO NAVARRO

Para ALTEROSA

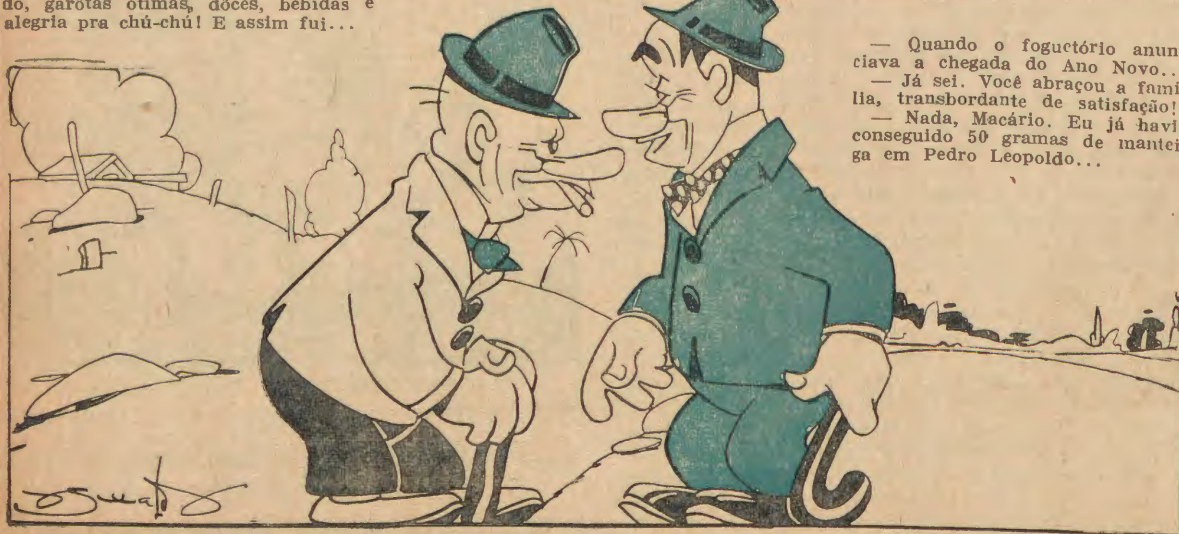


Uma *cousa* me dizia que deveríamos receber congnamente o "45", o *Ano da Paz*. Entusiasmei a mulher e as meninas. Fariamos doces, convidaríamos pessoas amigas e o rádio, descarregando musicas dançantes, faria o resto! A festa prometia e a visinhança aguardava com impacincia!

No dia 30 sai com a lista: ovos, manteiga, leite, açúcar, etc. No mercado não encontrei, mas fui informado que no Bairro dos Funcionários havia uma senhora que vendia ovos. Ali só tive 50% de sucesso: encontrei apenas a tal senhora!... Não desanimo aos primeiros revezes! De venda em venda, fui da Serra a Santa Efigênia!



Na Lagoinha tirei os sapatos e, mais à vontade, prossegui. Entrava em um armazem, perguntava em um botequim, indagava dos transeuntes... A's vezes parava e lia a lista: Ovos, manteiga, leite, açúcar... E logo pensava na festa: pares sambando, garôtas ótimas, doces, bebidas e alegria pra chû-chû! E assim fui...

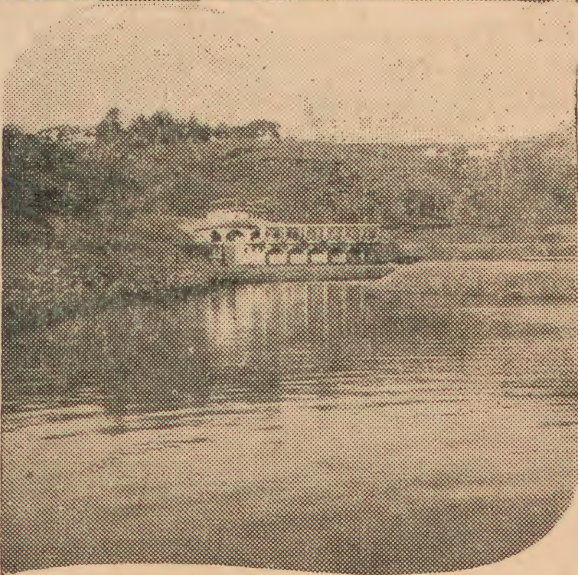


— Quando o foguetório anunciava a chegada do Ano Novo...
— Já sei. Você abraçou a família, transbordante de satisfação!
— Nada, Macário. Eu já havia conseguido 50 gramas de manteiga em Pedro Leopoldo...

Ambientes sociais da nova Araxá

ARAXA' não apenas — e isso seria bastante — um grande centro de cura. E' também um centro social elegante e agradável. No majestoso hotel, que é um mundo em miniatura, os hóspedes encontram todos os motivos para as mais atraentes reuniões, para as diversões elegantes que descansam o espírito e dão ao homem uma disposição nova.

O hotel é rico de atrativo: se o veranista gosta da dança ou aprecia um autêntico desfile de belos números de arte, não há como uma noite no "show-dancing"; se prefere o encanto de uma boa prosa em boa companhia, o Salão de Inverno é um lugar ideal para o "causerie". O cinema, o teatro, são outras tantas diversões que todos apreciam e podem obter no Hotel de Araxá. Mas pela manhã, quando o sol claro de montanha despona e inunda a paisagem do Barreiro com suas luzes, as amplas varandas do monumental hotel proporcionam aos visitantes gozar inteiramente êsse espetáculo "feérico" que é uma dádiva dos céus.



HOTEL DO ARAXA'

Arte Culinária

OS REGIMENS ALIMENTARES

NUNCA é demais repisar sobre a inconveniência dos regimes alimentares traçados à revelia dos preceitos científicos que regem a matéria. Há muita gente que vive cogitando de estabelecer normas de alimentação em sua casa, sem cogitar de saber se estas normas estão enquadradas dentro das necessidades elementares do organismo humano. Ora visam simplificar o serviço da cosinha (a eterna falta de cosinheiras...) usando, para isso, o sistema do prato único: uma sopa, uma salada, ou coisa semelhante. Ora recorrem exclusivamente aos pratos que podem ser organizados com o auxílio das conservas que a mercearia fornece prontas. Há ainda as donas de casa que, por preferência de paladar, usam e abusam do mesmo gênero de alimentos, ora as massas, ora os vegetais, ora os "suflés", e assim por diante.

O certo, entretanto, é o regime organizado de acordo com os preceitos científicos, buscando a obtenção das calorias, das vitaminas, do cálcio e outras propriedades necessárias à vida, acima das preocupações de paladar e da conveniência de serviço, pois que um regime completo e bem combinado é a própria base da boa saúde.

* * *

CARDA'PIO

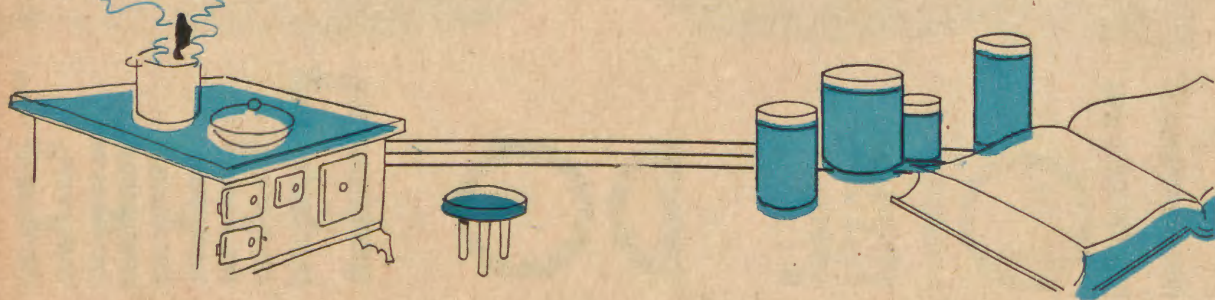
MAIONÉSE ECONÔMICA

- 1 ovo
- 1 xícara de água
- 1½ xícaras de bom azeite de mesa
- 2 colheres de maizena
- 1/4 de colherzinha de sal
- 3 colheres (mais ou menos) de suco de limão.

Dá-se uma fervura nágua e junta-se-lhe a maizena, previamente reduzida à consistência de creme em um pouco de água fria. Faz-se ferver de novo, pondo-se depois ao

lado, para esfriar. (Deve usar-se antes de esfriar de todo, pois do contrário se formam grumos). Bate-se o ovo e o sal juntos, com um batedor de ovos. Ajunta-se depois, um de cada vez, o azeite, o suco de limão e a maizena cozida, primeiro lentamente e depois mais rápido, à-medida-que o ovo vá absorvendo o azeite e a maizena. Ajunta-se sal a gosto e corante vegetal, de-modo-que adquira a cor própria da maionése.

NOTA: Esta maionése não se pode conservar mais de dois dias, devendo fazer-se para uso imediato.



SALADA IDEAL

Cortar pela metade um abacate pequeno; remover a semente. Colocar na cavidade três azeitonas e a quantidade que se desejar, de molho feito de uma-colher-de-chá de açúcar, dissolvido em suco de lima ou metade de um limão; ou servir metade de uma folha de alface com qualquer molho preferido.

SALADA DE RABANETES

Rasparam-se, ferventam-se e cortam-se em rodela, rabanetes, cenouras, cenorinhas, nabos, juntando-se depois, rodela de pepinos, banana marmelo cosida e tomates maduros sem pele e sem sementes. Pulverizar sal, temperar com vinagre, azeite e pimenta em pó, se for do gosto.

Fazer o arranjo na saladeira forrada de alface. Entremear morangos maduros, salicidas e outros frios.

REVIRADO

3 ovos, 3 colheres de farinha, 1 de manteiga, 1 de queijo ralado, 3 batatinhas de bom tamanho, cozidas e esmagadas, meio litro de leite. Mistura-se tudo. Assa-se em taboleiro forrado de farinha. Recheia-se, à maneira de rocambole, com um picado de carne, frango, peixe ou camarão. Enrolar.

OVOS RECHEADOS

Cozinham-se os ovos duros, descascam-se e cortam-se em dois, ao comprido. Tiram-se as gemas, que se esmagam com um garfo, temperam-se com suco de limão, sal, azeite e temperos verdes, picados. (Também se pode fazer com espinafre aferventado, escorrido e misturado com o resto). Mistura-se tudo bem, enchendo com esses ingredientes as claras duras, que se dispõem sobre folhas de alface rociadas com molho de salada.

SOBREMESAS

MANJAR BRANCO

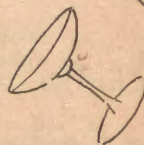
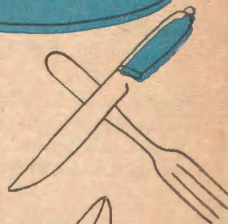
- 2 chicaras de leite de côco ou de vaca
- 4 colheres de maizena
- 3 colheres de açúcar ou mel de abelhas
- 2 claras de ovo
- Essência de baunilha
- Uma pitada de sal.

Aquece-se o leite em banho-maria, e quando estiver a-ponto-de ferver, junta-se o açúcar. Mistura-se a maizena com um pouco de leite frio, e vai-se ajuntando, pouco-a-pouco ao leite quente, mexendo sempre. Cobre-se, e deixa-se ferver por 15 minutos sobre fogo vivo. Junta-se um pouquinho de sal às claras de ovo, batendo-as até que fiquem firmes. Perfuma-se com a essência de baunilha, e depois se ajunta, pouco-a-pouco a mistura quente, envolvendo-a com a clara. Deita-se logo tudo em forminhas pequeninas molhadas, ou numa grande, si se preferir, e deixa-se esfriar. Tira-se daí, e serve-se com um creme feito com as gemas dos ovos.

PUDIM DE ARROZ AO CREME

- ½ xícara de arroz cru
- 5 chicaras de leite.
- 1/3 chicaras de açúcar
- Essência de baunilha
- 2 colherzinhas de azeite
- 1/3 de xícara de passas
- Uma pitada de sal.

Lava-se o arroz em várias águas e escorre-se. Ajunta-se leite, deite-se tudo numa assadeira azetada, e põe-se a coser ao fogo, revolvendo a-miúdo, até que o arroz comece a ficar à superfície. (Mexendo-o é que adquire a consistência de creme). Ajuntam-se as passas, o açúcar, o azeite e a essência de baunilha, mistura-se bem tudo, e põe-se ao forno a assar, até que o arroz esteja cosido, e a superfície dourada. Tira-se logo, e põe-se a esfriar.



CASTRO ALVES

Aquela fronte vasta e sombranceira;
Aquele estranho olhar dominador;
Aquele verbo em que a alma brasileira
Fulgia, no seu maximo esplendor; —

Tudo nele, e em sua lira alvigeira,
O revelava um grande herói do amor;
E as mulheres, ao vê-lo, a vez primeira,
Se deslumbravam, diante do condor!

O', sim, todos o amaram, loucamente!
Mas, um amor mais forte e mais fremente,
Sobre sua campa, eterno, esplenderá!

E' o da Patria gloriosa e imorredoura,
Por quem ergueu a voz libertadora
E que jamais seu nome esquecerá!

BAHIA DE VASCONCELOS

A FONTE DE D. BEIJA

Na magestade dêstes altiplanos
E nos prodígios desta natureza
Resplandeceu, há cento e muitos anos,
De Dona Beija a singular beleza.

Exaltando-lhe os dotes soberanos
De elegância, de graça e de nobreza,
Deram-lhe agora os seus fiéis serranos,
Nêste remanso, eterna realeza.

Ela aqui está na linfa transparente
Como a Iara das lendas brasileiras,
De olhos voltados para toda a gente.

Cuidado com as tramas feticelras
Da que foi no seu tempo, certamente,
A mais bela de todas as mineiras!

HERACLITO VIOTTI

Fragmentos da Poesia Nacional



REVOLTA

"Eu tenho fome, pai, eu tenho fome.
Êstes gritos jamais hei de olvidá-los,
Pois foi meu próprio filho que a bradá-los
Morreu assim a murmurar meu nome."

E o velho me contava os seus abalos:
"Quem mais moureja, tanto menos come
E a mão que em trabalhos se consome
Só ganha um arquipélago de calos."

Então, o escravo onde a revolta é ira,
erguendo o senho, carregado e irsuto,
me disse, a voz tremente de emoção:

"E a terra é Mãe e Deus é Pai. Mentira!
Se a terra é mãe porque me negra o fruto?!
Se Deus é pai, porque me amarga o pão?!"

RENÉ GUIMARÃES



Esta maravilha
nenhuma outra
caneta pode
oferecer...

A brilhante Parker "51" tem a pena protegida contra o ar. Começa a escrever imediatamente - escreve seco com tinta líquida!

• Todos os que experimentam a nova Parker "51" têm uma agradável surpresa. Esta admirável caneta difere de todas as outras que se conhecem.

Sua pena é de modelo inteiramente novo - completamente encerrada - constantemente úmida, para que comece a escrever imediatamente. No entanto, não mancha os dedos! A ponta de raro osmirídio, é micropolidada para deslizar suavemente sobre o papel.

E no uso — que maravilha! Porque esta caneta — e somente ela — pode usar a sensacional tinta Parker "51"! Séca à medida que se escreve! Relega ao passado o mataborrão. Mas pode usar qualquer outra tinta!

Experimente a Parker "51" — e desejará possuí-la. Se o seu fornecedor não a tiver agora, deixe o pedido feito.

GARANTIA VITALÍCIA - O Losango Azul "Parker", estampado no segurador, representa um contrato feito pelos fabricantes com o comprador da caneta, válido por toda a vida deste, e que garante o reparo de qualquer desarranjo, não intencional, desde que a caneta seja devolvida completa. Para a embalagem, porte e seguro, cobrar-se-á apenas a importância de Cr\$ 10,00.

Escreve seco

com tinta líquida!

Parker "51"

PREÇOS: Cr\$ 375,00 e
450,00 em todas as boas
casas do ramo.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.º de Março, 9-1.º - Rio de Janeiro
5801-P

J. W. T.



"TEMOS, DIANTE DOS OLHOS

NESTA PAGINA:

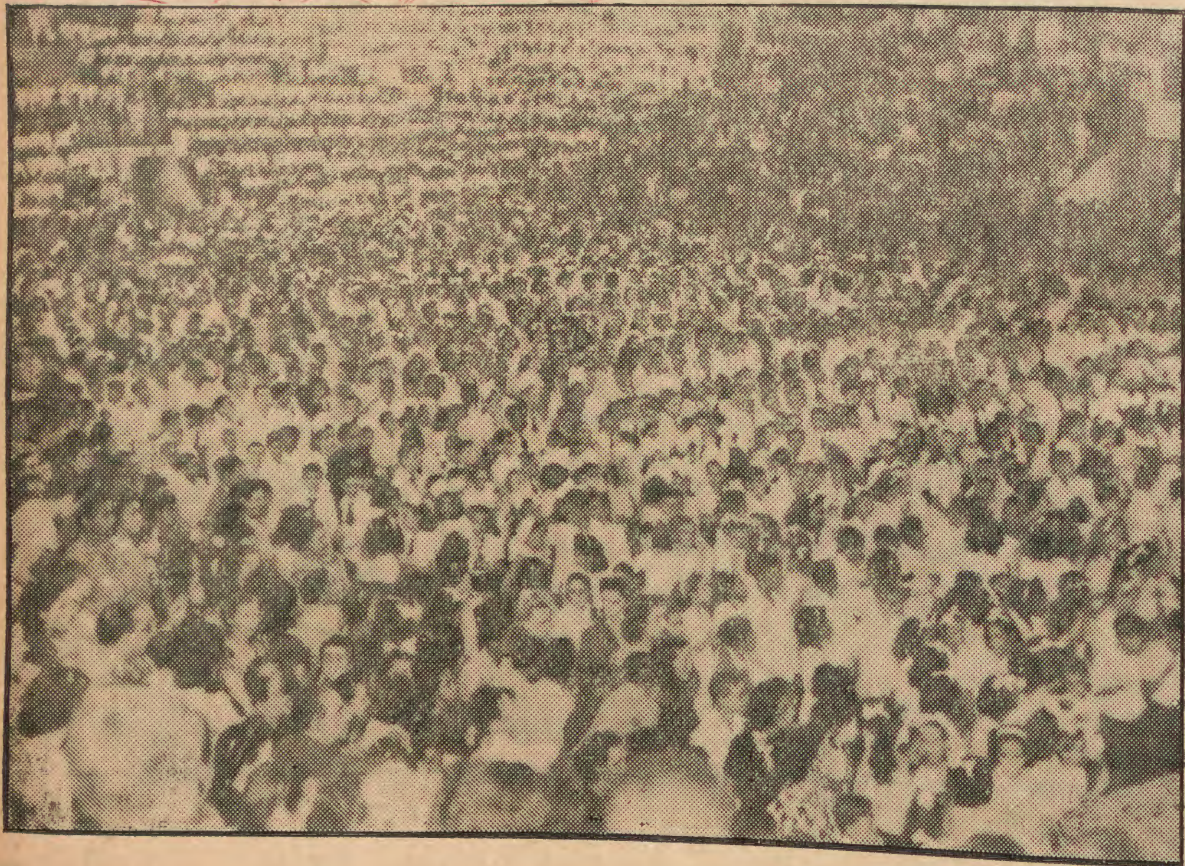
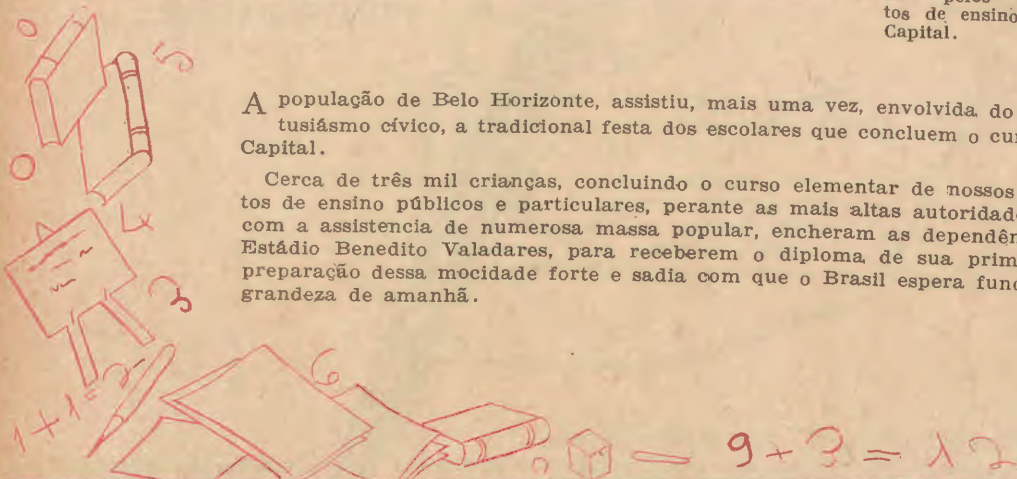
O Sr. Cristiano Machado, Secretário da Educação, quando fazia a leitura da mensagem dirigida pelo governador Benedito Valadares aos diplomandos e ao professorado da Capital.



Aspecto parcial da empolgante festa cívica que reuniu o Estádio Benedito Valadares cerca de três mil crianças diplomadas este ano pelos estabelecimentos de ensino primário da Capital.

A população de Belo Horizonte, assistiu, mais uma vez, envolvida do mais sadio entusiasmo cívico, a tradicional festa dos escolares que concluem o curso primário na Capital.

Cerca de três mil crianças, concluindo o curso elementar de nossos estabelecimentos de ensino públicos e particulares, perante as mais altas autoridades do Estado e com a assistência de numerosa massa popular, encheram as dependências do grande Estádio Benedito Valadares, para receberem o diploma de sua primeira vitória na preparação dessa mocidade forte e sadia com que o Brasil espera fundamentar a sua grandeza de amanhã.



O BRASIL DE AMANHÃ

CONSTITUIU uma bela festa cívica a tradicional solenidade da entrega de diplomas aos escolares que concluíram o curso na Capital — Cerca de três mil crianças diplomadas pelos estabelecimentos de ensino primário da cidade. — Lida pelo Sr. Cristiano Machado a patriótica mensagem do governador Benedito Valadares ao professorado e aos escolares da Capital.



NESTA PAGINA:

A professora Rosa de Andrade, quando falava em nome de suas colegas



A menina Ligia Maria Barbadela, que saudou o Chefe do Governo Mineiro em nome dos diplomandos

E essa grande turma de alunos que se diploma em nossa Capital, representando uma percentagem altamente confortadora de 90% dos quadros elementares de nossos estabelecimentos de ensino, expressam ainda um algarismo superior em 556, ao número das que se diplomaram no ano passado. Levados em conta esses números, e tendo em vista a relatividade do número das crianças aprovadas, com a população escolar da cidade, devemos concluir pela alta qualidade e eficiência do ensino primário entre nós, com que se prepara uma juventude capaz de arcar com as grandes responsabilidades que a Pátria atribue às suas gerações.

M E D O

ADRIANO AUGUSTO

De inocência e candura é fiel imagem
A tua carta de amor linda e primeira:
"Tenho medo", assim diz meiga a mensagem,
"De que possa ser tudo brincadeira."

Penso que seja um sonho, uma miragem;
Não creio que teu coração me queira;
Senão diria, cheio de coragem,
Que uma afeição consagro verdadeira.

E mimada ao calor de infintos beijos,
Preso de louco amor e de desejos,
Bem outro o teu recelo então seria:

"Tenho medo", dirias, "de que assim
"Não vivamos por séculos sem fim,
"De que acabar o mundo possa um dia."

* * *

A solenidade teve lugar, como de costume, no dia 8 de Dezembro, sob a presidência do Secretário da Educação, Sr. Cristiano Machado, representando o Governador Benedito Valadares, e com a presença dos Srs. Ovidio de Abreu, Secretário do Interior; Edison Alvares da Silva, Secretário das Finanças; Lucas Lopes, Secretário da Agricultura; Demeval Pimenta, Secretário da Viação; Ciro dos Anjos, Presidente do Conselho Administrativo; Cel. Tristão de Alencar Araripe, comandante da Infantaria Divisória da 4. R. M.; Delfim Moreira Junior, Presidente do Conselho Regional do Trabalho; Cel. Nilo de Oliveira Supcira, comandante do 10.º R. I.; Eliseu Laborne e Vale, Chefe do Departamento de Educação; e outras altas autoridades civis e militares, e numerosas pessoas gradadas.

Depois de executado o Hino Nacional, cantado pelos diplomandos, falou a menina Ligeia Maria Barbadela, do Grupo Escolar da Vila Renascença, que saudou o Governador do Estado em nome de seus colegas. Seguiu-se com a palavra a professora Rosa de Andrade, do Grupo Escolar "Tomás Brandão".

Em seguida, levantou-se o Secretário da Educação, Sr. Cristiano Machado, que fez uma brilhante mensagem do Governador Benedito Valadares, na qual o Chefe do Governo Mineiro enalteceu a significação da tradicional solenidade, acentuando o progresso verificado no ensino primário

em nossa Capital, destacando a ação da professora mineira, que ele classifica como modelo de educadora, devotada até ao sacrifício. Passa a seguir o governador Benedito Valadares à apreciação do esforço desenvolvido no sentido de dar ao povo mineiro a educação elementar mais eficiente possível, encarecendo os altos objetivos desse trabalho em que se conjugam as medidas do Governo e o esforço do professorado, para o engrandecimento da Pátria. Dirigindo-se aos diplomandos, afirma: "Temos, diante dos olhos, o Brasil de amanhã", e adianta que podemos confiar no futuro da Pátria, terminando por desejar aos jovens diplo-

GRATIS! peça este livro



— ENVIE DOIS CRUZEIROS EM SÊLOS —
— PARA O PORTE POSTAL —

**UZINAS QUÍMICAS
BRASILEIRAS LTDA.**

CAIXA POSTAL, 74
JABOTICABAL
EST. DE SÃO PAULO

mandos "que a sua vitória de agora os inspire na conquista de novos êxitos".

*

Finda a leitura da patriótica mensagem do governador Benedito Valadares, teve lugar a entrega de prêmios conferidos aos alunos que mais se distinguiram, e dos diplomas, encerrando-se a magnífica festa com o Hino Nacional, que foi novamente cantado por todos os diplomandos.

*

APRESENTAÇÕES

NINGUEM deve dar carta de apresentação a uma pessoa que não conhece muito bem. Não se enviam cartas de recomendação e apresentação a pessoas que se conhece superficialmente.

As cartas de recomendação e apresentação são entregues sempre abertas. Fechá-las é uma falta de gentileza para com o portador das mesmas.

*

QUANDO SE TEM A PELE SECA

Para uma pele seca são aconselhados os seguintes alimentos: pão branco, arroz, aveia, ovos, manteiga, carne, cebola, peixes, azeite, amendoa.

*

PARA OS QUE TÊM PELE OLEOSA

Alimentos indicados para os que têm pele oleosa: aipo, pepinos, rabanetes, aspargos, mel, pão preto, leite, tomates, laranjas, limões, uvas, bananas, peras e maçãs.

*

PERSPICACIA

— Estou certa de que Alberto está decidido a casar-se comigo.

— Por que dizes isso?

— Porque cada dia olha a Mamãe com mais raiva.

*

AS MÁS LINGUAS

— Não posso saber de quem minha filha herdou esta má língua. De mim é que não foi.

— Não, querida, tu ainda conservas a tua.

A ZEITE OU OLEO - VIDA
é o preferido por ser o melhor. Sementes de amendoim seleccionadas.

PRESENTES

Por IÊDA

NO círculo de relações, que todos nós temos, há umas tantas pessoas por quem o nosso coração sente um afeto verdadeiro. Oferecer a estas um presente parece fácil à primeira vista; porém, fazê-lo ao gosto da pessoa é um problema bastante complicado.

O leitor poderá achar exagero na minha afirmativa; o certo é que até a nossa individualidade se reflete no objeto ou idéia do nosso mimo.

O que caracteriza o presente não é o seu valor material. Um ramalhete de flores, um confeito delicado, preparado por nós mesmas, podem proporcionar um prazer. Qual de nós não tem a sua flor predileta e um doce que muito lhe agrada? Todas temos estas preferências, a que não podemos chamar de defeito. Apreciar o que é bom e bem feito, denota bom gosto. As flores simbolizam tanta coisa... Um raminho de miosotis numa despedida: sabeis o que pode significar?...

Não temos dia nem data determinada para proporcionar um prazer às pessoas de quem gostamos. As ocasiões se apresentam por si e indicam o que mais convém fazer. Sejamos pois, hábeis e delicadas nos nossos presentes.

Certa ocasião num jantar de aniversário, foi muito apreciada a idéia espirituosa do presente de Mme. X. Conhecendo o fraco que o aniversariante tinha por peixe, empregou toda a sua habilidade na roupa de forno. Foi dado ao homenageado a tarefa de partir o peixe. Ao servir o recheio notou que havia nêlo qualquer coisa mais dura. Não ligando importância ao fato, continuou a servir e de repente extraiu — imaginem! — uma latinha. A surpresa foi grande — nada mais inesperado! Ao abrir a lata nela se achava uma linda gravata...

*

DEVERES E DIVERSÕES

AO chegar da escola, rara é a criança que faz em primeiro lugar os seus deveres, para depois ir brincar. Dedicam-se logo aos brinquedos e se esquecem inteiramente da obrigação. Toda a tarde correm e jogam; à noite, cansados e sonolentos, recorrem aos pais para que lhes façam os deveres. A criança desde cedo deve ter obrigações a cumprir e para isto é necessário que o tempo seja bem dividido.

Ao chegar em casa o garoto deve fazer uma refeição, depois brincar um pouco. Suas lições, porém, devem ser feitas ainda com a luz do dia. Por si mesma a criança se esforçará por compreendê-las. Os



NÃO SOB RÁRA NADA!



• Pudera! Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

MAIZENA

DURYEA

Verifique o acampamento índio em cada pacote

À MAIZENA DURYEA 49 45
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

pais às vezes podem explicar, mas nunca fazê-las inteiramente. E' necessario que a criança se habitue a raciocinar por si, para que não cresça fiando-se sempre no auxílio dos outros.

* * *

CASAIS EM CONFLITO

SEU marido é impertinente? Reclama que o café está frio e que a roupa está sem botão? Defendendo-se, o repreende e... eis o "barulho no chateau". Ele contrariado torna ao jornal e você retira-se aos aposentos com ar de rainha ofendida.

Conheci um casal que vivia às turras. E' verdade que Dona Totóca era um tanto tagarela. O marido chegava cansado da luta quotidiana; os negócios andavam vasqueiros, e por vezes perdia a paciência. Sua esposa não compreendendo esse estado de espírito, punha-se logo a contar que o açougueiro vendeu carne má, o quitandeiro impingiu ovo estragado e uma série de queixumes que só serviam para aumentar a má disposição, até que êle desabafava num café menos quente que lhe parecia gelado. Após uma noite de discussão que ambos julgaram estar certos, Totóca foi ter com o seu confessor e pediu-lhe um conselho. — "Quando o seu marido principiar a brigar, encha a boca dagua e só a esvazie quando êle tiver cansado".

D. Totóca poz isto em prática com ótimo resultado.

Hoje é o casal que melhor se compreende, com água na boca...

FIXA, TONIFICA E DA' NOVO BRILHO AO CABELO

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO FIXADOR DO CABELO

Winterlândia Poética

A AMARGURA DO LUAR

Ouve! Canta no céu, a lua cheia;
dela se evola uma canção em flor...
Na onda do azul, a lua é uma sereia,
gemendo, solitária, o seu amor.

Terna canção! Mas quanta dor semeia!...
Ouvindo-lhe, entre estrêlas, o clamor,
sinto que a imensidade cambaleia,
sustendo no ombro um pêso esmagador.

E' que, divina, a lua também ama...
Em seu semblante de apagada chama,
há um inferno de amor a lampear...

Na noite, enche de mágua o azul sem termos,
e, dolorosamente, olhando os ermos,
geme com lábios trêmulos: — Amar!.

GONÇALVES DA COSTA

ELEGIA

A sahinha no escuro. O piano. Teus cadernos.
O mundo que foi teu. Que pena eu te perder.
Nunca mais. Que silencio. (Os silencios eternos!)

Qu' triste o meu desgosto. E eu nem pude te ver.

Nossos lentos serões. Nossos calmos invernos.
Que grande dorção o teu. Nem sei dizer.
Tu has em voz alta uns velhos livros ternos.
Tu has para mim. Não posso compreender.

As pressas, de manhã, saíamos, dois loucos
para ver a cidade despertar aos poucos.
Eras triste e feliz. Viavas a cantar.

A sahinha no escuro. As músicas. Teu piano.
Pobre amiga: — eu fiquei! Às vezes eu me engano
e me sento num canto, aflito, a te esperar...

OVIDIO CHAVES

VAI, MEU SOLDADO

(Para Herbert P. Lima Verde)

Vai, meu Soldado, pra guerra,
vai defender nossa terra,
nosso adorado Brasil,
vai mostrar ao mundo inteiro
que não há bom brasileiro
que não lute, varonil!

Pra defender nossa gente,
brasileiro não desmente
a fama de lutador!
Vai, meu Soldado, contente,
mostra aos outros que és valente,
prova logo o teu valôr!

Vai, meu Soldado, defende
esta terra que nos prende
— é a pátria de teus avós;
o berço de um povo forte,
que não teme a própria morte,
luta, Soldado, por nós!

Pensa em Osório, em Caxias;
lutando nos nossos dias,
sê valoroso também!
Tu tens a honra da farda,
tu és do Brasil um guarda,
bom defensor que ele tem!

Vai, meu Soldado, pra guerra,
vai defender nossa terra,
nosso adorado Brasil
— a terra que tem palmeirás,
a terra das cachoeiras,
e dos céus da cor de anil!

Serás exemplo vibrante
de amor à Pátria-Gigante,
à "terra de encantos mil".
Vai, Soldado, pra labuta;
inda que tombes na luta,
viverás — para o Brasil!

ALBERTINA CASTRO BORGES

Esta secção destina-se à publicação de poemas dos poetas novos. Com isto ALTEROSA visa estimular os artistas jovens de Minas e de outros Estados. Tôda produção que, a nosso critério, fôr boa, terá acolhida nesta página.



NOITES ROMANTICAS!

ESTE Ano Novo encontra a Pampulha com uma agradável novidade para a sociedade mineira: as noites de segunda e sexta-feira. Todo o aristocrático "grill-room" se transforma nessas duas noites, para dar lugar a um autêntico programa de "boite": a luz enternecedora de penumbra, as orquestras tocando em surdina, enquanto os pares elegantes deslizam pela pista de dança; um "menu" diferente e os frequentadores já podem dizer — mais saboroso e leve; as

atrações artísticas a se sucederem no palco de 15 em 15 minutos, números esparsos de "show" que agradam e empolgam. Iniciadas a 29 do mês passado, numa sexta-feira, essas noites que a Pampulha promove duas vezes por semana, são de fato as mais belas festas da cidade, momentos de indescritível prazer, de poesia e bom gosto, verdadeiras serenatas levadas para o ambiente aristocrático e atraente do "Palacio da Represa".

PAMPULHA

MAIS UM GRANDE SORTEIO DAS CONSOLIDADAS MINEIRAS



Flagrante colhido durante o sorteio, vendo-se o Secretário das Finanças, dr. Edison Alvares da Silva, cercado de representantes das nossas entidades de classe.

EMPRÉSTIMO MINEIRO DE CONSOLIDAÇÃO

“SÉRIE C” — LEI N. 192, DE 10 DE SETEMBRO DE 1937

RELAÇÃO DAS APÓLICES PREMIADAS NO SORTEIO DE 30 DE NOVEMBRO DE 1944

TEVE lugar no dia 30 de Novembro ultimo, perante numerosa assistencia, mais um grande sorteio das Apolices do Empréstimo Mineiro de Consolidação, Serie “C”, com distribuição de numerosos premios aos portadores desses magníficos titulos do nosso Estado.

O ato, que foi prestado pelo sr. Francisco Martins, superintendente do Departamento da Despesa Variavel da Secretaria das Finanças, teve o comparecimento do Secretário Edison Alvares da Silva, seu Chefe de Gabinete dr. José Geraldo Maximiano, além de altos funcionários daquela repartição, representantes de nossas entidades de classe e jornalistas, assim como numerosos portadores de titulos.

Publicamos, a seguir, o resultado completo do sorteio.

Cr\$ 200.000,00 . 2.643.674	Cr\$ 20.000,00 . 2.462.326			
Cr\$ 50.000,00 . 2.552.310	Cr\$ 20.000,00 . 2.549.225			
Cr\$ 20.000,00 . 2.446.237	Cr\$ 20.000,00 . 2.998.354			
PRÊMIOS DE CR\$ 10.000,00				
2.061.079	2.194.962	2.207.195	2.262.552	2.325.613
2.604.365	2.608.965	2.805.967	2.986.306	2.998.144
PRÊMIOS DE CR\$ 5.000,00				
2.013.455	2.187.339	2.250.374	2.297.287	2.552.285
2.149.566	2.223.104	2.279.428	2.465.420	2.573.398
	2.585.760		2.907.337	
PRÊMIOS DE CR\$ 2.000,00				
2.020.903	2.221.292	2.490.866	2.642.437	2.777.303
2.044.116	2.297.309	2.589.159	2.653.541	2.869.258
2.134.605	2.426.232	2.597.623	2.682.195	2.878.091
2.151.528	2.435.339	2.613.130	2.699.488	2.878.202
2.187.712	2.449.566	2.627.860	2.723.178	2.918.062
2.203.254	2.482.338	2.636.439	2.734.484	2.991.902
PRÊMIOS DE CR\$ 1.000,00				
2.019.416	2.195.353	2.396.568	2.640.373	2.781.798
2.019.980	2.199.251	2.402.868	2.660.221	2.784.200
2.032.543	2.212.187	2.432.317	2.672.463	2.789.178
2.035.042	2.226.419	2.456.305	2.673.404	2.792.355
2.040.504	2.232.866	2.472.215	2.687.553	2.796.951
2.053.596	2.234.666	2.484.493	2.691.315	2.797.766
2.055.165	2.245.286	2.502.542	2.700.238	2.800.359
2.069.940	2.246.083	2.509.719	2.702.705	2.804.369
2.073.645	2.252.398	2.514.409	2.707.180	2.814.459
2.076.369	2.259.184	2.515.515	2.708.157	2.840.345
2.091.539	2.261.351	2.518.375	2.713.648	2.844.233
2.098.533	2.268.822	2.523.097	2.730.599	2.851.227
2.112.325	2.286.335	2.535.298	2.764.058	2.861.726
2.130.103	2.287.256	2.553.407	2.769.148	2.876.856
2.134.473	2.287.772	2.557.729	2.769.328	2.892.795
2.135.956	2.296.296	2.563.235	2.775.422	2.911.092
2.141.468	2.340.859	2.583.638	2.776.463	2.937.705
2.166.252	2.367.116	2.613.634	2.779.786	2.953.755
2.180.468	2.370.774	2.615.038	2.780.240	2.967.641
2.186.284	2.383.746	2.626.492	2.781.034	2.994.661

O CAMINHO DO VICIO

VÁRIOS caminhos levam o indivíduo ao vício.

Entretanto, de um modo conciso, pode-se dizer que são dois os motivos mais frequentes da intoxicação:

1.º) a procura de sensações estranhas, de prazeres extravagantes, de volúpias imaginárias de que andam à cata os "snobs", os ociosos, ou melhor os "hedonistas", nome com o qual o Prof. Wilson qualifica os procuradores de prazer.

2.º) a necessidade que tem o indivíduo, para lenitivo de sofrimentos orgânicos, de recorrer aos benefícios reais das substâncias entorpecentes.

Por serem medicamentos indispensáveis na prática da medicina, os derivados do ópio são fatores do maior número de toximanos. Diante do sofrimento, seria deshumano não lançar mão de um remédio apropriado e eficaz — entretanto, faz-se necessário cautela no seu emprego para evitar o perigo do hábito.

*

PENSAMENTOS

A ilusão é tão útil como a certeza, e na formação de todo o espírito para que êle seja completo, devem entrar tantos os Contos de Fadas como os Problemas de Euclides. — EÇA DE QUEIROZ.

*

Quem ama erra a colocação dos pronomes. — PAULO GONÇALVES.

*

A poesia é a adivinhação do espiritual no sensível. — MARITAIN.

*

CONVITES

ENTRE parentes próximos ou mesmo entre pessoas de certa intimidade pode-se fazer o convite para uma festa que não seja cerimoniosa, até na véspera da sua realização. Entretanto, agir dessa maneira com outras pessoas é incorrer numa grave falta de atenção. Poder-se-á interpretar o convite assim feito como um desejo de que essa mesma pessoa não participe da festa.

*

PRESENTES DE FESTAS

BOM é recordar às pessoas caridosas, que é obra nobre presentear no Natal, Ano Novo e Reis, as crianças que se acham internadas em Asilos, Creches e Hospitais. Estas crianças receberão de braços abertos tudo que se lhes leve. São mais aconselhados livros de histórias, com páginas coloridas, jogos para os garotos que se acham presos aos leitos e uma outra infinidade de brinquedos pouco barulhentos.



OFERECE a MINAS E AO BRASIL SUAS
NOVAS E MODERNAS INSTALAÇÕES EM
PRÉDIO PRÓPRIO À RUA CARNEIRO
LEÃO, 203/211, EM

SÃO PAULO

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO — SANTOS — RIBEIRÃO
PRETO — CAMPINAS — CAMPOS DO
JORDÃO — JUIZ DE FORA — SÃO LOU-
RENÇO — CAXAMBU' — CAMPOS — CA-
CHOEIRO DO ITAPEMERIM — VITÓRIA
— NITEROI — PETRÓPOLIS

BELO HORIZONTE

RUA TAMOIOS, 526

FONE 2-1929

= **Tosias** =
Alfaite

CASEMIRAS ★ LINHOS ★ TROPICAIS

EDIFICIO MARIANA — LOJA I

FONE 2-0047 — BELO HORIZONTE



Caixa de

Por CONSUELO SAN MARTIN

Tôda correspondência para esta secção deve ser dirigida a Consuelo San Martín, "Caixa de Segredos", Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279 Belo Horizonte

CANTO DE FÉ' AO ANO NOVO

DURANTE todo o ano passamos uma vida mansa e igual, sem levarmos em conta as desilusões que nos aparecem de vez em quando.

E nem sempre nos lembramos de embelezar essa monotonia e êsses aborrecimentos, com uma esperança segura de melhores horas e alegres perspectivas.

Nêsses dias, porém, que precedem a chegada do Novo Ano, quando damos um balanço nos nossos fracassos e nas nossas inquietações, os nossos olhos se voltam, ungidos de piedade e devoção, para o ano que surge.

A certeza de uma renovação opéra em nós o milagre consolador da fé. E passamos infantilmente a crer numa felicidade, cuja existência esteve adormecida durante trezentos dias.

O ano novo mais nos parece, então, a varinha mágica, que uma unidade de tempo. Todos, sem exceção sonhamos melhores dias.

Entoando o nosso canto de fé, dizemos, com fervor religioso:

A noite não estará dentro de nós
nem povoará os nossos pensamentos,
nem as nossas horas de amor
que serão luminosas e infinitas...
Ouviremos a voz do mar
e das crianças felizes.
Veremos abrirem-se as flores
em todos os jardins.
As estrelas brilharão
nos céus desconhecidos.
Os nossos irmãos já não sofrerão.

A humanidade, purificada pela dor, terá carregado nas asas do seu sacrifício, todos os tormentos que a ensombraram...

Então sentiremos a vida total
nêsse amanhecer
incendiado de sol!

Oxalá 1945 nos aponte a aurora de um dia maior!

—|||—

CORRESPONDENCIA

ESFINGE — Capital — Leio a sua carta e detenho-me nesta passagem: "a única saída que se me apresenta é o suicídio. Não me é possível mais aguentar um marido ciumento, ceseeducado e brutal". E acrescenta: "espero que a senhora me mande uma resposta esclarecida e me auxilie no sentido de encontrar um melo menos violento que o que tenho em mente".

Inicialmente você me diz que se casou contra a vontade dos seus pais. Que há uma diferença de 20 anos entre você e seu esposo. Que ao se casar, aos 22 anos você dizia saber o que ia fazer e que estava disposta a arcar com todos os aborrecimentos que essa união desigual viesse, porventura, trazer-lhe.

Eu acho, minha bôa amiga, que a

Segredos



Desenhos de ANTONIO ROCHA

mulher que escolhe a sua própria cruz, deve levá-la ao calvário. Aliás, são hoje raríssimos os casamentos feitos pelos pais. O desespero, no seu caso, não deve encher-lhe o coração. Não se mate; você tem, ainda, muito direito à vida. Além disso, possui 2 filhos. Quem iria substituí-la junto dessas duas crianças? O seu espóso? Você teria coragem de abandonar esses dois entezinhos por egoísmo, para fugir a um sofrimento que você mesma procurou?

Não minha amiga, você não deve, não pode morrer. Viva sim; viva no amor dos seus dois filhinhos que nada têm que ver com o erro de vocês. Reerga-se, por eles; para eles!...

NOIVA INDECISA — Itaúna — Minas — Escreva-me você, dizendo de seu embaraço, ante a perspectiva de uma felicidade que absolutamente não sonhou.

Amara você, ternamente, a um rapaz de condição modesta, embora digno e capaz de fazê-la feliz. Da noite para o dia desfizeram vocês esse namoro. Como por encanto apareceu, agora, um cavalheiro educado, gentil, e, sobretudo dotado de grande fortuna e pede a sua mão. Você é pobre. Sabe que é bonita, mas desconhece outros atributos que possam fazê-la amada por uma pessoa de tanto destaque. E lá vem uma série de considerações à cerca da família do noivo. Recusa apresentar-se como uma intrusa e envergonhar esse noivo perante os parentes e pessoas das relações dele. Eu não posso dar-lhe um conselho que você repute infalível. Se o seu coração está alarmado, acalente-se um pouco. O coração costuma prever, às vezes, os acontecimentos que lhe dizem respeito. O conselho, nesse caso, talvez não passasse de uma levandade. Não sei se o seu noivado é oficial. De qualquer modo acho que você deve se abster o mais possível de qualquer intimidade com o seu noivo. Paixão de homem rico por moça pobre, raramente não é um capricho. Não conhecendo, todavia, nem o seu noivo, nem a você, o meu conselho não passará de uma recomendação de cautela.

DULCE MARIA — Distrito Federal — Minha cara Dulce: como são hoje comuns os casos como este que você

me apresenta! Diz-me em sua carta que se sente, plenamente feliz porque ama. Adiante me afirma que é um homem casado o objeto do seu amor. Minha doce amiga, o amor de uma jovem por um homem casado é um erro. Desaconselham-no, ou melhor condenam-no a Igreja, as nossas leis e, conseqüentemente, a sociedade.

Em um país onde houvesse o divórcio, restaria a você, caso não professasse nenhum credo religioso, a esperança de uma união lícita ante os olhos de Deus. No nosso, porém, mais do que uma levandade, é uma loucura.

A felicidade nesse mundo, Dulce Maria, é tão difícil, que seria duplo crime roubá-la a outrem. Procure renunciar ou, pelo menos, não dê asas a essa paixão sem remédio.

A desilusão, que chega para todos nós, seria maior para você, porque não lhe traria a graça de nenhuma compensação.

DUQUE SEM TÍTULO — S. João Nepomuceno — Minas — Meu amigo: acho que posso tratá-lo desse modo, pela confiança com que me expõe o seu caso. Diz-me que é noivo e que ama, ternamente, a moça que escolheu para companheira do seu destino. Acontece, porém, que você vem ultimamente percebendo estar essa moça

com a saúde seriamente abalada, por uma moléstia contagiosa e incurável. Na sua qualidade de rapaz digno, não sabe como agir e apela para a caixa de segredos, afim de que a sua dirigente lhe sugira um remédio para essa situação delicada sob todos os aspectos.

Eu lhe respondo: antes de qualquer deliberação acho que você deve procurar um médico de sua confiança para, discretamente, certificá-lo do que ainda não passa de uma desconfiança.

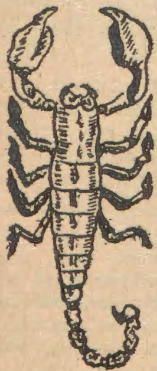
Em caso afirmativo, em nome da razão, deve você renunciar a um casamento semelhante. Urge, contudo, muito tato, muita prudência e muita força de vontade, para realizar esse afastamento. Faço, no entanto, votos para que tudo não passe de uma desconfiança da sua parte e que vocês ainda sejam muito felizes.

Toda a correspondência deverá ser remetida à "Caixa de Segredos", a Consuelo San-Martin — Redação de ALTEROSA.



PREVER O MAL É PODER EVITA-LO

O eminente bacteriologista HUGO CLAUSEN, de Copenhague, segundo informa o número de Julho de 1939 do "The Cap Town News", referiu-se, no decorrer de uma conferência, aos perigos a que está a humanidade, sob certas latitudes, exposta, exigindo cuidados profiláticos tão ativos como permanentes. E, no tocante à defesa sanitária domiciliar, uma variante aqui deve ser constatada, por envolver também o máximo interesse para o povo:



Referiu-se o mestre ao ortoptero que no nosso idioma se denomina Barata, e que, em geral, nós repelimos, apenas, pela simples sensação de repugnância, sem que saibamos que suas mandíbulas, *que tudo quanto é decomposto tocam*, são portadoras de micróbios dos mais temíveis como o da tuberculose, etc.

Também abordou aquele insigne bacteriologista, naquela conferência para o povo, quanto representa de perigo a picada do Escorpião, e o modo de o exterminar. Ora, tanto aquele ortoptero como este arachnídeo instalam-se, ordinariamente, na ambiência das residências, como dos porões, das lojas, etc., do que resulta que podem ser ao mesmo tempo atacados e destruídos. — **DESTRUÍDOS?! SIM**, com o "NÉO FULMINITE", cuja eficiência orça pela sua originalidade, de vez que, como já está bem provado, o "NÉO-FULMINITE" não é tóxico, não mata nenhum outro ser vivo.

As MOSCAS também são as transmissoras das mais graves doenças. Extermine-as com "NÉO-MOSQUICIDA", o inseticida ideal.

Estes produtos já estão à venda em todo o Estado

Representantes exclusivos para o Estado de Minas

A. TEIXEIRA & NOBREGA

Avonida Amazonas 161 — Tel. 2-2928 — Belo Horizonte

O FRUTO PROIBIDO

ESTE fruto, famoso na história da humanidade, é o da árvore da ciência do bem e do mal, que Deus plantou no paraíso terreno, aonde Adão e Eva viveram seus primeiros dias em estado de absoluta graça e inocência.

Deus para provar a obediência de Adão, autorizou-o a comer o fruto de todas as árvores, menos a do bem e do mal. O demônio, invejoso do estado de graça em que estavam a primeira mulher e o primeiro homem, resolveu perdê-los. Para isso tomou a forma de serpente e falou a Eva, do bem que sentiriam ela e seu companheiro, comendo do fruto proibido. Eva deixou-se persuadir, tomou do fruto, comeu-o e convidou Adão a fazer o mesmo. Neste ponto, seus olhos se abriram, viram o que lhes estava vedado e foram castigados por Deus com a expulsão do paraíso.

CORAGEM

(De uma história real, por PLÍNIO MENDES)

DAQUELE céu da Inglaterra, céu cheio de ameaças, continuavam a cair bombas sobre bombas. Bombardeio intermitente. Cruel. A famosa "Blitzkrieg" que não perdoa, mas que não convence...

E ela, a pobre velhinha, como todos os ingleses, não tinha medo das noites horríveis. Seu filho muito amado, seu "Baby" de 38 anos fazia parte da turma de civis que apagava os incêndios que as bombas alemãs ateavam aqui e ali...

Um dia... e tem chegado esse doloroso dia para todas as mães que tem filhos na guerra, uma série de bombas colheu o seu John na sua faina de apagar incêndios, e ele foi para o país misterioso dizer que a Inglaterra já não tem medo de ter medo!...

E a velhinha magnífica, estoica, símbolo de uma raça que não sucumbirá, escreveu:

"Perdi, minha amiga, há dias, tudo que possuía. Os malditos levaram o meu John, ele que corria para apagar os incêndios de Londres, ele morreu... Morreu o pai dos netos que eu ainda ia ter, morreu com ele, no mesmo quartirão, a minha nora, a mãe querida desses valerosos garotos que seriam meus netos..."

Eu perdi tudo. A esperança de ver o lar de meu filho em festas quando toda essa carnificina terminasse... Sim, eu perdi tudo... tudo.

Só uma cousa não perdi, minha amiga, e como eu, não perderam as mães inglesas de todos os rincões da minha Pátria, eu "NÃO PERDI A FÉ NA VITÓRIA DA INGLATERRA..."

* * *

Essa carta não é uma história para fazer literatura. É mais ou menos o trecho de uma linda carta, que uma velhinha firme com 72 anos, escreveu, como um poema épico a uma amiga residente no Brasil. Ao ouvir a narração, senti em mim todo o final desse emocionante drama. Ouvi, as sirenes avisando a chegada das esquadrilhas aéreas. Compreendi a filosofia daquela outra inglesa admirável que, ouvindo o estrondo das bombas caindo em seu quartirão em Dover, dizia a uma outra amiga com quem conversava no subterrâneo:

— "Esses idiotas não vêm que isso não adianta nada? Para que tanto estrago e tanto barulho? Venceremos."

* * *

Povo admirável esse! É bem verdade o que disse de BEN ROBERTN no seu livro INGLATERRA ANTE O BLITZKRIEG. Interessantes e emocionantes episódios desse martírio debaixo das bombas são narrados aqui e ali. São momentos diretos, vívidos dos incidentes da vida quotidiana dessa Inglaterra sobre fogo, que responde com a sua coragem, com o seu ardor, com o heroísmo físico e moral de todo o seu povo, a violência de um outro povo, apenas conquistador e bárbaro.

Quando, um dia, desaparecerem dos céus londrinos as sombras dos aviões nazistas, e em

seu lugar se puder notar novamente o brilho das estrelas, uma velhinha, há de estar contando às crianças do país, a história dessa mãe admirável, que, tendo tudo perdido, não perdera a Fé na sua loira Albion: INGLATERRA, que cumpriu novamente o que NELSON dissera:

— “Todos os homens, tôdas as mulheres se apliquem com patriótica deligência nacional para levantar onde possam defesas, obstáculos, porque a Inglaterra não pode perecer.”

*

E foi essa velhinha que perdeu o seu baby, o seu John, quem deu a melhor resposta ao mundo:

— “Perdi tudo, menos a fé na vitória da Inglaterra!”

Sublime povo!

* * *

O CUIDADO DAS UNHAS

O ENCANTO das mãos reside principalmente no tratamento dados às unhas. Unhas bem cuidadas, conservadas e sobretudo, limpas. Damos, a seguir, alguns conselhos para o tratamento das mesmas:

1 — Retirar o esmalte velho, com um algodão embebido em acetona e, em seguida mergulhar os dedos em água morna, durante alguns minutos.

2 — Descolar e retirar a cutícula em volta da unha com um instrumento apropriado, de preferência de madeira ou marfim e que não seja demasiado cortante.

3 — Passar sobre a cutícula, em seguida, o seguinte creme: — ácido salicílico — 0,05 grs.; vaselina — 0,15 grs.; balsamo do Perú — 0,50 grs.

4 — Aparar as unhas enquanto o creme destrõe a cutícula, acertando-as com uma lixa fina.

5 — Levantar a cutícula e arrancá-la em vez de cortar. Caso se faça algum ferimentosinho, ponha-se um pouco de sal fino no local.

6 — Com um algodão na ponta de um palito e umidecido em água oxigenada, limpar as unhas, retirando-se os resinhos de cutícula que estejam ainda agarrados. Retirar o creme com um algodão embebido em acetona, em seguida.

7 — Aplicar o esmalte. Se fôr de tonalidade escura, a unha deverá ficar inteiramente coberta, tendo apenas uma estreita linha clara dos dois lados, o que tornará mais finos os dedos.

8 — Se o esmalte fôr claro, deixar as pontas e a meia-lua brancas.

9 — Tirar as manchas de esmalte com acetona.

10 — Aplicar uma camada de creme em toda a mão e depois de ligeira massagem retirar o creme com uma toalha fina.

* * *

PENSAMENTOS

ESQUECER é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa apagar o caso escrito. Obra de lapis e esponja. — MACHADO DE ASSIS.

*

Viver é aprender para ignorar menos. Muitos nascem, poucos vivem. — INGENIEROS.

ALTEROSA * JANEIRO DE 1945

**ODORONO
PROTEGE SEUS
VESTIDOS**



Não tenha receio de ir ao encontro marcado, porque o Odorono conservará a frescura de suas axilas e evitará que o suor manche o seu belo vestido.

Odorono é o desodorante absoluto e comprovado; impede a transpiração de 1 a 3 dias.



ODORONO LIQUIDO... insensível e eficiente. ODORONO CREME... rápido e fácil de usar.

A Metalurgica Fracalanza

OFERECEU-NOS UM “ALMANAQUE ESPORTIVO

ACABAMOS de receber um exemplar da Edição 1943-44, do Almanaque Esportivo Olimpicus, a popular publicação esportiva editada por “Publicidade Sem Rival”, de S. Paulo. Esse utilíssimo Almanaque foi oferecido à nossa redação pela “Metalurgica Fracalanza”, a tradicional indústria bandeirante conhecida em todo o Brasil, e mesmo no exterior por seus afamados produtos.

REHABILITAÇÃO DA CIGARRA

• DIFAMADA POR MONSIEUR LA FONTAINE •

HUBERTO ROHDEN — Para ALTEROSA

ILUSTRAÇÃO DE FA'BIO BORGES

CANTAM em derredor de mim dezenas de cigarras. Cantam a sua monotonica cantilena isocronica milenar — chi, chii, chiii... .

Nenhuma delas me constituiu advogado, mas eu é que me ofereci espontaneamente para defender os honestissimos cicadideos contra a tremenda calúnia que monsieur La Fontaine espalhou pelo mundo, nas paginas das suas "Fábulas", calúnia que entrou na literatura internacional e passa hoje como verdade inconcussa. Até os garotinhos das escolas primárias teem de repetir essa mentira sobre a cigarra.

Narra a conhecida fábula que a cigarra cantava todo o verão, e, quando chegou o inverno, foi ter com a formiga, em attitude de mendiga, a pedir-lhe uma esmolinha pelo amor de Deus. A formiga, porém, insolente e sem coração, lhe respondeu: "Cantaste? — pois dansa agora!" E voltou-lhe as costas.

Antes de tudo, não há cigarra em quadra de inverno. A larva desse inseto vive longos annos (algumas até 17 annos) debaixo da terra, mudando de pele dezenas de vezes até atingir o estado definitivo de inseto alado. Só no verão é que termina a sua misteriosa vida subterranea, agarra-se, ainda ninfã, ao tronco duma arvore ou a uma pedra, muda pela ultima vez a sua indumentaria de quitina, recebe um par de olhos enormes, maiores que todo o resto da cabeça, meia duzia de pernas articuladas, um par de esplendidas asas vitreas, dois poderosos tambores — e começa a cantar, a cantar desde o nascer até ao pôr do sol. Isto é, quem canta é o macho. A femêa é completamente muda — imaginem que desastre para um ser feminino, não poder fazer ruido! A femêa, depois de pôr umas centenas de ovinhos minusculos sob a casca duma arvore, cai morta de fadiga. Em breve, tambem o macho morre, de solidão e de saudades. Dos ovinhos saem pequeninos espietros, que se deixam cair por terra — e recomeça a estranha odisséa subterranea do cicadideo, tão ébrio de luz, e condenado a tantos annos de treva (Veja o leitor a biografia da cigarra no meu livro recente "Por Mundos Ignotos").

Entretanto, não é este o ponto principal contra o qual protesto. O poeta e escritor simbolista pode, em certos casos e dentro de certos limites, deixar de parte as realidades da historia natural e adaptar os fatos a seus fins peculiares, fazendo até apparecer no inverno um inseto que, como tal, só vive no verão.

O pior é que, na conhecida fábula, appareça a cigarra como mendiga, e a formiga como capitalista — quando na realidade acontece precisamente o contrário.

Quantas vezes, no ardor do estio, sobretudo nessa prolongada estiagem dos últimos meses, tenho observado que numerosos insetos, à frente de todos a formiga, veem mendigar favores e alimento à cigarra! Pousa a incansavel cantora no ramo duma arvore. Sem interromper a sua querida música, enterra o agudo "rostrum" (uma pua articulada situada na parte inferior da cabeça) como uma seringa mignon na cortiça repleta de seivas vegetais e começa a chupar, sempre cantando, cantando sempre, porque esse canto é produzido por meio de dois tambores localizados na região abdominal, perto da raiz das asas. Enquanto D. Cigarra vai sugando o delicioso liquido, acodem, não raro, insetos vários para tomar parte no opiparo banquete, surripando algumas das cobicadas gotinhas de seiva que brotam ao redor do "rostrum" da barulhenta cantora. E ela, paciente e generosa como convem a uma artista de espirito superior, tolera a ladroeira da insetada miuda. Compreende-se, pois há seiva de sobra para todos.

Mas o que não se compreende é a insolência de certas formiguinhas que não se limitam à roubafeira geral, mas chegam ao ponto de querer aguentar da fonte dos bons licores a própria autora e dona dessa fonte. Agarram-se-lhe às pernas, repuxam-lhe as asas, e algumas vão ao extremo de lhe beliscar a tromba para obriga-la a retirar-se e ceder aos intrusos o fruto dos seus labores. A formiga é um dos insetos mais sem modos quando se trata de encher o bandulho.

E a grande musicista do verão, tolerante e generosa abandonada, não raro, à invasão dos miudos exploradores a fonte vital que com tanto trabalho abriu, e vai terminar o seu almoço em outra parte, sempre cantando, cantando sempre...

Assim é que procede a cigarra, capitalista generosa, e não mendiga pedinchona.

Está rehabilitada, D. Cigarra. Não cobro nada pelos meus serviços profissionais — tambem porque você não é propriamente minha constituinte. Pego apenas que, em compensação, me cante a mais bela das suas árias tão monotonas, mas tão cheias de saudade e de melancolia.

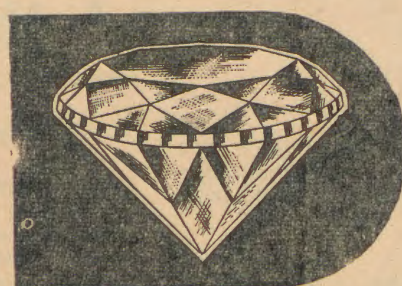
**SEDATIVO do
Sistema Nervoso**

Regulador da Emoção

BENAL

(EM DRAGEAS)

Fórmula do Prof. Austregésilo



IAMANTINA

a mais completa e a mais
perfeita lapidação do Estado

COMPRA E VENDE PEDRAS
SEMI - PRECIOSAS

LAPIDAÇÃO DIAMANTINA

RUA DA BAHIA, 1025
FONE 2-4845
BELO HORIZONTE



ORIGINALIDADE e beleza aqui se harmonizam e se completam dum tal modo que não se pode precisar onde surge a originalidade e predomina a beleza... A graça leve do sorriso, a que se casa a alegria irradiante do olhar, a silhueta alta e esguia envolta num dêsses vestidos que é um reflexo de personalidade inconfundível, atestam ser Signe Hasso, estrela da Metro, uma das maiores revelações da elegância no mundo da arte cinematográfica.

VESTIDOS BRANCOS



1) Vestido em sêda branca; a blusa leva na parte superior duas tiras aplicadas em forma de cinto com fivelas fantasia. A saia é simples e tem apenas uma aba na cintura. 2)

Em "rayon" branco é este elegante vestido cuja blusa leva pespontos e pequenos plissados. Saia com duas pequenas "pences" na parte da frente. 3) Vestido em crepe "marocain"; a blusa que é drapeada de um lado leva folhos e um laço da mesma fazenda. Saia lisa. 4) A jaqueta deste vestido em crepe mongol branco tem tiras aplicadas com pespontos terminando na frente por laços. A saia é enviezada com pequenas pregas.



5) Gracioso modelo em seda branca. A blusa e a saia têm cortes e pregas na parte da frente; as mangas são em "roloté" da mesma seda. 6) Em "rayon" branco é executado este modelo; a blusa e saia, com cortes pespontados e babadinhos plissados. 7) Encantador vestido é o que apresentamos em seda encorpada. Os pespontos terminam em onda na blusa; na cintura há um ligeiro drapeado terminando em laço. No decote repete-se o mesmo motivo. 8) Modelo em crepe "marocain" branco. "Pences" pespontados na blusa. Enfeitam babadinhos franzidos e botões de fantasia.

★ FITAS ★ PASSADAS



1 — Conjunto em seda marocain azul pastel. A jaqueta vai combinada com seda azul celeste pálido e fecha na frente com fitas da mesma fazenda. Saia pregueada.

2 — Vestido em crepe verde com drapeados e franzidos na blusa e na saia. As fitas passadas terminam em laços.

3 — Em crepe mongol negro é este modelo de corte simples tendo como enfeite fitas passadas que terminam em laço na saia.

4 — Vestido em seda marrom. A blusa, beije, vai presa com tiras de "gros", tendo na parte da frente botões forrados.

5 — Em rayon azul marinho é este gracioso modelo. A pala é enfeitada com fita branca.



Os fabricantes das meias Lobo poderiam aumentar consideravelmente a produção, si não colocassem, antes de tudo, o empenho em manter sua tradicional qualidade. Em vez de colhêr os lucros do momento, os fabricantes das meias Lobo, ainda que à custa de sacrifícios, preferem assegurar a mais alta qualidade possível na situação atual e conservar para o futuro o seu bom nome. Com êsse intuito, a produção das meias Lobo, apesar

de sua enorme procura, não foi aumentada, pois o aumento repentino de sua produção sacrificaria os inúmeros requisitos técnicos exigidos para a sua fabricação. Por isso, quando adquirir meias, insista na tradicional qualidade LOBO e limite-se a comprar o estritamente necessário, para que o maior número possível de consumidores possa ser servido. A marca LOBO representa qualidade para o consumidor — e Qualidade pesa na balança!

Meias

Lobo

UM PRODUTO
DA FÁBRICA
LUPO

Standard Propaganda

ESTÃO e



Modêlo em sêda lavável com pregas e pespontos — A originalidade dêste vestido de linho é realçada no grande bolso da saia e nos botões colocados de lado. — Vestido de linho onde grandes botões escuros contrastam elegantemente com a fazenda. Pequenos "pences" terminam o feitio.



Vestido em duas peças executado em sêda lisa; as listas são aplicadas em sentido horizontal. — Modêlo em "shantung" enfeitado com tiras da mesma fazenda. O cinto é de couro vermelho. — A frente dêste original vestido em sêda lavável é branca enquanto que a parte detrás é da mesma fazenda, mas em azul claro.

Procure conhecer
o deslumbrante
sortimento de

PORCELANAS

EM

APARELHOS PARA
CHÁ, CAFÉ, DOCE
E JANTAR

RECEBIDOS DIRE-
TAMENTE DE POR-
TUGAL, PELA

CASA CRISTAL

Rua Espírito Santo, 629
(Esq. de Av. Afonso Pena)



Este modelo de linho, sem mangas deve ser usado com blusa de seda estampada e cinto de couro. — Modelo em liho liso indicado para qualquer silhueta. — O cretone quadrado deste gracioso vestido é cortado em vários sentidos.



As nervuras no ombro e nos bolsos dêste modelo o tornar encantador. — Vestido em "shantung" branco realçando em contraste com o tom azul da mesma fazenda. — Muito juvenil é este modelo de "foulard" escuro com bolinhas brancas pondo em destaque os dois bolsos da sala.



Mme.

AMALIA GOTT

MODISTA

executa com rapidez, perfeição e preços módicos

Vestidos, costumes, e trajes de gala

RUA ITAJUBÁ, 141

FONE 2-6278

BELO HORIZONTE

1 — Vestido em sêda pérola; a blusa é tôda em nervura com enfeites de borboletas na parte superior. A saia é "godet".

2 — A parte alta dêste môdêlo em crepe da china mostarda leva dois graciosos motivos de renda. Os botões são forrados e a saia é nesgada.

3 — Em rayon azul pastel é este gracioso vestido cuja blusa drapeada leva enfeites de renda. Saia enviezada e cinto da mesma fazenda.

4 — Original môdêlo em mongol de côr cobre. A blusa fecha de um lado com botões forrados e leva uma aplicação de renda. Duas pregas dando forma à saia.

5 — Em crepe de sêda verde com recortes na blusa e plissados de renda este môdêlo é de grande simplicidade. A saia tem ligeiras pregas e um bolsinho.



RENDA APLICADA

O DEVER DE CONTROLAR-SE

A emoção sempre nos trói; por mais cuidadosos que sejamos há momentos em que não medimos as palavras e tudo que nos vem aos lábios é pronunciado sem o menor receio de ofender ou agravar a quem nos ouve.

E' que não avaliamos o poder da palavra, não nos lembramos de que ela é a faca de dois gumes que, ao ser por nós usada, pode nos ferir...

Num instante de cólera, por duas palavras às vezes pronunciadas irrefletidamente, destruímos toda a nossa felicidade.

E' preciso saber encarar a vida sob qualquer feição que ela se nos apresente, duma maneira mais equilibrada e refletida; para isso é mistér, antes de tudo, o domínio de si mesmo numa calma e sábia reflexão diante de situações que nos parecem desesperadas.

Não deixemos que o pódio nos vulgarize reduzindo-nos a seres mesquinhos e fracos; não arquitetemos vinganças, não alimentemos rancor. Nada irrita, nada exaspera mais do que uma palavra agressiva pronunciada num momento de cólera. E, se por acaso, somos nós que devemos ouvir essa torrente irrefreada de improperios, guardemos silêncio, saibamos manter uma atitude fria e reservada. A tormenta passará e, mesmo humilhados ou vencidos, seremos vitoriosos diante de nós mesmos.

*

PENSAMENTOS

A maior parte dos danos que se produzem no mundo são ocasionados por palavras. — EDMOND BURKE.

O último estudo da humanidade será o homem, a última ciência a psicologia, o último tema: a mulher. — WILL DURANT.

*

NOIVADO

Acha-se contratado o casamento da srta. Arleta Alvares Cordelro, da sociedade de Pompeu, com o sr. Francisco Theodoro da Silva, do gabinete do Governador Benedito Valadares.

fixbril

ASSENTA E DÁ BRILHO
AO CABELO • FIXBRIL
E USADO PELO BOM BARBEIRO



O SONHO DO CISNE

ANITA
CARVALHO

Plenilúnio... Flutua sonolento
Tendo a cabeça oculta um cisne lindo...
E' uma borla de pluma que vem vindo
Rumo da margem ao sabor do vento...

Simboliza, talvez, um pensamento
De que o poeta percebe o encanto infindo...
E êle vai sob métrica esculpindo-o...
As formas delineia-as o talento!...

Detem-se o cisne agora, sobre o lago...
Hesita o poeta... O olhar brilhante e vago
Ergue-se do caderno... Mas, de leve,

A água se frisa... e o cisne se aproxima...
— E, então, o poeta febrilmente escreve
Na chave do soneto, a última rima!

N.º 9 Fabrica de Moveis de Vime



José G. Gonçalves - Av. Amazonas, 93
Fone. 2-5123

FABRICA DE MOVEIS DE VIME

De JOSÉ G. GONÇALVES

EXECUTA QUALQUER ENCOMENDA — Grande sortimento de artigos de vime, taboa e fibrax — Vassouras, espanadores e tudo o mais pertencente ao ramo — CONSERTOS E REFORMAS

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

AV. AMAZONAS, 93 — FONE 2-5123 — BELO HORIZONTE

A Elegancia

NAS

Piscinas



8) Conjunto estampado para a praia com três peças simples: a blusa, a saia e o "short". 9) Para praia ou campo este encantador vestido de linho estampado com bolsos e saia rodada é muito indicado. 10) Um babado franzido contorna o decote deste vestido de praia em cretone estampado. 11) Original conjunto para praia executado em linho, podendo-se usar com ou sem a blusa estampada. 12) Gracioso vestido-avental para praia em cretone azul celeste listado e enfeitado com a mesma fazenda lisa em tom azul escuro.

LIVROS NOVOS

— CONCLUSÃO —

O DISCIPULO DE EMAUS — Murilo Mendes — Livraria AGIR Editora

O INTERESSANTE volume de pensamentos do grande poeta moderno do Brasil, é apresentado com uma introdução do cap. XXIV, de São Lucas, sobre o episódio de Emaus. O poeta, cuja personalidade filosófica já é bem conhecida através de poemas aplaudidos, revela-se aqui um pensador profundamente católico, no sentido amplo do vocábulo.

DEDICAÇÃO DE UMA VIDA — Biografia da professora de Helena Keller — Livraria José Olímpio Editora.

DEPOIS do empolgante livro de Helena Keller "História da Minha Vida", publicado há cerca de quatro anos pela Livraria José Olímpio Editora, temos agora a história da professora de Helena Keller, Ann Sullivan Macy, narrada por Nella Brady, numa obra mais empolgante ainda: "A dedicação de uma vida", apresentada pela mesma editora.

ALMAS MORTAS — Gogol — Livraria José Olímpio Editora.

NUM alentado volume, com capa de Axel de Leskoschek acaba de aparecer, na "Coleção Fogos Cruzados" da Livraria José Olímpio Editora o famoso romance de Nicolai Gogol tido como a primeira manifestação do realismo moderno na literatura européia. O autor procurou esboçar nessa obra um verdadeiro panorama da vida russa e, para isso, utilizou-se de um método muito original. "Almas Mortas" aparece em cuidadosa tradução do escritor Costa Neves que, juntamente com Otto Maria Carpeaux, prefaciou o livro, esclarecendo o público sobre o sentido e o espírito da verdadeira obra prima de Gogol.

CAFE' — Receitas de bolos, sobremesas, bebidas e sorvetes — Livraria José Olímpio Editora.

O CAFE', não obstante ser a bebida do Brasil, ainda não havia servido de motivo central a um livro de arte culinária, sem bem que sejam várias as receitas conhecidas em que essa bebida entra como ingrediente principal.

E foi um diplomata e gourmet norte-americano, Helmut Ripberger quem reuniu em volume um punhado de formulas para saborosos bolos, sobremesas, sorvetes e bebidas, juntando-se às citações célebres e pitorescas, recolhidas na literatura de cinco países diferentes, que a Livraria José Olímpio Editora vem de editar, em primorosa tradução de Luiz Jardim, magnificamente ilustrada.

"VIDA" — E' a marca do primeiro e melhor OLEO DE AMENDOIM, para mesa e cozinha, possuindo propriedades essenciais á boa alimentação.



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"S A L D E F R U C T A"

ENO

SEDAS E PLUMAS

— CONCLUSÃO —

BELO HORIZONTE ainda tem muita coisa de Curral del Rei. Uma mulher bonita, realmente bonita, é notada e observada por toda gente. E' o que acontece com certa viúva que ainda está na lua de mel do crêpe. A viuve aos trinta anos não é uma grande desgraça, quando a mulher é bela. Dá até uma certa distinção.

O luto não chega a ser triste. E' exatamente o que acontece com a senhora que durante o ano inteiro frequentou o Bomfim, em visita ao túmulo do esposo. Levava-lhe quase sempre saudades muito roxas e muito tristes. Depois de três meses, já de luto menos pesado, misturava, no "bouquet", rosas brancas e cravos encarnados. O seu vestido também não era totalmente negro.

Toda gente admirava aquela devoção ao morto e notava a transformação nas flores e nos vestidos. Com o tempo (6 o tempo!) as visitas deixaram de ser tão constantes. Uma vez por semana, uma vez por mês, uma vez por ano... Noticia-se o noivado da viúva. O noivo, um guapo rapagão, de vez em quando a acompanha ao cemitério, está visto que apenas por gentileza. Vão rindo os dois. As flores também sorriem. Descem do bonde e vão, alegres, visitar o defunto. Deixam as rosas no túmulo e, de braço dado, dão uma volta pelas quadras. Param, as vezes, para contemplar a beleza de um mausoléu. E, sorrindo, deixam o cemitério com os seus epitáfios, o seu latim e a sua tristeza pesada e permanente...

EXPANDE-SE A AEROVIA S. A. DE MINAS GERAIS

INAUGURADA SOLENEMENTE A LINHA BELO HORIZONTE-PRESIDENTE VARGAS • INICIADA, TAMBÉM, A LINHA BELO HORIZONTE-JEQUITINHONHA

INEGAVELMENTE o problema dos transportes é dos que mais de perto interessam ao progresso e à grandeza econômica de Minas Gerais. E foi compreendendo a função transcendental dos transportes no futuro do Estado, que o governador Benedito Valadares deliberou emprestar todo o apóio de seu governo à criação de linhas aéreas que se disponham à estreitar cada vez mais as comunicações entre as diversas regiões de nossa grande unidade.

Fruto dessa sábia orientação administrativa, que veio ao encontro das aspirações e das necessidades mineiras, surgiu a AEROVIA SOCIEDADE ANONIMA DE MINAS GERAIS, empresa que desde os seus primeiros passos despertou o mais vivo interesse e conceito, não somente pela perfeição técnica de sua organização e aparelhamento material, como ainda pelos nomes que encabeçam a sua diretoria, personalidades da mais larga projeção no Estado, entre as quais podemos citar o dr. José de Paula Pin-

to, presidente de seu Conselho de Administração; dr. Luciano de Paula Pinto, seu diretor-superintendente; e dr. Perí Rocha França, seu diretor-técnico. Organização constituída com capitais exclusivamente mineiros, estruturou os seus quadros com pessoal técnico da mais alta competência e de longa prática nas lides da aviação, pon-do em serviço aparelhos possantes e modernos, de sólida construção, capazes de proporcionar a máxima eficiência no transporte de passageiros e cargas. Iniciando suas atividades com a linha regular entre esta Capital e Curvelo, ainda há poucos meses, já em 25 de Novembro último a AEROVIA SOCIEDADE ANONIMA DE MINAS GERAIS inaugurava solenemente a sua segunda linha, entre Belo Horizonte e Presidente Vargas, de que nos ocupamos na presente reportagem. E já agora, em 22 de Dezembro findo, iniciou a linha Belo Horizonte—Salinas—Jequitinhonha, no longínquo nordeste mineiro. com o que

aquela rica e próspera região do Estado ficará ao nosso alcance dentro do limitado tempo de 135 minutos, em uma viagem, que, por terra, consumia cerca de cinco dias!

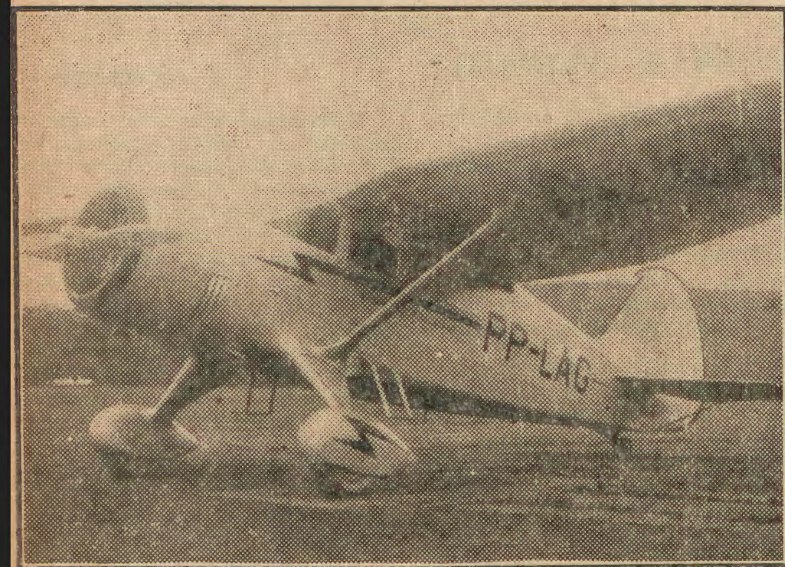
E', pois, com a máxima satisfação que o público mineiro vê realizadas as suas expectativas, com a rápida e eficiente expansão da AEROVIA SOCIEDADE ANONIMA DE MINAS GERAIS, cujas atividades estão já contribuindo eficientemente para a solução do nosso grande problema: transportes rápidos que liguem entre si as diferentes zonas do Estado.

A INAUGURAÇÃO DA LINHA BELO HORIZONTE — PRESIDENTE VARGAS

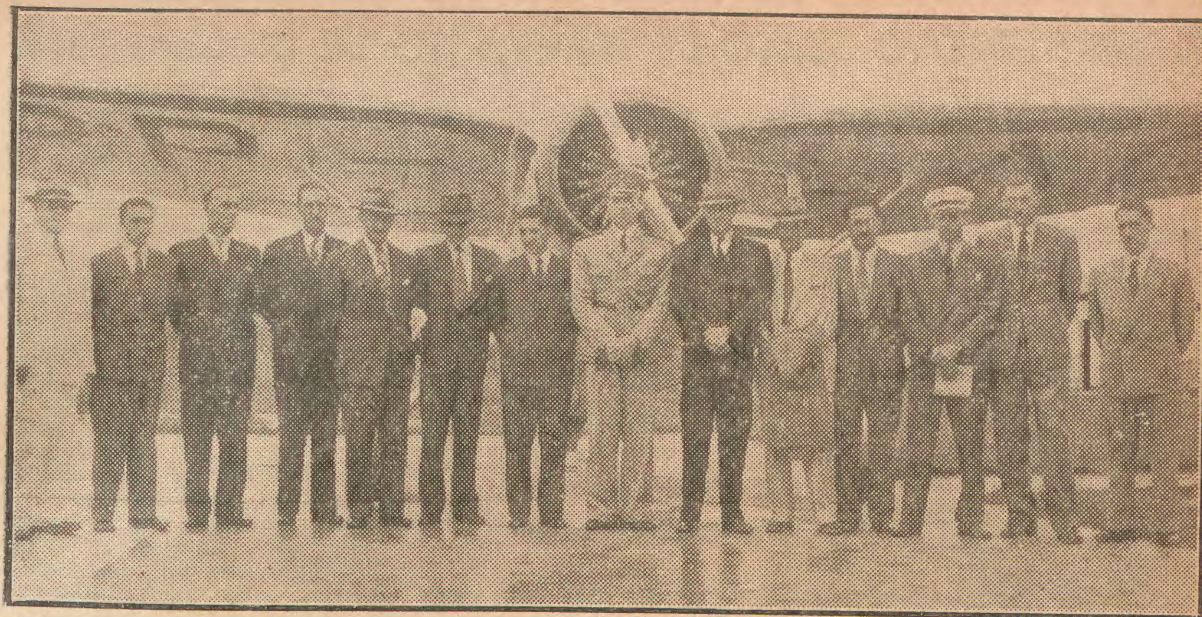
A inauguração da linha Belo Horizonte—Presidente Vargas, constituiu, como não podia deixar de ser, um acontecimento festivo para aquêlê município eficiente e brilhantemente dirigido pelo jovem médico dr. Ademar Pimenta Brant. E' que todos, como também os habitantes de Belo Horizonte, reconheceram desde logo os grandes benefícios que esta notável iniciativa da AEROVIA SOCIEDADE ANONIMA DE MINAS GERAIS virá trazer. E por isso mesmo, um belo programa de festas foi cumprido ao ensejo de tão auspiciosa inauguração.

A PARTIDA DA CAPITAL E A COMITIVA DA A. S. A. M. GERAIS.

A's 12 30 horas, partiram desta Capital os aviões "PP-LAG" "PP-LAF" e "PP-THL" comandados, respectivamente, pelos pilotos Armando Marim, João Matos Menezes e dr. Perí Rocha França, este último um dos diretores da Aerovia So-



Um dos possantes e modernos aviões da A. S. A. DE MINAS GERAIS que fizeram a viagem inaugural da linha Belo Horizonte-Presidente Vargas.



Aspecto fixado por ocasião da partida da AEROVIA SOCIEDADE ANÔNIMA DE MINAS GERAIS, vindo-se os diretores e convidados que participaram da viagem inaugural da linha Belo Horizonte-Presidente Vargas.

cidade Anonima de Minas Gerais. Rumando àquela hora para Presidente Vargas levaram aqueles aparelhos a seguinte comitiva: Major Haroldo Ferretti, representante do Governador do Estado, dr. Geraldo Azevedo, representante do Secretário da Viação; dr. Antonio Camilo Faria Alvim, do Conselho Administrativo do Estado; dr Luciano de Paula Pinto, diretor-superintendente da Aerovia Sociedade Anonima de Minas Gerais; sr. Julio Couto, diretor-superintendente de Folha de Minas; Eugênio H. Silva, representante do "Estado de Minas"; dr. José de Paula Pinto, presidente do Conselho de Administração da Aerovia S. A. de Minas Gerais e presidente do Banco Mercantil de Minas Gerais S. A.; Ernesto Valter, alto funcionário da Aerovia S. A. de Minas Gerais; drs. José Albino Aragão e Randolpho Trindade Filho, engenheiros da secretaria da Viação de Minas e o sr. Egberto Brandão.

Os aviões, fizeram a viagem em excelentes condições apesar do mau tempo, gastando 30 minutos apenas, chegando a Presidente Vargas precisamente às 13,00 horas, sob intensa vibração popular e sob demorado espoucar de fogos, aplausos delirantes, vivas e bandas da música. Naquela culta e hospitaleira cidade, receberam a comitiva da Aerovia Sociedade Anonima de Minas Gerais, o dr. Ademar Pimenta Brant, prefeito local; dr. Gilbert

Whitehead, superintendente das Minas da Companhia Vale do Rio Doce, que também representou no ato o presidente da grande empresa, dr. Israel Pinheiro; srs. Leão Faria Araujo, prof. Helio Santos Pena; prof. H. Bambar, altos funcionários da Companhia Vale Rio Doce; do Aero Clube local e numerosas pessoas gradadas da alta sociedade local, escolares, operários e etc.

BANQUETE

Depois de vivamente ovacionados pela multidão, os componentes da comitiva da Aerovia Sociedade Anonima de Minas Gerais encaminharam-se, em meio ainda da vibração popular, para o Hotel Vale Rio Doce, onde o dr. Ademar Pimenta Brant lhes ofereceu um grande banquete. O agape transcorreu num ambiente amigável e alegre e, durante o mesmo fizeram-se ouvir, produzindo tôdas brilhantes orações, as seguintes pessoas:

Dr. Ademar Pimenta Brant, em nome da Municipalidade e enaltecendo a bela iniciativa da Aerovia S. A. de Minas Gerais e apontando os notáveis benefícios que virá trazer a nova linha não só para a Capital e a cidade de Presidente Vargas, como para toda Minas; dr. Gilberto Whitehead, em nome da Companhia Vale do Rio Doce; dr. José de Paula Pinto, que agradeceu em nome da Aerovia S. A. de Minas Gerais as referências feitas à

empresa, tendo oportunidade ainda de declarar oficialmente inaugurada a nova linha e terminando sua feliz oração com um agradecimento sincero em nome da referida empresa ao Governador Benedito Valadares pelo que Sua Excelência tem dado para a concretização daquele empreendimento.

BRINDES DE HONRA

Usaram logo após da palavra, levantando os brindes de honra ao Presidente da República e ao Governador do Estado, os srs. Antonio Camilo de Faria Alvim e Luciano de Paula Pinto, que pronunciaram brilhantes improvisos.

Os presentes brindaram nessa ocasião aquelas duas grandes figuras e auguraram os melhores votos pelo progresso cada vez mais crescente da Aerovia Sociedade Anonima de Minas Gerais, empresa que pela sua excelente organização, aparelhagem e segura direção está fadada a ter um futuro dos mais brilhantes, formando ao lado das grandes empresas que exploram, no país, o comércio de transportes aéreos.

VISITAS E REGRESSO

Após o banquete, os visitantes percorreram diversos pontos da cidade, visitando a Agência da Aerovia S. A. de Presidente Vargas e o Aeroporto. Às 16 horas, sob novas demonstrações de júbilo popular, os aviões decolaram, chegando à Capital às 16,30 horas, depois de excelente viagem.

O VERTIGINOSO SURTO DE PROGRESSO DE DIAMANTINA

CIFRAS QUE EXPRESSAM UMA INVEJAVEL EXPANSÃO CULTURAL E ECONÔMICA — AS REALIZAÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO LUIZ KUBITSCHKE DE FIGUEIRÊDO

DIAMANTINA, o lendário município mineiro que tantas e tão gloriosas páginas ocupa na História Pátria, não vive somente de seu passado. Ao contrário, luta e trabalha pelo seu constante engrandecimento, pugnando pela sua integração dentro do surto de progresso que anima o país.

Nestes últimos quatro anos e meio, sob a clarividente administração do Prefeito Luiz Kubitschek de Figueiredo, Diamantina experimenta um surto animador de progresso, em todos os setores de sua atividade. E os algarismos representativos da gestão do jovem e operoso prefeito, valem por um atestado da expansão do município, em suas atividades culturais e econômicas.

A gestão do Dr. Luiz Kubitschek de Figueiredo é daquelas que dispensam maiores comentários. Bastam os dados e exposição sucinta dos principais empreendimentos por ele realizados, para focalizarem sua modelar personalidade de verdadeiro homem público, e suas altas qualidades de administrador eficiente, de largo descor-tínio, a justificarem o prestígio e apoio que lhe veem prestando, em sinceras e espontâneas manifestações, as classes conservadoras, o proletariado, instituições e o povo de todo o município de Diamantina:

FAZENDA MUNICIPAL

Receita prevista em 1940, — Cr\$375.000,00;

Receita prevista para 1945, — Cr\$915.000,00.

Elevada a receita quase ao triplo: foi êsse o resultado dos esforços do prefeito Luiz Kubitschek de Figueiredo em solucionar o problema financeiro do Município, para o que elaborou ponderado plano de revisão de impostos, e de sua melhor distribuição e cobrança. Inicialmente, por decreto-lei, foram concedidos alívio de multas e desconto de 30% nos débitos, afim de ser realizada a cobrança da dívida ativa, providência que acarretou um "superávit" de Cr\$98.374,10 à previsão para 1940. Todos os mu-

nícipes, sem distinção, foram chamados a cumprir seus deveres para com o fisco, em moderada cooperação. Tanto mais se avulta o significado dessa elevação de rendas, porquanto, pela legislação vigente, muito diminuíram os proventos municipais advindos da extração e comércio de pedras preciosas e de minérios.

PATRIMÔNIO MUNICIPAL

Em 1-6-1940, Cr\$ 883.416,60

Em 15-12-1944, Cr\$4.437.000,00

O patrimônio municipal, a 31 de maio de 1940, de oitocentos e oitenta e três mil quatrocentos e dezesseis cruzeiros e sessenta centavos, foi elevado em mais de cinco vezes seu valor, sendo, a 15 de dezembro de 1944, de quatro milhões quatrocentos e trinta e sete mil cruzeiros. Não houve uma valorização fictícia do patrimônio. A valorização computada foi de, apenas, vinte por cento do seu montante. A inclusão de novos bens de naturezas diversas, vieram enriquecê-lo.



O governador Benedito Valadares, a cujo decisivo apoio deve o município de Diamantina o admirável surto de progresso que o anima.

DÍVIDA FUNDADA INTERNA

A partir de 1934, deixara a Municipalidade de satisfazer seu compromisso com o Estado, referente a dois empréstimos que êste lhe concedera, num montante de Cr\$500.000,00. Assumindo o governo municipal, o Dr. Luiz Kubitschek de Figueiredo reiniciou o pagamento de juros e amortização referente ao exercício de 1940, e, como tivesse sido desmembrado do Município, em 1939, o então distrito de Buenópolis, onde fôra invertida razoável parcela do empréstimo contratado, obteve do Sr. Secretário das Finanças novação de contrato, sendo transferida, ao nêvel município de Buenópolis, a responsabilidade de Cr\$58.282,213. De então para esta parte tem sido pagas, pontualmente, as prestações respectivas:

Em	Cr\$
1940	31.701,10
1941	28.973,80
1942	28.973,80
1943	28.973,80
1944	28.973,80

TOTAL 147.595,50

Adicionada a quantia de Cr\$7.000,00, referente à contribuição ao D. A. M., recolheu a Prefeitura, em mencionado período, aos cofres estaduais, Cr\$ 154.595,50.

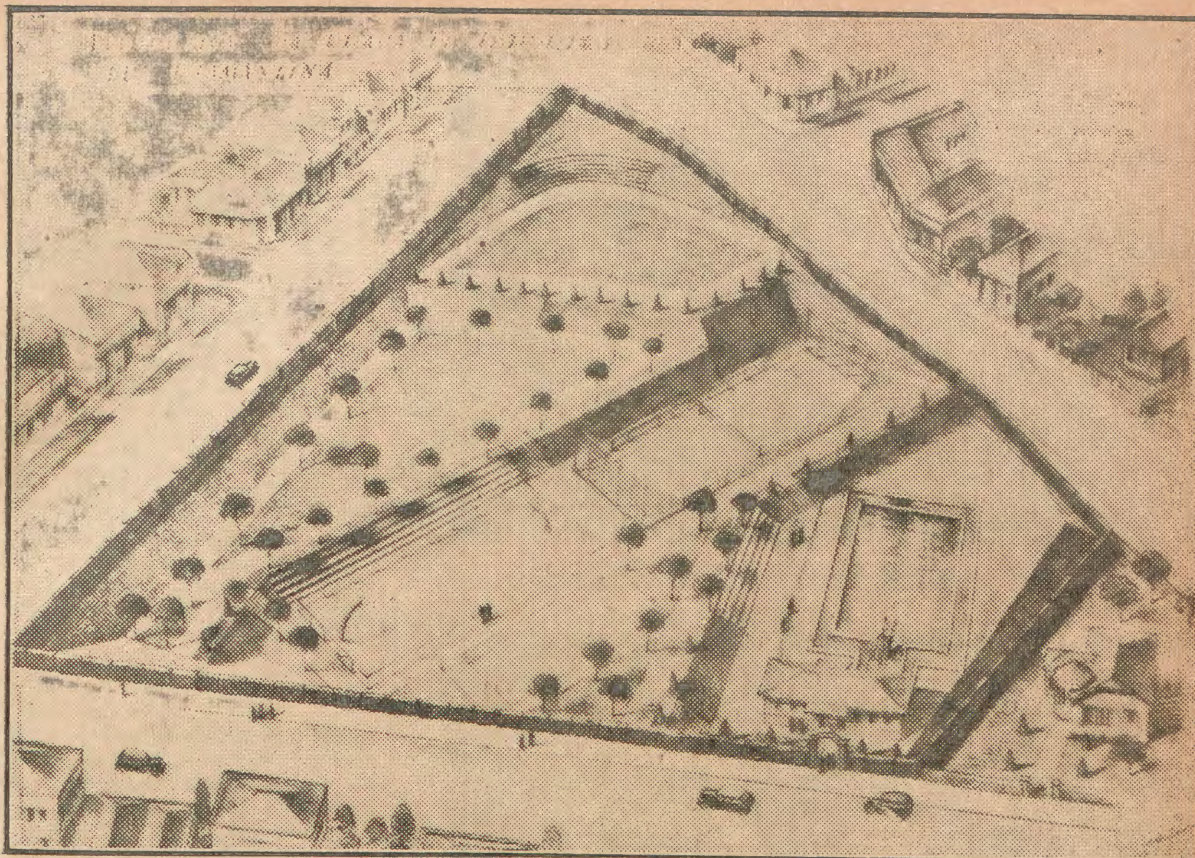
JARDINS, CALÇAMENTOS, PASSEIOS, MEIOS-FIOS E MURROS DE ARRIMO vieram embelezar a cidade, tornando-a mais atraente ao turista e mais confortável aos seus habitantes.

JARDINS

Havia 550 metros quadrados de ajardinamento até 1-6-40; foram construídos, na praça D. João, Praça de Esportes, travessa do Alecrim e travessa do Macáu, mais 30.765 (trinta mil, setecentos e sessenta e cinco) metros quadrados.

CALÇAMENTOS

Foram feitos 7.227 m² de



Perspectiva da Praça de Esportes Minas Gerais, de Diamantina

magníficos calçamentos nas ruas: Macáu do Meio, início da R. da Glória, Augusto Nelson e Avenida Getúlio Vargas. Em tôda cidade havia, até 1.º de junho de 1940, 55.825m². de calçamentos. Com jardins, foram gastos cerca de Cr\$. . . . 80.000,00; em calçamentos, .. Cr\$ 600.000,00, aproximadamente.

PASSEIOS

Ao longo da rua Augusto Nelson, Av. Getúlio Vargas e praça D. João, construíram-se 3.910 m² de passeios de concreto, de valor superior a... Cr\$ 120.000,00; e, em diferentes obras, 302m³ de Muros de Arrimo, em alvenaria de pedra.

As tradicionais CAPISTRANAS, quasi desaparecidas, pois delas apenas restavam 190 metros, foram aumentadas em mais 1.015 metros de extensão, com belas e espessas lajes de tamanhos vários, oscilando seu comprimento de cinquenta centímetros a três metros. Há, pois, atualmente, em Diamantina, 1.205 metros de capistranas.

Quanto à pavimentação da

cidade, mais expressivos são os números:

Calçamentos e ajardinamentos feitos pelas administrações anteriores, e existentes em 1.º de

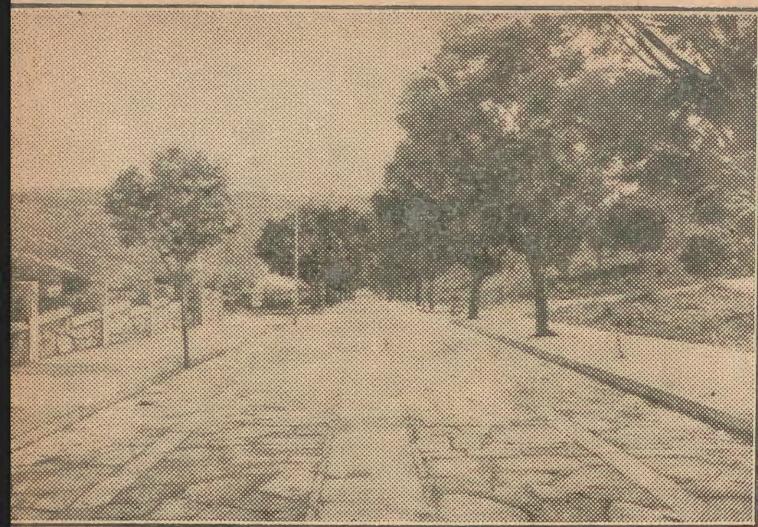
junho de 1940 .. .56.375m²
Calçamentos, ajardinamentos e passeios feitos durante a administração do dr. Luiz Kubitschek de Figueiredo 41.002m²
Total da atual zona pavimentada 97.377m².

OBRAS DE SANEAMENTO

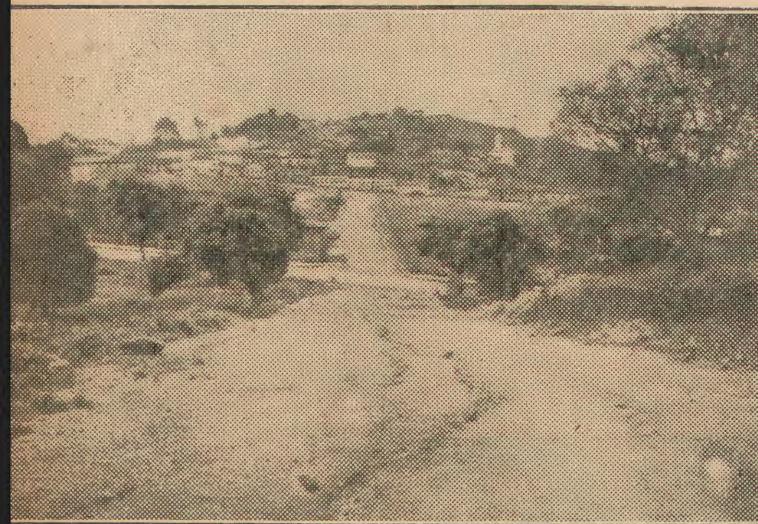
De maior vulto, e que custou aos cofres municipais Cr\$. . . 105.000,00, aproximadamente, foi a canalização do denominado "Buracão da Travessa da Caridade", grotta de cerca de 290 metros de comprimento, por onde corria água corrompida e fétida, despejo de numerosos esgotos, e que, a céu aberto, ladeava a Santa Casa de Caridade, o Ginásio Diamantinense, o Grupo Escolar "Mata Machado", o Centro de Saúde, o Colégio de N. Sra. das Dóres, além de várias casas residenciais, sendo tido como fóco de muitas epidemias tíficas, que grassaram no bairro, vitimando numerosas pessoas. Em 1939, em consequência de torrencial chuva, extravasou, em sua parte terminal, depois de se reprimir, por acúmulo de detritos, fazendo ruir uma marmenaria, em cujos escombros



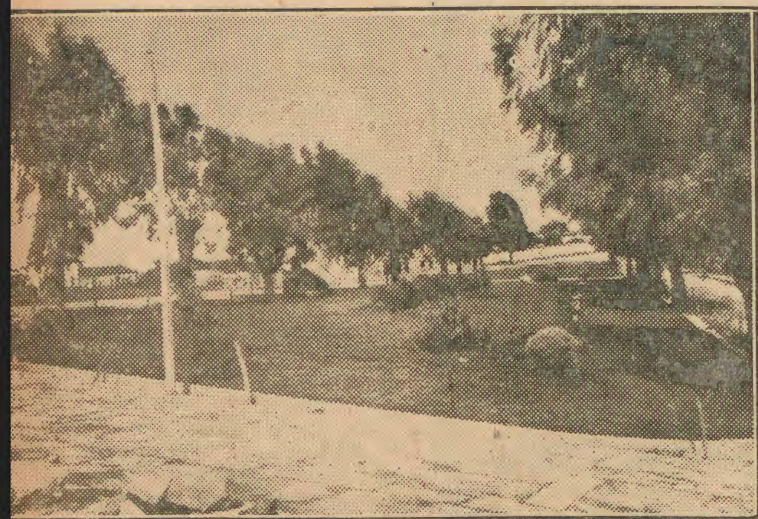
O prefeito Luiz Kubitschek de Figueiredo, cuja administração tem realizado um largo programa de melhoramentos em Diamantina.



Calçamento e passeios da Avenida Getúlio Vargas



Aspecto da Rua Barão do Rio Branco, ultimamente aberta em Diamantina.



Aspecto parcial do lindo jardim da Praça D. João

pareceu um operário. Ouvidos técnicos, foi sua canalização realizada em manilhas de concreto armado, de 1 m50 de diâmetro, por 1, m00 de comprimento, e 0,10 de espessura, adquiridas a Carlos Bicalho Goulart Ltda., de Belo Horizonte, por Cr\$45.700,00, quantia paga pelos cofres municipais sendo que seu transporte feito em 18 pranchas, foi obtido, gratuitamente, pelo Prefeito dr. Luiz K. de Figueiredo, da Secretaria da Viacão, num montante de cerca de Cr\$... 25.000,00.

Outros saneamentos, como por exemplo, o do esgoto que corria sobre o calçamento da rua da Glória, passagem forçada de ginásios e colegiais, o da rua Macáu do Meio, nas mesmas condições, foram realizados por meio de canalização em manilhas.

ESGOTOS

Em alvenaria de pedra, com uma secção de 1,05, por 0, m90 foram construídos esgotos na rua da Glória, da Caridade, do Lava-pés, e ao lado da Prefeitura, numa extensão de 185 metros. Em manilhas de 0, m15 se canalizaram os esgotos de toda a Avenida Getúlio Vargas, Macáu do Meio, e outras de menor importância, medindo 948 metros.

A'GUA

Destinado a prover aos bairros do Arraial de Baixo e da Palha, construiu a Prefeitura um reservatório com capacidade de 35.000 litros, em alvenaria de tijolos e cimento, e situado na Avenida da Saudade.

Nova rede adutora, em tubos de três, inicialmente, e duas polegadas, com oitocentos metros, tem hoje a finalidade de abastecer a piscina da Praça de Esportes e aumentar o líquido na zona urbana da cidade.

Nos distritos de Gouvêia, Datas e Felisberto Caldeira foram feitos chafarizes, prolongamento de rede e reparos, respectivamente. Na sede houve muitas centenas de metros de prolongamento de redes.

EDUCAÇÃO PÚBLICA

Particular e esclarecida atenção mereceu do Dr. Luiz Kubitschek de Figueiredo a educação pública. E, disso, dão testemunho suas realizações.

AS ESCOLAS REUNIDAS MUNICIPAIS

Iniciativa singular entre as de todos os demais municípios brasileiros foi essa de ser facultado à criança diamantinense adquirir, em um mesmo estabelecimento, desde os primeiros ensinamentos de jardim da infância, cursando, a seguir a escola primária e a profissional, habilitando-se, nesta ao ingresso na vida prática, e adquirindo, finalmente, na escola de belas artes, aptidão para aprimorar sua produção, ou seguir a carreira artística. Para sua instalação, adquiriu a Prefeitura, por Cr\$150.000 00, a denominada Chácara de D. Nazaré, devendo o prédio receber pequenos reparos e adaptação convenientes. Constarão as Escolas Reunidas Municipais de:

“Escola Municipal de Belas Artes,” a cargo de uma professora, constando dos três seguintes cursos livres: a) desenho e pintura; b) escultura; c) gravura. Anualmente a Escola de Belas Artes organizará o Salão de Belas Artes, que se denominará “Sarão de Belas Artes Antonio de Pádua Oliveira”, onde se exporão os trabalhos dos seus alunos e os de outros artistas.

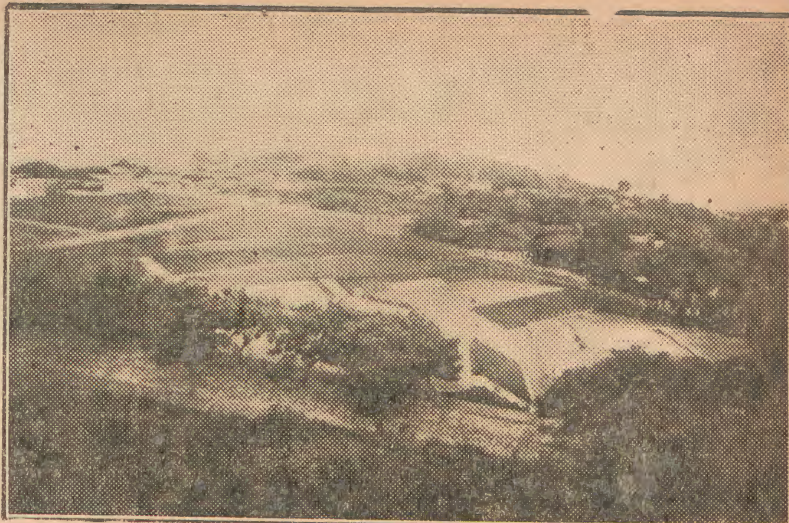
“Escola Profissional”, que se denominará “Escola Profissional Prof. José Augusto Neves”, contando, primeiramente, com os cursos de aprendizagem de carpinteiro, sapateiro e alfaiate, a cargo de oficiais competentes. A Prefeitura já recebeu a máquina para sapateiro, primeira das três encomendas.

“Curso Primário”, regido por três professoras, denominado “Curso Primário Francisco de Paula Soares”.

“Jardim da Infância”, regido por uma professora, denominar-se-á “Jardim da Infância Irmã Luiza Dufour”.

Com a data de 1-11-1944, foi encaminhado ao Departamento de Assistência aos Municípios, com uma exposição de motivos destinada ao sr. Governador do Estado, em que se criavam as escolas, respectivos cargos de professoras e o de diretora, discriminando, ainda, as verbas computadas no orçamento para 1.945, para sua execução.

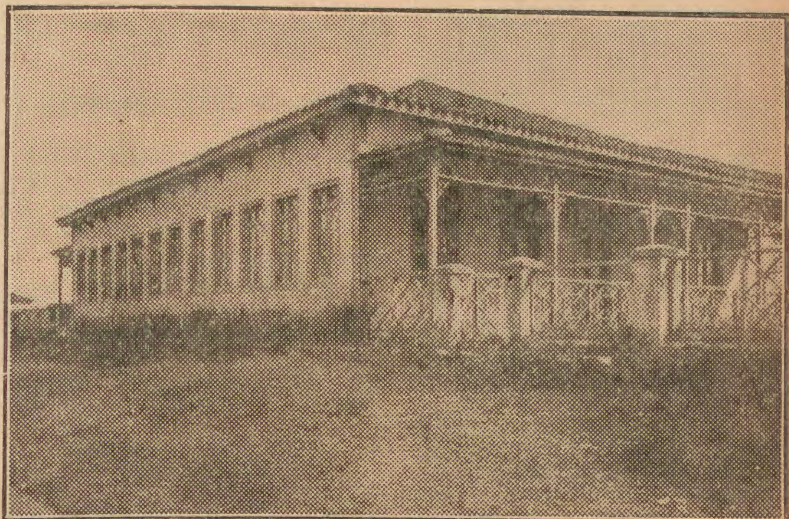
O decreto entrará em vigor a 1.º de janeiro de 1945, época



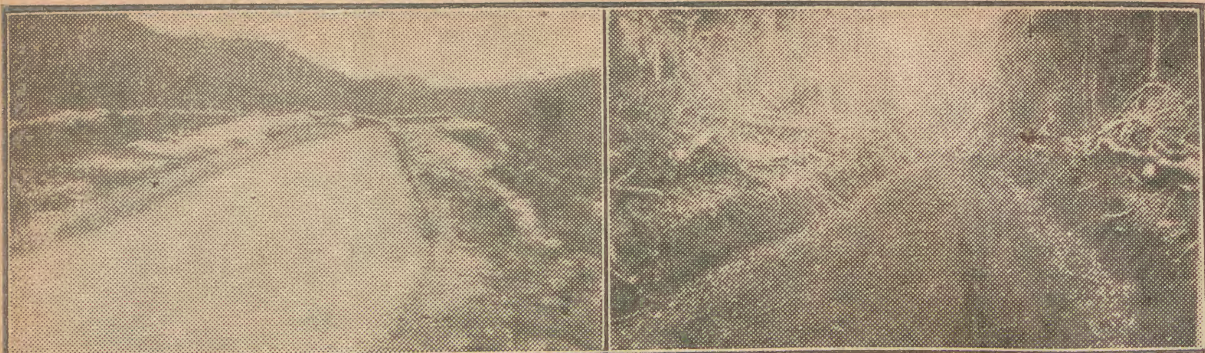
Vista da Praça de Esportes Minas Gerais, notando-se, em primeiro plano, o calçamento da Av. Getúlio Vargas.



Vista do recolhimento das medidas de capacidade, que foram substituídas, no comércio de Diamantina, por medidas de peso, por ato da administração Luiz Kubitschek de Figueiredo.



Prédio adquirido pela Prefeitura de Diamantina, onde funcionarão as “Escolas Reunidas Municipais”.



Um trecho da estrada de rodagem para Curvelo e outro da estrada Mercês-Itanguá, obras realizadas pela administração do Prefeito Luiz Kubitscheck de Figueiredo

em que se deverão iniciar as matriculas dos primeiros alunos.

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

Foram criadas mais cinco escolas rurais: em Barreiro, em Paraúna (distrito de Goulvêa); em Maravilhas (distrito de Felisberto Caldeira); em Diamantina (União Operária); em Quebra-pé (distrito de Conselheiro Mata).

Restabelecido o ensino em outras tantas escolas. Compraram-se livros e materiais escolares.

EDUCAÇÃO CULTURAL

Adquiriu a Prefeitura, por.. 8.000,00, a biblioteca que pertenceu a Antonio Tórres, — intelectual, escritor e diplomata diamantinense, — com 1.200

volumes de obras selecionadas, de autores nacionais e estrangeiros. A imprensa de diferentes centros adistntados do País. noticiou a transação, tendo sido estimado em Cr\$50.000,00,



Esgoto em alvenaria de pedra e cimento, na Rua Lava Pés.

o valor da Biblioteca Antonio Tórres.

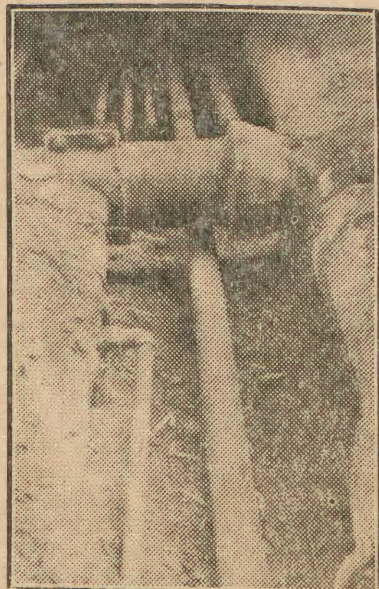
Foi feita a inscrição da Biblioteca Municipal no Instituto do Livro e do Jornal, com o que recebeu a doação de 54 obras de valor.

Adquiriram-se, ainda, numerosas coleções, como por exemplo: Enciclopédia Internacional, Il Mundo Píntoresco, Tesouro da Juventude, etc. Livros didáticos, 1.200.

RADIO MUNICIPAL DE DIAMANTINA

Em 25-7-1941, quando da Reunião de Prefeitos de Minas Gerais, em Belo Horizonte, foi

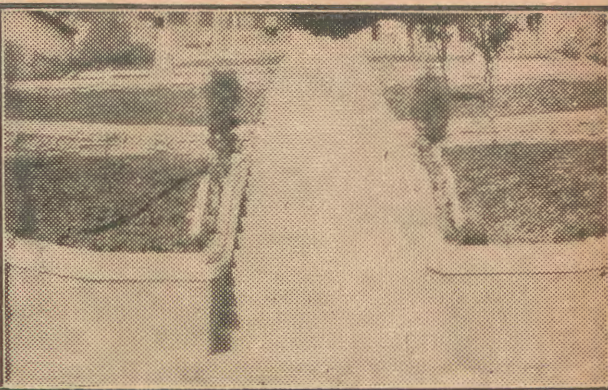
o município de Diamantina o único a pleitear a instalação de uma rádio-emissora, conforme consta do "Suplemento ao Minas Gerais, n. 98, de 1-5-1942". Posteriormente, em 15-11-1943, foi encaminhado ao Departamento de Assistência aos Municípios, projeto de decreto-lei, em que se autorizava a instalação da "Rádio Municipal de Diamantina", obedecendo os dispositivos da legislação federal vigente, e orientada no mesmo sentido que a rádio oficial do Estado de Minas Gerais. Do projeto do Teatro Municipal, que se encontra, atualmente no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, para aprovação e adaptação de estilo, consta o "stadium" com platéia, palco, salas de estar, discoteca, enfim, todas as acomodações necessárias.



Outro aspecto da nova rede dagua para abastecimento da piscina e do centro da cidade.



Detalhe das obras para a nova rede dagua, para abastecer a piscina e o centro da cidade.



onte sobre o ribeirão do Chiqueiro, na estrada para Curvelo, e um aspecto do jardim da "Travessa do Macáu"

CULTURA ARTISTICA

A Prefeitura amparou, sempre, todos os artistas que visitaram Diamantina, tendo financiado o recital do "Trio Belo Horizonte", que proporcionou fino e escolhido programa musical aos diamantinenses

TEATRO MUNICIPAL

O Teatro Municipal, cujo projeto foi elaborado por arquiteto de nomeada, será um belo edificio localizado na Av. Getúlio Vargas, esquina com o largo D. João, em terreno especialmente adquirido pela Prefeitura para essa finalidade, com capacidade para 1.800 pessoas. Nêle serão feitos ainda, o Salão de Belas Artes, e as instalações para a rádio emissora.

A 28-7-1944, a Municipalidade submeteu à consideração do S.P.H.A.N. a planta, recebendo, por officio n. 1.092, de 1º-12-1944, o parecer de que se deveriam fazer certas modificações na fachada, afim de não destoar do conjunto urbanístico. Em officio de 12-12-44,

solicitou a Prefeitura, ao referido Serviço, fazer as necessárias alterações no projeto, afim



Esgoto em alvenaria de pedra e cimento, na Rua da Caridade.

de poder ser iniciada a obra, orçada em mais de dois mi-

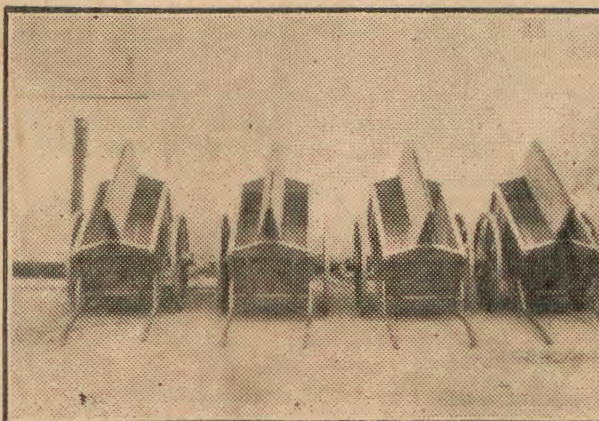
lhões de cruzeiros, importância para cujo empréstimo conta a municipalidade com rendas suficientes.

CULTURA CÍVICA

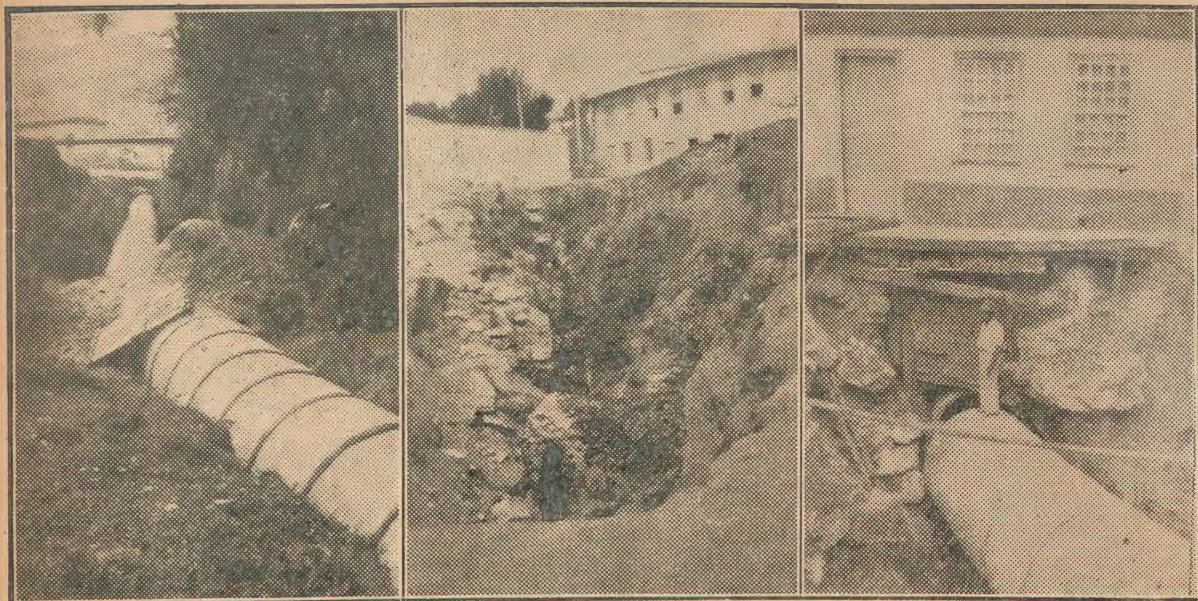
As datas, vultos e feitos mais significativos foram condignamente e comemorados.

CULTURA FÍSICA

Praça de Esportes "Minas Gerais" — Do grandioso plano de educação física elaborado pelo sr. Governador Benedito Valadares Ribeiro, consta a construção de praças de esportes em tôdas as sedes de circunscrições administrativas do Estado. Solicitou o Prefeito Luiz Kubitschek de Figueiredo de S. Excia. a concretização dessa aspiração dos diamantinenses, tendo o sr. Governador atendido ao pedido, devendo, porém, a Prefeitura de Diamantina contribuir com o terreno e serviços iniciais de terraplanagem e terraplenagem. Adquiriu, então, a Prefeitura o terreno onde hoje se encontra a praça de esportes, e fez os serviços de aterro e desaterro



Carrocinhas para limpeza pública, adotadas em substituição ao antiquado processo de latas — Calçamento da Rua do Macáu do Meio.



Três aspectos colhidos durante as obras da canalização e saneamento do "Buracão da Caridade"

necessários, o que importou em cerca de Cr\$102.000,00: preço pago pelo terreno, inclusive juros decorrentes da transação, Cr\$ 62.100,00; folhas de operários, ferramentas e utensílios Cr\$ 39.900,00. Sob a orientação técnica do dr. Oscar Ricardo Pereira, construiu o Estado a Praça de Esportes Minas Gerais de Diamantina, no que invertiu cerca de Cr\$... 500.000,00, constando de piscina, vestiários, campos para tênis, volei, basquete e parque infantil. Afim de ser alcançado o objetivo do sr. Governador de educar física, moral e civicamente, franqueando a praça de esportes a todos, indistintamente, foi organizado o "Diamantina Tennis Clube", que se orientará pelo plano traçado

pela Diretoria Geral das Praças de Esporte Minas Gerais.

Séde — Na parte superior da praça de esportes, esquina das ruas São Francisco e Barão do Rio Branco, local escolhido pelo dr. Oscar Ricardo por ficar a cavaleiro das suas diferentes dependências, vai ser iniciada a construção da sede do Diamantina Tennis Clube, já tendo o engenheiro da 22.ª Circunscrição, de ordem da Secretaria da Viação, e a pedido do Prefeito Luiz Kubitschek de Figueiredo, feito o levantamento do terreno, afim de ser elaborado o projeto que, além das acomodações precisas à finalidade, possuirá magnífico e moderno salão de festas, com amplo alpendre, de onde se desdobrará soberba paisagem.

RODOVIAS

Foram construídos 71 quilômetros, de Gouvêa a Paraúna, em que a Municipalidade foi auxiliada pela Comissão Construtora, e pelo povo; 18 quilômetros, de Mercês de Diamantina a Itaguá, com os bons ofícios do sr. Vigário e do povo de Mercês, contribuindo a Prefeitura apenas com os operários. A primeira dessas estradas é a mais importante, porquanto liga Diamantina à Capital do Estado, num percurso de oito horas; nela foi construída uma ponte sobre o Ribeirão do Chiqueiro, importando em Cr\$ 58.000,00. Mandou, ainda, a Prefeitura fundir formas destinadas ao fabrico de manilhas de 0,30, para drenagem das estradas municipais. Para a ponte sobre o Ribeirão das Areias, estão encomendadas as madeiras, já extraídas em sua quase totalidade.

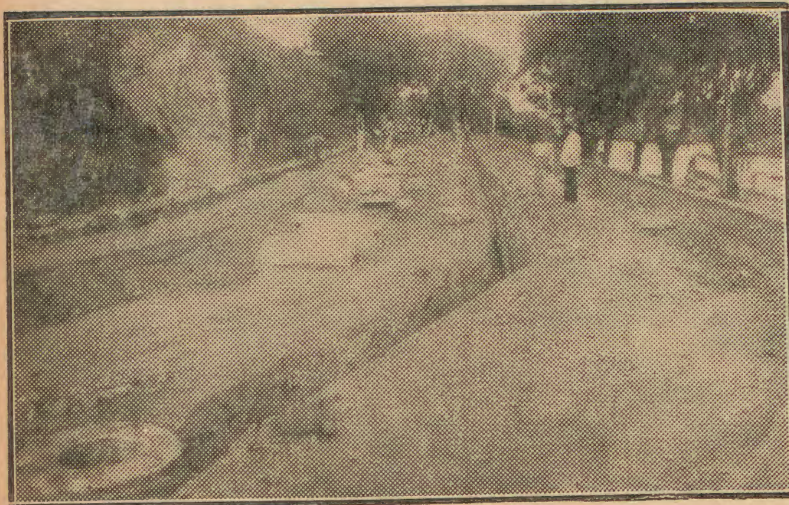
O orçamento para 1945 prevê grandes melhoramentos de estrada e construção de pontes.

PROPRIOS MUNICIPAIS

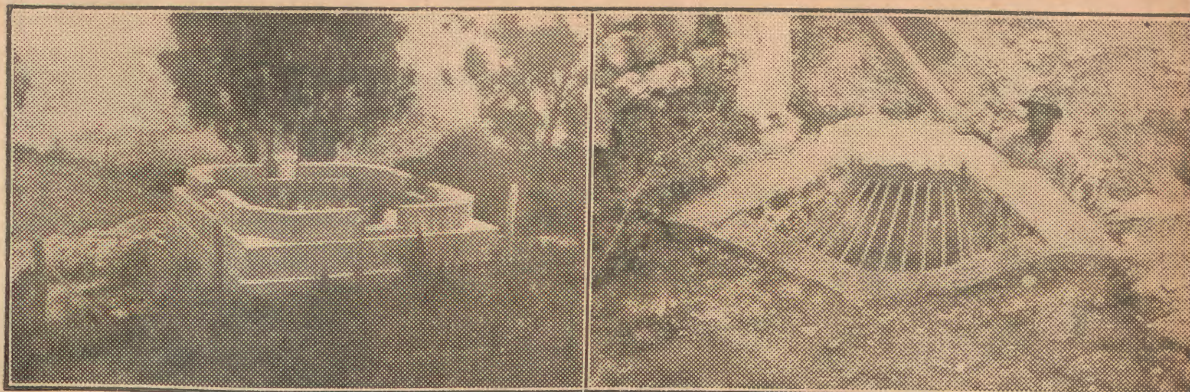
Durante o ano de 1944, sofreram reforma todos os próprios municipais: edifício da Prefeitura, Matadouro, Cemitério, Caixas d'água.

CORETOS

Construídos dois: um de madeira, à praça Barão do Guai-



Construção da rede de esgotos da Avenida Getúlio Vargas



Caixa d'água da Avenida da Saudade — Sistema de boerões

cui; outro de alvenaria de pedra e cimento, na praça D. João, no valor de Cr\$ 15.000,00

HOTEL DE TURISMO

Outra iniciativa, do dr. Luiz Kubitschek de Figueiredo, de grande vulto e cujo alcance desnecessário se torna encarecer, porquanto realizada em Diamantina, cidade considerada e declarada, por lei, de finalidade turística, é a da construção de um hotel de turismo, e já em execução, porque: primeiramente, foi comprado, pela Prefeitura, para esse fim, o terreno situado à Av. Getúlio Vargas, esquina com R. Rio Branco; em segundo lugar, porque o projeto, elaborado pelo arquiteto Virgílio de Castro, juntamente com o do Teatro Municipal, foi encaminhado ao S.P.H.A.N., tendo, também, os mesmos resultados que aquele e sendo tomadas as mesmas providências para a sua adaptação.

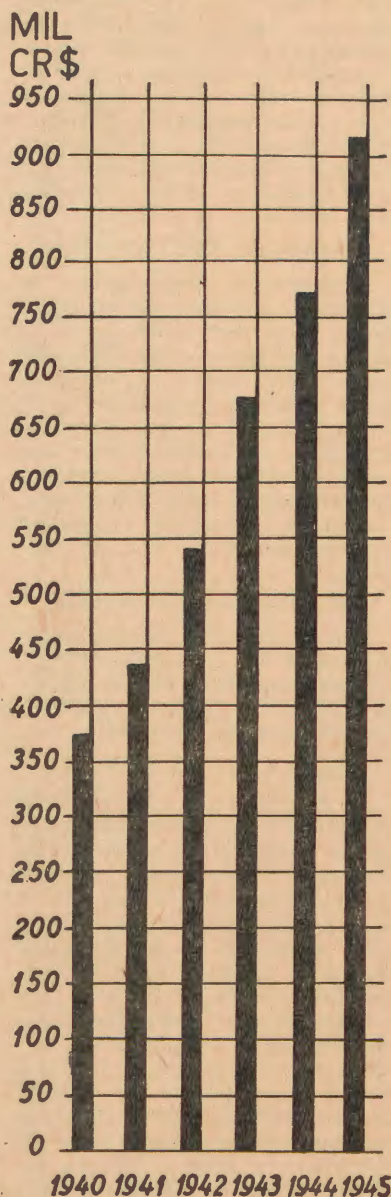
Conta cerca de noventa quartos, cinco apartamentos, todas as dependências e instalações de que dispõem os modernos hotéis, contando o edifício quatro andares. Quanto à sua localização, não se poderia desejar melhor: em avenida toda calçada; dando frente para a praça de esportes; a poucos passos da estação da estrada de ferro; próximo ao centro da cidade. Contará com uma rede d'água especial para seu abastecimento, já estando chumbado, na caixa matriz, o tubo de que se servirá.

Somente os projetos custaram aos cofres municipais Cr\$ 6.000,00.

COMERCIO

As seguintes medidas, todas de bastante significado, assinam, no setor comercial dia-

PREFEITURA DE DIAMANTINA RECEITAS PREVISTAS



Todas as arrecadações têm superado as previsões

mantinense, a gestão do Dr. Luiz Kubitschek de Figueiredo:

1) a substituição das medidas de capacidade por medidas de peso, entrando o comércio de Diamantina a utilizar-se de medidas oficiais que lhe trazem maior facilidade às transações (portaria de 11-4-1940, n. 34);

2) aquisição e instalação de sirêne para a abertura e fechamento do comércio, o que alcançou o desejado objetivo;

3) organização do primeiro tabelamento de preços de gêneros e artigos de primeira necessidade, no Brasil, ouvido o comércio atacadista e o varejista, com o auxílio de comissão composta de autoridades civis, militares e religiosas, baseado na lei federal que pune os crimes contra a economia popular. Como o provou a prática, foi medida útil, coibindo certos abusos que, somente não foram extintos, por falta de cooperação do consumidor. (Portaria n. 27/42 de 10-11-1942). A Coordenação da Mobilização Econômica, meses depois, determinava, em todo o País, igual providência;

4) Restabelecimento, no Mercado Municipal, do varejo, em benefício das classes menos favorecidas, o que, apesar de ser feito sem fito de lucro, veio crescer, nos anos de 1943-44, em mais de vinte mil cruzeiros, a verba orçamentária municipal "Eventuais".

DECRETOS E PORTARIAS

Durante esses quatro anos e meio, por interesse público, ou por conveniência da administração, foram baixados: sessenta e seis decretos, e cento e noventa e seis portarias.

COOPERAÇÃO COM SERVIÇOS FEDERAIS E ESTADUAIS

Nos diferentes serviços federais e estaduais, a adminis-



ÓCULOS

AMERICANOS PARA O SOL

CASA FARIA

VENDEDORES EXCLUSIVOS

Av. Afonso Pena, 908 — FONE 2-1203

tração municipal sempre procurou cooperar, com um elevado espírito de brasilidade, ainda quando fugiam à sua alçada, como nos casos do serviço de recenseamento, em que instituiu prêmios, forneceu transportes e cedeu funcionários; do serviço de lançamento de impostos de indústrias e profissões, em que, sem transgredir os dispositivos legais, colaborou por um feliz resultado.

Fundadas a Legião Brasileira de Assistência e a Cruz Vermelha Brasileira, Filial de Diamantina, a essas filantrópicas instituições deu o Prefeito Luiz Kubitschek de Figueirêdo todo o seu apoio, amparando-as e subvencionando-as.

FOMENTO DA PRODUÇÃO

Distribuiu a Municipalidade, gratuitamente, a agricultores, nos anos de 1942 e 1944, 2.600 quilos de sementes escolhidas.

Quando da Reunião de Prefeitos, propôs o Prefeito Luiz Kubitschek de Figueirêdo a criação de uma colônia agrícola na Fazenda do Buêno, distrito de Conselheiro Mata, comprometendo-se a Prefeitura a adquirir e doar à União a mencionada fazenda, que se presta ao proposto. Na chacara de Bicás foi construída casa destinada ao zelador de um campo experimental agrícola a organizar-se ali. A falta de transporte impediu se prosseguissem os trabalhos; apesar disso, ali se plantaram centenas de enxertos de laranjeiras, eucaliptos, pinheiros e outras árvores.

REUNIÃO DE PREFEITOS DE MINAS GERAIS

Nessa reunião, realizada a 25-

7-1942, apresentou o prefeito de Diamantina os seguintes trabalhos:

- a) de interesse geral dos municípios, 7;
- b) do interesse particular do Município de Diamantina, 11;
- c) pretensões particulares de alguns municípios, 5, formando o total de 23.

OBRAS DISTRITAIS

Não se fizeram obras apenas na sede municipal; em muitos distritos se fizeram serviços de reparos de ruas, de água, de exgotos, de iluminação, de rodovias, e criaram-se escolas.

SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE CARNE VERDE À CIDADE

Assumindo por bastante tempo o serviço de abastecimento de carne verde à população de Diamantina, a Prefeitura obteve o seguinte resultado: 1) manteve, por muito tempo, o preço da carne, sem qualquer majoração; 2) pôde ser feita com maior escrupulo a escolha de rezes a serem abatidas; 3) foi aumentada a renda do Matadouro.

QUADRO DE FUNCIONARIOS

Procurando corresponder à dedicação dos seus dignos auxiliares que decisivamente contribuíram para o feliz êxito de sua administração, o Prefeito Luiz Kubitschek de Figueirêdo, em repetidos aumentos, majorou-lhes os vencimentos, em muitos casos, de cem por cento, percebendo, porém, todos, sem distinção, sensível aumento, correspondente às suas atribuições.

ORGANIZAÇÃO DE SERVIÇO

Por decreto-lei, foram organizados todos os serviços municipais, especialmente os de almoxarifado, limpeza pública, fiscalização, arquivo, etc.

EXPANSÃO DA CIDADE

A 30-11-1944, o Prefeito Luiz Kubitschek de Figueirêdo organizou uma comissão composta dos Srs.: Prof. José Augusto Neves; Vigário Pa. Válder Almeida; Sr. Jair Moreira da Silva; Cel. Pedro da Costa Miranda; Sr. João Antônio Mota; Sr. Napoleão Cândido; Dr. Carlos José Ribeiro; Sr. Mario Luiz Fassi, tendo com ela percorrido toda a zona em que se deverá fazer o novo bairro da cidade, compreendendo parte de terreno pertencente à Santa Casa de Caridade, e todo o terreno situado acima do Colégio de N. Senhora das Dores. Da praça José Eustáquio partirá uma avenida que será a melhor da cidade, porquanto toda em local

plano; depois da rua da Glória, diversas ruas paralelas e perpendiculares poderão ser abertas. Nessa reunião ficou assentado: 1) que a Comissão se incumbiria de entendimento com proprietários, para desapropriação amigável; 2) que os lotes, com prazo razoável para início de construção, seriam vendidos não só aos habitantes da cidade, como também a diamantinenses residentes fora dela. 3) que a Prefeitura iniciaria imediatamente a abertura das ruas; 4) que o financiamento das construções seria feito pela Caixa Econômica Federal, que, espontaneamente, deseja abrir uma agência em Diamantina, com essa finalidade, conforme entendimento do seu representante com o Sr. Prefeito Luiz Kubitschek de Figueirêdo que indicou para seu gerente o Dr. Luiz Daniel Nascimento.

STADIUM MUNICIPAL

Para a construção do campo de football tão desejado pelos esportistas diamantinenses, escolheu o Sr. Luiz Kubitschek de Figueirêdo a área de propriedade da Prefeitura, situada à margem esquerda de quem desce o Rio Grande, duzentos metros abaixo do Recolhimento do Pão de Santo Antônio.

E a Prefeitura Municipal de Diamantina conta, atualmente, com renda suficiente para realizar todas as suas obras.

AQUISIÇÃO DE MATERIAIS

Além de muitas outras compras de materiais, por preços vantajosos, feitas, pessoalmente, pelo Prefeito Luiz Kubitschek de Figueirêdo, é digna de especial atenção a aquisição de quatro vagões de cimento, um em 1940, três em 1944, em que a Municipalidade lucrou Cr\$.. 93.000,00. O primeiro vagão, posto em Diamantina, correspondeu a Cr\$12,00 por saca; os últimos, a Cr\$18,68, quando, no comércio local era vendida a Cr\$60,00.

ORÇAMENTO PARA 1945

Receita e Despesa previstas, Cr\$915.000,00. É de notar-se terem sido suficientemente dotadas as verbas destinadas a estradas e pontes, afim de possibilitar, em 1945, todos os reparos e conservas das diferentes rodovias municipais, e, principalmente, a construção das últimas pontes da estrada Gouvêa — Paraúna, e a efetivação da sua drenagem e traçado definitivos, para o que também já foi obtido o concurso do Estado, por intermédio da Secretaria da Viação.

VOLTOU a se apreesntar ao microfone da Guarani o programa "Vespéral da Alegria", um dos bons cartazes do nosso rádio. Em sua nova fase, êsse programa vem apresentando novas atrações e fazendo distribuição de brindes entre os espectadores.

*

A ANTIGA Transmissora, hoje "Rádio Globo", voltou ao ar da maneira mais brilhante possível, reunindo um excelente elenco e magníficos conjuntos musicais, enfileirando-se entre as melhores emissoras do Rio.

*

REPERCUTIU de modo agradável em nossos meios radiofônicos a notícia de que Nelson Piló, o consagrado violonista mineiro, foi contratado pela Prefeitura da Capital para lecionar música no "Lar dos Meninos".

*

MERECE especial registro o êxito que vem coroando as audições do notável conjunto "Galãs do Ritmo", na PRC-7. E' sem nenhum favor um dos mais aplaudidos programas do nosso rádio, nos dias que correm.

*

OS PROGRAMAS literários da Inconfidência, enviados ao éter diariamente, a partir de 22 35 horas, pelas suas estações de ondas curtas e longas, são organizados por bons escritores e estão despertando o mais vivo interesse em todo o Estado.

*

VALE A PENA ouvir, aos domingos, a "Hora do Pato", que a Nacional manda ao ar, em ondas longas e curtas, às 13,30 horas. Bom humor, magnífica apresentação, excelentes números de variedades e, finalmente, impecável execução artística.

*

GURILANDIA, o admirável programa infantil da Guarani eficientemente dirigido e conduzido por Romulo Pais, continua sendo um dos pontos altos da programação de nossas emissoras, irradiado todos os domingos das 10 às 12 horas.

A DUPLA "Belarmino e Ximango" e sua animada *troupe* sertaneja, continua com alto prestígio entre os ouvintes de PRI-3, especialmente no interior do Estado, constituindo uma das maiores atrações da programação da oficial.

*

O PROGRAMA "Hora do Fazendeiro", que marca um dos melhores e mais úteis cartazes da Inconfidência, talvez lucrasse bem se fosse irradiado um pouco mais cedo. Meia hora de antecipação, para alcançar a hora do jantar do homem do campo.

*

CONTINUA agradando a atuação das locutoras Maria Sueli e Maria Helena ao microfone da Mineira. Donas de um estilo simples e agradável, contam elas ainda com uma admirável segurança na interpretação dos textos que lhe são confiados.

*

POR QUE será que o "Clube do Rádio" entrou em tamanha decadência? Não há dúvida que a idéia de Afonso de Castro, no sentido de congregar a família do rádio mineiro, era das mais louváveis. Qual será o motivo dessa paradeira?

*

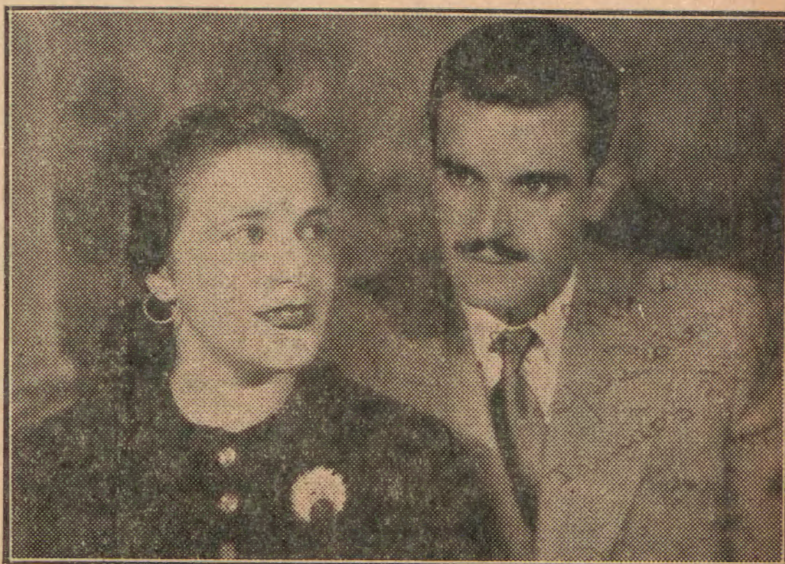
NÃO há dúvida. O público só aceita o que lhe oferecem com sincera finalidade de bem servir. Jornais falados que nada informam, limitando-se a reprodução de notícias velhas para justificar anúncios, merecem o desprezo que receberam dos ouvintes. Valha o aviso à direção de nossas emissoras.

*

A RADIO Nacional continua na vanguarda dos bons programas. Reunindo em seu elenco o que há de melhor no rádio brasileiro, através de uma programação movimentada e atraente, a grande emissora carioca é sempre ouvida com prazer. Especialmente agora, com as suas magníficas irradiações em ondas curtas.

*

O RADIO EM POUSO ALEGRE



O Rádio Clube de Pouso Alegre, a simpática emissora sulina que conta com largo círculo de ouvintes em toda aquela rica região do Estado, dispõe de bons números em seu programa de estudo.

O clichê mostra os Irmãos Vitale, cantores exclusivos do "cast" de PRJ-7.

O VICIO DE FUMAR

KURT SCHNEIDER, do Instituto Alemão de Pesquisas Psiquiátricas em Munich, chama toxicomaniaco ao indivíduo que se habitua de tal maneira a um tóxico euforizante que não pode depois passar sem ele, visto que a falta desse tóxico provoca em si sintomas subjetivos desagradáveis ou até mesmo sintomas físicos objetivos. Admitindo este conceito, todos os habituais consumidores de tabaco se compreenderiam no vasto círculo dos toxicomaniacos.

Charles Richet considera o fumo, embora menos deletério que o álcool, um veneno, igualmente estúpido. Diz ele: "Mania estranha! Aberração absurda! Posso falar mui doutamente, pois sou grande fumador. Um hábito no qual me embarcei sem outra escusa que a loucura universal; uma estúpida cadeia que não tenho coragem de quebrar... Em todo o caso, minha mania de fumar é demonstração nova, inesperada, da incorrigível tolice humana. O fumo é um hábito estúpido, a que estou acorrentado, absolutamente conscio da minha estupidez. E o meu erro é cada vez mais grave, pois o compreendo de mais!"



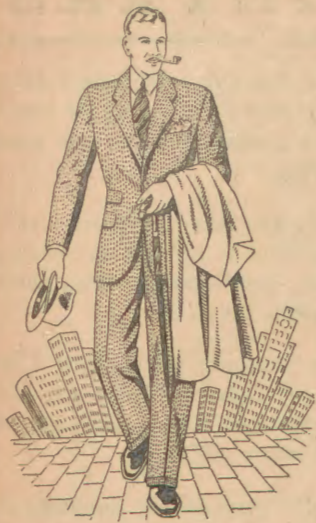
FIGURAS DO NOSSO RÁDIO



Terezinha Pedroso, a inconfundível interprete de música fina do "broadcasting" mineiro, que terminou o seu curso normal no estabelecimento oficial da cidade.



Brandão Reis, locutor e diretor do conjunto radiatral da Inconfidência, que acaba de se diplomar pela Faculdade de Direito da nossa Universidade



Boa sorte para
1945, são os votos
de

J.

Barulli

UM BOM PROGRAMA PARA CRIANÇAS

HA' CERTAS firmas que contam com uma orientação digna de aplausos no que diz respeito à sua propaganda, procurando oferecer ao público consumidor motivos de real interesse e, mesmo, relevantes serviços, em sua propaganda escrita ou falada.

Um exemplo do que acabamos de expor está nos programas "Tarzan" e "Vingador", que a Colgate-Palmolive Peet Company, faz irradiar, diariamente, ao microfone da Rádio Guarani, oferecido às crianças da Capital. Movimentados, atraentes e, sobretudo educativos, pelo fundo moral bom de todas as histórias que são dramatizadas, esses programas estão despertando grande interesse entre a petizada mineira e, incontestavelmente, a sincera simpatia das mães interessadas em boas diversões para seus filhos.

Ainda agora, no seu Concurso para o Natal, esses programas fizeram a distribuição de 96 ricos premios entre os seus pequenos ouvintes da Capital, incluindo bolas de couro para futebol, jogos completos de ping-pong, jogos de paciência, etc., recebidos com vivo entusiasmo pela petizada.

Os programas "Vingador" e "Tarzan" são levados ao éter diariamente, às 19,15 horas, exceto aos domingos. Distribuem constantemente valiosos premios, e reúnem, como associadas, centenas de crianças mineiras que recebem o seu escudo e, mensalmente, um excelente jornalzinho a cores, mantendo entre elas o entusiasmo com que a criança passa a se interessar pelas peças irradiadas.

AZEITE MARIA — Feliz combinação de oliva e amendoim



O Regional de PRC-7, sob a direção de Dico, "o poeta das cordas" é, sem dúvida, um dos melhores do nosso rádio, motivo porque a sua inclusão entre as atrações da "veterana" ficou assinalada como um acontecimento festivo para o rádio das alterosas.



Prof. Nelson Piló, aplaudido violonista mineiro, que vem de ser convidado pela Prefeitura da Capital, para lecionar música no "Lar dos Meninos".



Xerém e Dê Moraes não esquecem dos ouvintes das alterosas. Aqui os vemos em uma foto enviada para "matar saudades"...

* * *

COLUNA DOS FANS

CONTINUAMOS apresentando aqui as opiniões dos nossos leitores interessados no aperfeiçoamento do "broadcasting" brasileiro especialmente de Minas Gerais, desde que, é claro, nos sejam enviadas em linguagem moderada e resumida:

*

Do sr. Mário X. Castro, de Piraporá: — "O sr. redator não poderia sugerir à direção da Rádio Inconfidência que mandasse mudar o horário do programa do "Compadre Belarmino", afim de que o sertanejo possa ouvi-lo? Aqui também, como em todas as cidades pequenas, o povo deita cedo..."

*

Da senhorita Efigênia dos Santos, da Capital: "Estou certa de que a direção da Rádio Guarani já terá notado que não é possível a uma moça decente

frequentar o auditório dessa excelente emissora, enquanto não forem afastados os moléques que se põstam à sua porta, para dizer inconveniências às senhoras e senhorilas que para ali se dirigem. E' o caso de se pedir a intervenção policial, se é que a emissora da rua da Bahia deseja ver o seu auditório bem frequentado".

*

Da senhorita Maria da Glória Sales, de Três Corações: "Muitos dos elementos que fazem programas de estudo da emissora oficial, a meu ver, deveriam cursar primeiro a sua Escola de Rádio. Como é possível que se mantenha no cartaz de uma emissora de tamanha projeção, figuras sem nenhum valor artístico, na qualidade de contratadas exclusivas?"

*

Da senhorita Mariangela, de

*

A ORIGEM DA PALAVRA GRÊVE

A origem de grêve, significando a cessação voluntária do trabalho, é exclusivamente parisiense. De fato, a atual praça do Hotel-de-Ville chamou-se até 1806, praça da grêve. Era aí que se reuniam os operários sem trabalho.

UMA ASSINATURA DE "ALTEROSA" POR 2 ANOS, SOB REGISTRO POSTAL, CUSTA APENAS CR \$55,00 PARA QUALQUER CIDADE DO BRASIL.





Vista parcial de Dorés do Indaia

UMA LUMINOSA AFIRMAÇÃO DE PROGRESSO NO OESTE MINEIRO

DORES DO INDAIA VISTA ATRAVÉS DAS NOTAS DE UMA REPORTE-
TAGEM — INDICES DE UMA PUJANTE ECONOMIA RURAL —
A ADMINISTRAÇÃO HONESTA E CRITERIOSA DO PREFEITO
CORNELIO CAETANO

O OESTE mineiro conta com unidades municipais que representam confortadoras afirmações do surto de progresso que anima o nosso Estado. E Dorés do Indaia deve ser colocada, muito justamente, entre as que mais trabalham e realizam pela grandeza de Minas Gerais.

Habitada por um numeroso núcleo de homens amantes do trabalho e da ordem, sob a chefia de um intelectual cujo des-cortino pode ser avaliado pela magnífica situação financeira da comuna, Dorés do Indaia cresce firmemente, alargando dia a dia os amplos horizontes de seu futuro, mercê do trabalho incansável de seus filhos e da criteriosa administração de seu atual governô municipal.

ASPECTOS GERAIS DA COMUNA

Magnificamente situado no oeste mineiro, servido por uma rede de transportes que facilita o rápido escoamento de sua produção, Dorés do Indaia é um dos mais ricos Municípios dessa região do Estado. Sua economia é das mais pujantes, alicerçada em uma produção agro-pecuária das mais importantes em nosso Estado. Sua indústria, se bem que incipiente, já representa também uma riqueza apreciável, especialmente no que diz respeito aos laticínios. Seu comércio, numeroso e de alto conceito, equivale ainda a uma das

fôrças ponderáveis com que se conta no Município.

O clima é dos melhores, sendo o Município servido de excelente água e magníficas pastagens onde campeiam exemplares famosos das raças indianas, criados por fazendeiros adiantados que formam na vanguarda da moderna criação selecionada mineira.



Prof. Cornélio Caetano, prefeito de Dorés do Indaia

Bons hotéis, cinema, jardins e outras atrações do progresso urbano, tais como calçamento, iluminação, etc., proporcionam a Dorés do Indaia o conforto que uma moderna cidade pode oferecer aos seus habitantes.

A ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Merece especial referência, pelo muito que tem contribuído para o progresso dorense, o prof. Cornélio Caetano da Silva Guimarães, seu prefeito. Intelectual e devotado administrador, o atual chefe do executivo de Dorés do Indaia vem realizando ali uma administração sadia e criteriosa.

Ao mesmo tempo que tem cuidado das finanças municipais, mantendo-as em completo equilíbrio, o prof. Cornélio Caetano não se descuidava da solução de todos os problemas relacionados com o bem-estar material e espiritual de seus munícipes.

Na parte técnica da administração, s. s. realizou um magnífico trabalho de reforma tributária, tornando-a mais equitativa e em acôrdo com as realidades ambientais, de que resultou considerável aumento nas rendas da comuna. Reformou todas as vias de transportes, modernizando-as. Tem cuidado carinhosamente da cidade, dotando-a de obras de urbanismo capazes de realçar os seus naturais encantos e a sua beleza arquitetônica. Nesse setor, cabe relevar as obras de calçamento, importante trabalho de sua administração, que muito contribuiu para o aformoseamento do centro urbano. Através de uma sábia política de amparo e fomento, tem contribuído para acelerar o ritmo admirável da produção municipal, incentivando as iniciativas particulares em todos os setores de atividade de seus munícipes. Compenetrado da alta importância da educação pública, tem devotado os seus melhores cuidados à instrução, cooperando eficientemente para melhorar cada vez mais o índice de alfabetização no Município.

Por tudo isso, e ainda pela superioridade de seu espírito tolerante, o prefeito Cornélio Caetano tem podido manter a tradição de paz e ordem na sua comuna administrando-a à margem das questões partidárias, colocando o interesse público acima de tudo, no seu afã de bem servir aos altos interesses da Pátria.

E assim, Dorés do Indaia vai realizando a sua missão de construir o engrandecimento de Minas Gerais, pelo trabalho honesto e leal de sua gente.

AS CAVERNAS DO SAAR SNRS. FAZENDEIROS!

WILLIAN D. PRENTICE
PRESS INFORMATION SERVICE

RELATAM fontes fidedignas que na Alemanha de Hitler existe atualmente um grupo de homens, ou melhor dito, de seres humanos que resolveram, voltando ao costume dos seus antepassados da era da pedra, viver em cavernas. Ocorre o caso em apreço, em uma das propriedades do ver-sátil Barão von Papen, o chanceler de todas as correntes políticas. Ali as populações, de oito aldeias ao todo, 1.700 alemães se recusaram a acompanhar o êxodo generaliza-do, ordenado pelas autoridades, e, reunindo-se em uma só comunidade primitiva se retiraram para uma caverna on-de resolveram ficar preferindo uma sorte incerta à marcha forçada para o interior do Reich.

Himmler não gostou da idéia, e mandou efetivos do seu "exército popular" procederem à remoção dos insub-missos. Os soldados iam dispostos a aniquilá-los, caso se mostrassem êles intransigentes, dinamitando a boca do tunel. Aconteceu porém que a 19.ª divisão americana frus-tou o plano diabólico, com seu surpreendente avanço den-tro do vale do Saar.

A nova cidade subterrânea alemã está localizada nas montanhas de Siersburg a oito milhas ao noroeste de Saar-lautern, no mesmo local onde antigamente se encontravam instaladas as culturas de fungo do senhor von Papen. A caverna fica em uma das extremidades da propriedade. Para ali o senhor von Papen costumava retirar-se sempre que um dos frequentes expurgos internos, tão em voga na Alemanha nazista, ameaçava sua preciosa existência. As-tuto, soube, sempre escapar. E quem pagava suas contas era, em geral, seu secretário!

A nova aldeia subterrânea possui seu corpo adminis-trativo, seu prefeito. As condições que a cercam não tem precedente na história moderna. A caverna se estende por mais de meia milha montanha a dentro e possui vários túneis laterais. É iluminada com lâmpadas de acetileno.

Cada família dispõe de seu espaço vital e algumas pa-ra lá levaram sua vaca, ou cavalo favorito, em vez de abrigá-los em curral. A comunidade dispõe de uma gran-de cozinha coletiva e de um matadouro visto que existe ali certa quantidade de gado, cavalos, cabras, vacas e mais de 40 galinhas. O conforto foi reduzido ao mínimo. As camas são de palha, de ferro, de madeira, e de todos os feitos imagináveis. É evidente que não se pode conse-guir, em tal ambiente, uma perfeita vida familiar. Mas o aroma de um café "ersatz" ou de um bom cozido, cria a ilusão de um lar. Essa gente que ali vive, e que não acredita nas maravilhas prometidas pelo seu "Fuehrer" realizou uma verdadeira fuga da realidade, preferindo es-conder-se nas entranhas da terra a presenciar o cataclis-ma na superfície, sob a luz do sol.

Nem sempre o exército popular do impopular Himmler conseguirá vencer a resistência dos que preferirem ficar atrás e se recusarem a ir cavar trincheiras no coração da sua pátria sob as ordens dos carrascos da Gestapo. E muitos imitadores desses 1.700 alemães serão encontra-dos por certo à medida que as forças aliadas avançarem Alemanha a dentro e que os nazistas se virem forçados a evacuar populações sempre mais consideráveis. Muitos não de preferir retirar-se naquelas catacumbas, sonhan-do com uma pátria digna...

*

WELLES E SUA FORTUNA

MORREU há alguns anos o milionário Welles. Diz o provérbio "A qualquer chose malheur est bon". E a aventura de Welles é bem disso uma prova.

O sr. Welles era inventor de um remédio para ma-tar ratos, empregado com sucesso pelos agricultores ame-ricanos para destruir esses terríveis roedores.

Mas como foi ele levado a se ocupar de química e a especializar-se no estudo dos venenos para os camon-dongos e ratos? É o que vamos dizer.

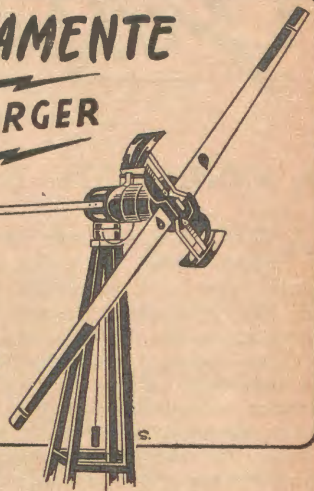
Em sua mocidade, Welles era muito pobre e vivia com um companheiro de miséria, que lhe oferecia a me-tade de seu casebre e de seu pão cotidiano.

Num domingo à noite, o sr. Welles, chegando com muita fome, verificou que os ratos tinham roído quasi toda a sua parte de pão.

Jurou vingar-se desses animais malfazejos. Pôs mãos à obra e, como se viu, cumpriu sua palavra. Os ratos porém não se vingaram: — enriqueceram-n'o mes-mo: a descoberta de seu veneno rendeu-lhe muitos mi-lhões.

GRATUITAMENTE
WINCHARGER

PRODUZ
ELETRICIDADE



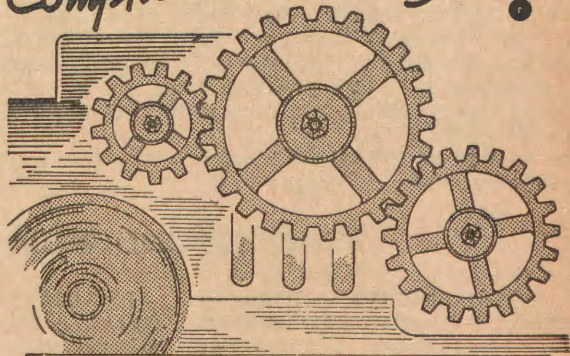
Aproveitando a força do vento, que é transformada em energia elétrica poderá V.S. iluminar sua casa de campo, fazenda, chácara ou sítio.

Modelos que, com baterias especiais, permitem instalar desde 6 até 45 lâmpadas, funcionar rádio, bomba d'água, ventiladores, refrigeradores etc.

SOC. ELETRO IMPORTADORA MINEIRA LTDA.

Rua Curitiba 631 Belo Horizonte End. Teleg. "SEIMI"
Telefone 2-7560 M. Gerais Brasil Caixa Postal. 580

TAL QUAL UMA
Complicada Engrenagem!



Assim como um dente da engrenagem que se parte, pôde paralisar toda a máquina, assim tam-bém o mau funcionamento de um só órgão — como os rins ou a bexiga — pôde determinar o desarranjo completo de toda a nossa saúde.

PILULAS DE LUSSEN
PARA OS RINS E A BEXIGA



LABORATÓRIO OSÓRIO DE MORAIS
• RUA MURIAE, 92-BELO HORIZONTE •

A CONFIANÇA E OS TRAÇOS GRAFICOS

A CONFIANÇA é uma das formas da coragem. É o início, por assim dizer, da coragem moral. Em geral, as pessoas confiantes são boas, generosas, amáveis, benevolentes e simpáticas. É que elas desconhecem a dúvida que endurece o caráter do homem e, na maioria dos casos, torna-o agressivo e pouco afável no trato. A escrita do confiante não oferece nenhum ângulo. A inclinação é constante e as letras são iguais e harmoniosas. A curva predomina durante todo o traçado. A grafia não é, também, sinuosa; oferece, ao contrário, o maior número possível de sinais reveladores de franqueza e lealdade. Muitas letras são abertas no alto e, em um ou outro final, aparece um traço em forma de gládio. Se a escrita assim apresentada é pastosa, quer dizer, carregada de tinta, e os "dd" minúsculos são vulgares, o seu possuidor é mais do que confiante: é um ingênuo a quem facilmente se enganará. Se, ao contrário, é leve, com "dd" minúsculos ligados entre si, o espírito de análise e a frieza do temperamento vêm esclarecer a confiança e impedir que o indivíduo seja traído.

A expansão é irmã gêmea da confiança. Em grafologia é ela caracterizada pela abertura superior de certas letras ("a" "o", "q"); pela inclinação acentuada de todo o grafismo para a direita, pelo prolongamento exagerado das hastes inferiores e pelo "p" minúsculo em anzol. Este último sinal dá verbosidade e tagarelice pouco vulgar.

A desconfiança é revelada pela ausência de todos os sinais denunciadores da confiança. A escrita é, frequentemente, vertical, ou inclinada para a esquerda. A letra é serrada e, comumente pequena. Quando muito pequena ela nos dá a desconfiança dos poltrões. Grande, ela mostra desconfiança maldosa. O ângulo é frequente. Os traços são nervosos e ferem a escrita em todo o seu curso. O desconfiado tímido é sempre perigoso, porque o ângulo do seu grafismo cria nele a inveja e a revolta. Um traço muito comum nos desconfiados é o prolongamento horizontal de certos finais. A reserva está sempre presente, revelada pela direção da grafia, pela abertura das letras, enfim pela falta de espontaneidade do conjunto.

CORRESPONDENCIA

INTROSPECTIVA — Itaboraí — Minas. — Grafia harmoniosa, em caracteres curvos, denunciadora de superioridade intelectual, expansividade, notada força de vontade, boa cultura. A's vezes, alguma indecisão, trazendo obstáculos a maiores realizações. Sentimentalidade normal, afecção, devoção, sentimento do dever. Ótimo caráter. Bondade natural.

GATO PRETO — Capital — Tipo de grafismo dedutivo revelador de lógica, raciocínio e gostos matemáticos. Traços de alguma vaidade, sentimento do ritmo e pendor para a música. Crises de desânimo. Desconfiança, cultura geral e coração aberto à bondade.

HENRIETTE MARSILLI — Curitiba — Mato Grosso. — Preliminarmente, meus agradecimentos pelas referências elogiosas à nossa terra e à nossa Revista. Passando à análise da sua grafia concluo tratar-se de uma pessoa dotada de fina educação, gostos requintados e sentimento da forma.

De temperamento é normal e normal é também a sua inteligência. A vontade que não é muito enérgica, varia um pouco. Teima,

A ZEITE MARIA, o preferido em todas as mesas pelo seu excepcional paladar.

às vezes, um pouco e faz questão de satisfazer aos seus caprichos. Nota-se vaidade de nome, sensibilidade artística, mormente musical e independência de caráter. **GAUCHO** — Porto Alegre — Rio Grande do Sul. — Tipo de grafia de pessoa dotada de aptidões comerciais e larga visão de negócios. A inclinação excessiva para a direita mostra um indivíduo do grupo dos passionais, nos quais, o coração dirige o cérebro. É capaz de uma grande dedicação sentimental, mas é muito ciumento, o que pode causar sérios aborrecimentos ao objeto do seu amor. Possui gênio violento, mas o coração sabe esquecer e perdoar.

MIETTE MORRIS — Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Letra bem diversa da precedente. Sentimentos mais ou menos diversos também. Boa inteligência, coração e cérebro equilibrados. Um pouquinho de vaidade, autoritarismo, desejo de mandar e ser obedecida. Gostos finos e poéticos. Sentimento artístico. Amor próprio, orgulho e desejo de ser notada.

TROPICAL — Curitiba — Mato Grosso — Entusiasmo, alegria de viver, vivacidade, desconfiança, graça, fantasia. Vaidade, bondade natural, dissimulação, facilidade de desdobrar a personalidade, gosto pelo teatro. Sensibilidade, idealismo, capricho e alguma ironia.

TRISTONHA — Formiga — Minas — Espírito em formação. Vaidade, pressa, agitação e gostos vulgares. Vaidade, teimosia e uma certa ingenuidade. Tipo de pessoa voluntariosa e que não gosta de ser contrariada nos seus desejos. Vontade variável.

INTRANSIGENTE — Pirapora — Minas — Queira renovar a consulta, enviando 20 linhas compostas de palavras onde se possa apreciar uma variedade maior de letras.

GRETA GARBO — Pirapora — Minas — Vide resposta anterior.

MAX MAR — Teófilo Otoni — Minas. — Impulsividade, autoritarismo, indecisão, emotividade, sentimentalismo excessivo. Tipo passional, ciumento e exclusivista nas afecções. Inteligência esclarecida, boa cultura, gostos matemáticos, raciocínio e lógica. Vontade desigual, teimosia, e expansividade.

Atenção, nervosismo, agitação e gosto das viagens.

SEMPRE-VIVA — Formiga — Minas. — Letra de pessoa hipersensível, nervosa, impaciente e caprichosa. Gostos vulgares, al-

gum desânimo, fantasia e parcimônia nos gastos.

Vontade frágil, reserva, discreção e alguma desconfiança. Tino comercial. Inteligência normal. Cérebro equilibrado.

BERNADETE — Itaúna — Minas — Boa educação, finura e "savoir-faire". Espírito de método e ordem. Inteligência normal. Cultura geral. Apêgo aos preconceitos sociais e religiosos. Alguma rotina. Amor das cousas passadas. Simplicidade, modéstia, bondade e generosidade de coração.

QUINZE — Campos Gerais — Minas. — O fato de escrever o meu consulente de diferentes modos em nada altera a essência da sua personalidade. O Senhor pode fazer várias caretas e o seu rosto, mostrará sempre os traços característicos, pertencentes à sua figura real. De um modo geral, revela a sua grafia dissimulação, às vezes, humor sombrio, nervosismo e alguma teimosia. A inteligência é esclarecida. O egoísmo é pronunciado. Notam-se traços de desconfiança, gostos poéticos, ironia, graça e notada independência de caráter.

*

SOCIEDADE



Srta. Maria da Conceição Antunes, da sociedade da Capital

SUCESSO — Sem precedente, da indústria nacional, **OLEO VIDA**, de amendoim — para mesa e cozinha.

Boas Festas

Natal
1944



Ano
Novo
1945

A PESAR de todas as dificuldades impostas pela guerra, a Companhia Telephonica Brasileira não tem poupado esforços e sacrifícios, empregando todos os meios possíveis para manter a eficiência dos seus serviços nas condições atuais.

A Companhia Telephonica Brasileira, ao apresentar os seus melhores votos de Boas Festas e felicidades para 1945, solicita aos seus assinantes que cooperem num esforço de guerra, racionando voluntariamente o uso dos serviços telefônicos, especialmente o interurbano, durante o período de Festas, os meses de verão e de férias, quando este serviço fica sobrecarregado.

PONTOS DE VISTA

UM of. cial, na mesa redonda de um hotel, olhando significativamente para um padre, sentado do lado oposto:

- Se eu tivesse um filho idiota, havia de o fazer padre!
- O padre serenamente:
- Já seu pai não era da mesma opinião.

FE'BO - SECÇÃO GRAFOLO'GICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME.....
PSEUDÔNIMO.....
CIDADE.....
ESTADO.....

A ASSISTÊNCIA SOCIAL EM GOIÂNIA

UMA GIGANTESCA TAREFA QUE SE IMPÕE EM CONSEQUÊNCIA DA INTENSIDADE DA VIDA NA MODERNA METRÓPOLE — RETIRADA DOS MENDIGOS DAS RUAS, MEDIDA DE ELEVADO SENTIDO HUMANITÁRIO E DE INTERESSE GERAL — AMPARANDO A VELHICE E ASSEGURANDO O VIGOR DAS GERAÇÕES VINDOURAS — AQUELES QUE TÊM ENERGIA FÍSICA E CAPACIDADE INTELLECTUAL ENCONTRAM TRABALHO EM GOIÂNIA — COMBATE SISTEMÁTICO À VAGABUNDAGEM E À SIMULAÇÃO.

UMA CONSEQUÊNCIA DA INTENSIDADE DA VIDA

O DESENVOLVIMENTO cada vez mais crescente de Goiás nos setores industrial, comercial e social, mercê da influência revitalizadora de Goiânia na estrutura geral da terra anhanguerina, trouxe, em consequência, uma asfixiante situação para as classes menos favorecidas pela fortuna, situação essa motivada pela intensidade do "modus-vivendi" na moderna metrópole do oeste, que já possui todas as características dos centros mais adiantados do país. O interesse dos seus dirigentes e de pessoas de destaque nos seus meios sociais por essa coletividade anônima, porém, muito tem concorrido para o desenvolvimento da assistência social em todo o Estado, e os resultados desse movimento humanitário e profundamente cristão estão-se revestindo do mais completo êxito, tornando a grande Unidade Federativa Central uma das células que mais se interessam por tão importante problema do Brasil.

AS REALIZAÇÕES DA COMISSÃO ESTADUAL DA L. B. A.

A diretriz segura e eficiente da Comissão Estadual da Legislação Brasileira de Assistência, sob a orientação da senhora Gercina Borges Teixeira, e do Conselho Estadual de Assistência Social, órgãos diretamente articulados com o SESP, tem sido um dos baluartes da vitoriosa tarefa do amparo social em Goiânia e os serviços prestados por essas entidades à causa dessa onda humana que até há pouco se movimentava a esmo pelas ruas das cidades, misturando-se ao torvelinho temporário das romarias, acocorando-se à porta das igrejas e pelas esquinas; esses serviços, repetimos, são um atestado vibrante da elevada compreensão que os responsáveis por tão importante obra têm da finalidade patriótica e cristã da minoração dos sofrimentos de nossos semelhantes.

RETIRADA DOS MENDIGOS DAS RUAS DE GOIÂNIA

Os esforços da L. B. A., do C. E. A. S., no sentido de evitar que os mendigos perambulasse pelas ruas, dando aos turistas uma amostra das falhas da nossa estrutura demográfica, foram coroados de completo êxito, pois agora esses infelizes não ficarão mais submetidos à pseudo-caridade pública, recebendo, em instituições apropriadas, os meios necessários à sua manutenção. Foi apagada assim uma nodoa que se apresentava de há muito no meio social goianiense, verificada aliás em todas as grandes cidades, mancha que dia a dia crescia de vulto e reclamava uma providência coercitiva acompanhada de corretivos mais humanos e de acordo com o nosso avançado progresso em questões sociais. Os mendigos, os que realmente necessitam de amparo, estão agora sendo assistidos diretamente pela Comissão Estadual da L. B. A., que conta com o apoio do comércio e do povo em geral. Dêsse modo, evitou-se o desenvolvimento in-

tensivo da malandragem e da simulação tão comuns hoje em dia nos centros populosos e de vida agitada.

Os que possuem energia física e capacidade intelectual comprovadas encontrarão trabalho em Goiânia — campo de imensas possibilidades em todos os ramos de atividades humanas, mesmo as mais modestas.

PROTEÇÃO À MATERNIDADE E À INFÂNCIA

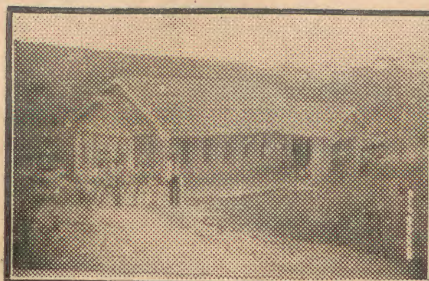
Uma obra também de sentido patriótico e humanitário é a Maternidade "Dona Gercina" e a "Casa da Criança". As finalidades desses estabelecimentos são tão relevantes no cenário sócio-vital goianiense que desnecessário se torna tecer comentários sobre o assunto, de vez que o mesmo, por si só, já constitui o resultado de providências as mais positivas no intuito de amparar as parturientes pobres encontram na gerações vindouras. As parturientes pobres encontram na Maternidade todo o conforto e todos os cuidados higiênicos imprescindíveis ao caso, sob a responsabilidade de enfermeiras abalizadas e concientes dos seus elevados mistérios no setor sanitário do país. Entregue a um grupo de religiosas, a Maternidade tem desempenhado papel de suma importância, possuindo já moderna aparelhagem cirúrgica e hospitalar. Estão em construção nesse estabelecimento mais quatro pavimentos, destinados à ampliação dos seus serviços e com o intuito também de reservar aposentos para pensionistas, atendendo ao rápido desenvolvimento demográfico da cidade.

A "Casa da Criança" é outro empreendimento que toma vulto em Goiânia no sentido de

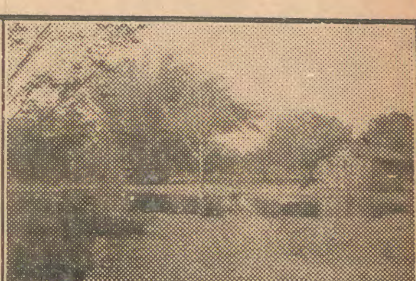


Interventor Pedro Ludovico

CALDAS NOVAS, A FUTUROSA ESTANCIA BALNEA'RIA DO SUL DE GOIAZ



Ao alto, vê-se uma parte do Balneário de Caldas Novas, em construção; e ao lado, um flagrante fixado por ocasião da entrega de premios às crianças que mais se distinguiram na campanha da coleta de borracha usada, em Caldas Novas, vendo-se o prefeito Oscar Santos fazendo a distribuição.



Aspecto da curiosa lagoa "Pirapetanga", formada em Caldas Novas por um grupo de fontes termas com a temperatura de 51 graus.

A DADIVOSA natureza, na sua caprichosa exuberância, legou a Caldas Novas a maior reserva hidro-termal do mundo!

Cidade privilegiadamente localizada, Caldas Novas está fadada a ser o maior centro de turismo do Brasil Central. A sua magnífica topografia, os seus pitorescos arredores e, sobretudo, a ação essencialmente medicinal das suas águas, reúnem um conjunto de fatores que farão dessa cidade sul-goiana uma ideal estação de cura e de repouso, cujo futuro se esboça com promissoras perspectivas.

Descobertas há mais de um século, desde então as águas de Caldas Novas vêm minorando os sofrimentos de milhares de brasileiros que recorrem à sua incontestável terapêutica. Doentes de toda parte do país procuram-nas atraídos pela fama divulgada por todos aqueles que ali fizeram estação de cura e colheram resultados satisfatórios.

Dentro do município de Caldas Novas existem três mananciais de águas termas, cujas temperaturas variam entre 37 e 51 graus! Bem próximo à cidade, a Prefeitura iniciou a cons-

trução de um modesto balneário, com capacidade para 20 banheiros de várias temperaturas, captando, para tanto, um grupo de fontes que brotam em redor do edifício. Distante cinco quilômetros da sede do município, encontra-se a curiosa lagoa "Pirapetanga", considerada no gênero, a mais importante da América do Sul, pois a temperatura ali atinge a 51 graus. A vinte quilômetros de Caldas, no lugar denominado "Caldas Velha", nasce o caudaloso ribeirão "Água Quente", reputado como o maior do mundo, de origem termal.

São múltiplas as indicações medicinais das águas de Caldas Novas, dentre elas salientam-se a ação curativa das moléstias que se seguem: reumatismo, ácido úrico, eczema e irritações da pele, causadas por intoxicações. Já se verificaram centenas de casos de reumáticos entevados que se curaram radicalmente, com o uso prolongado daqueles banhos. Também eczemáticos, em estado adiantado, curaram-se aos milhares, com os banhos termas de Caldas. Há casos dignos de divulgação, entre os

que se curaram naquelas águas, muitos dos quais foram considerados verdadeiros milagres, pelos próprios pacientes!

Mesmo com a deficiência de locomoção, oriunda da escassez de gasolina, os transportes para Caldas se processam normalmente, partindo de Araguari-Minas, numa distância de 150 quilômetros, por ótima estrada de rodagem, servida por pequenos ônibus. Há também, intercâmbio por rodovia, entre Goiânia e Caldas Novas, com um percurso de 180 quilômetros.

Atualmente, o povo de Caldas aguarda, ansioso, a cooperação prometida pelo Interventor Pedro Ludovico, ao prefeito Oscar Santos, que está projetando a construção, naquele recanto do sul de Goiás, de uma estância balneária modelo, inclusive um confortável hotel-casino.

A Prefeitura local, em fundamentada representação, solicitou, há pouco tempo, um auxílio financeiro ao Sr. Presidente da República. Espera-se que o Presidente Vargas, na qualidade de pioneiro da MARCHA PARA O OESTE, não negará o concurso do país a tão útil, quanto valiosa iniciativa do prefeito Oscar Santos.

BELO SURTO DE TRABALHO ANIMA GOIAZ, AO INFLU E MODERNA

● ASPECTOS SIGNIFICATIVOS DE UMA OBRA DE PATRIOTISMO NO LENDARIO MUNICIPIO GOIANO.



O Largo do Rosário e vista parcial da cidade. A estátua é de Epitácio Pessoa

GOIAZ, antiga capital do Estado do mesmo nome, foi fundada por Bartolomeu de Bueno, o "Ahanguera", em 1726. Era então simplesmente Arraial de Santana. Em 1739 foi elevada a vila com o nome de Vila Boa e, finalmente, em 1816, pela carta régia de 17 de setembro foi elevada a cidade. Foi sede de uma fundição de ouro quando pela lei de 3 de dezembro de 1750 foi criada a Casa de Fundição da Cidade.

A sua altitude é de 520 metros do nível do mar. O município é um dos maiores do Estado, tendo cerca de 35.000 quilômetros quadrados e uma população de cerca de 27 mil habitantes. É, como se vê, pouco habitado e povoado. O patrimônio da sede é de um raio de quatro léguas quadradas, tendo por centro a cidade de Goiaz. As rendas ao invés de diminuírem depois da mudança da Capital para Goiânia, estão aumentando.

Antes da mudança da Capital, seu orçamento era de Cr\$. 360.000,00. Hoje, sua arrecadação sobe a mais de Cr\$ 800.000,00. Em 1942 rendeu Cr\$ 527.448,80, e em 1943 rendeu Cr\$ 604.582,60. O prefeito Divino José de Oliveira assumiu as rédeas do Município no dia 10 de julho de 1943 e já percorreu quase todos os distritos de sua jurisdição. Espera-se que este ano a renda de Goiaz dobre, atingindo a sua arrecadação a mais de um milhão de cruzeiros.

Medida de alto alcance social — Distribuição de terras aos pequenos agricultores — Já se acham prontos para entrega 103 lotes de 5 a 100 alqueires



Num ano de exercício o Prefeito Divino de Oliveira construiu mais de 100 kms. de estrada de roçagem.



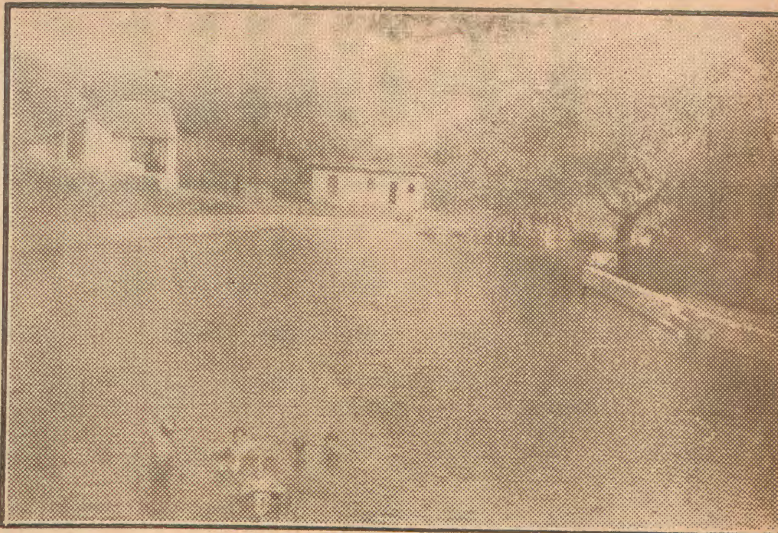
COMO NASCEM AS NOVAS POVOAÇÕES NO MUNICIPIO DE GOIAZ — O prefeito Divino de Oliveira, fiel ao seu compromisso de cuidar em primeiro lugar da zona rural, vem incrementando a povoação dos terrenos férteis nas regiões mais produtivas, dotando a cada agrupamento dos meios de assistência necessários. Ai vemos o começo de um arraial em plena mata virgem, MIRIANOPOLIS, com um grande grupo de colonos em frente ao rancho que lhes serve de capela. Ao lado vê-se o clássico carro de boi indispensável a tal iniciativa. Já se acha em plena elaboração a planta do novo arraial com a previsão das redes de água e esgoto e ruas traçadas de acordo com a mais moderna urbanística.

PROGRESSO E DE O MUNICÍPIO DE XO DE UMA SADIA ADMINISTRAÇÃO

● MEDIDAS REVELADORAS DE LARGO DESCOSTI- NIO, POSTAS EM PRA- TICA PELO PREFEITO DIVINO JOSE' DE OLI- VEIRA.

Dadas as proporções do plano elaborado pelo prefeito Divino José de Oliveira, e a sua grande finalidade, êle mereceu do interventor federal, Sr. Pedro Ludovico Teixeira, integral aprovação, solicitando S. Excia. ao mesmo circunstanciado relato a respeito, o que quer dizer que, de início, o projeto é viável.

Na zona de Itapirapuã existem grandes áreas de terras devolutas, pertencentes, ao Estado que são requeridas por pessoas possuidoras de grande quantidade de terras e por outras que as requerem apenas para revender por preços maiores, ficando sempre os pequenos agricultores na dependência dos grandes proprietários, trabalhando a vida inteira em terreno alheio, sujeitos a ser despejados a qualquer tempo, pois não possuem capital bastan-



Balneário "Interventor Pedro Ludovico", construído no primeiro ano da gestão do Prefeito Divino J. de Oliveira, e inaugurado em 10 de julho último.



Outro trecho de estrada construída pela administração do prefeito Divino J. de Oliveira.

te para adquirir alguns alqueires de terras para a sua exploração.

Com o loteamento pretendido pelo prefeito Divino José de Oliveira, centenas de famílias terão a oportunidade de possuir terrenos, utilizá-los eficientemente e contribuir assim para a riqueza do Município, e para um relativo nivelamento social, deixando êles de ser o tradicional pária do sertão, sem direito, sem liberdade econômica e sem as apreensões peculiares aos pobres engavetados na burra dos ricos.



A CIDADE DE GOIÁS É A TERRA DA PROMISSÃO — No quadro acima vê-se uma das muitas vinhas da cidade. A colheita é abundante e a uva de primeira qualidade. Interessante que dá duas safras por ano, sendo a safra de 41.000 quilos anuais. Esse grande potencial econômico aguarda quem o queira industrializar.

Uma das causas da escassez de gêneros e da produção agrícola é a posse de imensas áreas de terras por pessoas que não as cultivam e nem permitem que outrem o façam, entervando, por tempo enorme o progresso da coletividade. Em Itapirapuã, em grande parte, não haverá mais esse problema, porque os que trabalham terão campo aberto para produzir.

O Sr. Divino José de Oliveira, como autor do projeto, e o Dr. Pedro Ludovico Teixeira, que vai apoiá-lo, estão de parabéns pelos benefícios que prestam às populações rurais da antiga capital, estabelecendo uma medida cujo alcance social e humano todos reconheçam e aplaudam.



PÁGINA das Mães

EDUCAR PARA A VIDA

rável para uma educação conveniente e útil.

Evite que seu filho venha a ser um choramingas, um nervoso, um exaltado, um vingativo ou um humilhado, fazendo com que desde o primeiro mês de vida, ele seja cuidado de acordo com as regras de higiene mental.

*

CRIANDO O BOM HUMOR

É PRECISO que se pense com cuidado na saúde do espírito, isto é, na formação ou na conservação de uma personalidade sadia. Nisso tem grande influência o ambiente de casa, pelos exemplos que são dados a cada momento.

Eduque os seus filhos em meio de alegria e bom humor, evitando, na presença deles, recriminações, asperezas e manifestações de impaciência, tristeza ou violência.

*

CENAS MALÉFICAS

O COMPORTAMENTO dos pais reflete-se, profundamente, no moral dos filhos. Assim, na formação da personalidade destes, têm efeito maléfico acessos de raiva, preocupações exageradas, discussões e cenas de nervosismo que as crianças assistem em casa.

Procure formar em seu filho uma personalidade normal, evitando cenas desagradáveis no interior do seu lar. Tanto quanto possível, esconda-lhes até seus aborrecimentos, contrariedades e apreensões.

*

EDUCANDO PARA A VIDA

O EXCESSO de mimo é sempre prejudicial às crianças. São numerosos os exemplos de filhos mimados que nada conseguiram na vida. Fazendo todas as vontades e satisfazendo todos os caprichos dos filhos, os pais criam personalidades fracas, incapazes de enfrentar com decisão a luta pela vida.

Eduque o seu filho para a vida evitando o excesso de mimo. Contribua para a formação sadia da sua personalidade.

*

APERFEIÇOANDO A PERSONALIDADE

AS mães, os pais e os professores têm influência decisiva na formação e no aperfeiçoamento da personalidade do homem. Porém, cabe às mães o papel mais importante porque elas é que têm contacto maior com as crianças e isso justamente durante a infância, a idade mais favo-

recusar a alimentação e somente consentir em tomá-la após uma série de promessas, — são coisas que não devem ser permitidas à criança para que não se transformem em más hábitos.

Contribua para a formação da boa personalidade do seu filho, evitando que, na infância, ele adquira más hábitos.

EDUCAÇÃO ADEQUADA

Preceitos do Serviço Nacional de Educação Sanitária (SNES)

MUITOS dos maus hábitos adquiridos na infância repercutem durante a vida toda, tornando o indivíduo um infeliz e um desajustado, isto é, um ser fora das normas habituais da sociedade. A medicina já fixou regras especiais para evitar esses desajustamento e os seus maus efeitos. Essas regras constituem um dos objetivos da higiene mental.

Dê, aos seus filhos, uma educação adequada, pondo em prática os ensinamentos da higiene mental.

*

EVITANDO MAUS HABITOS

O DEDO na boca, o medo de se aproximar de estranhos, o choramingar enquanto não vai para o colo, o

A ASSISTENCIA SOCIAL A L. B. A. NA CIDADE DE GOIAZ EM GOIANIA

(Conclusão da página 116)

amparar os pequeninos seres que poderiam ficar sem significação alguma no conjunto humano nacional, já pela desnutrição que os minava, transformando-os em futuros trapos vivos, atirados à mendicância precoce, já pela falta de assistência médica, educacional e religiosa, sem as quais eles se tornariam vagabundos, sem nenhuma utilidade social, obscurecidos por uma nulidade perniciosa e de graves consequências para os interesses nacionais. As crianças são medicadas e instruídas convenientemente, afim-de se tornarem células valiosas no corpo demográfico do país, para que a *quantidade* seja tão expressiva quanto a *qualidade* nos algarismos dos futuros censos.

AMPARO A' VELHICE

Está em construção, já em vias de acabamento, o "Abrigo para a Velhice Desamparada", outra obra de acentuado relêvo na gigantesca campanha em prol da assistência social que se está desenvolvendo em Goiânia, mercê da esclarecida orientação que traça novos rumos para a consecução de um nível de vida melhor para os desafortunados, e evitar que o flagelo social da mendicância se desenvolva e crie verdadeiros quistos no organismo social brasileiro.

Sobrepassa todos êsses movimentos de fundo altamente humanitário o espírito generoso da senhora Gercina Borges Teixeira, presidente da L. B. A. em Goiaz, pessoa cujo nome está inscrito na história da assistência social do grande Estado central como o seu maior benemérito. Dona Gercina vive, de fato, em função de atender às classes pobres de Goiaz, que encontram sempre, de sua parte, gestos de franca magnanimidade. E os resultados são a excelente situação em que o povo goiano se encontra no tocante aos problemas de assistência social.

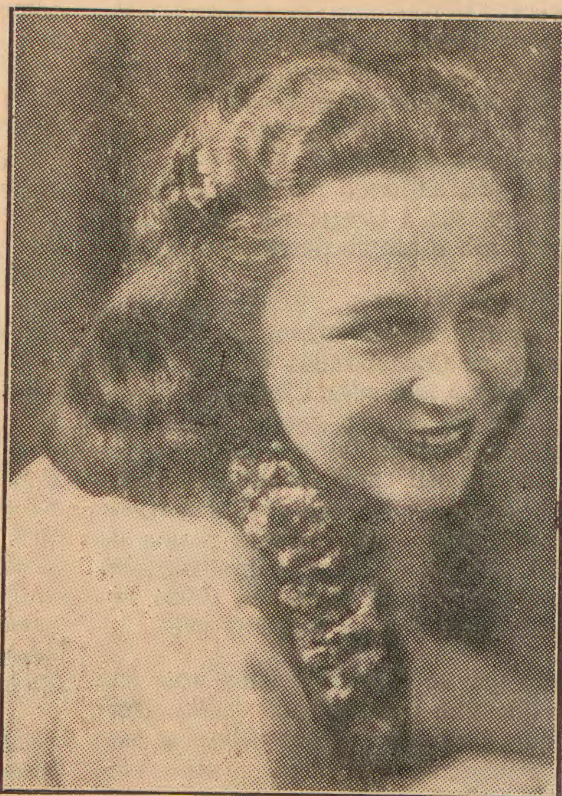
AZEITE OU OLEO — VIDA
é o preferido por ser o melhor. Sementes de amendoim selecionadas.



Sob a presidência de D. Maria R. de Oliveira, o Centro Municipal da L. B. A. vem operando na Cidade e no Município vasta obra de reajustamento das classes menos favorecidas da fortuna. Assistência material e moral têm sido prestadas às famílias dos convocados bem como ao desajustados em geral, dependendo-se grande soma mensal para tal fim. Na fotografia vemos a Presidente e algumas das "Samaritanas socorristas" que prestam gratuitamente os seus serviços à causa da L. B. A.

*

A BELEZA DA MULHER GOIÂNIA



A Cidade de Goiaz é a terra de moças bonitas. Atesta-o o clichê que encima esta página. O retrato é da senhorita Colombina Baiocchi, fino ornamento da sociedade local.

PAGO MAIS UM GRANDE PREMIO DISTRIBUIDO PELAS CONSOLIDADAS MINEIRAS

PAGO NO RIO, O PRÊMIO DE UM MILHÃO DE CRUZEIROS, QUE COUBE A' APÓLICE N.º 1.545.546, SORTEADA EM 31 DE OUTUBRO ÚLTIMO



Flagrante ao pagamento de um milhão de cruzeiros ao portador da apólice 1.545.546

O EMPRÉSTIMO Mineiro de Consolidação, lançado pelo operoso governo do Sr. Benedito Valadares, graças à inteligência com que foi idealizado e à eficiência com que vem cumprindo as suas obrigações, conquista cada vez mais a confiança pública. Timbrando pela pontualidade na satisfação dos seus compromissos a Secretaria das Finanças, dirigida sob o amplo descortino do Sr.

Edison Alvares da Silva, atesta praticamente o equilíbrio econômico do Estado, criando para as Consolidadas uma confiança que se reflete nas suas cotações. Justamente o prestígio de que gozam essas apólices em tôdas as camadas sociais é um índice precioso do seu valor inconteste. Composto de 3 séries, cada uma com 2 sorteios anuais, conferindo um prêmio maior de Cr\$ 1.000.000,00, o Empréstimo Mineiro de Consolidação proporciona um lícito enriquecimento, sem jôgo e especulações.

E é justo que se destaque, como uma das condições que têm possibilitado o alto prestígio de que gozam os títulos mineiros nos mercados nacionais, a rigorosa pontualidade com que o Governo do Estado vem satisfazendo aos seus serviços de juros, amortização e pagamentos de prêmios sorteados,

como o atestam milhares de portadores domiciliados em todo o País.

Ainda agora, o portador da apólice n.º 1.545.546, da Série B do Empréstimo Mineiro de Consolidação, contemplada com o prêmio de Cr\$ 1.000.000,00, foi imediatamente embolsado dessa grande importância, tão cedo se apresentou, por intermédio do Banco Mercantil do Rio de Janeiro, perante o Tesouro de Minas, sendo a liquidação do prêmio realizada na própria Capital da República.

O Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S. A., representado pelo tesoureiro, Sr. Araim Gentil Guimarães e pelo funcionário, Sr. Arandi Florido de Sousa, pagou em sua sede, no Rio, ao Banco Mercantil do Rio de Janeiro S. A., representado pelo seu procurador, Sr. Henrique Soares Rodrigues e por conta de um seu antigo cliente, o prêmio de Cr\$ 1.000.000,00 referente à apólice da Série B n.º 1.545.546, contemplada no último sorteio realizado em 31 de outubro último.

O flagrante que ilustra a presente foi tomado nessa ocasião. O ato transcorreu num ambiente de cativante simplicidade e a êle assistiram elementos de realce dos meios bancários, comerciais e industriais da Capital da República.

O XXI Sorteio das Consolidadas Mineiras, Serie "A"

Mais um grande sorteio de premios das apólices do Empréstimo Mineiro de Consolidação vem de se realizar em nossa Capital, com farta distribuição de grandes somas aos felizes portadores dos excelentes títulos do nosso Estado, cuja cotação sobe incessantemente em todas as grandes praças do país, num eloquente atestado do vigor do crédito mineiro.

O sorteio de agora, que teve lugar no dia 31 de Dezembro ultimo, no auditório da Escola Normal, a exemplo do que acontece comumente, teve a assistência de figuras de destaque no alto mundo econômico-financeiro da Capital, banqueiros, capitalistas, representantes de nossas entidades de classe e jornalistas, sendo presidido pelo sr. Francisco Martins, Superintendente do Departamento da Despesa Variável da Secretaria das Finanças.



Aspecto fixado no auditorio da Escola Normal, durante o sorteio de 31 de Dezembro, vendo-se, entre os assistentes, o sr. Edison Alvares da Silva, Secretário das Finanças.

Damos a seguir o resultado completo do sorteio que é o XXI em que entram as apólices da Serie "A".

EMPRÉSTIMO MINEIRO DE CONSOLIDAÇÃO

DECRETO N. 11.412, DE 30 DE JUNHO DE 1934; MODIFICADO PELO DE N. 11.419, DE 5 DE JULHO DE 1934

"SERIE A" — RELAÇÃO DAS APÓLICES PREMIADAS

Cr\$ 1.000.000,00	547.626
Cr\$ 100.000,00	235.411
Cr\$ 50.000,00	052.968
Cr\$ 5.000,00	052.642
Cr\$ 5.000,00	542.093

Premios de Cr\$ 1.000,00

026528	136976	154374	181730	270209	291316	391438	430878	502405	552474	560833
695344	751229	767023	833159	844071	565834	578510	621498	647270	657048	

Premios de Cr\$ 300,00

000592	003622	006652	009682	012712	015743	018772	021803	024832	027862	030892
033922	036952	039982	043013	046042	049072	052102	055132	058162	061193	064222
067252	070282	073312	076342	079373	082402	085432	088462	091492	094522	097552
100582	103612	106642	109672	112702	115732	118762	121792	124822	127852	130882
133912	136942	139973	143002	146032	149062	152093	155123	158152	161182	164212
167242	170272	173302	176332	179363	182392	185422	188452	191483	194512	197542
200572	203602	206632	209662	212692	215722	218752	221782	224812	227842	230872
233902	236933	239962	242992	246022	249052	252082	255112	258142	261172	264202
267232	270262	273292	276322	279352	282382	285412	288443	291473	294502	297532
300562	303592	306622	309652	312682	315712	318742	321772	324802	327832	330862
333893	336922	339952	342982	346012	349042	352072	355102	358132	361162	364192
367222	370252	373282	376312	379342	382372	385402	388432	391462	394492	397522
400552	403582	406613	409642	412672	415702	418732	421764	424792	427822	430853
433882	436912	439942	442972	446002	449032	452062	455092	458122	461152	464182
467212	470242	473272	476302	479332	482362	485392	488422	491452	494482	497512
500543	503572	506602	509632	512662	515693	518722	521752	524782	527814	530842
533872	536902	539932	542962	545992	549023	552052	555082	558112	561142	564172
567203	570232	573262	576292	579322	582352	585382	588413	591442	594472	597502
600532	603562	606592	609622	612652	615682	618712	621743	624773	627803	630832
633862	636892	639922	642954	645982	649013	652042	655072	658102	661132	664162
667192	670222	673252	676282	679312	682342	685372	688402	691432	694462	697492
700522	703552	706582	709612	712642	715672	718702	721733	724762	727792	730822
733852	736882	739912	742942	745972	749002	752032	755062	758092	761122	764152
767182	770212	773242	776273	779302	782332	785362	788392	791422	794452	797482
800512	803542	806572	809602	812632	815662	818693	821722	824752	827782	830812
833842	836872	839902	842932	845962	848992	852022	855052	858082	861112	864242
867272	870302	873332	876362	879392	882422	885452	888485	891513	894542	897572
900602	903632	906662	909692	912722	915752	918782	921812	924842	927872	930902
933932	936962	939992	943023	946053	949082	952112	955142	958172	961202	964232
967262	970292	973322	976353	979382	982412	985442	988472	991502	994532	997562



Prefeito Juscelino Kubitschek



A convite do Clube de Xadrez de Belo Horizonte, o escritor Mário Matos, diretor de ALTEROSA, pronunciou em sua sede aplaudida conferência abordando o tema “Três pessoas distintas e uma só verdadeira”, na qual desenvolveu um sugestivo trabalho a propósito da influência que o sábio, o santo e o artista exercem na vida social. O conferencista desenvolveu uma série de momentosas considerações sobre as três virtudes que ele considera básicas para o homem ideal. Recordou a figura de Cristo e a sua influência sobre a humanidade, como o único homem que foi, ao mesmo tempo, um sábio, um santo e um artista.

O clichê fixa um instantâneo colhido quando fazia sua conferência o diretor de ALTEROSA.

*

O DIA 12 de dezembro último, assinalou a passagem de mais um aniversário da cidade. 47 anos de radiosa e esplendente mocidade, em que não se sabe o que mais admirar, se a graça e a poesia de seus encantos naturais, ou arrojo e o denodo de seus construtores! 47 anos apenas, e já uma grande cidade, uma verdadeira metrópole!

Belo Horizonte não é mais somente a cidade-vergel, a cidade das flores e dos belos pontos, a cidade privilegiada pela Natureza, que os poetas cantam extasiados pela sua beleza. Não. Belo Horizonte é também a cidade do ferro e do aço, a cidade dos arranha-céus que furam as nuvens e erguem bem alto a flâmula de progresso que anima o seu povo laborioso e ordeiro.

Belo Horizonte, sem embargo de sua curta existência, pode ser considerada hoje, sem nenhum favor, uma das mais completas cidades de todo o continente.

Além do seu vertiginoso crescimento, e das esplêndidas realizações de sua gente, Belo Horizonte orgulha-se também de possuir uma das mais perfeitas administrações municipais de todo o País.

Mercê da perfeita máquina de governar que a dirige agora, sob a esclarecida chefia



Grupo feito por ocasião da audição dos alunos do prof. Francisco Campos, no Conservatório Mineiro de Música, vendo-se: De pé, Neusa Lambert, Margarida Marques Rosa, Laura M. Rosa, Romeu Balbino, Lourdes Sales de Oliveira, José Geraldo A. Pereira, Julieta de Moura Santiago, Eni Santiago Campos e Maria Dalva Vaz de Melo. Entre os que se acham sentados estão os alunos: Eneida de Castro Ribeiro, Vera Lucia Nordeli Campos, Cláudio de Castro Ribeiro e Helga Stratmann, Maria Helga de Oliveira, Sra. Carmen Leontina Ulhôa Carneiro, professor Francisco Campos, Maria de Lourdes R. Santos e Vanda Levi.

*

de um Prefeito que é o maior enamorado da cidade, Belo Horizonte tem podido mostrar ao Brasil do quanto é capaz, em todos os setores do progresso humano, uma coletividade impulsionada pela vontade firme de trabalhar e construir o seu futuro.

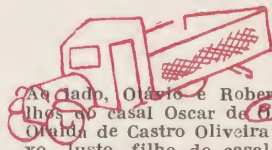
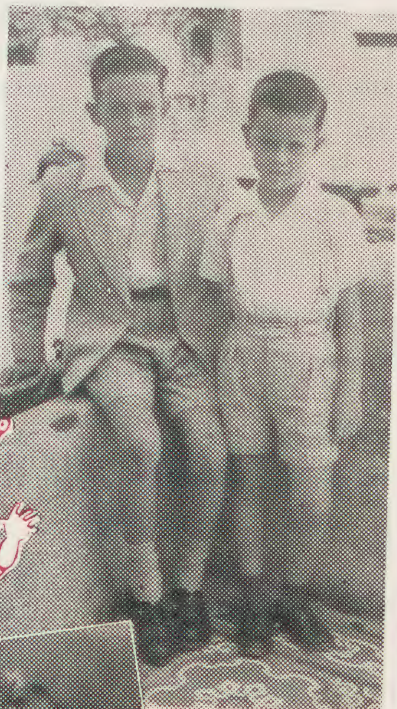
Ao ensejo de tão grata efeméride, foram promovidas nu-

merosas solenidades comemorativas, entre as quais merecem realce a inauguração do “Lar dos Meninos”, outra importante iniciativa de caráter social e humano do atual governo da cidade, e a realização das “Regatas Cidade de Belo Horizonte” na lagoa da Pampulha, assistidas pelo nosso alto mundo social.

Orangas



Mauricio, filho do casal Arnott Manso Pereira-D. Ilva T. Manso



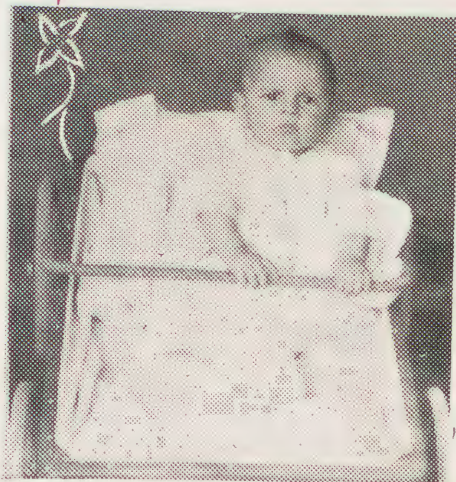
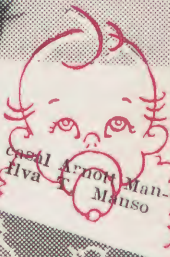
Ao lado, Otávio e Robertinho, filhos do casal Oscar de Oliveira-D. Olinda de Castro Oliveira. Em baixo, Justo, filho do casal Eurides Soares-D. Zilda de Manso Soares.



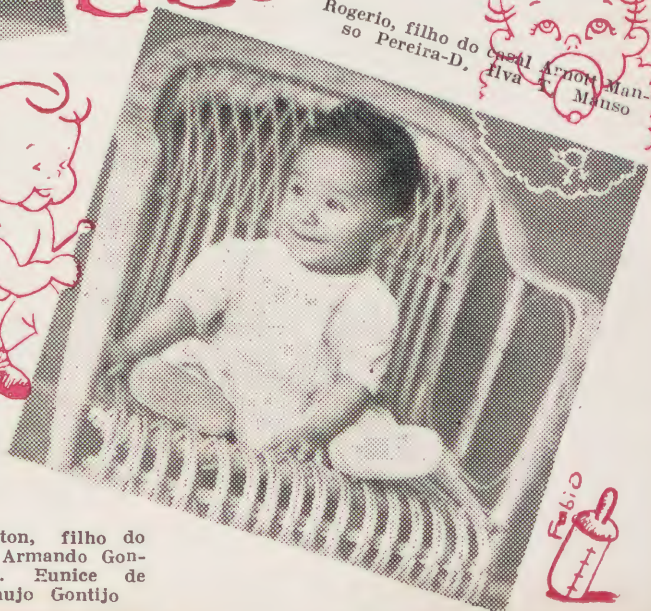
Tania Maria, filha do casal Wilson Manso Pereira-D. Isa Gott Manso Pereira; e Sofia, filha do casal Newton de Oliveira-D. Bernice Bernardes Oliveira



Rogerio, filho do casal Arnott Manso Pereira-D. Ilva T. Manso



Hamilton, filho do casal Armando Gontijo-D. Eunice de Araujo Gontijo





SOMOS TODOS *Americanos*

Somos todos americanos. Tradicionalmente solidários, procuramos sempre tirar ensinamentos da iniciativa de quantos pisam o chão pacífico deste continente. Em qualquer esfera do conhecimento humano, na América, essas conquistas vão sendo colhidas e incorporadas indiscriminadamente por todos os cidadãos americanos! Foi esse princípio que inspirou a Guanabara a lançar no seu setor de atividade --- a confecção de vestimentas masculinas --- a roupa americana, moderna e prática, tal como o é a América.

Poyares

Guanabara